



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
Secretaria Regional das Finanças, Planeamento e Administração Pública

Sua Excelência O Presidente da  
Assembleia Legislativa da Região  
Autónoma dos Açores  
Rua Marcelino Lima 9901- 858 Horta

S/Referência	S/Comunicação	N/Referência	Data
S/1175/2023	03/05/2023	Sai-AP/2023/102	16/05/2023

**ASSUNTO:** Requerimento n.º 618/XII (PS) – “Governo da direita deixou cair o projeto da «Marca Açores»”, apresentado pelos Senhores Deputados Carlos Silva e Rui Anjos, do Grupo Parlamentar do Partido Socialista

Em resposta às questões colocadas no requerimento referido em epígrafe, subscrito pelos Senhores Deputados Carlos Silva e Rui Anjos, do Grupo Parlamentar do Partido Socialista, cumpre-me informar V. Ex<sup>a</sup>. do seguinte:

**1. Qual o ponto de situação do concurso público internacional para “Aquisição de serviços de definição de uma estratégia de marca para os Açores 2022-2032”?**

O Concurso Público com Publicidade no Jornal Oficial da União Europeia CP-SRJQPE/2021/1 para a celebração de contrato de “Aquisição de serviços de definição de uma estratégia de marca para os Açores 2022-2032” foi publicitado através do anúncio n.º 434/2021, no Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores, n.º 237, II Série, de 30 de novembro de 2021, do anúncio de procedimento n.º 15085/2021, de 2 de dezembro, no Diário da República n.º 233, parte L – Contratos Públicos e do anúncio do procedimento n.º 2021/S 235-618191, no Suplemento n.º 235 do Jornal Oficial da União Europeia a 3 de dezembro de 2021.

Constatou-se que a publicação em Diário da República continha uma incorreção, nomeadamente no ponto 11 – Critério de adjudicação, na parte respeitante ao critério relativo à qualidade, uma vez que deveria estar definido 85%, em vez dos 75%, erradamente inserido na referida plataforma.



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
Secretaria Regional das Finanças, Planeamento e Administração Pública

Devido a este erro, foi, como determina o Código dos Contratos Públicos, prorrogado o prazo fixado para a apresentação das propostas.

Após este momento, todo o processo foi tramitado na plataforma AcingGov, tendo sido adjudicado à empresa IVITY BRAND CORP – CRIAÇÃO E GESTÃO DE MARCAS, S.A, pelo valor de 306.600,00€, sendo o contrato assinado a 20 de julho de 2022.

O Governo Regional dos Açores verificou ainda que o referido contrato não foi publicitado no Portal dos Contratos Públicos, devido a um erro da referida plataforma.

Após questionar a equipa de gestão da plataforma, a 11 de agosto de 2022 foi nos informado que não seria possível fazer a publicitação do contrato, sendo previsível a resolução do problema informático em 2 meses.

Após insistências, no passado dia 20 de abril, foi comunicada a resolução do problema e, ato contínuo, o contrato foi colocado no Portal dos Contratos Públicos.

O trabalho decorre de acordo com o contrato assinado.

**2. Quantas foram as propostas entregues e de que entidades? Solicitam-se cópias das deliberações do júri no âmbito do procedimento e de eventuais despachos, sobre as mesmas, do membro do Governo Regional competente.**

A este procedimento concorreram 5 empresas, a saber:

- MONSTERS AND COMPANY - SOLUÇÕES DE COMUNICAÇÃO, LDA.
- UNLOCK BRANDS, LDA.
- UEIP – UPGRADE EVERY IDEA AND PERFORMANCE, LDA. E AROUND GRAVITY, LDA.
- BC PORTUGAL, UNIPessoal, LDA.
- IVITY BRAND CORP – CRIAÇÃO E GESTÃO DE MARCAS, S.A.

As deliberações do júri contam dos **Anexos 1 e 2**, e o despacho de adjudicação do **Anexo 3**.





REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
Secretaria Regional das Finanças, Planeamento e Administração Pública

**3. Quais foram as ações desenvolvidas na sequência do plano de comunicação e do memorando analítico da Marca Açores, no âmbito do processo de reestruturação da Marca Açores, elaborado pela empresa Azores X?**

Os trabalhos apresentados, tendo em conta a análise do estado atual da Marca Açores, constituíram peças fundamentais para a definição do caderno de encargos do concurso público internacional.

**4. Solicita-se cópia do plano de comunicação e do memorando analítico referido no número anterior.**

Os documentos solicitados constam dos **Anexos 4, 5 e 6.**

**5. Solicita-se cópia da informação e do despacho que fundamentam o procedimento de aquisição de serviços para a realização de um plano de comunicação e criação de um memorando analítico da Marca Açores, no âmbito do processo de reestruturação da Marca Açores; cópia dos eventuais convites realizados no âmbito do procedimento referido; cópia das respostas das entidades eventualmente convidadas e das suas eventuais propostas; cópia do relatório do júri; cópia do despacho de homologação; cópia da documentação entregue pela entidade adjudicatária de acordo com o solicitado no convite.**

Os documentos solicitados constam dos **Anexos 7 a 16.**

Com os melhores cumprimentos,

O Secretário Regional das Finanças, Planeamento e Administração Pública

Assinado por: **Duarte Nuno d'Ávila Martins de Freitas**  
Num. de Identificação: [REDACTED]  
Data: 2023.05.16 11:44:59+00'00'





**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO**

**CONCURSO PÚBLICO COM PUBLICIDADE NO JORNAL OFICIAL DA UNIÃO EUROPEIA  
CP-SRJQPE/2021/1 PARA A CELEBRAÇÃO DE CONTRATO DE AQUISIÇÃO DE  
SERVIÇOS DE “DEFINIÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE MARCA PARA OS AÇORES 2022-  
2032”**

**RELATÓRIO PRELIMINAR DE ANÁLISE DAS PROPOSTAS**

**ABRIL DE 2022**



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E  
EMPREGO

## ÍNDICE

1 – INTRODUÇÃO .....	3
2 – LISTA DE CONCORRENTES .....	4
3 – PEDIDOS DE ESCLARECIMENTOS SOBRE AS PROPOSTAS .....	5
4 – ANÁLISE DE PROPOSTAS .....	6
5 – CONCLUSÃO DE ANÁLISE DAS PROPOSTAS .....	6
6 – CRITÉRIO DE ADJUDICAÇÃO .....	8
7 – CLASSIFICAÇÃO E ORDENAÇÃO .....	17
8 – CONCLUSÕES E AUDIÊNCIA PRÉVIA.....	17



**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E**  
**EMPREGO**

Ao primeiro dia do mês de abril de 2022, reuniu-se o Júri do procedimento, nomeado por despacho de 26 de novembro de 2021, de S. Exa. o Secretário Regional da Juventude, Qualificação Profissional e Emprego, composto por [REDACTED] que presidiu, [REDACTED] e [REDACTED] vogais efetivos.

## **1 – INTRODUÇÃO**

O Júri deu início à reunião, estabelecendo como ponto único da ordem de trabalhos a elaboração do Relatório Preliminar (RP) previsto no n.º 1 do artigo 146.º do Código dos Contratos Públicos (doravante abreviadamente designado por CCP), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 18/2008 de 29 de janeiro, na sua redação atual, bem como pela restante legislação aplicável, nomeadamente no Decreto Legislativo Regional n.º 27/2015/A de 29 de dezembro (doravante abreviadamente designado por RJCPRAA), com vista a constituir um elemento que permita conduzir à escolha da proposta mais vantajosa para a entidade adjudicante, de entre as propostas dos concorrentes admitidos.

O presente procedimento tramita na plataforma eletrónica AcinGov, disponível no sítio eletrónico [www.acingov.pt](http://www.acingov.pt), nos termos e para efeitos do artigo 35.º do RJCPRAA, bem como do artigo 62.º do CCP.

O procedimento foi publicitado através do anúncio n.º 434/2021, no Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores, n.º 237, II Série, de 30 de novembro de 2021, do anúncio de procedimento n.º 15085/2021, de 2 de dezembro, no Diário da República n.º 233, 2.ª série, parte L – Contratos Públicos e do anúncio do procedimento n.º 2021/S 235-618191, no Suplemento n.º 235 do Jornal Oficial da União Europeia, a 3 de dezembro de 2021.

Através da declaração de retificação de anúncio n.º 396/2021, no Diário da República, procedeu-se a uma retificação do anúncio de procedimento n.º 15085/2021, do Diário da República, n.º 233, de 2 de dezembro.

Através do anúncio n.º 447/2021 de 10 de dezembro de 2021, publicitado na 2.ª Série, n.º 243, do Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores, do aviso de prorrogação de prazo n.º 2275/2021, de 13 de dezembro de 2021, publicitado na 2.ª Série do Diário da República, n.º 239 e do anúncio retificativo n.º 641792-2021-PT, publicitado no Suplemento n.º 243 do Jornal Oficial da União Europeia, a 15 de dezembro de 2021, procedeu-se à prorrogação do prazo para apresentação de propostas, fixando-se o mesmo até 23 de janeiro de 2022.



**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E**  
**EMPREGO**

Ainda, através do anúncio n.º 449/2021 de 13 de dezembro de 2021, publicitado na 2.ª Série, n.º 244, do Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores, procedeu-se a uma retificação do anúncio retificativo anteriormente publicitado. De igual modo, por intermédio do anúncio retificativo n.º 651179-2021-PT, publicitado no Suplemento n.º 246 do Jornal Oficial da União Europeia, a 20 de dezembro de 2021, procedeu-se a uma retificação do anúncio retificativo anteriormente publicitado.

O prazo limite para a submissão de pedidos de esclarecimentos decorreu até dia 19 de dezembro de 2021, tendo sido apresentados pedidos de esclarecimentos pelas entidades interessadas, BC Portugal, Unipessoal Lda., YOUNG & RUBICAM PUBLICIDADE S.A. e Universal McCann Connections - Publicidade, Unipessoal, Lda.

Conforme Ata n.º 1 do Júri do Procedimento, de 6 de janeiro de 2022, procedeu-se aos esclarecimentos das peças do procedimento, solicitados pelos interessados BC PORTUGAL, UNIPESSOAL LDA., YOUNG & RUBICAM PUBLICIDADE S.A. e Universal McCann Connections - Publicidade, Unipessoal, Lda. Os esclarecimentos foram disponibilizados na plataforma AcinGov no dia 6 de janeiro de 2022, dentro do prazo estabelecido para o efeito, nos termos da alínea a) do n.º 5 do artigo 50.º do CCP.

Através de despacho de 6 de janeiro de 2022, de Sua Exa. o Secretário Regional da Juventude, Qualificação Profissional e Emprego, procedeu-se à análise da lista de erros e omissões apresentada pelo interessado BC PORTUGAL, UNIPESSOAL LDA. A resposta à lista de erros e omissões foi disponibilizada na plataforma AcinGov, no dia 6 de janeiro de 2022, dentro do prazo estabelecido para o efeito, nos termos da alínea b) do n.º 5 do artigo 50.º do CCP, não resultando, dessa análise, qualquer alteração das peças do procedimento

O prazo para apresentação de propostas terminou a 23 de janeiro de 2022, sendo que o júri procedeu à abertura das propostas e publicitação da lista de concorrentes no primeiro dia útil subsequente, isto é, no dia 24 de janeiro de 2022.

## **2 – LISTA DE CONCORRENTES**

Foram submetidas, na plataforma, dentro do prazo definido e ordenadas de acordo com a ordem de entrega as seguintes propostas:



**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E**  
**EMPREGO**

<b>Designação do Concorrente</b>	<b>Data e hora de entrega da proposta</b>
1 – MONSTERS AND COMPANY - SOLUÇÕES DE COMUNICAÇÃO, LDA.	19/01/2022 às 17:36:59*
2 – UNLOCK BRANDS, LDA.	23/01/2022 às 12:41:21*
3 – UEIP – UPGRADE EVERY IDEA AND PERFORMANCE, LDA. E AROUND GRAVITY, LDA.	23/01/2022 às 13:00:03*
4 – BC PORTUGAL, UNIPessoal, LDA.	23/01/2022 às 20:56:17*
5 – IVITY BRAND CORP – CRIAÇÃO E GESTÃO DE MARCAS, S.A.	23/01/2022 às 23:50:52*

\*hora de Portugal Continental

### **3 – PEDIDOS DE ESCLARECIMENTOS SOBRE AS PROPOSTAS**

A 2 de fevereiro de 2022, o Júri do procedimento reuniu para conferência e verificação das propostas apresentadas, incluindo os relativos a termos e condições dos aspetos de execução do contrato não submetidos à concorrência pelo Caderno de Encargos.

Na análise preliminar efetuada às propostas apresentadas verificou-se a existência de algumas situações que o Júri considerou carecerem de esclarecimento.

Em face do exposto, e ao abrigo do disposto no artigo 72.º do CCP e n.º 7 do artigo 54.º da Lei n.º 96/2015, de 17 de agosto, foi solicitado, na mesma data, ao concorrente BC PORTUGAL, UNIPessoal LDA, que procedesse à prestação de esclarecimentos na proposta apresentada, conforme resulta da Ata n.º 2 do Júri.

A 3 de fevereiro de 2022, o citado concorrente respondeu à solicitação do Júri, via AcinGov.

Em sede de apreciação pelo Júri, conclui-se pelo esclarecimento da situação referenciada.



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E  
EMPREGO

#### **4 – ANÁLISE DAS PROPOSTAS**

##### **4.1 – DOCUMENTOS DA PROPOSTA**

O ponto 9 do Programa do Concurso define quais os documentos que constituem a proposta. Procedeu-se à análise dos documentos apresentados pelos concorrentes, conforme quadro, que consta como anexo ao presente Relatório Preliminar.

##### **4.2 – PROPOSTA DE PREÇO E PRAZO DE EXECUÇÃO**

De acordo com a cláusula 19.º do Caderno de Encargos, o preço base do procedimento é de 350.000,00 € (trezentos e cinquenta mil euros), acrescido de IVA à taxa legal em vigor, tendo sido fixado um prazo de execução de seis meses.

Nos termos do disposto do artigo 14.º do Programa do Concurso, *“Considera-se que o preço total resultante de uma proposta é anormalmente baixo quando seja 40% ou mais inferior ao preço base do presente concurso”*.

De seguida apresenta-se a análise efetuada, nesta sede:

##### **4.2.1 – Concorrente n.º 1 – MONSTERS AND COMPANY - SOLUÇÕES DE COMUNICAÇÃO, LDA.**

O concorrente apenas apresentou a declaração a que se refere a alínea a) do n.º 1 do artigo 57.º do CCP, pelo que se considera, que a proposta não é constituída por todos os documentos constantes do artigo 9.º do Programa do Concurso.

Face ao exposto, propõe-se a exclusão da proposta apresentada, nos termos da alínea d) do n.º 2 do artigo 146.º, conjugado com o disposto no n.º 1 do artigo 57.º e alínea a) do n.º 2 do artigo 70.º, todos do CCP.

##### **4.2.2 - Concorrente n.º 2 – UNLOCK BRANDS, LDA.**

O valor total da proposta apresentada é de 295.000,00 € (duzentos e noventa e cinco mil euros). Verifica-se, assim, que o mesmo não é superior ao preço base definido pela entidade adjudicante, nem considerado anormalmente baixo.

A proposta apresentada cumpre com o prazo de execução estipulado.



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E  
EMPREGO**

**4.2.3 - Concorrente n.º 3 – UEIP – UPGRADE EVERY IDEA AND PERFORMANCE, LDA. E  
AROUND GRAVITY, LDA.**

O valor total da proposta apresentada é de 273.000,00 € (duzentos e setenta e três mil euros). Verifica-se, assim, que o mesmo não é superior ao preço base definido pela entidade adjudicante, nem considerado anormalmente baixo.

A proposta apresentada cumpre com o prazo de execução estipulado.

**4.2.4 - Concorrente n.º 4 – BC PORTUGAL, UNIPessoal, LDA.**

Conforme despacho de Sua Exa. o Secretário Regional da Juventude, Qualificação Profissional e Emprego, de 28/03/2022, inserido na mesma data, na plataforma AcinGov, foi deferido o pedido do citado concorrente datado de 4/03/2022, referente à retirada da sua proposta, devendo a mesma ser retirada, para todos os efeitos do presente procedimento.

Face ao exposto, o Júri não considerará a proposta do concorrente BC PORTUGAL, UNIPessoal, LDA., para efeitos de avaliação e ordenação das propostas.

**4.2.5 - Concorrente n.º 5 – IVITY BRAND CORP – CRIAÇÃO E GESTÃO DE MARCAS, S.A.**

O valor total da proposta apresentada é de 306.600,00 € (trezentos e seis mil e seiscentos euros). Verifica-se, assim, que o mesmo não é superior ao preço base definido pela entidade adjudicante, nem considerado anormalmente baixo.

A proposta apresentada cumpre com o prazo de execução estipulado.

**5 – CONCLUSÃO DA ANÁLISE DAS PROPOSTAS**

Face ao acima exposto, aos elementos analisados, e atento o disposto nos artigos 57.º e 70.º do CCP, o Júri deliberou por unanimidade, o seguinte:

- a) Excluir a proposta do concorrente n.º 1, **MONSTERS AND COMPANY - SOLUÇÕES DE COMUNICAÇÃO, LDA.**, nos termos da alínea d) do n.º 2 do artigo 146.º, conjugado com o disposto no n.º 1 do artigo 57.º e alínea a) do n.º 2 do artigo 70.º, todos do CCP;
- b) Não considerar a proposta do concorrente n.º 4, **BC PORTUGAL, UNIPessoal, LDA.**, atento o despacho de Sua Exa. o Secretário Regional da Juventude, Qualificação Profissional e Emprego, de 28/03/2022;





**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E**  
**EMPREGO**

- c) Admitir a proposta do concorrente n.º 2, **UNLOCK BRANDS, LDA.**, pois a mesma encontra-se corretamente instruída e os atributos da proposta respeitam os parâmetros base do Caderno de Encargos;
- d) Admitir a proposta do concorrente n.º 3, **UEIP – UPGRADE EVERY IDEA AND PERFORMANCE, LDA. E AROUND GRAVITY, LDA.**, pois a mesma encontra-se corretamente instruída e os atributos da proposta respeitam os parâmetros base do Caderno de Encargos;
- e) Admitir a proposta do concorrente n.º 5, **IVITY BRAND CORP – CRIAÇÃO E GESTÃO DE MARCAS, S.A.**, pois a mesma encontra-se corretamente instruída e os atributos da proposta respeitam os parâmetros base do Caderno de Encargos;
- f) Proceder à aplicação do critério de adjudicação, conforme mencionado no artigo 15 do Programa do Concurso.

## **6 – CRITÉRIO DE ADJUDICAÇÃO**

A adjudicação será feita à proposta economicamente mais vantajosa para a entidade adjudicante, na modalidade de multifator, de acordo com o artigo 139.º do CCP e do artigo 15 e anexo X do Programa do Concurso, determinando-se esta pela apreciação dos fatores e subfactores que densificam o critério de adjudicação, bem como os respetivos descritores, métodos de avaliação e fórmulas do seu cálculo.

### **MODELO DE AVALIAÇÃO DAS PROPOSTAS**

(a que se refere o n.º 1 do artigo 15 do Programa do Concurso)

#### **1. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO**

1.1 A avaliação das propostas será efetuada nos termos do disposto no artigo 15.º, n.º 1, do Programa do Concurso e no artigo 139.º do Código dos Contratos Públicos.

1.2 A pontuação global de cada proposta, que será expressa numericamente, resultará da aplicação de um modelo aditivo simples de agregação das pontuações parciais da proposta obtidas em cada um dos fatores elementares, tendo em conta os coeficientes de ponderação respetivos.

1.3 Para os fatores elementares “A. Preço” e “D. Impacto obtido pelo projeto desenvolvido pelo responsável pela definição da estratégia de marca” foi definida uma expressão matemática que permitirá ao júri, por mera aplicação da mesma, obter a respetiva pontuação parcial da proposta.

1.4 Nos restantes fatores elementares foi definido um conjunto ordenado de diferentes atributos suscetíveis de serem propostos, que permitirá ao júri, por comparação do atributo da proposta



**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E**  
**EMPREGO**

com cada um dos atributos do referido conjunto ordenado, obter a respetiva pontuação parcial da proposta.

## **2. FATORES DE AVALIAÇÃO DAS PROPOSTAS**

2.1 São os seguintes os fatores elementares, e respetivos coeficientes de ponderação, que densificam o critério de adjudicação:

A) Preço	15 %
B) Qualidade do Exercício Estratégico	50 %
C) Publicações do(s) responsável(is) pela definição da estratégia de marca em revistas, livros ou publicações científicas	14 %
D) Impacto obtido pelo projeto desenvolvido pelo responsável pela definição da estratégia de marca	21 %

## **3. MODELO DE AVALIAÇÃO DAS PROPOSTAS**

3.1 A pontuação global  $VG(p)$ , da Proposta  $p$ , resultará da aplicação de um modelo aditivo simples de agregação das pontuações parciais obtidas pela Proposta  $p$  nos fatores elementares A), B) e C) tendo em conta os coeficientes de ponderação respetivos, através da seguinte expressão:

$$VG(p) = 0,15 \times VL_A(p) + 0,50 \times VL_B(p) + 0,14 \times VL_C(p) + 0,21 \times VL_D(p)$$

Em que,

- $VL_A(p)$  é a pontuação parcial da Proposta  $p$  no fator elementar  $A$ ;
- $VL_B(p)$  é a pontuação parcial da Proposta  $p$  no fator elementar  $B$ .
- $VL_C(p)$  é a pontuação parcial da Proposta  $p$  no fator elementar  $C$ .
- $VL_D(p)$  é a pontuação parcial da Proposta  $p$  no fator elementar  $D$ .

## **4. MODELO DE AVALIAÇÃO NO FATOR ELEMENTAR “A) PREÇO”**

4.1 Para o fator elementar “A) Preço”, o processo de avaliação parcial consistirá na determinação da pontuação parcial  $VLA(p)$  de cada Proposta  $p$ , utilizando a expressão:



**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E**  
**EMPREGO**

$$VL_A(p) = \begin{cases} 110 - \frac{1}{21} \times D_A(p) & \Leftarrow 0 \leq D_A(p) < 210 \\ 100 - \frac{1}{8} \times (D_A(p) - 210) & \Leftarrow 210 \leq D_A(p) \leq 250 \\ 95 - \frac{1}{2} \times (D_A(p) - 250) & \Leftarrow 250 \leq D_A(p) \leq 300 \\ 70 - \frac{7}{5} \times (D_A(p) - 300) & \Leftarrow 300 \leq D_A(p) \leq 350 \end{cases}$$

Em que,

- $D_A(p)$  é o preço, medido em Milhares de Euros, da Proposta  $p$  (arredondado a duas casas decimais), de acordo com o documento apresentado nos termos do artigo 9.º, n.º 1, alínea b), do Programa do Concurso (Anexo III).

**AVALIAÇÃO DAS PROPOSTAS:**

Atento o acima exposto, da aplicação do fator elementar “A) Preço”, resulta:

Concorrente	Limite máximo (< 350.000,00 €)	Pontuação
2 – UNLOCK BRANDS, LDA.	Cumprido 295.000,00 €	72,5
3 – UEIP – UPGRADE EVERY IDEA AND PERFORMANCE, LDA. E AROUND GRAVITY, LDA.	Cumprido 273.000,00 €	83,5
5 – IVITY BRAND CORP – CRIAÇÃO E GESTÃO DE MARCAS, S.A.	Cumprido 306.600,00 €	60,76

**5. MODELO DE AVALIAÇÃO NO FATOR ELEMENTAR “B. QUALIDADE DO EXERCÍCIO ESTRATÉGICO”**

5.1 No fator elementar “B. Qualidade do Exercício Estratégico”, a avaliação consistirá na determinação da pontuação parcial obtida pelos juízos de comparação do atributo constante da Proposta  $p$  com cada um dos níveis do descritor seguinte:

Abreviatura	Descrição	Pontuação
N2	O Exercício Estratégico: a) reflete um entendimento do estado atual da marca dos Açores, incluindo todas as dimensões de uma estratégia de	100



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E  
EMPREGO

	<p>marca tal como apresentadas no Anexo II ao Caderno de Encargos (distinta, diferenciada e desejável);</p> <p>b) propõe uma arquitetura de estratégia de marca, uma arquitetura de cultura de marca <b>e uma arquitetura de experiência de marca;</b></p> <p>c) apresenta uma proposta de desenvolvimento da marca dos Açores alinhada com as especificidades da Região Autónoma dos Açores e com o Programa do XIII Governo Regional dos Açores para os diversos setores, <b>propondo fundamentadamente uma forma de chegar a uma visão holística e integrada da marca dos Açores;</b></p> <p>d) revela de forma fundamentada a filosofia do concorrente quanto a uma estratégia de marca, abrangendo a identidade visual da marca, o tom de voz e personalidade da marca <b>e os atributos experienciais da marca;</b></p> <p>e) apresenta uma avaliação sumária do programa de certificação de produtos e serviços Marca Açores®.</p>	
N1	<p>O Exercício Estratégico:</p> <p>a) reflete um entendimento do estado atual da marca dos Açores, <b>incluindo todas as dimensões</b> de uma estratégia de marca tal como apresentadas no Anexo II ao Caderno de Encargos (distinta, diferenciada e desejável);</p> <p>b) propõe uma arquitetura de estratégia de marca <b>e uma arquitetura de cultura de marca;</b></p> <p>c) apresenta uma proposta de desenvolvimento da marca dos Açores <b>alinhada com as especificidades da Região Autónoma dos Açores e com o Programa do XIII Governo Regional dos Açores para os diversos setores;</b></p> <p>d) revela de forma fundamentada a filosofia do concorrente quanto a uma estratégia de marca, abrangendo a identidade visual da marca <b>e o tom de voz e personalidade da marca;</b></p> <p>e) <b>apresenta uma avaliação sumária do programa de certificação de produtos e serviços Marca Açores®.</b></p>	40
N0	<p>O Exercício Estratégico:</p> <p>a) reflete um entendimento do estado atual da marca dos Açores, sem, contudo, incluir todas as dimensões de uma estratégia de marca tal como apresentadas no Anexo II ao Caderno de Encargos (distinta, diferenciada e desejável);</p> <p>b) propõe uma arquitetura de estratégia de marca;</p> <p>c) apresenta uma proposta de desenvolvimento da marca dos Açores, sem, contudo, ser perceptível um claro e total alinhamento com as especificidades da Região Autónoma dos Açores e com o Programa do XIII Governo Regional dos Açores para os diversos setores;</p> <p>d) revela de forma fundamentada a filosofia do concorrente quanto a uma estratégia de marca, embora baseada apenas numa visão básica de identidade visual.</p>	0

A avaliação deste fator elementar terá em conta o documento apresentado nos termos do artigo 9.º, n.º 1, alínea c), do Programa do Concurso.



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E  
EMPREGO

## **AVALIAÇÃO DAS PROPOSTAS**

### **CONCORRENTE N.º 2 - UNLOCK BRANDS, LDA.**

No Exercício Estratégico apresentado pela UNLOCK BRANDS. LDA., nota-se a análise efetuada sobre a situação atual da marca dos Açores, na sua diversidade de dimensões, nomeadamente as referenciadas no Anexo II ao Caderno de Encargos do presente procedimento (páginas 4 a 8, 14 e 15).

Definiu as arquiteturas de estratégia e de cultura de marca a adotar, justificando a opção com as especificidades da Região Autónoma dos Açores, bem como do Programa do XIII Governo Regional, nos mais diversos setores.

Na proposta em causa, demonstrou a abordagem que pretende seguir na estratégia de marca, bem como definiu o modelo de desenvolvimento, incluindo as metodologias de ação.

**No entanto, não apresentou uma avaliação sumária do programa de certificação de produtos e serviços Marca Açores®, conforme exigido, pelo que não será possível atribuir a avaliação N1, sendo atribuída a pontuação correspondente a N0 (0 pontos).**

### **CONCORRENTE N.º 3 - UEIP – UPGRADE EVERY IDEA AND PERFORMANCE, LDA. E AROUND GRAVITY, LDA.**

A UEIP – UPGRADE EVERY IDEA AND PERFORMANCE, LDA. E AROUND GRAVITY, LDA definiu a arquitetura quer de estratégia, quer de cultura da marca, alinhando, mesmo que parcialmente, as especificidades da Região Autónoma dos Açores, conjugado com o programa do XIII Governo Regional.

No que concerne à filosofia que defende abordar quanto à estratégia de marca, o concorrente apresentou uma proposta que alia a identidade visual aos tons, vozes e personalidades da marca.

No Exercício Estratégico apresentado por este agrupamento, constata-se uma avaliação do programa de certificação de produtos e serviços Marca Açores®.

No entanto, em toda a proposta, não é possível constatar um entendimento do estado atual da marca dos Açores, em que se incluía todas as dimensões de uma estratégia de marca tal como apresentadas no Anexo II ao Caderno de Encargos. A proposta centrou-se muito numa área específica, nomeadamente a do turismo, quando se pretendia uma visão mais abrangente, pelo que **face ao exposto, não será possível atribuir a avaliação N1, neste fator, sendo atribuída a pontuação correspondente a N0 (0 pontos).**



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E  
EMPREGO

**CONCORRENTE N.º 5 - IVITY BRAND CORP – CRIAÇÃO E GESTÃO DE MARCAS, S.A.**

A IVITY BRAND CORP – CRIAÇÃO E GESTÃO DE MARCAS, S.A. apresenta uma análise do estado atual da marca dos Açores, em que se inclui todas as dimensões de uma estratégia de marca, de acordo com as especificidades elencadas no Anexo II do Caderno de Encargos.

Definiram, detalhadamente, as metodologias que se propõem realizar no âmbito da arquitetura de estratégia de marca, da arquitetura de cultura de marca e da arquitetura de experiência de marca, enunciando as respetivas fases de implementação.

Em toda a proposta apresentada, notamos que a escolha de vários procedimentos se faz justificando as especificidades da Região Autónoma dos Açores, bem como alinhando as mesmas ao Programa do XIII Governo Regional dos Açores.

O concorrente apresentou, através de uma metodologia, como pretende desenvolver a marca dos Açores, numa perspetiva integrada e holística, abrangendo a identidade visual da marca, o tom de voz e personalidade da marca e os atributos experienciais da marca.

No Exercício Estratégico presente, constata-se uma avaliação do programa de certificação de produtos e serviços Marca Açores®, bem como apresenta uma proposta de trabalho a desenvolver nesta área específica.

**Assim sendo, e face ao exposto, será atribuído o N2, correspondendo a 100 pontos.**

**6. MODELO DE AVALIAÇÃO NO FATOR ELEMENTAR “C. PUBLICAÇÕES DO(S) RESPONSÁVEL(IS) PELA DEFINIÇÃO DA ESTRATÉGIA DE MARCA EM REVISTAS, LIVROS OU PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS”**

6.1 No fator elementar “C. Publicações do(s) responsável(is) pela definição da estratégia de marca em revistas, livros ou publicações científicas”, a avaliação consistirá na determinação da pontuação parcial obtida pelos juízos de comparação do atributo constante da Proposta *p* com cada um dos níveis do descritor seguinte:

Abreviatura	Descrição	Pontuação
N3	A proposta apresenta o atributo definido em N1, bem como o atributo definido em N2.	100
N2	Além do atributo definido em N0, pelo menos 1 (um) dos responsáveis pela definição da estratégia de marca apresentados na proposta (não necessariamente o que preenche o atributo definido em N0) <b>participou, como autor ou coautor, no exercício de construção de pelo menos 1 (um) relatório de <i>ranking</i> de marcas de cidades, regiões ou países.</b>	70



**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E**  
**EMPREGO**

N1	Além do atributo definido em N0, pelo menos 1 (um) dos responsáveis pela definição da estratégia de marca apresentados na proposta (não necessariamente o que preenche o atributo definido em N0) <b>publicou, como autor principal, pelo menos 1 (um) livro, artigo científico ou artigo sobre marcas de cidades, regiões ou países.</b>	40
N0	Pelo menos um dos responsáveis pela definição da estratégia de marca apresentados na proposta tem a experiência mínima exigida no Anexo III ao Caderno de Encargos.	0

A avaliação deste fator elementar terá em conta o documento apresentado nos termos do artigo 9.º, n.º 1, alínea e), do Programa do Concurso (Anexo VII).

### **AValiação das Propostas**

Atento o acima exposto, da aplicação do fator elementar “C. Publicações do(s) responsável(is) pela definição da estratégia de marca em revistas, livros ou publicações científicas”, resulta:

Concorrente	Pontuação	Comentários
2 – UNLOCK BRANDS, LDA.	0	Nenhum dos responsáveis apresentados participou na elaboração de um relatório de ranking de marcas ou indica uma publicação da sua autoria
3 – UEIP – UPGRADE EVERY IDEA AND PERFORMANCE, LDA. E AROUND GRAVITY, LDA.	0	Apresenta participação em conferências em vez de publicações. Não indicou qualquer participação na elaboração de um relatório de ranking de marcas
5 – IVITY BRAND CORP – CRIAÇÃO E GESTÃO DE MARCAS, S.A.	40	Ambos os responsáveis apresentados apresentam publicações, mas nenhum deles participou na elaboração de relatório de rankings de marcas

## **7. MODELO DE AVALIAÇÃO NO FATOR ELEMENTAR “D. IMPACTO OBTIDO PELO PROJETO DESENVOLVIDO PELO RESPONSÁVEL PELA DEFINIÇÃO DA ESTRATÉGIA DE MARCA”**

7.1 Para o fator elementar “D. Impacto obtido pelo projeto desenvolvido pelo responsável pela definição da estratégia de marca”, o processo de avaliação parcial consistirá na determinação da pontuação parcial  $VL_D(p)$  de cada Proposta  $p$ , utilizando a expressão:



**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E**  
**EMPREGO**

$$VL_D(p) = \begin{cases} 0 & \Leftarrow D_D(p) < 0 \\ \frac{50}{21} \times D_D(p) & \Leftarrow 0 \leq D_D(p) < 21 \\ 50 + \frac{25}{19} \times (D_D(p) - 21) & \Leftarrow 21 \leq D_D(p) \leq 40 \\ 75 + \frac{15}{20} \times (D_D(p) - 40) & \Leftarrow 40 \leq D_D(p) \leq 60 \\ 90 + \frac{1}{2} \times (D_D(p) - 60) & \Leftarrow 60 \leq D_D(p) \leq 80 \\ 100 + \frac{1}{4} \times (D_D(p) - 80) & \Leftarrow 80 \leq D_D(p) \leq 100 \end{cases}$$

Em que,

- $D_D(p)$  é o impacto do projeto, medido pela variação percentual do número de visitas na data de conclusão do projeto e 2 (dois) anos após a sua conclusão, da Proposta  $p$  (arredondado a duas casas decimais, de acordo com o documento apresentado nos termos do artigo 9.º, n.º 1, alínea g), do Programa do Concurso – Anexo VIII);
- O atributo  $D_D(p)$  pode ser obtido pela subtração do número de visitas dois anos depois da conclusão do projeto e o número de visitas na data de conclusão do projeto, dividido pelo número de visitas na data de conclusão do projeto a multiplicar por 100;
- O número de visitas mencionado no número anterior pode ser substituído pelo número de dormidas (consoante o aplicável ao projeto em análise).

Nota: se o projeto indicado no documento apresentado nos termos do artigo 9.º, n.º 1, alínea g), do Programa do Concurso (Anexo VIII) for relativo ao posicionamento de uma marca para um mercado de mais alto valor, a proposta será pontuada com 0 (zero) pontos neste fator elementar.

## **AVALIAÇÃO DAS PROPOSTAS**

Atento o acima exposto, da aplicação do fator elementar “D. Impacto obtido pelo projeto desenvolvido pelo responsável pela definição da estratégia de marca”, resulta:





REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E  
EMPREGO

Concorrente	Pontuação	Comentários
2 – UNLOCK BRANDS, LDA.	24,14	O projeto foi concluído em 2013. Apresentam a variação do n.º de dormidas no município de Cascais entre os anos de 2013 e 2015.
3 – UEIP – UPGRADE EVERY IDEA AND PERFORMANCE, LDA. E AROUND GRAVITY, LDA.	0	O projeto apresentado não corresponde ao desenvolvimento de uma marca para uma cidade, região ou país.
5 – IVITY BRAND CORP – CRIAÇÃO E GESTÃO DE MARCAS, S.A.	0	Apresentam vários projetos, mas nenhum cumpre com os dados exigidos neste fator.

### CLASSIFICAÇÃO FINAL

Atentos os pontos acima expostos, resulta o seguinte:

Concorrente	Pontuação			
	Fator A	Fator B	Fator C	Fator D
2 – UNLOCK BRANDS, LDA.	72,5	0	0	24,14
3 – UEIP – UPGRADE EVERY IDEA AND PERFORMANCE, LDA. E AROUND GRAVITY, LDA.	83,5	0	0	0
5 – IVITY BRAND CORP – CRIAÇÃO E GESTÃO DE MARCAS, S.A.	60,76	100	40	0

### APLICAÇÃO DOS COEFICIENTES DE PONDERAÇÃO:

Após a aplicação dos coeficientes de ponderação, conforme ponto 2.1 do Modelo de Avaliação de Propostas, resulta o seguinte:



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E  
EMPREGO

Concorrente	Pontuação				
	Fator A (15%)	Fator B (50%)	Fator C (14%)	Fator D (21%)	TOTAL
2 – UNLOCK BRANDS, LDA.	10,875	0	0	5,069	15,944
3 – UEIP – UPGRADE EVERY IDEA AND PERFORMANCE, LDA. E AROUND GRAVITY, LDA.	12,525	0	0	0	12,525
5 – IVITY BRAND CORP – CRIAÇÃO E GESTÃO DE MARCAS, S.A.	9,114	50	5,6	0	64,714

## 7 – CLASSIFICAÇÃO E ORDENAÇÃO

Assim, hierarquizando as propostas apresentadas pelos concorrentes, obteve-se:

Ordenação para efeitos adjudicação	Designação do concorrente	Pontuação
1.º	IVITY BRAND CORP – CRIAÇÃO E GESTÃO DE MARCAS, S.A.	64,714
2.º	UNLOCK BRANDS, LDA.	15,944
3.º	UEIP – UPGRADE EVERY IDEA AND PERFORMANCE, LDA. E AROUND GRAVITY, LDA.	12,525

## 8 – CONCLUSÕES E AUDIÊNCIA PRÉVIA

Analizadas as propostas, nos termos e com os fundamentos que antecedem, o Júri do procedimento delibera:

- Excluir a proposta do concorrente MONSTERS AND COMPANY - SOLUÇÕES DE COMUNICAÇÃO, LDA., nos termos da alínea d) do n.º 2 do artigo 146.º, conjugado com o disposto no n.º 1 do artigo 57.º e alínea a) do n.º 2 do artigo 70.º, todos do CCP;
- Não considerar a proposta apresentada pelo concorrente BC PORTUGAL, UNIPessoal, LDA., para efeitos de avaliação e ordenação de propostas, atenta a



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E  
EMPREGO

solicitação efetuada e o despacho de Sua Exa. o Secretário Regional da Juventude, Qualificação Profissional e Emprego, de 28/03/2022;

- c) Propor a adjudicação do CONCURSO PÚBLICO COM PUBLICIDADE NO JORNAL OFICIAL DA UNIÃO EUROPEIA CP-SRJQPE/2021/1 PARA A CELEBRAÇÃO DE CONTRATO DE AQUISIÇÃO DE SERVIÇOS DE “DEFINIÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE MARCA PARA OS AÇORES 2022-2032”, **ao concorrente n.º 5 – IVITY BRAND CORP – CRIAÇÃO E GESTÃO DE MARCAS, S.A.**, pelo valor de 306.600,00 € (trezentos e seis mil e seiscentos euros), ao qual acresce o IVA à taxa legal em vigor;
- d) Enviar o presente relatório preliminar aos concorrentes;
- e) Proceder à notificação dos concorrentes para que, no prazo de 10 (dez) dias úteis, querendo, se pronunciem, por escrito, ao abrigo do direito de audiência prévia, nos termos do disposto no artigo 147.º e n.º 1 do artigo 470.º, ambos do CCP.

O Júri

Assinado p [redacted]  
Num. de [redacted]  
Data: 2022.04.01 10:44:24+00'00'



Assinado p [redacted]  
Num. de [redacted]  
Data: 2022.04.01 10:49:19+00'00'



Assinado p [redacted]  
Num. de [redacted]  
Data: 2022.04.01 11:16:42+00'00'





**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E**  
**EMPREGO**

**ANEXO**



**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO**

		MONSTERS AND COMPANY - SOLUÇÕES DE COMUNICAÇÃO, LDA.	UNLOCK BRANDS, LDA.	UIP – UPGRADE EVERY IDEA AND PERFORMANCE, LDA. E AROUND GRAVITY, LDA.	BC PORTUGAL, UNIPessoal, LDA.	IVITY BRAND CORP – CRIAÇÃO E GESTÃO DE MARCAS, S.A.
DOCUMENTOS DA PROPOSTA	9.1.a. DEUCP	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
	9.1.b. Proposta de preço contratual - Anexo III ao Programa do Concurso	Não	Sim, Proposta de preço de 295.000,00€	Sim, Proposta de preço de 273.000,00€	Sim, Proposta de preço de 299.000,00€	Sim, Proposta de preço de 306.600,00€
	9.1.c Exercício Estratégico, com o conteúdo mínimo do Anexo IV ao Programa do Concurso	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
	9.1.d Composição da equipa proposta e identificação nominativa dos membros da equipa e função assumida no projeto, conforme Anexo V ao Programa do Concurso	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
	9.1.e Declarações do gestor do projeto e do(s) responsável (eis) pela definição da estratégia de marca, conforme Anexos VI e VII do Programa do Concurso	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
	9.1.f Case studies	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
	9.1.g Declaração com indicação do projeto a considerar para efeitos de avaliação do fator elementar D, conforme Anexo VIII do Programa do Concurso	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
	9.1.h Documentos que contenham os esclarecimentos justificativos da apresentação de um preço anormalmente baixo, se aplicável	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
	9.2. Em caso de agrupamento, documento de designação do representante comum do agrupamento e respetivos instrumentos de mandato, nos termos do Anexo IX	N/A	N/A	Sim	N/A	N/A



**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO**

**CONCURSO PÚBLICO COM PUBLICIDADE NO JORNAL OFICIAL DA UNIÃO EUROPEIA CP-SRJQPE/2021/1 PARA A CELEBRAÇÃO DE CONTRATO DE AQUISIÇÃO DE SERVIÇOS DE “DEFINIÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE MARCA PARA OS AÇORES 2022-2032”**

**RELATÓRIO FINAL DE ANÁLISE DAS PROPOSTAS**

**MAIO DE 2022**



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO

## ÍNDICE

1 – INTRODUÇÃO .....	3
2 – LISTA DE CONCORRENTES .....	4
3 – PEDIDOS DE ESCLARECIMENTOS SOBRE AS PROPOSTAS .....	5
4 – RELATÓRIO PRELIMINAR .....	5
5 – CONCLUSÕES .....	6



**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO**

A 5 de maio de 2022, reuniu-se o Júri do procedimento, nomeado por despacho de 26 de novembro de 2021, de S. Exa. o Secretário Regional da Juventude, Qualificação Profissional e Emprego, composto por [REDACTED] que presidiu, [REDACTED] e [REDACTED] vogais efetivos.

## **1 – INTRODUÇÃO**

O Júri deu início à reunião, estabelecendo como ponto único da ordem de trabalhos a elaboração do Relatório Final (RF), em conformidade com o disposto na alínea d) do n.º 1 do artigo 69.º e do n.º 1 do artigo 148.º, ambos do Código dos Contratos Públicos, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 18/2008, de 29 de janeiro, na sua redação atual (doravante abreviadamente designado por CCP), bem como pela restante legislação aplicável, nomeadamente no Decreto Legislativo Regional n.º 27/2015/A de 29 de dezembro (doravante abreviadamente designado por RJCPRAA).

O presente procedimento tramita na plataforma eletrónica AcinGov, disponível no sítio eletrónico [www.acingov.pt](http://www.acingov.pt), nos termos e para efeitos do artigo 35.º do RJCPRAA, bem como do artigo 62.º do CCP.

O procedimento foi publicitado através do anúncio n.º 434/2021, no Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores, n.º 237, II Série, de 30 de novembro de 2021, do anúncio de procedimento n.º 15085/2021, de 2 de dezembro, no Diário da República n.º 233, 2.ª série, parte L – Contratos Públicos e do anúncio do procedimento n.º 2021/S 235-618191, no Suplemento n.º 235 do Jornal Oficial da União Europeia, a 3 de dezembro de 2021.

Através da declaração de retificação de anúncio n.º 396/2021, no Diário da República, procedeu-se a uma retificação do anúncio de procedimento n.º 15085/2021, do Diário da República, n.º 233, de 2 de dezembro.

Através do anúncio n.º 447/2021 de 10 de dezembro de 2021, publicitado na 2.ª Série, n.º 243, do Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores, do aviso de prorrogação de prazo n.º 2275/2021, de 13 de dezembro de 2021, publicitado na 2.ª Série do Diário da República, n.º 239 e do anúncio retificativo n.º 641792-2021-PT, publicitado no Suplemento n.º 243 do Jornal Oficial da União Europeia, a 15 de dezembro de 2021, procedeu-se à prorrogação do prazo para apresentação de propostas, fixando-se o mesmo até 23 de janeiro de 2022.

Ainda, através do anúncio n.º 449/2021 de 13 de dezembro de 2021, publicitado na 2.ª Série, n.º 244, do Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores, procedeu-se a uma retificação do anúncio retificativo anteriormente publicitado. De igual modo, por intermédio do anúncio retificativo n.º





**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO**

651179-2021-PT, publicitado no Suplemento n.º 246 do Jornal Oficial da União Europeia, a 20 de dezembro de 2021, procedeu-se a uma retificação do anúncio retificativo anteriormente publicitado.

O prazo limite para a submissão de pedidos de esclarecimentos decorreu até dia 19 de dezembro de 2021, tendo sido apresentados pedidos de esclarecimentos pelas entidades interessadas BC Portugal, Unipessoal Lda., YOUNG & RUBICAM PUBLICIDADE S.A. e Universal McCann Connections - Publicidade, Unipessoal, Lda.

Conforme Ata n.º 1 do Júri do Procedimento, de 6 de janeiro de 2022, procedeu-se aos esclarecimentos das peças do procedimento, solicitados pelos interessados BC PORTUGAL, UNIPESSEAL LDA., YOUNG & RUBICAM. Os esclarecimentos foram disponibilizados na plataforma AcinGov no dia 6 de janeiro de 2022, dentro do prazo estabelecido para o efeito, nos termos da alínea a) do n.º 5 do artigo 50.º do CCP.

Através de despacho de 6 de janeiro de 2022, de Sua Exa. o Secretário Regional da Juventude, Qualificação Profissional e Emprego, procedeu-se à análise da lista de erros e omissões apresentada pelo interessado BC PORTUGAL, UNIPESSEAL LDA. A resposta à lista de erros e omissões foi disponibilizada na plataforma AcinGov no dia 6 de janeiro de 2022, dentro do prazo estabelecido para o efeito, nos termos da alínea b) do n.º 5 do artigo 50.º do CCP, não resultando, dessa análise, qualquer alteração das peças do procedimento.

O prazo para apresentação de propostas terminou a 23 de janeiro de 2022, sendo que o júri procedeu à abertura das propostas e publicitação da lista de concorrentes no primeiro dia útil subsequente, isto é, dia 24 de janeiro de 2022.

## **2 – LISTA DE CONCORRENTES**

Foram submetidas, na plataforma, dentro do prazo definido e ordenadas de acordo com a ordem de entrega as seguintes propostas:

<b>Designação do Concorrente</b>	<b>Data e hora de entrega da proposta</b>
1 – MONSTERS AND COMPANY - SOLUÇÕES DE COMUNICAÇÃO, LDA.	19/01/2022 às 17:36:59*



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO

2 – UNLOCK BRANDS, LDA.	23/01/2022 às 12:41:21*
3 – UEIP – UPGRADE EVERY IDEA AND PERFORMANCE, LDA. E AROUND GRAVITY, LDA.	23/01/2022 às 13:00:03*
4 – BC PORTUGAL, UNIPessoal, LDA.	23/01/2022 às 20:56:17*
5 – IVITY BRAND CORP – CRIAÇÃO E GESTÃO DE MARCAS, S.A.	23/01/2022 às 23:50:52*

\*hora de Portugal Continental

### 3 – PEDIDOS DE ESCLARECIMENTOS SOBRE AS PROPOSTAS

A 2 de fevereiro de 2022, o Júri do procedimento reuniu para conferência e verificação das propostas apresentadas, incluindo os relativos a termos e condições dos aspetos de execução do contrato não submetidos à concorrência pelo Caderno de Encargos.

Na análise preliminar efetuada às propostas apresentadas verificou-se a existência de algumas situações que o Júri considerou carecerem de esclarecimento.

Em face do exposto, e ao abrigo do disposto no artigo 72.º do CCP e n.º 7 do artigo 54.º da Lei n.º 96/2015, de 17 de agosto, foi solicitado, na mesma data, ao concorrente BC PORTUGAL, UNIPessoal LDA, que procedesse à prestação de esclarecimentos na proposta apresentada, conforme resulta da Ata n.º 2 do Júri.

A 3 de fevereiro de 2022, o citado concorrente respondeu à solicitação do Júri, via AcinGov.

Em sede de apreciação pelo Júri, conclui-se pelo esclarecimento da situação referenciada.

### 4 – RELATÓRIO PRELIMINAR

O relatório preliminar de análise das propostas foi elaborado pelo Júri do procedimento no dia 1 de abril de 2022, tendo sido disponibilizado aos concorrentes no mesmo dia, através da plataforma eletrónica, tendo sido concedido o prazo de 10 dias úteis para o exercício do direito de audiência prévia, em cumprimento do disposto no artigo 147.º do CCP.



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO

De acordo com a respetiva notificação do relatório preliminar, o prazo para o exercício do direito de audiência prévia terminou no dia 18 de abril de 2022, sem registo de pronúncia por parte dos concorrentes.

## 5 – CONCLUSÕES

Com fundamento no exposto nos pontos anteriores deste Relatório e do Relatório Preliminar, o Júri do procedimento delibera:

- a) Manter, nos termos do n.º 1 do artigo 148.º do CCP, as conclusões expressas no Relatório Preliminar de análise das propostas;
- b) Propor a adjudicação do CONCURSO PÚBLICO COM PUBLICIDADE NO JORNAL OFICIAL DA UNIÃO EUROPEIA CP-SRJQPE/2021/1 PARA A CELEBRAÇÃO DE CONTRATO DE AQUISIÇÃO DE SERVIÇOS DE “DEFINIÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE MARCA PARA OS AÇORES 2022-2032”, **ao concorrente n.º 5 – IVITY BRAND CORP – CRIAÇÃO E GESTÃO DE MARCAS, S.A.**, pelo valor de 306.600,00 € (trezentos e seis mil e seiscentos euros), ao qual acresce o IVA à taxa legal em vigor;
- c) Nos termos do n.º 3 do artigo 148.º do CCP, enviar o presente relatório juntamente com os demais documentos que compõem o processo de concurso, ao órgão competente para a decisão de contratar.

O Júri

Assinado por [REDACTED]  
Num. de Identificação [REDACTED]  
Data: 2022.05.05 10:46:55+00'00'



Assinado por [REDACTED]  
Num. de Identificação [REDACTED]  
Data: 2022.05.05 10:57:00+00'00'



Assinado por : [REDACTED]  
Num. de Identificação [REDACTED]  
Data: 2022.05.05 14:57:22+00'00'





REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO  
GABINETE DA SECRETÁRIA REGIONAL

**DESPACHO**

Considerando que, por despacho do Secretário Regional da Juventude, Qualificação Profissional e Emprego de 26 de novembro, foi autorizada a despesa e contratação, por concurso público com publicação no Jornal Oficial da União Europeia, para a celebração de um contrato de aquisição de serviços de “Definição de uma estratégia de marca para os Açores 2022-2032”, no valor de 350.000,00€ (trezentos e cinquenta mil euros), ao qual acresce o IVA à taxa legal em vigor, com o prazo de execução de seis meses.

Considerando que o procedimento foi publicitado através do anúncio n.º 434/2021, no Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores, n.º 237, II Série, de 30 de novembro de 2021, do anúncio de procedimento n.º 15085/2021, de 2 de dezembro, no Diário da República n.º 233, 2.ª série, parte L – Contratos Públicos e do anúncio do procedimento n.º 2021/S 235-618191, no Suplemento n.º 235, do Jornal Oficial da União Europeia, a 3 de dezembro de 2021, retificados através da declaração de retificação de anúncio n.º 396/2021, no Diário da República, da retificação do anúncio de procedimento n.º 15085/2021, no Diário da República, n.º 233, de 2 de dezembro.

Considerando que através do anúncio n.º 447/2021 de 10 de dezembro de 2021, publicitado na 2.ª Série, n.º 243, do Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores, do aviso de prorrogação de prazo n.º 2275/2021, de 13 de dezembro de 2021, publicitado na 2.ª Série do Diário da República, n.º 239 e do anúncio retificativo n.º 641792-2021-PT, publicitado no Suplemento n.º 243 do Jornal Oficial da União Europeia, a 15 de dezembro de 2021, procedeu-se à prorrogação do prazo para apresentação de propostas, fixando-se o mesmo até 23 de janeiro de 2022.

Considerando que se encontram concluídos os procedimentos necessários à adjudicação do procedimento e que, dada a concordância com o Relatório Final do Júri que procedeu à análise das propostas apresentadas, torna-se necessário proceder à adjudicação.

Considerando que por despacho de 25 de novembro de 2021 do Diretor Regional do Orçamento e Tesouro, foi autorizada a assunção do compromisso plurianual para o ano de 2022.

Assim, nos termos conjugados do n.º 1 do artigo 36.º, artigo 73.º, n.º 1 do artigo 76.º, artigo 96.º e n.º 4 do artigo 148.º, todos do Código dos Contratos Públicos (CCP), e da alínea c) do n.º 2 do artigo 30.º do Decreto Legislativo Regional n.º 38/2021/A, de 23 de dezembro, decido:

1. Homologar o Relatório Final do Júri do procedimento de contratação pública relativo ao procedimento de contratação pública com publicidade no Jornal Oficial da União Europeia CP-SRJQPE/2021/1, PARA A CELEBRAÇÃO DE UM CONTRATO DE



**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO**  
**GABINETE DA SECRETÁRIA REGIONAL**

AQUISIÇÃO DE SERVIÇOS DE “DEFINIÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE MARCA PARA OS AÇORES 2022-2032, dando aqui por reproduzida toda a fundamentação;

2. Adjudicar, em conformidade com o disposto do n.º 1 do artigo 73.º do CCP, a aquisição de serviços em referência, ao concorrente IVITY BRAND CORP – CRIAÇÃO E GESTÃO DE MARCAS, S.A., pelo valor de € 306.600,00 (trezentos e seis mil e seiscentos euros), ao qual acresce o IVA à taxa legal em vigor, com o prazo máximo de execução 6 (seis) meses;
3. Aprovar, em conformidade com o disposto do n.º 1 do artigo 98.º do CCP, a minuta de contrato anexa ao presente Despacho;
4. Determinar a notificação dos concorrentes, incluindo adjudicatário, na plataforma eletrónica, nos termos do n.º 1 e das alíneas a) e d) do n.º 2 do artigo 77.º do CCP;
5. Determinar a notificação do adjudicatário, nos termos da alínea b) do n.º 2 do artigo 77.º do CCP, para prestar caução no valor de € 6.132,00 (seis mil cento e trinta e dois euros), correspondente a 2% do preço contratual, conforme artigo 21.º do Programa do Concurso e artigo 43.º do Decreto Legislativo Regional n.º 27/2015/A, de 29 de dezembro, conjugado com o artigo 34.º do Decreto Legislativo Regional n.º 38/2021/A, de 23 de dezembro.

**A SECRETÁRIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL  
E EMPREGO**

Assinado por: [REDACTED]  
Num. de Identificação: [REDACTED]  
Data: 2022.05.27 18:40:20+00'00'



**MARIA JOÃO SOARES CARREIRO**

# Marcar o Futuro

AZORES X  
valor · sustentabilidade · cultura



# O que é uma Marca?

memória <sup>desperta</sup> → emoções <sup>guiam</sup> → decisões

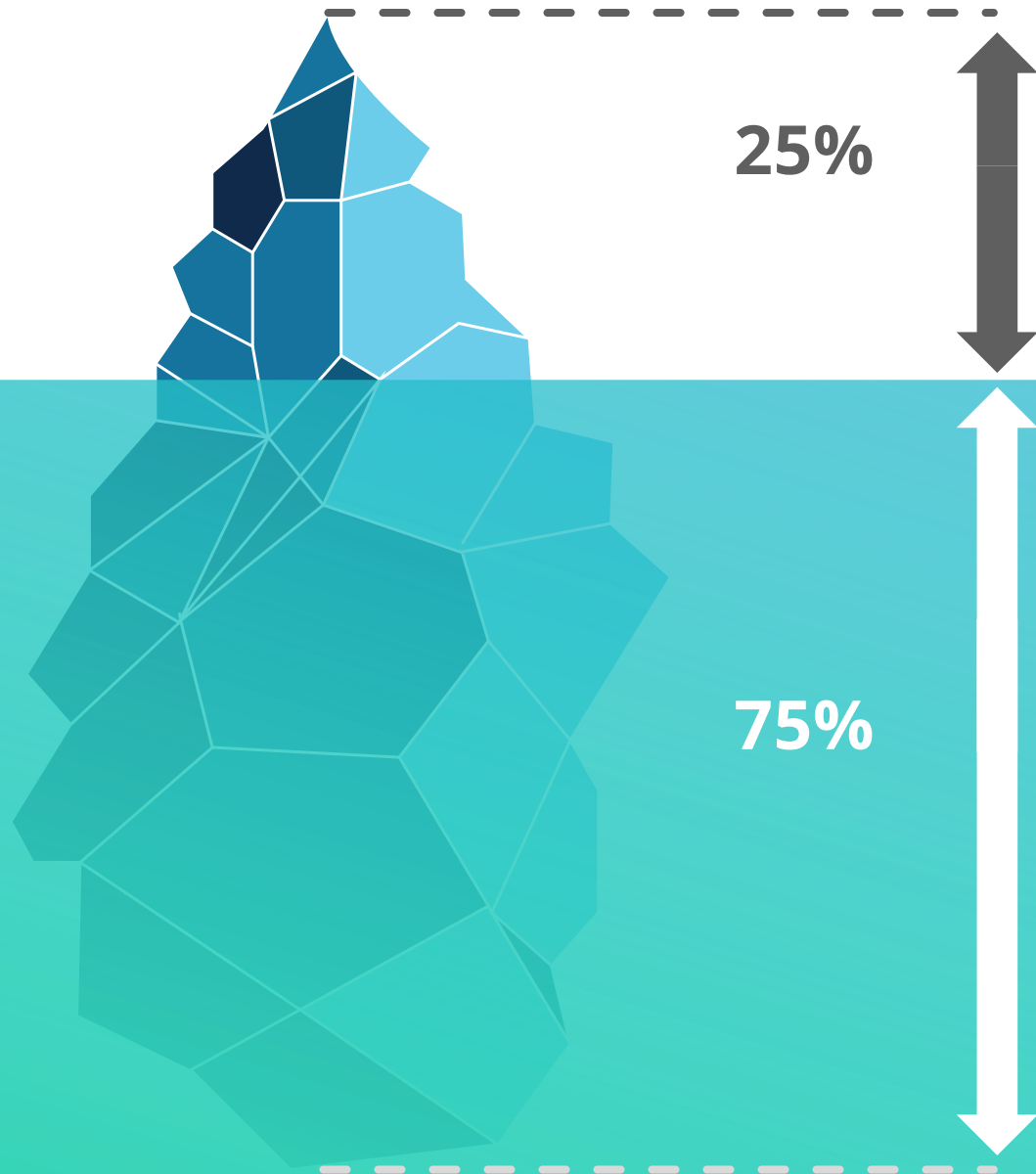
Uma perceção criada ao longo do tempo sobre uma empresa, pessoa, produto, ou lugar.

Emoções universais como alegria, otimismo, amor, surpresa, admiração e espanto...

Decisões como visitar os Açores, comprar produtos ou serviços, investir, viver, contribuir, recomendar.



# MARCA & MARKETING



## DEFINIÇÃO

Os sinais visíveis da marca, como:

**Identidade Visual:** logotipo, slogan, nome, cores, fontes, produto

**Programática:** selo de qualidade/origem, patrocínios, publicidade, campanhas

## ESTRATÉGIA

Público Alvo

Missão, Visão, Valores

Posicionamento

Personalidade

VALOR CENTRAL

IDEIA CENTRAL

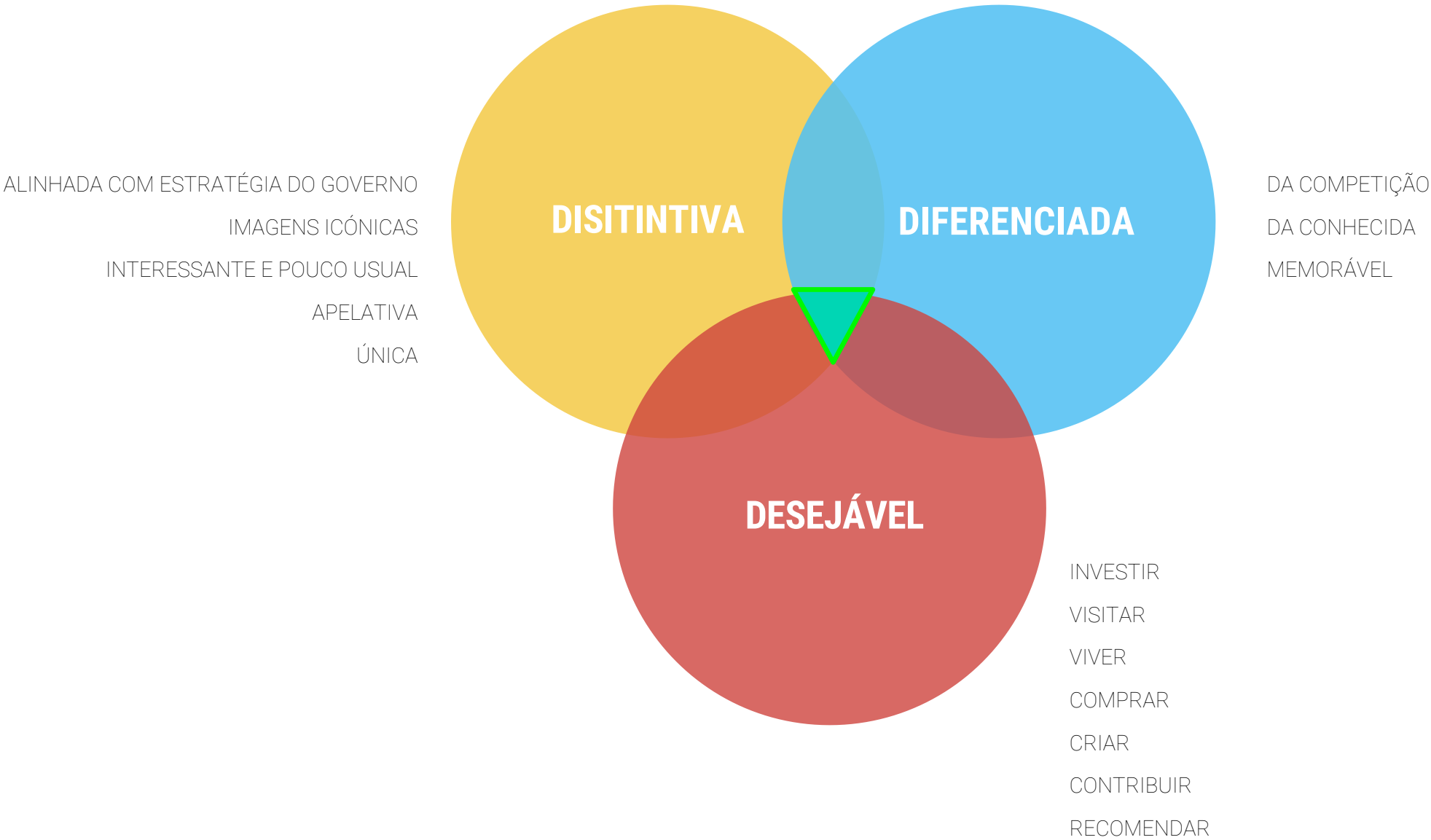
IDEAL PARTILHADO

CULTURA DE MARCA



# ESTRATÉGIA DE MARCA E MARKETING

AS 3 DIMENSÕES



# NAS SEGUINTES ÁREAS

The 6 FutureBrand Country Index attribute dimensions



## **Made In**

Authentic; Quality; Unique; Desire



## **Tourism**

Attractions, Value for Money,  
Desire, Resorts/Lodging, Food



## **Heritage & Culture**

Heritage, Historical Points of Interest,  
Art & Culture, Natural Beauty



## **Value System**

Political Freedom, Tolerance,  
Environmental Friendliness



## **Business Potential**

Good Infrastructure, Advanced  
Technology, Good for Business

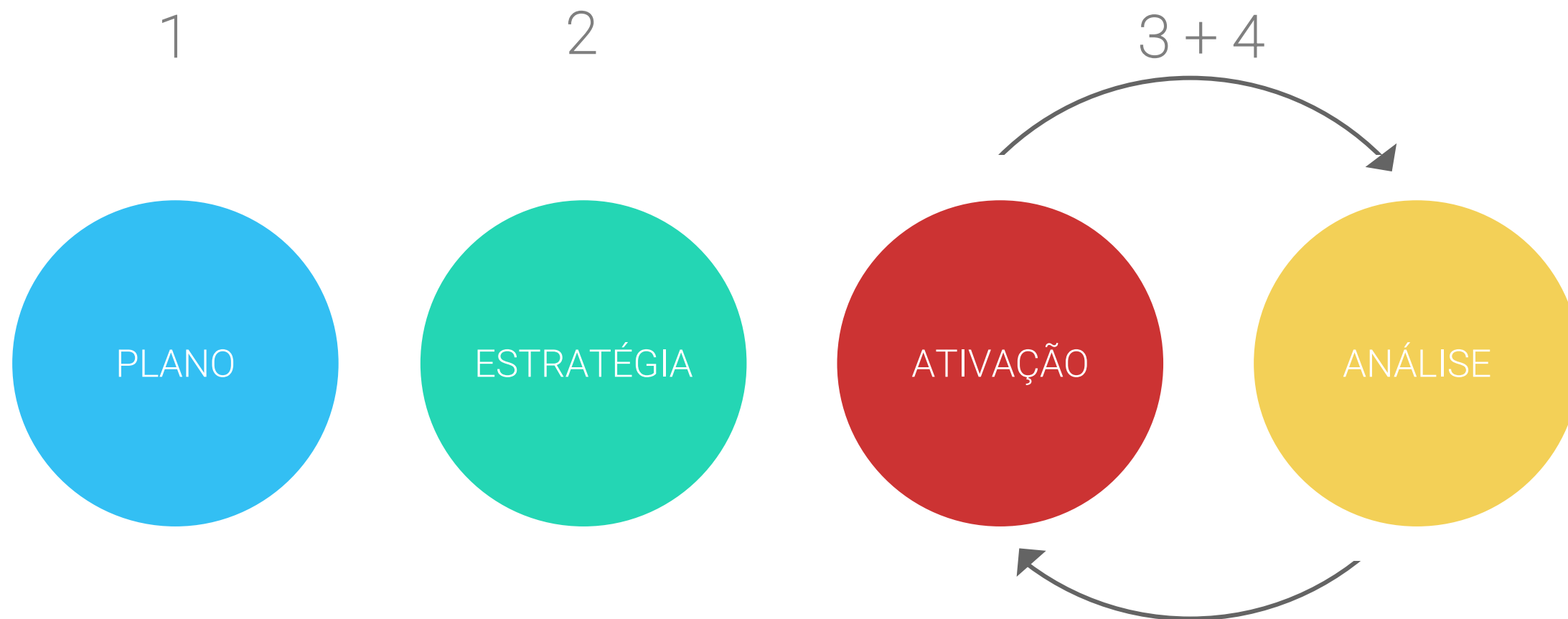


## **Quality of Life**

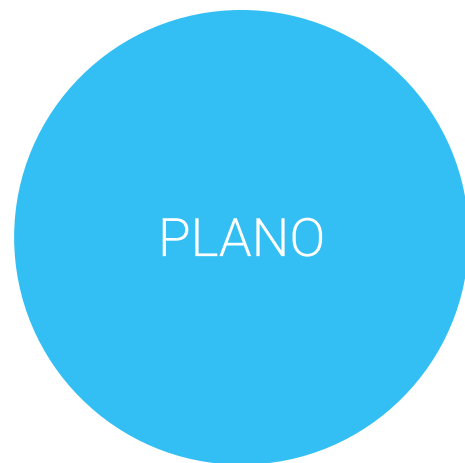
Health & Education, Standard of Living;  
Safety & Security, Live/Study There

# COMO CHEGAMOS LÁ?

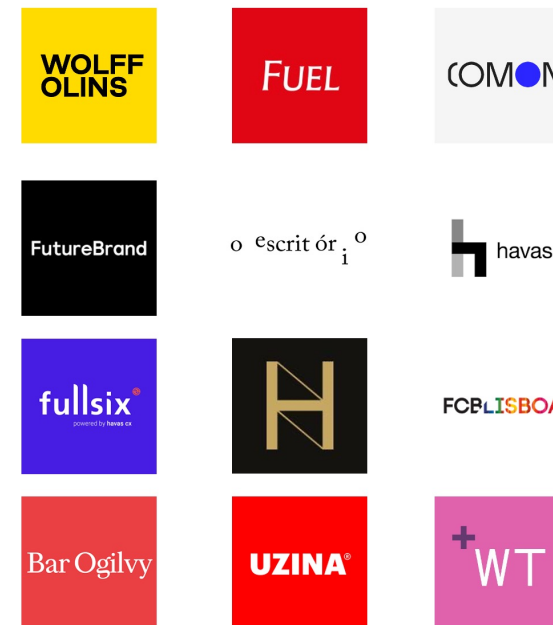
AS 4 FASES DO PROGRAMA



1



educação  
objetivos  
ideia  
brief



## equipa e operacionalização

Qual a equipa multifuncional necessária para o sucesso do projeto?

- 1.1 Definição da equipa
- 1.2 Workshop inicial
- 1.3 Transição Selo > Estratégia
- 1.4 Preparar equipa

## estado da marca

Em que estado está a marca dos Açores da perspetiva Açoriana?

- 2.1 Auditoria da Voz e Imagem
- 2.1 Auditoria da Experiência

## objetivos da marca

Quais os objetivos económicos, culturais e políticos para este projeto?

- 3.1 Objetivos
- 3.2 Análise da situação atual

## ideia central da marca

Qual a ideia central a explorar para definir o futuro da marca?

- 4.1 Análise da pesquisa
- 4.2 Finalizar ideia central

## brief do projeto

Como definimos o sucesso para este projeto e para a marca?

- 5.1 Brief estratégico
- 5.2 Caderno de encargos

---

OUT 2021

## EQUIPA

### EXECUTIVA

Duarte Freitas

António Almeida (Coordenador)

Bernardo Oliveira

Fábio Costa (Dir. Marca)

*Jurista*

### TRABALHO

Roberto Lino

Joel Neto

António Araújo

*Operações*

*Analista*

*Traduções*

## CONSELHEIROS

### PRIMÁRIOS

Presidente

Vice Presidente

Sec. Cultura

*Turismo*

### SECUNDÁRIOS

Ângelo Garcia

Pauleta

Rui Vieira

Roberto Munne

Gary Bramall

Clara Liang

## PRÓXIMOS PASSOS

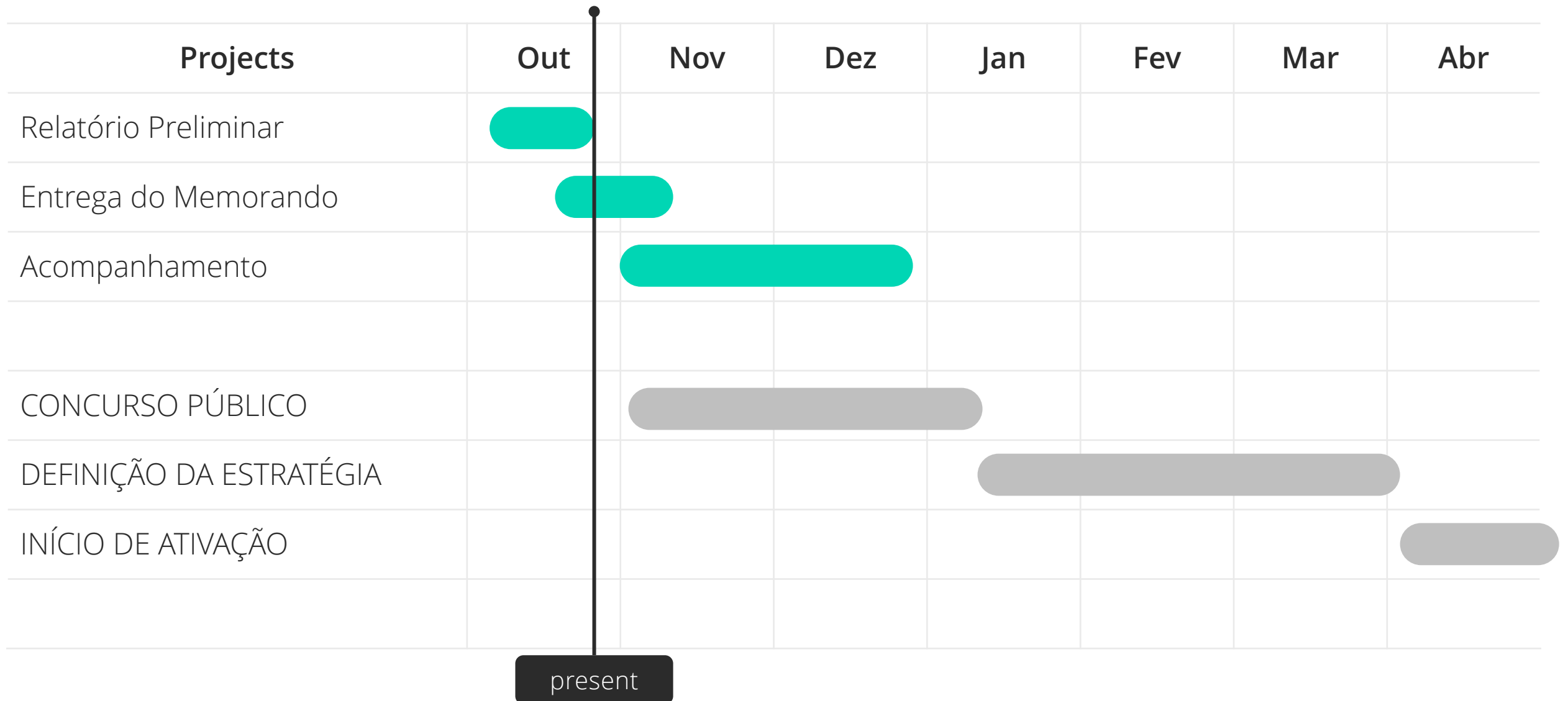
- ☐ Equipa
- ☐ Workshop 1
- ☐ Conselheiros
- ☐ Processos contratuais
  - ☐ Contratos individuais?
  - ☐ Através da AZORES X?
- ☐ Fundos Europeus?
  
- ☐ Comunicação
- ☐ Coordenação
  
- ☐ Dados
- ☐ Documentação
  
- ☐ Análise de capacidades da Equipa MA
- ☐ Auditoria de infraestrutura



momento perfeito



# TIMELINE



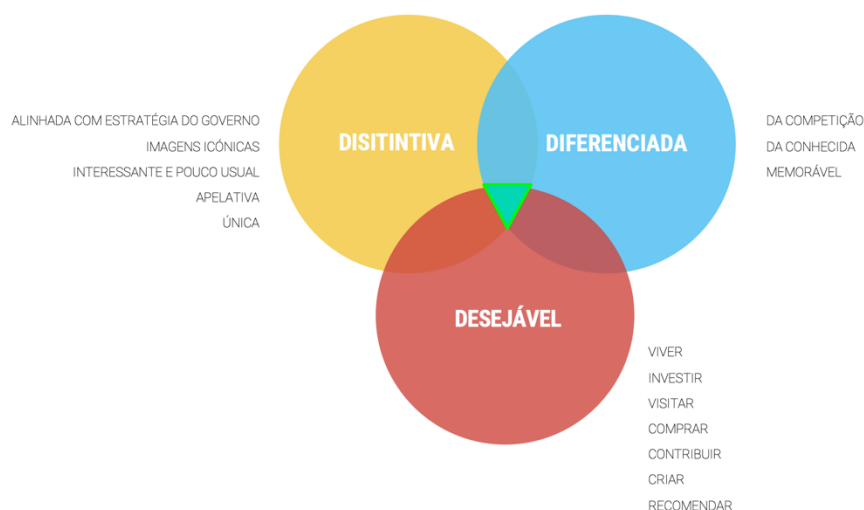


AZORES X

valor · sustentabilidade · cultura

## ESTRATÉGIA DE MARCA E MARKETING

AS 3 DIMENSÕES



### INTRODUÇÃO

A equipa da Marca Açores disponibilizará um memorando de 16 capítulos para que a vossa equipa tenha a oportunidade de conhecer intimamente os Açores – os nossos desafios e as nossas oportunidades. Cada capítulo terá uma serie de questões-chave que terão de ter resposta nesta estratégia de marca. Os capítulos são os seguintes:

1. A GEOGRAFIA
2. A HISTÓRIA
3. A AUTONOMIA
4. A NATUREZA E AS PAISAGENS
5. O AMBIENTE E AS AREAS PROTEGIDAS
6. AS CATASTROFES NATURAIS
7. O MAR
8. O TURISMO E O LAZER
9. A ECONOMIA
10. AS FESTAS
11. O ESPÍRITO SANTO
12. A GASTRONOMIA
13. A CULTURA
14. AS PESSOAS
15. O DESPORTO
16. A DIÁSPORA

O kit inicial incluirá também **dados estatísticos** (incorporados no memorando), um **manifesto** e **tema central** (incluindo um vídeo) para servir de ponto de partida para o trabalho. No fundo, o propósito deste trabalho será responder às questões essenciais para a marca dos Açores:

1. Porquê **VISITAR** os Açores?
2. Porquê **VIVER** nos Açores?
3. Porquê **INVESTIR** nos Açores?
4. Porquê **CRIAR** nos Açores?
5. Porquê **COMPRAR** produtos açorianos?
6. Porquê **CONTRIBUIR** para o bem dos Açores e dos açorianos?
7. Porquê **RECOMENDAR** os Açores?

## QUESTIONÁRIO

1. Defina estratégia de marca, experiência de marca, e cultura de marca
2. Explique a sua forma de desenvolver uma estratégia de marca e porque funciona
3. Porque é que a sua forma de desenvolvimento da estratégia de marca é a mais apropriada para o desenvolvimento da estratégia de marca dos Açores
4. Que marcas são semelhantes à marca dos Açores e porquê?
5. O que torna o arquipélago dos Açores especial?
6. Quais os trabalhos mais relevantes (para este projeto) desenvolvidos pela sua empresa
7. Apresente um "Case Study" dos três projetos mais relevantes
8. De que forma iriam criar uma marca coesa para um arquipélago composto por nove ilhas distintas em diversas áreas?
9. Já concluíram algum trabalho em que posicionaram uma marca para um mercado de mais alto valor?
10. Que (outras) marcas conseguiram fazer esta transição com sucesso?
11. Como fizeram esta transição?
12. Já desenvolveram marcas para cidades, regiões ou países?
13. Que marcas representam um possível estado futuro da marca dos Açores?
14. Que marcas conhecem que têm a capacidade de expor diversas personalidades com sucesso? Como o fazem?
15. De que forma poderia uma marca gerir múltiplas personalidades e "tons de voz"?
16. Como iriam inspirar todos os Açorianos a viver a nova marca dos Açores?
17. Qual o vosso processo para um Workshop Executivo? Incluam um "outline" do workshop inicial.
18. Que tipo de plano de comunicação utilizariam para um projeto desta dimensão?
19. Qual o vosso processo para colaboração com os diferentes "stakeholders"?
20. Qual o vosso processo para documentação, reuniões, gestão de ficheiros?
21. Qual a equipa que iriam apresentar para trabalhar no projeto? Que percentagem do seu tempo seria dedicada ao projeto? Apresente-nos o seu currículo e contribuições em projetos chave para a empresa.
22. Quais os maiores desafios que encontraram com clientes nestes tipos de projetos?
23. Na vossa opinião, quais os três maiores desafios deste projeto?

## OUTPUTS/DELIVERABLES

- **BRAND INSIGHTS**

*O objetivo deste trabalho é trazer à tona os principais insights sobre a marca dos Açores que informarão a nossa estratégia de marca.*

- **Foco:**
  - A Marca no seu estado atual
  - O Mercado
  - Público-Alvo
  - Workshop com os executivos (Secretários do Governo Regional)
- **Outputs:**
  - Avaliação competitiva e oportunidades
  - Impressões iniciais da marca
  - Recomendações
  - Roadmap da estratégia
  - Plano de lançamento
  - Personas cruciais para as principais áreas de comunicação

- **ESTRATÉGIA DA MARCA**

*O objetivo deste trabalho é alavancar os principais insights sobre a marca dos Açores e criar uma estratégia geral que guiará sua evolução nos próximos 8 a 10 anos. Isto inclui marca, experiência, cultura e atributos das ofertas da região*

- **Foco**
  - Significado da marca
    - Workshop
    - Partilhar impressões iniciais
      - O que representa os Açores (propósito principal, valores, pilares culturais)
      - O que ambiciona os Açores (visão, posicionamento da marca)
      - De que forma irão os Açores expressar a sua marca (narrativa, experiência)
  - Narrativa inicial da Marca
  - Revisão do programa do selo Marca Açores (nova estrutura) e a sua relação com "Made in The Azores"
- **Outputs**
  - Plataforma da Marca
    - **ADN da Marca**
      - **Propósito** – De forma sucinta, porque existem os Açores?
      - **Valores** - que valores orientarão a Marca dos Açores no seu progresso?
      - **Visão** - que lugar ocupará a marca nos corações e nas mentes?
      - **Missão** - qual o objetivo estratégico dos Açores

- **Promessa** – Como são os Açores relevantes e de valor para o nosso público-alvo? O que lhes traz os Açores de forma que lhes mude a vida?
  - **Pilares** – Quais as ideias chave que suportam a promessa da marca e servirão de filtro para toda a atividade na construção da marca?
  - **Princípios Básicos** – como parece, soa e que sentimentos provoca uma interação com a marca dos Açores? Quais os atributos chave da experiência da marca dos Açores? Que sentimentos provoca?
    - Cultura da Marca
    - Ambições da Marca
    - Posicionamento da Marca
    - Mensagem da Marca
    - Atributos da Experiência da Marca
    - Estrutura do selo “Marca Açores”
  - Narrativa da Marca
  - Arquitetura da Marca
  - Perspetiva da Marca em relação às ofertas dos produtos e serviços dos Açores
  - Respostas às questões-chave de cada capítulo do memorando
  - Repostas às questões estratégicas da Marca dos Açores
    1. Porquê visitar os Açores
    2. Porquê viver nos Açores
    3. Porquê investir nos Açores
    4. Porquê comprar produtos açorianos
    5. Porquê contribuir para o bem dos Açores e dos açorianos
    6. Porquê recomendar os Açores
- **FERRAMENTAS DA ESTRATÉGIA DE MARCA**

*O objetivo deste trabalho é desenvolver ferramentas de estratégia de marca para fornecer orientação estratégica de forma que a equipa de marca e os seus parceiros possam ativar a nova estratégia no mercado*

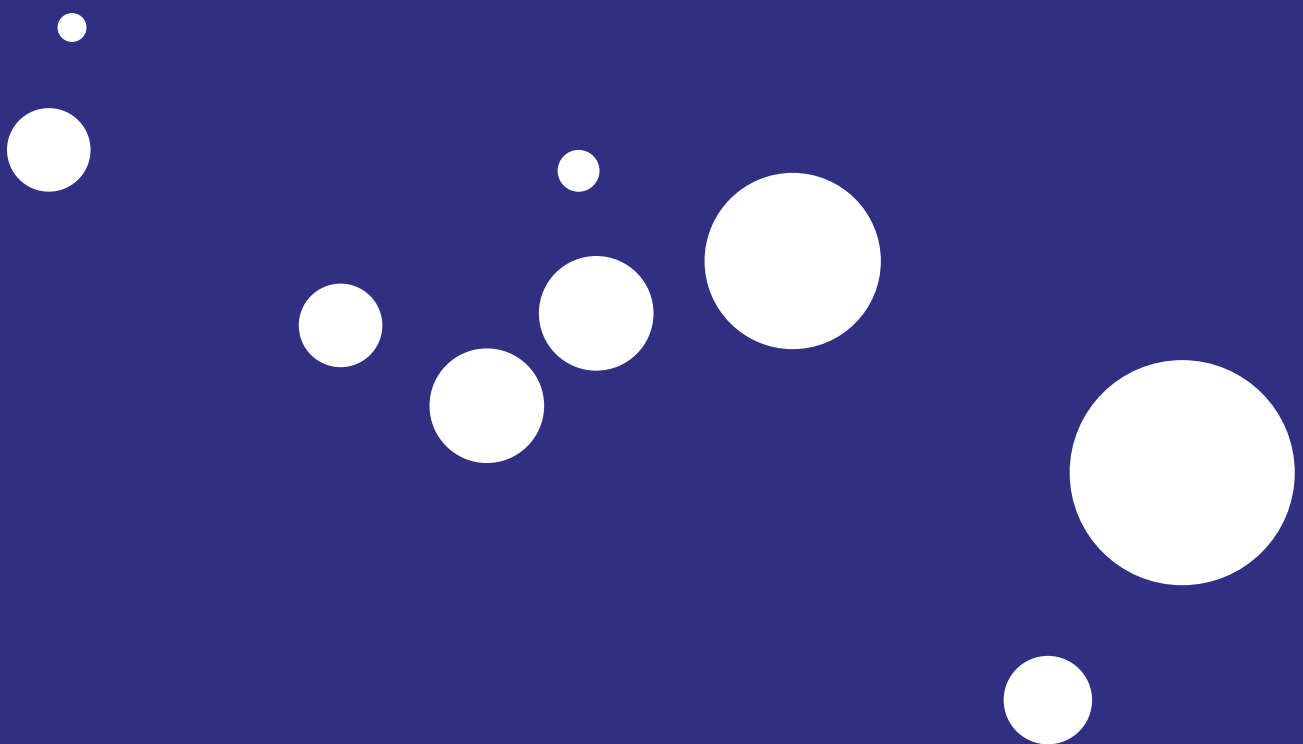
  - Foco
    - Identidade e atributos da marca
      - Visual (identidade visual, logotipo, slogan, iconografia)
      - Sonora (tom de voz e guia de conteúdos - styleguide)
      - Experiencial (atributos que identificam a experiência unicamente açoriana)
    - Personalidade da marca (para guiar colaboradores e parceiros nas suas ações de ativação)
    - Manifesto da marca (para inspirar colaboradores, parceiros e público-alvo)
    - Touchpoints cruciais da experiência na interação com a marca dos Açores e os seus atributos
    - Framework de Marketing e Parcerias
 

*A empresa criará uma estrutura para orientar futuras ativações da marca pela equipa e parceiros. Essa estrutura incluirá:*

      - Narrativa da marca e como aplicá-la

- Princípios orientadores para campanhas de marca
  - Princípios orientadores para campanhas de marketing
  - Princípios orientadores para parcerias
- Novos princípios orientadores para o programa do selo da Marca Açores
- Outputs
  - Framework da Marca e ferramentas para aplicação do mesmo (identidade, sonoridade, experiência)
  - Framework da Cultura da Marca
  - Framework de Marketing
  - Framework de Parcerias
  - Workshops
    - Produto
    - Serviço
  - Novo programa de Selo(s) Marca Açores
    - Níveis
    - Requerimentos
      - Formação
      - .... na certificação do produto, serviço ou espaço
      - Engagement (participação na plataforma de comunidade)

# **AÇORES: NO CENTRO DO MUNDO**







# REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

Autonomia constitucional desde: 1976 Área: 2.322,00 km² População: 242.821 h Densidade populacional: 104 h/km²

1

## ILHA DE SANTA MARIA

1ª ILHA A SER DESCOBERTA

**Coordenadas:**

36° 58' 24" N, 25° 05' 40" O

**Área:** 97,18 km²

**População:** 5.620 h

**Densidade populacional:**  
57 h/km²

**Ponto mais alto:** 587 m

**Cidades:** –

**Vilas:** 1 (Vila do Porto)

**Freguesias:** 5

**Órgãos da autonomia:** –

**Cognomes:** Ilha Amarela

**Alcunhas da população:**

Cagarros

2

## ILHA DE SÃO MIGUEL

2ª ILHA A SER DESCOBERTA

**Coordenadas:**

37° 47' N 25° 30' O

**Área:** 744,6 km²

**População:** 137.229 h

**Densidade populacional:**  
184 h/km²

**Ponto mais alto:** 1.103 m

**Cidades:** 3 (Ponta Delgada, Ribeira Grande e Lagoa)

**Vilas:** 3 (Vila Franca do Campo, Povoação e Nordeste)

**Freguesias:** 65

**Órgãos da autonomia:**

sede da Presidência do Governo Regional

**Cognomes:** Ilha Verde

**Alcunhas da população:**

Coriscos; Almas-de-Pau

3

## ILHA TERCEIRA

3ª ILHA A SER DESCOBERTA

**Coordenadas:**

38° 43' N 27° 12' O

**Área:** 402,2 km²

**População:** 55.179 h

**Densidade populacional:**  
140 h/km²

**Ponto mais alto:** 1.021 m

**Cidades:** 2 (Angra do Heroísmo e Praia da Vitória)

**Vilas:** –

**Freguesias:** 30

**Órgãos da autonomia:**

sede do Representante da República

**Cognomes:** Ilha de Nosso Senhor Jesus Cristo;

Ilha Lilás

**Alcunhas da população:**

Rabos-Tortos; Alferes

4

## ILHA GRACIOSA

4ª ILHA A SER DESCOBERTA

**Coordenadas:**

39° 03' N, 28° 01' O

**Área:** 61,00 km²

**População:** 4.217 h

**Densidade populacional:**  
70 h/km²

**Ponto mais alto:** 402 m

**Cidades:** –

**Vilas:** 1 (Santa Cruz da Graciosa)

**Freguesias:** 4

**Órgãos da autonomia:** –

**Cognomes:** Ilha Branca

**Alcunhas da população:**

Burros; Alcavaços;

Tinhosos

5

## ILHA DE SÃO JORGE

5ª ILHA A SER DESCOBERTA

**Coordenadas:**

38° 37' 40" N, 28° 01' 02" O

**Área:** 237,59 km²

**População:** 8.310 h

**Densidade populacional:**  
35 h/km²

**Ponto mais alto:** 1.053 m

**Cidades:** –

**Vilas:** 2 (Velas e Calheta)

**Freguesias:** 11

**Órgãos da autonomia:** –

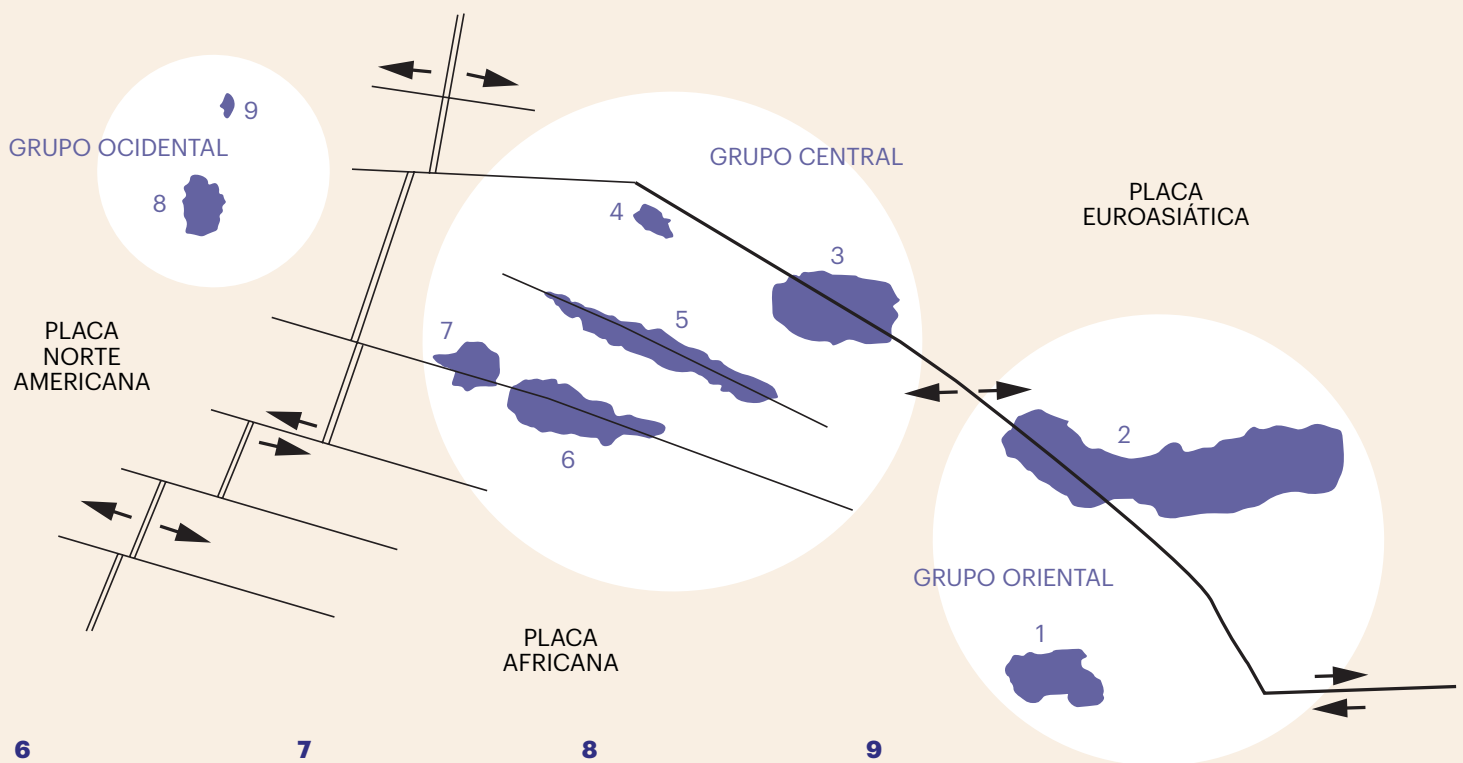
**Cognomes:** Ilha-Dragão;

Ilha Castanha

**Alcunhas da população:**

Patacos-Falsos; Capitães;

Inhameiros



6

## ILHA DO PICO

6ª ILHA A SER DESCOBERTA

**Coordenadas:**

38° 28' 19" N 28° 21' 50" O

**Área:** 447,00 km²

**População:** 13.644 h

**Densidade populacional:**  
30 h/km²

**Ponto mais alto:** 2.351 m

**Cidades:** –

**Vilas:** 3 (Madalena, São Roque e Lajes do Pico)

**Freguesias:** 17

**Órgãos da autonomia:** –

**Cognomes:** Ilha-Montanha;

Ilha Cinzenta

**Alcunhas da população:**

Picarotos; Cachalotes

7

## ILHA DO FAIAL

7ª ILHA A SER DESCOBERTA

**Coordenadas:**

38° 34' 37" N, 28° 42' 10" O

**Área:** 173,00 km²

**População:** 14.532 h

**Densidade populacional:**  
86 h/km²

**Ponto mais alto:** 1.043 m

**Cidades:** 1 (Horta)

**Vilas:** –

**Freguesias:** 13

**Órgãos da autonomia:**

sede da Assembleia Legislativa Regional

**Cognomes:** Ilha Azul

**Alcunhas da população:**

Contrabandistas; Madraços

8

## ILHA DAS FLORES

8ª ILHA A SER DESCOBERTA

**Coordenadas:**

39° 28' N, 31° 13' O

**Área:** 144,00 km²

**População:** 3.628 h

**Densidade populacional:**  
25 h/km²

**Ponto mais alto:** 914 m

**Cidades:** –

**Vilas:** 2 (Santa Cruz das Flores e Lajes das Flores)

**Freguesias:** 11

**Órgãos da autonomia:** –

**Cognomes:** Ilha Rosa

**Alcunhas da população:**

Lapujos

9

## ILHA DO CORVO

9ª ILHA A SER DESCOBERTA

**Coordenadas:**

39° 40' 19" N 31° 06' 42" O

**Área:** 17,00 km²

**População:** 465 h

**Densidade populacional:**  
27 h/km²

**Ponto mais alto:** 720 m

**Cidades:** –

**Vilas:** 1 (Vila do Corvo)

**Freguesias:** –

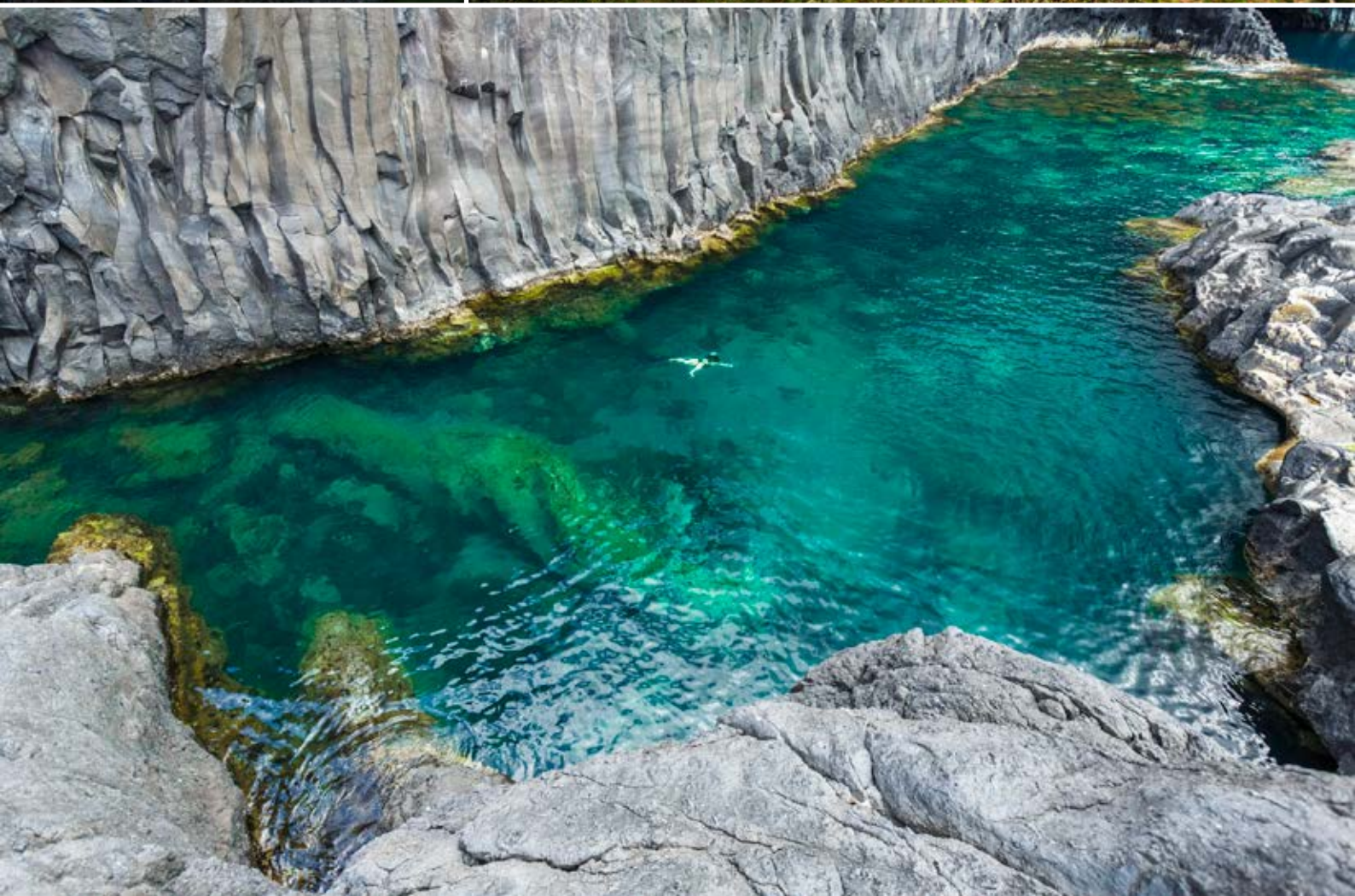
**Órgãos da autonomia:** –

**Cognomes:** Ilha Preta

**Alcunhas da população:**

Águias

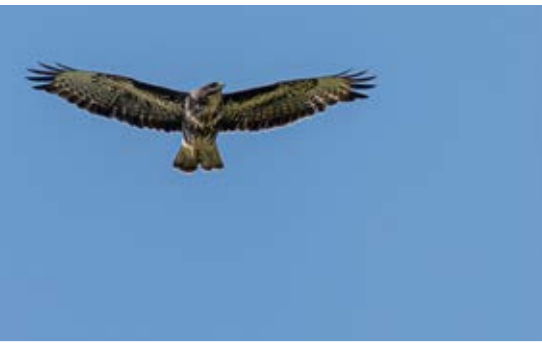






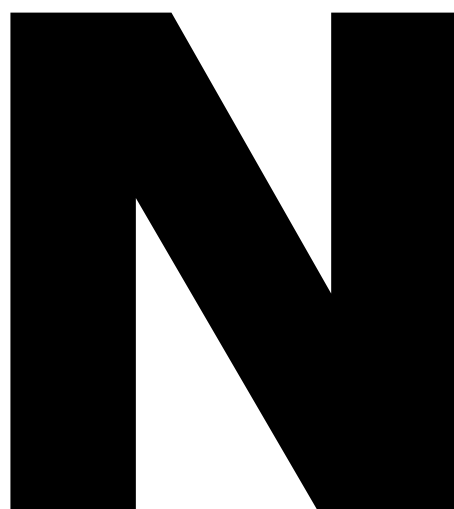






**DUARTE FREITAS**

*Secretário regional da Juventude,  
Qualificação Profissional e Emprego*



**ÃO VALE A PENA** deixarmo-nos a repetir clichés. Há muito tempo que, a cada crise social e económica, lançamos mão do velho recurso etimológico chinês – esse segundo o qual, em mandarim, as ideias «crise» e «oportunidade» podem ser expressadas com a mesma palavra – e há outro tanto que sabemos que nem sempre os termos são sinónimos, ou subsidiários, ou sequer gregários. Às vezes uma crise é apenas uma crise e, outras tantas, uma boa oportunidade surge mais depressa da abundância do que da escassez.

Mas há pelo menos um lugar no mundo onde os grandes saltos da história surgiram efectivamente na sequência dos maiores tormentos. Esse lugar é o arquipélago

dos Açores. Vulcões e terremotos, secas, crises financeiras e epidemias: quase sempre os acontecimentos mais adversos resultaram em ciclos de desenvolvimento social, económico e cultural sem precedentes em várias gerações.

Porque faz de facto parte do ADN dos açorianos, essa capacidade de renascer e reconstruir que tão bem João Bosco Mota Amaral resumiu na sequência do terremoto de 1980, o primeiro grande teste à nossa então jovem autonomia: «Agora, há que enxugar as lágrimas e arregaçar as mangas!» Hoje, as ilhas afectadas por esse advento são diferentes – para melhor. E a verdade é que a pandemia da covid-19, sendo um contratempo tão colossal para o rumo dos Açores como para a marcha do mundo, pode realmente constituir o catalisador de novo salto.



Eis o que pretende propiciar o projecto para a reconceptualização da Marca Açores, com que o Governo Regional se comprometeu desde o primeiro momento.

Estamos perante enormes desafios. Num tempo de incertezas, em que os noticiários gravitam em torno de problemas sanitários e divisões políticas, a marca de uma região ou país é ainda mais importante. Por entre a desconfiança, o medo e a exasperação, com palavras como «quarentenas» ou «distanciamento» por banda sonora e os êxodos em massa de regiões hiperpopulosas por pano de fundo, aparecerão novas oportunidades estratégicas para territórios, economias e povos com determinadas características.

Muitas regiões do país e do mundo, na tentativa de se reposicionarem, hão-de reduzir a medição da respectiva robustez à leitura das estatísticas, da demografia ao produto interno bruto, das indústrias consolidadas aos projectos há muito postos de parte. Os Açores estão determinados a olhar além do óbvio. E, para isso, sabem que precisam de regressar ao essencial. Ao abraçarmos (apesar de tudo) o dito «novo normal», esforçamo-nos, portanto, por dar um passo atrás e reanalisar a estratégia. Tentando aquilatar do valor do que é e do que pode ser a nossa marca enquanto região e enquanto identidade. Em busca da resposta para as perguntas fundamentais:

– O que faz dos Açores os Açores?

– E quais desses atributos devem ser postos em evidência para garantir dos forasteiros – e dos próprios açorianos – um esforço para viverem, investirem, visitarem, comprarem, contribuírem, recriarem e recomendarem os Açores e os produtos açorianos, nos Açores e nos produtos açorianos, para os Açores e para os produtos açorianos?

Pela primeira vez na história, pois, partimos à procura da (re)definição da marca dos Açores. Acompanha-nos toda uma equipa de analistas, responsáveis governativos, cientistas, matemáticos, estrategos e publicistas, mas também escritores, poetas, artistas e até futebolistas. E acompanham-nos algumas certezas: a de que os Açores são uma região confiante e influente, onde reina a estabilidade política e a tolerância; uma região economicamente evoluída e inovadora, de confiança, com a respeitabilidade, a fiabilidade e a honestidade necessárias; uma região segura, autêntica e dotada de uma qualidade de vida rara nos dias de hoje.

Constituir uma narrativa a partir da extensa teia em que estes 45 anos de autonomia constitucional ramificaram os nossos recursos, os nossos modelos de desenvolvimento e as nossas expectativas – o objectivo agora é esse. No mundo aberto em que voltamos a viver, provavelmente ainda mais aberto em resultado daquilo a que tantos já chamam «os loucos anos 20», a marca de um país ou de uma região será mais central que nunca.

Construir a marca dos Açores é construir os Açores. É um trabalho não só para todos os açorianos, mas de todo os açorianos. E começa aqui.









## **GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES**

SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO

Coordenação-geral: **Roberto Lino/Azores X**

Texto e coordenação de edição: **Joel Neto**

Fotografia e edição de imagem: **António Araújo**

Design: **Rui Leitão**

Créditos fotográficos suplementares: *Álvaro Miranda* (págs. 256, 261, 358 e 365), *Antero Ávila* (pág. 6), *Casa do Açores do Rio Grande do Sul* (pág. 384), *Emanuel Raimundo/Rope Adventures* (pág. 376), *Foto Jovial* (pág. 44), *Frederico Fournier* (pág. 148), *Fundação INATEL* (pág. 203), *GRATER* (pág. 340), *Joel Neto* (págs. 360, 382, 386, 395, 398 e 402), *Jorge Rebêlo* (págs. 337), *José Manuel Moreira Rato Rosa-propriedade/ Direção Regional da Cultura, digitalização* (págs. 148 e 158), *J. Edgardo* (pág. 74), *João Bruges/ Octopus* (págs. 128, 172 e 369), *Jorge Góis* (pág. 265 e 270), *Marca Açores* (págs. 233, 235, 308, 312 e 315), *Mário Silva/BPARLSR* (págs. 54, 148, 155, 156, 157 e 162), *Museu de Angra do Heroísmo* (pág. 61), *Museu da Horta* (pág. 60), *Naval History and Heritage Command* (pág. 58), *Nélson Ponta-Garça* (págs. 382, 388 e 391), *Paula Costa* (pág. 362), *Paulo Henrique Silva/Siaram* (págs. 116, 122, 124 e 131), *Pedro Silva* (págs. 118, 124 e 256), *Pestana Bahia Praia* (pág. 203), *Pocinho Bay* (pág. 198), *Rui Messias/ Diário Insular* (págs. 44 e 57).

---





## MANIFESTO

Eis os que sobreviveram aos terremotos,  
que enfrentaram baleias,  
que se espalharam pelo mundo.  
Eis a terra que levaram nas botas  
a terra a que regressaram,  
e em cujas escarpas reverbera ainda a sua respiração.

Açores,  
ilhas de passado,  
ilhas do futuro.

Acordar todos os dias no desejo de melhorar as nossas vidas. De sentir.  
De viver experiências com que, até aqui, apenas sonhámos.

O negócio de uma vida.  
Uma festa de sabores.  
A onda como nenhuma outra.

Subir a montanha mais alta em busca do nascer-do-sol perfeito.  
Abrir a porta da casa onde se sonha amadurecer.  
Assistir ao nascimento de um primogénito.  
Contratar o primeiro empregado.

Um regresso ao ventre materno.  
A alma para lá da vertigem quotidiana – preenchida de novo.  
O reencontro com o lugar que nem se sabia estar perdido.  
Um lugar de intimidade. De regresso à essência.  
Ao essencial.

Açores.  
Um só na sua diversidade. A fronteira da Europa.

Amanhecer na excitação do trabalho por fazer. Imaginar. Criar.  
O mar que nos separa e nos une.  
Quatro estações num dia. O calor da chuva. O aroma da terra.

A nossa demanda eterna.  
Surpresa. Mistério. O último paraíso da Terra.

Açores.  
O Momento Perfeito.





## ÍNDICE

<b>17</b>	A GEOGRAFIA E O CLIMA DOS AÇORES
<b>43</b>	A HISTÓRIA DOS AÇORES
<b>69</b>	A AUTONOMIA DOS AÇORES
<b>93</b>	A NATUREZA E A PAISAGEM DOS AÇORES
<b>115</b>	O AMBIENTE E A CONSERVAÇÃO AMBIENTAL DOS AÇORES
<b>147</b>	AS CATÁSTROFES NATURAIS DOS AÇORES
<b>171</b>	O MAR DOS AÇORES
<b>197</b>	O TURISMO & LAZER DOS AÇORES
<b>223</b>	A ECONOMIA DOS AÇORES
<b>255</b>	AS FESTAS DOS AÇORES
<b>279</b>	O ESPÍRITO SANTO DOS AÇORES
<b>307</b>	A GASTRONOMIA E OS VINHOS DOS AÇORES
<b>331</b>	A CULTURA DOS AÇORES
<b>357</b>	O DESPORTO DOS AÇORES
<b>381</b>	A DIÁSPORA DOS AÇORES
<b>407</b>	CONCLUSÃO

---



«Proponho estabelecer nos Açores  
um posto avançado, cuja missão seria:

1. observar o surgimento de alguns distúrbios  
atmosféricos, que parecem formar-se  
nesta região do Atlântico;
2. corrigir a previsão de rumo de outros que parecem  
ameaçar as costas da Europa.»

---

**ALBERT I PRINCE DU MONACO**

*On the Meteorological Observations of the Azores  
(in Proceedings of the Royal Society of London), 1898*





# **A GEOGRAFIA E O CLIMA DOS AÇORES**

3









# OS NOSSOS OSSOS MERGULHAM NO MAR

«A geografia, para nós», escreveu Vitorino Nemésio, «vale outro tanto como a história.» E, de algum modo, tudo vem realmente dela: a descontinuidade da terra, a infinitude do mar, as flutuações da meteorologia – tudo isso que molda o carácter de um povo capaz de se deprimir e celebrar a vida, de chorar os terramotos e arregaçar as mangas, de partir para sempre sem (apesar disso) alguma vez ter saído.

---

«**C**OMO HOMENS, estamos soldados historicamente ao povo de onde viemos e enraizados pelo habitat a uns montes de lava que soltam da própria entranha uma substância que nos penetra.» Escreveu-o Vitorino Nemésio, epítome das letras dos Açores e referência maior do século XX português, no artigo *Açorianidade*, publicado em 1932 na revista *Insula*, por ocasião do V Centenário do Descobrimento dos Açores. «A geografia, para nós, vale outro tanto como a história, e não é de balde que as nossas recordações escritas inserem uns cinquenta por cento de relatos de sismos e enchentes. Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar.»

Transcorrido quase um século, a definição perdeu tudo menos acuidade. Vários terramotos, um grande vulcão, bastos adventos políticos e muita imigração depois,

---



os açorianos ganharam autonomia, projecção europeia, um lugar no mundo. E, porém, tudo parece continuar ali: na geografia. No espartilhamento da terra. No mar imenso por que ela se espraia. Nos vulcões que rugem debaixo da terra. No clima que se abespinha por cima dela. Na solidão e na procura do outro – essa procura que o *desterro* (para usar nova expressão de Nemésio, inscrita noutro dos seus variados textos sobre o tema) ao mesmo tempo impõe e desperta. Em suma, no confinamento que é desafio, na mágoa que é também tenacidade e no medo que é sobretudo coragem.

### **O MAIOR MAR DA UNIÃO EUROPEIA**

Situados no coração do Atlântico Norte, em plena junção de três placas tectónicas diferentes – a Placa Euro-Asiática, a Placa Norte-Americana e a Placa Africana, separadas pela Crista Média Atlântica e a Zona de Falha Transcorrente Açores-Gibraltar –, os Açores são um arquipélago transcontinental (embora geralmente englobado na Europa) com um total de nove ilhas, 68 ilhéus (ou conjuntos de ilhéus), uma área de 2333 km<sup>2</sup> e, segundo o censo de 2011, 246.772 habitantes. As suas ilhas estendem-se ao longo de mais de 750 km de mar, e a jurisdição marítima conjunta, a maior de entre todas as regiões da União Europeia, contribui com cerca de 953 mil km<sup>2</sup> para os



1,7 milhões de km<sup>2</sup> que proporcionam a Portugal a terceira mais extensa zona económica exclusiva do Velho Continente, vigésima a nível mundial.

As ilhas, consideradas parte da região biogeográfica da Macaronésia, dividem-se em três grupos, alinhados obliquamente no sentido ESE-WNW e situados entre os graus 36 e 39 N e os graus 25 e 31 W: Grupo Oriental (Santa Maria e São Miguel), Grupo Central (Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial) e Grupo Ocidental (Flores e Corvo), os primeiros dois assentes sobre a Placa Euro-Asiática e este último sobre a Placa Norte-Americana. Lisboa fica a 1643 km para Leste, Nova Iorque a 3889 km para Oeste, Reiquiavique a 2871 km para Norte e a ilha de João Pessoa, no Brasil, a 4994 km para Sul. A evolução demográfica das últimas décadas denota um crescimento moderado, mas desigual, com concentrações cada vez maiores nas ilhas de maior actividade económica e administrativa. Quase 80% da população dos Açores vive hoje em São Miguel (137.699 habitantes) e na Terceira (56.062), ao passo que ilhas como as Flores (3791) ou o Corvo (430) vêm perdendo contingente ou sentindo dificuldades em ganhá-lo.

## RUMO AOS SEIS SÉCULOS DE HISTÓRIA

«Meio milénio de existência sobre tufo vulcânicos», insiste Nemésio, «por baixo de nuvens que são asas e bicharocos que são nuvens, é já uma carga respeitável de tempo.» A caminho dos seis séculos de presença humana continuada, os Açores há muito garantiram – e reiteraram – o seu lugar na história. Foram porto de escala para a grande aventura da expansão global europeia (a partir do século XV); ajudaram na conquista e na defesa das praças portuguesas do Norte de África (em diferentes momentos nos séculos seguintes); constituíram-se baluartes de resistência durante a crise de sucessão no Reino de Portugal (1580) e as Guerras Liberais (1828-1834); forneceram apoio estratégico às forças aliadas em ambas as guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945); e mantêm-se, até hoje, um centro de comunicações e apoio vital para a aviação militar e comercial dos dois lados do Atlântico. E isto foi apenas depois das descobertas, ou – mais bem dito – do estabelecimento dos exploradores portugueses, que apenas por convenção a historiografia fixa no segundo quartel do século XV. De facto, a análise de mapas genoveses de meados do século anterior leva alguns historiadores a admitirem que as ilhas já eram conhecidas antes da chegada das caravelas. Achados recentes conduzem mesmo a teses, defendidas por especialistas de diferentes disciplinas, segundo as quais as

Tudo parece estar  
ainda na geografia.  
Na solidão e na  
procura do outro.  
No confinamento  
que é desafio,  
na mágoa que  
é também tenacidade  
e no medo que é  
sobretudo coragem











ilhas foram povoadas ainda na Pré-História. Mas, de qualquer maneira, o que ninguém discute é a origem vulcânica do arquipélago. A começar por Santa Maria (nascida há 8,10 milhões de anos) e a terminar no Pico (há 0,27 milhões), com São Miguel (4, M10 M), Terceira (3,52 M), Graciosa (2,50 M), Flores (2,16 M), Faial (0,70 M), Corvo (0,70 M) e São Jorge (0,55) de permeio.

### **ENXUGAR AS LÁGRIMAS, ARREGAÇAR AS MANGAS**

Na verdade, a situação geográfica, conferindo às ilhas importância estratégica e política, apenas explica uma parte do superlativo contributo das condições naturais – tectónicas, geológicas, oceanográficas, climáticas – para aquilo a que talvez possa chamar-se a identidade do arquipélago. Muito do que os Açores e os açorianos são, e provavelmente sempre foram, pode bem estar na posição relativa das ilhas, do espartilhamento da terra às distâncias entre porções. Porque nove pedaços de terra dispersos por centenas de quilómetros de mar, às vezes com a ilha vizinha desenhada no horizonte e outras apenas adivinhada para lá das neblinas e dos nevoeiros, não impõem apenas a necessidade de uma replicação de esforços na construção de infraestruturas (desde logo, nove portos, nove aeroportos e um número sempre crescente de serviços de saúde e educação). Impõem também a capacidade de olhar de frente a solidão. E quem conheça o povo dos





Açores, tanto quanto a própria natureza humana, sabe o quão poderoso é esse afrodisíaco. Os açorianos são aqueles que sobreviveram aos terremotos, que lutaram com baleias, que se espalharam pelo mundo. São os que enxugaram as lágrimas e arregaçaram as mangas. São os que escolheram a esperança e a transformaram em determinação: em busca de uma resposta, em busca de intimidade com a sua própria terra, tantas vezes hostil, em busca do semelhante que lhes foge e a que estendem o braço – em busca da sua essência ou, pelo menos, de um sentido. Como em Nemésio, mais uma vez: «Uma espécie de embriaguez do isolamento impregna a alma e os actos de todo o ilhéu, estrutura-lhe o espírito e procura uma fórmula quási religiosa de convívio com quem não teve a fortuna de nascer, como o logos, na água.»

Daí que Raul Brandão, precursor do expressionismo em Portugal, tenha insistido no conceito de «ilha em frente». Em 1924, já consagrado como um dos mais importantes escritores do seu tempo, o autor de *Húmus* decidiu empreender numa viagem de reconhecimento pelos arquipélagos dos Açores e da Madeira, da qual resultou, dois anos depois, a publicação de um dos seus mais importantes relatos: *As Ilhas Desconhecidas*. «Já percebi que o que as ilhas têm de mais belo e as completa é a ilha em frente – o Corvo as Flores, o Faial o Pico, o Pico São Jorge, São Jorge a Terceira e a Graciosa...» Inevitavelmente, o mar não é, entre essas ilhas, o que as separa, mas o que as une. E a modernidade não deixou de se empenhar em espelhá-lo, inclusive do ponto de vista administrativo: as ilhas não têm hoje existência jurídica individual – nem a região uma capital.

Os açorianos  
são aqueles que  
sobreviveram aos  
terramotos, que lutaram  
com baleias,  
que se espalharam pelo  
mundo. São os que  
escolheram a esperança  
e a transformaram  
em determinação

## AUTONOMIA E MODERNIDADE

Eis a quanto chega a «açorianidade subjacente que o desterro afina e exacerba», para não perdemos de vista o autor de *Açorianidade*. Nenhum açoriano sabe exactamente aquilo que é. Não sabe se é terra ou água, se se é ilha ou continente, se se é carne ou pedra. Não sabe se é gente, se é sereia – não sabe sequer se a terra em que se enraíza de facto lhe precede. Mas é precisamente da vertigem dessas dúvidas que faz mote criativo, mecanismo de sociabilização e curiosidade infinita. Só no Brasil, fundou 17 cidades. Em casa, sob o vento e o nevoeiro, por cima de vulcões e terremotos, construiu uma sociedade tão autêntica, honesta e livre quanto ainda pode ser uma sociedade ocidental. Uma região segura e estável, zelosa da sua herança cultural, briosas da sua paisagem e decidida a protegê-las a ambas. Uma região crescentemente tolerante e de braços abertos à diferença, onde se praticam a liberdade de expressão e o pluralismo ideológico – uma



região respeitável, confiante, tão única na sua diversidade como diversa na sua unidade.

É nesse edifício de qualidades, inatas ou adquiridas, que assentam os prémios internacionais de qualidade de vida conquistados pelo arquipélago, as diferentes ilhas ou os concelhos que estas compreendem. Como é nele, no todo ou em parte, que nascem as loas que tantos estrangeiros ilustres lhes dedicaram – de Melville a Chateaubriand e de Júlio Verne a Winston Churchill, passando por André Thevet, Sir Walter Raleigh, Alberto I do Mónaco, Franklin Roosevelt ou Antonio Tabucchi, entre tantos outros. Muitos assinalaram a pobreza, o conservadorismo inato ou a escassez de mundo, problemas que a autonomia política e administrativa, conquistada em 1976, se tem esforçado por mitigar (ou já neutralizou). A poucos foram indiferentes a beleza, os recursos e as potencialidades – da terra, do mar e das próprias gentes.

Escreveu John Updike, em meados dos anos 1950: «Grandes navios verdes/ eis que navegam/ ancorados, para sempre;/ sob as águas// enormes raízes de lava/ prendem-nos firmes/ a meio do Atlântico/ ao passado.// Os turistas, pasmando/ do convés,/ proclamam aos guinchos lindas/ as encostas malhadas// de casinhas/ (confetti) e/ doces losangos/ de chocolate (terra)./ Maravilham-se com/ os campos graciosos/ e os socalcos/ feitos à mão para conter// os modestos frutos/ das vinhas e das árvores/ importados pelos portugueses.» Desde então, muito mudou. Os Açores tornaram-se atracção turística internacional, centro de negócios em expansão, polo de inovação nos mais diversos ramos do conhecimento e do desenvolvimento. A oferta





ganhou qualidade, o custo só se tornou – como diz a linguagem da economia – mais competitivo.

## A FRONTEIRA DA EUROPA

Subir à montanha mais alta em busca do nascer-do-sol perfeito. Surfar uma onda como nenhuma outra. Abrir a toalha de piquenique nas margens da lagoa encantadora – de qualquer uma de 66 lagoas encantadoras, repartidas por quase todas as ilhas. Tudo isso os Açores, na sua geografia exultante e no seu clima tão temperamental como temperado, proporcionam. Diz-se que exibem as quatro estações num só dia, e não raro visitam-na tanto os ventos alísios (e as suas poeiras roubadas ao Sara) como as tempestades tropicais provenientes das Caraíbas, Influenciam-nos em simultâneo a Corrente Oceânica dos Açores e a Corrente Oceânica do Atlântico Norte, braços da Corrente Oceânica do Golfo do México que se digladiam em torno das ilhas para as manterem amenas ao longo de todo o ano. A temperatura ambiente oscila entre os 12° C nas piores noites de Inverno e os 27° C nas melhores tardes de Verão – sem frio de rachar ou calor abrasador. A água do mar raramente baixa dos 15° C e pode perfeitamente chegar aos 25°. Evidentemente, a água potável nunca é problema, e menos ainda a fertilidade – sem elas nunca seria possível tanta beleza.

Pois ali acaba a Europa – bem na Ponta da Fajãzinha, extremo ocidental da ilha das Flores, dos Açores, de Portugal e do continente. O que confere ao arquipélago uma importância suplementar ainda: local estratégico ao longo de mais de 500 anos, estatuto expreso no seu formidável número de fortificações militares (233), ele permanece a meio caminho entre os outrora chamados Velho Continente e Novo Mundo, de que já se disse estarem hoje igualmente velhos e falidos – assistindo de longe, tristonhos e até subservientes, ao florescimento da Ásia –, mas que nunca desistiram de se renovar. Daí o empenho dos seus actuais governantes em «reforçar o papel» do arquipélago no mundo. Em «tirar partido» da respectiva posição geoestratégica – em busca da divulgação da sua própria oferta, do investimento vindo do exterior, da troca de saber científico e tecnológico e de um papel de progressiva liderança, por exemplo, a nível ecológico.

O mar não é o que  
separa as ilhas,  
mas o que as une.  
E a modernidade não  
deixou de espelhá-lo:  
hoje, nenhuma  
das ilhas tem  
existência jurídica  
individual – nem  
a região uma capital

## NO FIM COMO NO INÍCIO: O MAR

Donde, já agora, a urgência de refazer a convivência diária das ilhas com o mar. Carreira para o desconhecido e o futuro, ao mesmo tempo elo agregador e destino manifesto, o mar sempre foi também o lugar de onde vêm as tempestades. Baleeiros e pescadores,



dele retiraram sempre os açorianos grande parte do sustento, mas nele se perderam também inúmeras vidas. As ilhas mantêm-se povoadas sobretudo nas suas imediações, ao longo das costas marítimas, cujo casario alinhado persiste em contrastar com o verde pujante e livre do interior. Mas as freguesias, como as vilas e as cidades, continuam desenhadas e articuladas – grande parte delas – de costas voltadas para ele, tendência que os homens sempre explicaram com o argumento que com isso vigiavam as suas culturas e, ao mesmo tempo, cultuavam a Deus. E as diligências de tantos em fazer rodar sobre si mesmas as povoações nem sempre encontraram eco nas propensões e no quotidiano e das gentes.

A urgência, de resto, lê-se em Nemésio também. Aqui: «Quisera poder enfeixar nesta página emotiva o essencial da minha consciência de ilhéu. Em primeiro lugar o apego à terra, este amor elementar que não conhece razões, mas impulsos; e logo o sentimento de uma herança étnica que se relaciona intimamente com a grandeza do mar.» Ou ainda aqui, citando a frase Pío Baroja segundo a qual nascer junto do mar é «um augúrio de liberdade e de troca». «Escreveu a verdade. E muito mais quando se nasce mais do que junto do mar, no próprio seio e infinitude do mar, como as medusas e os peixes.» A Deus o que é de Deus, pois – mas às medusas o que é das medusas.





## ANTICICLONE DOS AÇORES

### **O SUPREMO EMBAIXADOR DO ARQUIPÉLAGO**

É UM DOS ELEMENTOS mais conspícuos do tanto que a geografia tem a oferecer ao quotidiano, à imagem e à própria identidade dos Açores. O Anticiclone dos Açores – também chamado Anticiclone do Atlântico Norte, Anticiclone Bermudas-Açores ou Anticiclone das Bermudas – é um enorme centro de altas pressões atmosféricas do sistema subtropical semipermanente situado junto ao arquipélago açoriano. Funciona em espelho com o ciclone da Islândia. Influencia o sistema, o clima e a meteorologia quotidiana de diferentes áreas das Américas, do Norte de África e, em especial, da Europa, proporcionando temperaturas elevadas e baixa humidade. Nenhum outro embaixador dos Açores reitera tão regularmente a sua projecção internacional, tanto quanto a do arquipélago. Estudiosos do aquecimento global defendem que se está a intensificar.







## MONTANHA DO PICO

# O LUGAR MAIS ALTO DE PORTUGAL

TEM 2351 METROS de altitude e o estatuto de estratovulcão. A montanha mais alta de Portugal fica nos Açores, na ilha do Pico, e é escalada anualmente por milhares de visitantes. Das suas encostas é possível observar todas as ilhas do Grupo Central, e em nenhum outro ponto da região se pode adquirir uma tão evidente noção de arquipélago. Ponto mais elevado da dorsal meso-atlântica, cordilheira submarina que se estende sob o Oceano Atlântico e o Oceano Ártico, tem um isolamento topográfico de 1451 km, a distância que medeia a ilha do Pico de Roque de los Muchachos, nas Canárias. Ao todo, e medindo a partir da zona abissal contígua, o edifício vulcânico tem perto de cinco quilómetros de altura, embora quase metade esteja submersa. Grande parte da montanha cobre-se de neve durante largas porções do Inverno, mas a flora permanece interessante ao longo de todo o ano.







## O ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES

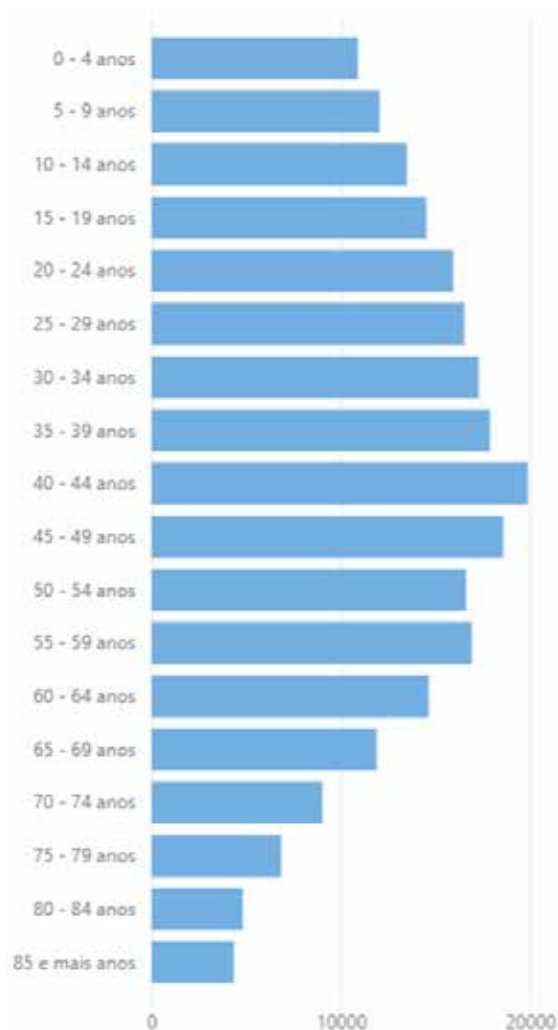
Coordenadas, áreas e ponto mais alto de cada uma das ilhas

	São Miguel	Santa Maria	Terceira	Faial	Pico	São Jorge	Graciosa	Flores	Corvo	Total
<b>Área Total</b> 	744,7 km <sup>2</sup> 32,03%	97 km <sup>2</sup> 4,17%	401,9 km <sup>2</sup> 17,29%	173,1 km <sup>2</sup> 7,45%	444,9 km <sup>2</sup> 19,14%	243,9 km <sup>2</sup> 10,49%	60,9 km <sup>2</sup> 2,62%	141,4 km <sup>2</sup> 6,08%	17,1 km <sup>2</sup> 0,74%	2324,9 km <sup>2</sup> 100%
<b>Coordenadas</b> 	37°48'34" N 25°12'40" W	36°58'59" N 25°05'26" W	38°43'47" N 27°19'11" W	38°34'34" N 28°42'47" W	38°28'07" N 28°23'58" W	38°39'02" N 28°04'27" W	39°01'17" N 27°57'59" W	39°27'48" N 31°13'13" W	39°41'58" N 31°06'55" W	
<b>Ponto Mais Alto</b> 	Pico da Vara 1105 m	Pico Alto 587 m	Serra de Santa Bárbara - 1021 m	Cabeço Gordo 1043 m	Piquinho 2350 m	Pico da Esperança 1053 m	Caldeira 405 m	Morro Alto 911 m	Zona Estreitolinho 720 m	

FONTE: UNIVERSIDADE DOS AÇORES, CENSUS 2011

## PIRÂMIDE ETÁRIA

População residente dos Açores por grupo etário



FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, CENSUS 2011



**A METEOROLOGIA DOS AÇORES**

Temperatura e precipitação por ilha em 2018

**TEMPERATURA MÉDIA DO AR POR ESTAÇÃO METEOROLÓGICA EM 2018**

	Mês mais quente				Mês mais frio			
	Mês	Média da temperatura mensal			Mês	Média da temperatura mensal		
		<u>Média</u>	<u>Mínima</u>	<u>Máxima</u>		<u>Média</u>	<u>Mínima</u>	<u>Máxima</u>
		°C				°C		
Estação meteorológica								
FLORES: Santa Cruz das Flores/Aeroporto	Agosto	24,3	20,8	27,7	x	x	x	x
CORVO: Corvo/Aeroporto	Agosto	24,9	22,3	27,5	Fevereiro	14,9	12,5	17,2
FAIAL: Horta/Obs. Príncipe Alberto Mónaco	Agosto	24,3	20,9	27,6	Fevereiro	14,6	11,9	17,3
TERCEIRA: Angra do Heroísmo/Obs. José Agostinho	Agosto	23,1	20,4	25,8	Fevereiro	x	x	x
SÃO MIGUEL: Ponta Delgada/ <u>Nordela</u>	Agosto	23,3	20,0	26,5	Fevereiro	14,4	12,0	16,8
SÃO MIGUEL: Ponta Delgada/Obs. Afonso Chaves	Agosto	23,9	20,4	27,4	Fevereiro	15,1	12,3	17,8
SANTA MARIA: Vila do Porto/Aeroporto	Setembro	23,6	20,5	26,7	Fevereiro	15,2	12,5	18,0
GRACIOSA: Santa Cruz da Graciosa/Aeródromo	Agosto	23,7	20,4	27,0	Fevereiro	14,3	11,6	17,0
SÃO JORGE: Velas/Aeródromo	Agosto	23,2	19,7	26,7	Fevereiro	13,9	11,3	x
SÃO MIGUEL: Nordeste	Agosto	22,1	19,1	25,0	Fevereiro	13,5	11,1	15,9

FONTE: INSTITUTO PORTUGUÊS DO MAR E DA ATMOSFERA

**PRECIPITAÇÃO POR ESTAÇÃO METEOROLÓGICA EM 2018**

	Dias sem precipitação <u>&lt;1mm</u>	Dias c/ precipitação > 10mm		Dias c/ precipitação > 30mm		Máxima precipitação diária	Mês com maior precipitação		Mês com menor precipitação	
		Nº	Desvio face à normal <u>1971-2000</u>	Nº	Desvio face à normal <u>1971-2000</u>		Designação	Total	Designação	Total
	Dias	mm		mm		mm				
Estação meteorológica										
FLORES: Santa Cruz das Flores/Aeroporto	x	x	x	x	x	x	Dezembro	281,5	Agosto	50,2
CORVO: Corvo/Aeroporto	245	23	x	2	x	32,6	Dezembro	147,6	Maio	10,1
FAIAL: Horta/Obs. Príncipe Alberto Mónaco	253	20	- 9	1	- 4	30,7	Novembro	136,7	Maio	5,2
TERCEIRA: Angra do Heroísmo/Obs. José Agostinho	265	22	- 12	2	- 4	45,1	Dezembro	132,5	Junho	4,4
SÃO MIGUEL: Ponta Delgada/ <u>Nordela</u>	260	28	1	4	- 1	53,3	Outubro	211,5	Maio	5,6
SÃO MIGUEL: Ponta Delgada/Obs. Afonso Chaves	259	21	- 9	2	- 3	40,5	Outubro	191,2	Maio	5,9
SANTA MARIA: Vila do Porto/Aeroporto	281	18	- 2	1	- 3	31,0	Outubro	154,8	Maio	1,1
GRACIOSA: Santa Cruz da Graciosa/Aeródromo	280	14	- 10	0	- 4	24,2	Março	117,1	Maio	5,9
PICO: Madalena/Aeródromo	251	37	x	4	x	53,5	Novembro	165,9	Julho	5,4
SÃO MIGUEL: Nordeste	211	46	- 3	9	- 3	69,6	Outubro	301,9	Agosto	12,1

FONTE: INSTITUTO PORTUGUÊS DO MAR E DA ATMOSFERA





MANUELA JULIANO,  
OCEANÓGRAFA

## **NOS AÇORES, HÁ SEMPRE UMA TARDE DE SOL À NOSSA ESPERA**

**Manuela Juliano tem 58 anos e é professora auxiliar da Universidade dos Açores. Licenciada em Ciências Geofísicas, doutorou-se em Oceanografia Física pela Universidade dos Açores com uma tese sobre o sistema de circulação oceânica tridimensional e o clima do Oceano Atlântico. Foi dela a descoberta da Corrente de Santa Helena, braço da Corrente do Brasil e espelho, no Hemisfério Sul, da setentrional Corrente dos Açores, por sua vez braço da Corrente do Golfo.**

*«Para perceber um clima singular como o dos Açores, é preciso perceber primeiro o sistema de correntes do Atlântico. A Corrente do Golfo, a mesma que oferece às regiões meridionais da Europa climas bem mais amenos do que os de regiões de latitude semelhante no nordeste do continente americano, tem dois braços: a Corrente do Atlântico Norte e a Corrente dos Açores. O arquipélago fica entre as duas, como uma espécie de enclave.*

*Ora, como as correntes têm energia associada, ou transportam calor, os Açores oscilam entre essas duas influências. Por exemplo, a ilha do Faial é em geral mais quente do que a Terceira: apesar de estarmos a falar de correntes com cristas e cavas, serpenteantes, o Faial é mais influenciado pela Corrente dos Açores e a Terceira pela Corrente do Atlântico Norte.*

*Claro que há outros factores. O próprio oceano conserva muito calor. Por exemplo, quando falamos em nevoeiros de Junho, falamos também do rápido aquecimento das águas no início do Verão. É esse calor que vai manter a temperatura das águas*



*elevada ao longo dos meses seguintes – um processo que, sendo relativamente lento, apenas se conclui em Setembro/Outubro, que são os meses com a água mais quente.*

*Mas, em geral, se os Açores têm Invernos menos rigorosos e Verões menos abrasadores do que o continente europeu, é por esse conjunto de armazenamentos de energia. Estão no limite do Vórtice Subtropical do Atlântico Norte, e isso dá-lhes uma meteorologia em regra mais temperada.*

*De resto, trata-se de um clima oceânico. Os oceanos são de algum modo mais previsíveis do que os continentes, pois têm maior inércia, mas ao mesmo tempo a posição geográfica do arquipélago deixa-o vulneráveis ora às tempestades do Oeste, ora aos ventos alísios de África. Vêm daí a heterogeneidade da sua meteorologia e a ideia das quatro-estações-num-dia.*

*No fundo, os Açores estão à mercê por todos os lados. E, salvo escalas mais pequenas, geradoras daquilo a que se chama microclimas – por exemplo, a montanha do Pico influencia significativamente o clima da ilha –, a meteorologia é inconstante. Por outro lado, não existem problemas com água potável ou com a fertilidade da terra.*

*Sou cientista, mas penso que todo este universo ajuda a enformar o carácter dos açorianos. O constante movimento da meteorologia também é o movimento interior das pessoas. Isso é extraordinário, por exemplo, para a literatura, mas não só.*

*Nós, açorianos, somos algo dados a estados depressivos, por um lado; e, por outro, também somos frequentemente muito tenazes. Reconstruímos e começamos de novo. Estamos habituados às tempestades, como estamos habituados aos terramotos. Em suma, sabemos que nenhum dia é igual ao anterior e que há sempre uma tarde de sol à nossa espera.*

*Basta olhar para as nuvens. E, se possível, fotografá-las. Gosto de fazer fotografia e estou atenta a isso: as nuvens transformam cada dia num dia único.*

*E, entretanto, é esse isolamento em que historicamente vivemos que nos empurra no sentido do outro. Da procura dele. Por isso somos tão integradores. Recebemos bem, bebemos o que chega e oferecemos de volta.*

*Por isso também nos espalhámos pelo mundo. Estamos em todo o lado. E, no entanto, continuamos aqui. Há sempre uma parte de nós que fica. Que não parte. Temos falta de ver o mar e queremos voltar.»*









---

## 8 DILEMAS PARA UMA ESTRATÉGIA DE MARCA

- Como explorar melhor a geografia fragmentada, a meteorologia neurótica e a oceanografia redentora em benefício da imagem dos Açores?
- Como diferenciar cada ilha, mas manter os Açores como um todo? Que espécie de trabalho de identidade deverá fazer-se por ilha?
- Como potenciar as ilhas com menor acesso? Pela lógica da exclusividade?
- Como unir os açorianos à volta dum conceito tipo “Cada Vez Mais Açores/Açoriano”
- Como potenciar o facto de os Açores terem sob jurisdição a maior zona exclusiva marítima da Europa e, portanto, (como poderia anunciar-se) «o maior mar do continente»?
- É possível transformar a chuva, os nevoeiros e as tempestades em geral num elemento de promoção das ilhas? E os terremotos? Que potencialidades e riscos se associam a esse esforço?
- Como parecem ter mantido os Açores a individualidade e a integridade, no que às questões geográficas (e relativas à paisagem física em geral) diz respeito, ao longo dos séculos? E como poderão mantê-las a partir daqui, num contexto globalizado? Quais são as suas fragilidades e quais são as suas ferramentas nessa demanda?
- Como evitar que uma maior atenção às ilhas, com inevitável acréscimo dos fluxos turísticos, implique desajuste, desequilíbrio, desestruturação e/ou devassa da paisagem ou da sociedade?



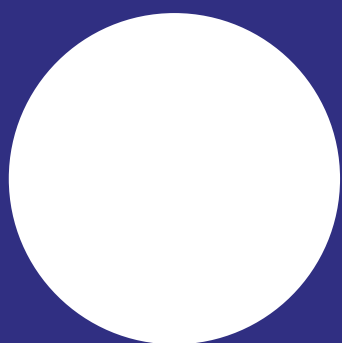
«No dia 4 deste mês de Novembro recebemos cartas da Terceira relatando que ainda há 3000 corpos de homens na ilha, recuperados dos navios afundados: pelo que os Espanhóis confessaram, há 1000 desaparecidos na tempestade, para além dos que pereceram entre as ilhas e o continente.»

---

**SIR WALTER RALEIGH**

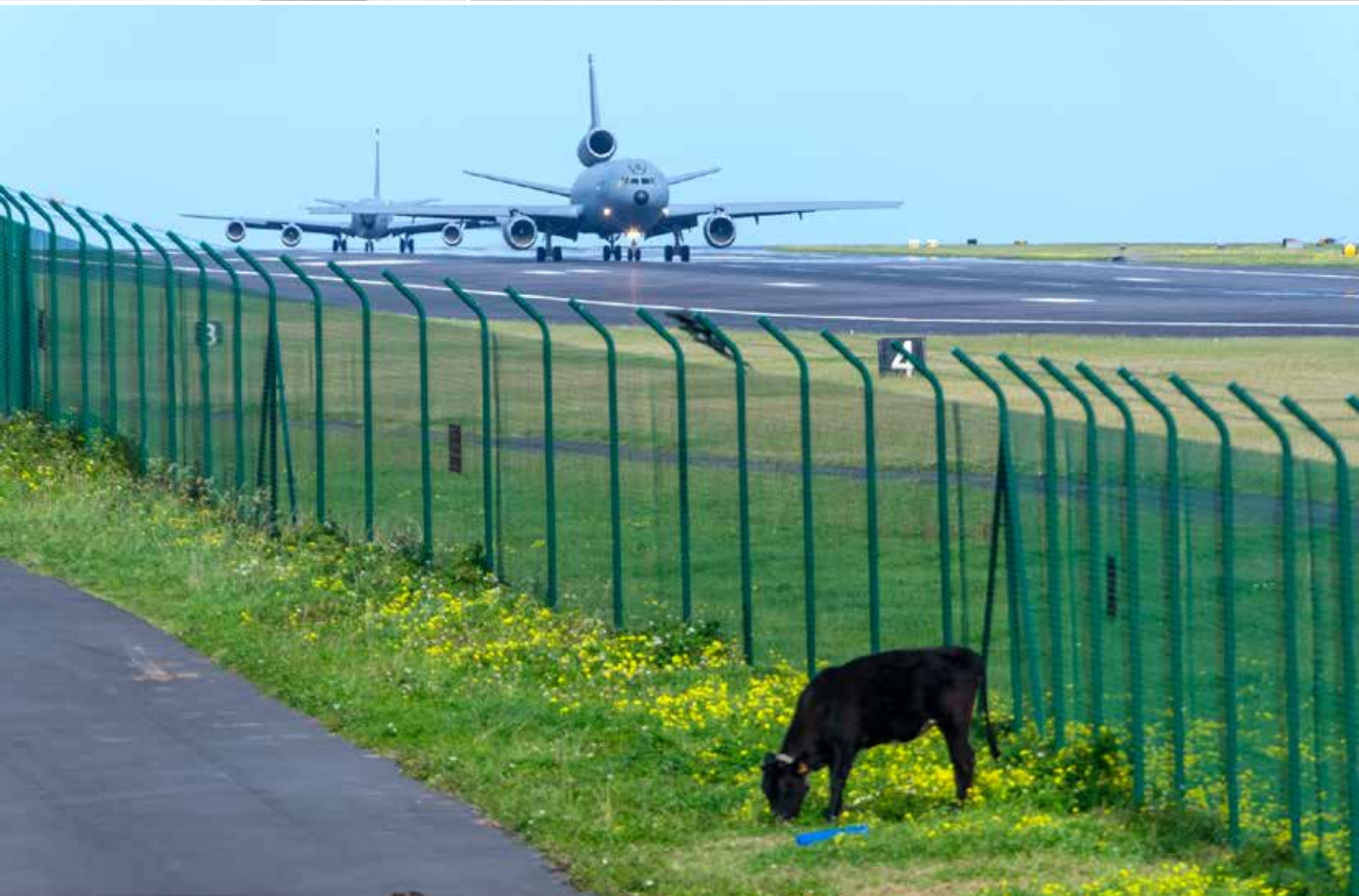
*A report of the Truth of the Fight about the Isles  
of Azores, this last summer, between the Revenge,  
one of Her Majesty's ships, and an Armada  
of the King of Spain, 1591*





# A HISTÓRIA DOS AÇORES







# A PEDRA ONDE TODA A GENTE PÔS O PÉ

Apertada entre o umbiguismo mais sombrio e o cosmos tantas vezes inabarcável, a imagem dos Açores, para muitos açorianos, tende a oscilar entre a megalomania e o miserabilismo. Nenhum deles se justifica. Povoadas há quase 600 anos, as ilhas açorianas têm uma longa história, que no entanto partilham com o mundo. E ambos, a história e o mundo, estão inscritos na sua paisagem, na sua arquitectura, na sua arte, nas tradições das suas gentes

---

**F** **ORAM ESCALA OBRIGATÓRIA** para a grande empresa da expansão europeia, iniciada no século XV, e contribuíram tanto para a conquista como, nos séculos seguintes, para a protecção das praças portuguesas do Norte de África. Resistiram como um baluarte ao longo da crise de sucessão no Reino de Portugal de 1580 e fizeram-se palco das guerras precipitadas pela demanda liberal do início do século XIX. Forneceram apoio estratégico às forças aliadas em ambas as guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945) e mantêm-se, até hoje, um centro de comunicações essencial para a aviação militar e comercial de ambos os lados do Atlântico.

Os Açores deram a Portugal os seus dois primeiros Presidentes da República (de 1910 em diante), e isso não aconteceu por acaso. Detentores a partir de 1895 de autonomia administrativa, acrescentaram sempre pensamento e cosmopolitismo ao país. Apesar disso, poucas vezes conseguiram conservar uma visão clara das proporções da sua própria história. Incapazes de abarcar a totalidade dos fios que a entretecem, muitos açorianos, em particular após o advento da autonomia constitucional (1976), viram-se empurrados para as malhas tentadoras do narcisismo, deixando-se a oscilar entre a megalomania e o





miserabilismo. Ambos serão igualmente desprovidos de sentido, e percebê-lo é o primeiro passo para compreender a real importância do passado na identidade e no próprio significado do arquipélago.

Quem hoje se passeie pelas ilhas dos Açores, conferindo a flora trazida das sete partidas do mundo, a arquitectura que serviu de laboratório tanto à experiência colonial portuguesa como à aprendizagem trazida dessa aventura, a arte (sacra e não só) para que confluem materiais, técnicas e influências recolhidos por todo o globo, as festas e a gastronomia e as tradições populares e a cultura onde esse infinito mosaico se combina de novas maneiras ainda – quem hoje empreenda nessa passeio sabe que a história das ilhas é, em primeiro lugar, a história do Atlântico e, de alguma maneira, do próprio mundo.

Mas, por outro lado, o mundo continua além dela. Visitar os Açores, hoje, é nada menos do que percorrer lugares, monumentos e memórias que desenham a própria biografia de boa parte da civilização ocidental. Neles se inscrevem ao mesmo tempo a luta contra a adversidade e a apaixonada curiosidade pelo forasteiro, supremos sinais exteriores da esperança – e tudo isso é observável a troco de uma viagem de avião e uma estadia de hotel, sem os custos ou os tormentos de tantos destinos massificados e/ou inflacionados pelas tipificações deluxe. As próprias autoridades regionais sabem, no entanto, que se impõe agora o passo seguinte: promover «o resgate da



história e das tradições» – como disse já em 2021 José Manuel Bolieiro, presidente do Governo Regional – em articulação com a afirmação dos Açores pela sua «excelência competitiva» e a modernização dos respectivos produtos e serviços.

## **TUDO O QUE NÃO SE SABE**

Os Açores foram oficialmente (se tal palavra tem cabimento aqui) descobertos ao longo do segundo quartel do século XV, mas já antes pareciam constar em diferentes mapas, atlas, portulanos e até manuscritos de distintas origens (e não só genovesa). Eram geralmente indicações imprecisas, fragmentadas e tantas vezes algo deslocadas no espaço, mas o facto é que o *Libro del Conoscimiento* (1345), texto anónimo atribuído a um frade mendicante andaluz, já fala em sete ilhas concretas – todas as actuais, menos a Graciosa e o Corvo –, seis com nomes distintos dos contemporâneos mas, inclusive, a de São Jorge já com essa designação. A explicação mais comum coloca o dito frade a bordo dos navios portugueses que, a mando de D. Afonso IV, levaram a cabo uma expedição (1340-1345) às Canárias.

Descobertas posteriores – incluindo supostas moedas na ilha do Corvo, uma dita estátua equestre na mesma ilha e estranhas inscrições nas falésias da ilha Terceira, entre muitas outras –, embora nunca integradas pela historiografia oficial, ajudam a defender teses segundo as quais os Açores poderão mesmo ter tido uma pré-história.

Seja como for, a partir de meados da década de 1420, o mar em torno do arquipélago fez-se visitar por diferentes géneros de expedição com cada vez mais regularidade. Diogo de Silves terá desembarcado em várias ilhas a partir de 1427. Gonçalo Velho chegou à futura Santa Maria em 1431, com o intuito de proceder a reconhecimentos e estabelecimentos, e a partir daí o arquipélago foi sendo ocupado até – em 1450 – Diogo de Teive fazer se apoderar das Flores e do Corvo.

Viriam a chamar-se todas, no seu conjunto – e embora haja registos de batismos anteriores, como «Ilhas Afortunadas» ou «Ilhas de São Brandão» –, Açores. E os motivos para isso também são alvo de discussão. Não era provável que os marinheiros confundissem açores com milhafres, a ave de rapina que de facto existe hoje nas ilhas, nem sequer que o arquipélago possuísse então milhafres, dependentes de

A privilegiada situação geográfica dos Açores deixava-os na rota da Volta do Largo, para que ventos e correntes empurravam as embarcações provenientes da Índia, de África, do Brasil e do mundo









uma ecologia que não se verificava realmente na altura. Justificações mais prováveis parecem ser a devoção de Gonçalo Velho a Santa Maria dos Açores, padroeira da freguesia de Açores, no actual concelho continental de Celorico da Beira, ou mesmo uma importação da designação italiana Azzurro (Azureus no latim), ou «Azul». Em todo o caso, é nova incerteza sobre o que configura a identidade original do arquipélago, o que de alguma maneira encontra ressonância nas ambiguidades que, até hoje, polvilham a visão que os açorianos cultivam de si mesmos.

## **NO CENTRO DO MUNDO**

A plena ocupação dos Açores é rápida e faz-se primeiro através do lançamento de gado doméstico e depois de uma série de incentivos – incluindo isenções fiscais – à instalação de gentes. Entregues à Ordem de Cristo, a donatários (e respectivos capitães, ou representantes) e/ou a agentes, as diferentes ilhas progridem a ritmos distintos também. Mas a sua privilegiada situação geográfica deixa-a na rota da chamada Volta do Largo, para que, na era das navegações à vela, os ventos e as correntes empurravam as embarcações provenientes da Índia, do Extremo Oriente, da generalidade da Ásia e ainda de África, do Brasil, das Caraíbas (ou Índias Ocidentais) e demais regiões da América. Ainda hoje muitos navios privados percorrem esses caminhos, no caso







utilizando como ponto de apoio o porto da Horta, ilha do Faial. Na altura, Angra do Heroísmo, na Terceira, era o ancoradouro internacional por excelência.

Durante séculos, ali aportaram caravelas, naus, galeões, brederodes e outros navios míticos ao serviço das mais variadas cortes europeias. Muitos afundaram-se em plena baía, empurrados contra as rochas pelo chamado Vento Carpinteiro – o vento do quadrante Sul que os fazia naufragar e, portanto, trazia até terra todos os tipos de madeiras, depois incrustados nas construções locais. Ainda hoje, apesar da construção da marina de recreio com que parte desse património convive, a angra que dá nome à cidade está pejada de achados e vestígios singulares, que muita atenção captaram, ao longo do século XX, entre os caçadores de tesouros. E a experiência humana não é menos admirável. O povo da Terceira consolidou-se hospitaleiro, aberto à diferença e infinitamente curioso. A sua gastronomia integrou todo esse exotismo: o cravinho da Índia, a canela do Ceilão, a pimenta da Jamaica, o mel de cana do Brasil – tudo isso se espalha pelas iguarias locais, dos pratos às sobremesas. E Angra tornou-se, em 1983, o primeiro sítio português reconhecido pela UNESCO com o estatuto de Património da Humanidade.

As guerras liberais  
não foram a última  
vez que os Açores  
estiveram do lado bom  
da história: o século XX  
e as guerras mundiais  
haveriam de  
encontrá-los em  
posição igualmente  
estratégica

Inevitavelmente, abundam pela cidade, a ilha e o próprio arquipélago os monumentos e os memoriais mensageiros de toda essa história, bem como de resto da muita história que ainda esperava os Açores. Momentos houve, nos quase 900 anos de independência de Portugal, em que deles dependeu boa parte da influência, da liderança, do domínio e da própria reputação granjeados pelo país no seu todo. Neles se ancoraram, frequentemente, as ideias nacionais de progresso e de inovação. O que, como seria de esperar, manteve a corte de Lisboa especialmente zelosa da protecção desse património – como se vê pela quantidade de fortalezas, fortes, baterias, redutos, vigias, trincheiras e casamatas construídas ao longo da costa das diferentes ilhas, num extraordinário total de 233.

## OS IRREDUTÍVEIS PORTUGUESES

E o melhor talvez ainda estivesse para vir. Morto em 1578 o jovem rei D. Sebastião I, durante uma campanha em Alcácer-Quibir que culminou o trono de Portugal desprovido de herdeiro, sucede-lhe como monarca D. Henrique I, seu tio-avô, regente do reino desde a sua partida e já demasiado idoso para produzir descendência. A complexa equação deixa





o país nas mãos das pretensões à coroa do então rei de Espanha, Filipe II, cujo exército ocupa sem dificuldade várias praças em Portugal. Ergue-se então um pretendente local, o Prior do Crato, que se faz aclamar rei em Santarém, assumindo o nome de D. António I, e marcha para Lisboa, onde porém só é aplaudido pela arraia-miúda. As câmaras açorianas são as únicas a aclamá-lo, a de Angra com mais entusiasmo do que qualquer outra, e é a partir das ilhas que D. António organiza a resistência.

O fraco entusiasmo de São Miguel e a ausência quase total dele na maior parte das maiores praças portuguesas haveria de redundar, três anos depois, na plena ocupação das ilhas também pelo monarca espanhol. Mas, durante boa parte desses três anos, as ilhas do Grupo Central e Ocidental do arquipélago, Terceira à cabeça, continuaram a resistir sozinhas, sob o moto do corregedor Ciprião de Figueiredo que hoje integra o brasão de armas da Região: «Antes morrer livres do que em paz sujeitos.»

O principal momento dessa demanda é hoje conhecido por Batalha da Salga: o recontro, em 1581, entre as forças locais e a esquadra espanhola comandada pelo general D. Pedro de Valdez, integrada por dez navios e mil homens de guerra. Foi largado gado bravo junto à Baía da Salga, hoje na freguesia de São Sebastião, de modo a atrasar o invasor e permitir o reagrupamento local – e resultou. Saiu mitificada a açoriana Brianda Pereira, elevada a heroína pelo romantismo do século XIX (no que se inspiraria depois a ditadura nacionalista



do Estado Novo, já no século XX), nobre e virtuosa esposa e mãe que teria mobilizado as vizinhas no sentido de engrossarem o contingente da resistência, conseguindo com isso a humilhação castelhana.

Consumada dois anos depois, a ocupação espanhola duraria seis décadas, e os cem anos seguintes seriam marcados pela emigração em massa dos açorianos para o Brasil, onde viriam a fundar quase duas dezenas de cidades. É frequente ouvir hoje, nos Açores, intitulem-se essas regiões, sobretudo em discursos políticos, de «a décima ilha». Entretanto, contudo, novo advento se preparava com a participação dos Açores. No contexto da Guerra Peninsular (1808-1814), que se sucedeu às Invasões Francesas, foram deportados para a Terceira – novamente ela – um grupo de prisioneiros políticos sob a acusação de conspiração e apoio às ideias liberais.

E, como se isso não bastasse, espalharam-se ainda pelas ilhas – São Miguel, Terceira, Faial, São Jorge e Graciosa – grupos de judeus oriundos do norte de África, desterrados no contexto do Absolutismo também.

### DO LADO BOM DA HISTÓRIA

Pouco depois da Revolução liberal do Porto (1820), eclode na Fortaleza de São João Baptista, na Terceira, a chamada Revolta Constitucional de Angra (1821), liderada pelo antigo capitão-general Francisco António de Araújo e Azevedo. O movimento é esmagado, mas a intervenção cívica e política acentua-se na ilha. Entretanto, com a morte do rei D. João VI (1826), rebenta a nível nacional o conflito entre liberais e absolutistas, que vêm a apoiar para a sucessão respetivamente

D. Pedro, herdeiro legítimo e imperador do Brasil (e que abdica da coroa em favor a filha, D. Maria da Glória), e D. Miguel, irmão mais novo que regressa de Viena para promover um golpe de Estado. Pois é a partir dos Açores que os liberais resistem, mais uma vez – e parte da sua acção vem a ser desenvolvida nas próprias ilhas.

Os capitães-generais entram em conflito, a Câmara de Angra jura fidelidade a D. Maria, os miguelistas são expulsos. A Terceira e a Madeira são agora os últimos redutos dos liberais, e em Angra é nomeada uma Junta Provisória do Governo dos Açores, de pendor liberal, e que a 28 de outubro vem a proclamar-se governo de Portugal, declarando a cidade como capital do Reino. As pelejas, jurídicas e militares, hão-de prolongar-se ainda durante bastante tempo, com epítome na Batalha da Praia (Agosto de 1829). O confronto leva à nomeação, por D. Pedro, de uma Regência para o Reino, com sede em Angra do Heroísmo,

Abundam pelas ilhas  
os monumentos  
e os memoriais  
mensageiros de toda  
essa riquíssima  
história. Só fortalezas,  
fortes, baterias,  
redutos, vigias,  
trincheiras  
e casamatas, são 233







e a partir da qual os liberais partem à conquista das restantes ilhas. O esforço há-de de culminar em glória, levando à instauração da monarquia constitucional, com D. Maria – ou D. Maria II, A Educadora – no trono.

As décadas seguintes trouxeram as primeiras conquistas autonómicas significativas dos Açores e os primeiros anos da República os dois primeiros Presidentes, ambos de naturalidade açoriana: o faialense Manuel de Arriaga e o micalense Teófilo Braga. Antes disso, e com o aparecimento da navegação a vapor, os portos dos Açores, particularmente os de Ponta Delgada e da Horta – os únicos com molhes de protecção e cais acostáveis de boas dimensões –, já tinham assumido um importante papel no fornecimento de carvão ao país. E, não muito depois, com o advento da aviação, os Açores viriam a transformar-se num ponto de apoio internacional sem paralelo, servindo de escala às primeiras travessias aéreas do Atlântico por hidroavião.

## **AS ILHAS E AS GUERRAS MUNDIAIS**

As guerras liberais não foram a última vez que os Açores estiveram do lado bom da história: o século XX haveria de encontrá-los em posição igualmente estratégica, e o partido foi de novo o do Bem. Desde o início da I Guerra Mundial (1914-1918) que os militares das ilhas São Miguel, Terceira e Faial acompanhavam a acção alemã no Atlântico, com receio



de ataques-surpresa. O Comando Militar dos Açores exigiu várias vezes ao Ministério da Guerra, sediado em Lisboa, a necessidade de reforço dos meios de combate. A localização das ilhas, a capacidade de reabastecimento de navios em Ponta Delgada, a localização de centrais de comunicação por cabo submarino e TSF na Horta e – depois – a localização de um depósito de internados alemães e austro-húngaros em Angra do Heroísmo podiam ser factores determinantes. Os alemães atacaram duas vezes, primeiro em 1916 (na Horta) e depois em 1917 (em Ponta Delgada), no segundo caso com maiores danos.

A partir da instalação das forças americanas em São Miguel, com destino ao saneamento do conflito na Europa, o teatro de operações começou a mudar, libertando as ilhas de maiores vertigens. Mas a paixão pelos Aliados, embora não unânime, nunca mais desapareceu, e, quando o continente europeu voltou a entrar em guerra, tornou-se claro que, nas ilhas, ingleses e americanos seriam sempre mais bem-vindos quando em guerra.

Os Açores deram  
a Portugal os seus dois  
primeiros Presidentes  
da República,  
e isso não aconteceu  
por acaso.  
As ilhas acrescentaram  
sempre pensamento  
e cosmopolitismo  
ao país

---

Em 1943, com o fim da neutralidade portuguesa, foram cedidas bases aos Aliados – em particular três bases aéreas, uma em São Miguel, outra na Terceira e outra em Santa Maria, e uma base naval, na Horta –, oferecendo ao arquipélago um papel central na chamada Batalha do Atlântico e, em última análise, na aniquilação do nazismo. Antes disso, e temendo um avanço de Hitler sobre a Península Ibérica, António de Oliveira Salazar, o ditador em Lisboa, ponderou uma retirada do governo para os Açores.

Terminada a guerra, a base da ilha de Santa Maria, inicialmente sob a égide norte-americana e agora de novo sob comando português, transformou-se num importante aeroporto internacional e centro de escalas técnicas para as aeronaves que cruzavam o Atlântico entre as Américas, o sul

da Europa, o norte de África e o Médio Oriente. Igual papel, mas para a aviação militar, assumiu a Base das Lajes, na Terceira, onde, após a saída do contingente britânico chegado em 1943, se instalou um destacamento militar dos Estados Unidos, país que nas décadas seguintes haveria de partilhar com Portugal a jurisdição sobre o espaço.

## **A AUTODETERMINAÇÃO POSSÍVEL**

Desde então, essas instalações ganharam, perderam e tornaram a ganhar importância. Na Terceira se reuniram Richard Nixon e George Pompidou, em 1971, numa cimeira mítica para a Guerra Fria, e que levou à desvalorização do dólar, à pressão sobre os países da OPEP e à resolução da crise monetária internacional. Também aí se encontraram George





W. Bush, Tony Blair e José María Aznar, em 2003, para a assinatura do protocolo que levou à criação da Coligação que respondeu com uma intensa campanha por todo o Médio Oriente – incluindo deposição de Saddam Hussein – aos bombardeamentos do 11 de Setembro. Entretanto, todos os tipos de aviões continuam a parar nas ilhas para escalas de diferentes naturezas. E é a partir de Santa Maria que hoje funciona o Centro de Controlo do Atlântico Norte, com que Portugal monitoriza, nomeadamente para os seus parceiros da NATO, o tráfego aéreo de virtualmente toda a dita região.

Os Açores, por si, não se dispensaram de disparar em novas direcções ainda. Constitucionalmente autónomos desde 1976, começaram por ficar sob o escrutínio diário de um Ministro da República e, com o tempo, conseguiram levar Lisboa a reduzir as competências do representante do Estado, reintitulado entretanto Representante da República. O imperativo da modernidade seria vivido sob o lema da autodeterminação, em diálogo com o mundo e com os fitos da inovação e da competitividade.







## ANGRA DO HEROÍSMO

### A JÓIA DA COROA

«Um local marcante da história portuguesa, que conservou nas ruas, nas pedras, nas casas, nas igrejas, nas muralhas, um sentido de nobreza e de afirmação que é bom recordar.» Assim resume Francisco Maduro-Dias, no livro *Angra do Heroísmo – Janela do Atlântico entre a Europa e o Novo Mundo*, a classificação da Zona Central da Cidade de Angra do Heroísmo, na Terceira, como Património da Humanidade. São seis quilómetros quadrados de um conjunto arquitectónico único, que vai do Centro Histórico ao promontório natural do Monte Brasil e inclui as imponentes fortalezas de São João Baptista e São Sebastião. A inscrição na UNESCO tem por base o critério C (IV e VI): «Tipo de edifício ou conjunto arquitectónico, tecnológico ou de paisagem que ilustre significativos estágios da história humana e estar directa ou tangivelmente associado a eventos ou tradições vivas, com ideias, crenças ou trabalhos artísticos e literários de destacada importância universal.»





## CABOS SUBMARINOS

### **A PAZ EM PLENA GUERRA**

Quando eclodiu a II Guerra Mundial, centenas de cidadãos dos países beligerantes, incluindo inimigos, conviviam em paz na Horta, ilha do Faial. E assim continuaram por mais quatro anos. Até ao fim da neutralidade portuguesa, com consequente entrega aos Aliados de espaços nos Açores para bases militares, cidadãos ingleses, alemães, americanos e das mais distintas nacionalidades residiam ou passavam temporadas na cidade ao serviço das empresas telegráficas que se empenhavam em distribuir pelo Atlântico os cabos submarinos que ainda hoje põem o mundo em contacto. E não viviam apenas em paz: viviam em festa. Faziam longos piqueniques, realizavam competições desportivas de todo o género e dançavam noite dentro nos mais charmosos bailes, ao som do jazz, do foxtrot e do quick step. Só em 1943 os alemães foram expulsos. Alguns voltaram à ilha depois da guerra.









FRANCISCO MADURO-DIAS,  
MUSEÓLOGO

## A HISTÓRIA DOS AÇORES É A HISTÓRIA DO MUNDO

**Francisco dos Reis Maduro-Dias tem 67 anos e é presidente da Comissão Executiva da Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores. Curador e ex-director do Museu de Angra do Heroísmo, foi director do Gabinete da Zona Classificada de Angra do Heroísmo-Património da Humanidade e presidente do Instituto Histórico da Ilha Terceira. Licenciado em História pela Universidade do Porto, tem pós-graduações em Museologia e Gestão e Conservação da Natureza e é um dos mais proeminentes comunicadores de história dos Açores contemporâneos.**

*«Gosto muito do texto de Nemésio segundo o qual “a geografia, para nós, vale outro tanto como a história”, e não me parece que alguém da história deva deduzir-lhe oposição. Estão lá os dois elementos essenciais do que mais nos define.*

*Tenho pensado bastante em arquipélagos, e sinto que os Açores são um dos mais “mundiais” de todos os que conheço. O Atlântico, em si, é a história de todas as civilizações que o atravessaram. E estas ilhas foram sempre a pedra em cima da qual toda a gente pôs o pé para chegar ao outro lado.*

*História e geografia devem ser entendidas como dois braços de um mesmo corpo, no fundo. Noutro lugar, não teríamos esta história. Mas, ainda assim, não faz sentido atribuir procedência a nenhum desses elementos. É “outro tanto”, aquilo que Nemésio diz. A história dos povos que aqui chegaram, que chegaram a esta geografia, deu este resultado – simplesmente isso.*

*Quem somos nós, afinal? Uns fulanos da ponta da Península Ibérica que, ao fim de*



*milénios de história, se projectaram para aqui. E foi um encontro fantástico.*

*O Prior do Crato não é uma história local. O Prior do Crato é uma das peças da guerra entre os Filipes e os congéneres franceses pelo predomínio na Europa. O que se passa nos Açores é um pedacinho da aragem dos ventos do mundo.*

*E é do mundo mesmo, não só da Europa. O afundamento do brigue 'General Amstrong' na Horta, em 1814, não é apenas a história de um colossal desastre para a diplomacia portuguesa. Está em jogo, ali, a própria independência da América. Isto no Faial, onde ao longo de décadas choveram baleeiros americanos.*

*Não podemos ser provincianos, e às vezes somo-lo. Se virmos bem, a história dos Açores só é uma história sobretudo açoriana quando foi dominada pelo Grupo Oriental. Sempre que foi dominada pelos Grupos Central e Ocidental, foi sobretudo uma história do mundo.*

*Na verdade, a história dos Açores também é a história das Américas, do Almeidinha, das baleeiras, do vinho do Pico, da própria conquista do faroeste. E isto até muito recentemente. Provavelmente, Eisenhower esperou pela informação meteorológica da Base das Lajes para lançar o Dia D.*

*Um museu de aviação que construamos tem de incluir a conquista espacial, com que também dialogámos. Mas hoje, infelizmente, impera hoje uma visão redutora desse cosmos todo. Precisamos de inverter o discurso oficial. De dar o passo em direcção ao mundo novamente.*

*Temos açorianos em todo o lado. Um dia voltamos à Lua e há-de lá estar um açoriano numa caverna. E a nossa própria economia também foi, durante séculos, essa economia partilhada pelo mundo. Só hoje falamos numa economia nossa em comparação com a economia dos outros.*

*O meu pai dizia que, com o nariz encostado ao monumento da Memória, a gente não sabe o tamanho dele. Temos de nos chegar para trás, temos de ver de mais longe.*

*A açorianidade é uma coisa construída pelos caminhos do mundo que foram deixando aqui uma poeira de estrelas. E é inclusiva. Inclusiva do outro e inclusiva de nós todos.*

*Não há três coisas nos Açores que se possam explicar sem se dar um salto a algum outro ponto do mundo. Por isso, a nossa cultura é uma cultura de sínteses. Recebemos, integramos e apropriamo-nos. Damos um jeito, amaciamos à nossa maneira – e é nossa.»*





---

# 7 DILEMAS PARA UMA ESTRATÉGIA DE MARCA

- Como explorar melhor a história dos Açores – rica, diversa, exemplar para todo o Atlântico Norte, repleta de monumentos e memoriais e marcada por um total de 233 fortificações – em benefício da imagem do arquipélago?
- Que espécie de potencial poderão ter, nesse contexto, hipóteses ainda não aceites pela historiografia oficial, e segundo as quais os Açores poderão não ter sido descobertos pelos portugueses e, inclusive, ter tido uma pré-história?
- Como potenciar, nessa demanda, a evidência de que os Açores estiveram quase sempre do lado certo da história – no nascimento da globalização, na defesa da autodeterminação portuguesa, no combate ao Absolutismo (e em favor do liberalismo), no protagonismo da participação portuguesa ao lado dos Aliados – directa ou indirectamente – em ambas as guerras mundiais?
- Que peso poderá ter o facto de os Açores terem sido a guarda avançada da Expansão Europeia, o empreendimento que na verdade significa o nascimento da globalização?
- Como explorar o facto de os dois primeiros presidentes da república portugueses terem sido açorianos?
- Como explorar o facto de ingleses, alemães e americanos terem vivido em paz – até em festa – nos Açores até 1943, quando os seus povos se digladiavam já há quatro anos no mais letal conflito da história da humanidade?
- Existe potencial de marketing no facto de os Açores não saberem exactamente quando foram descobertos ou sequer porque, na verdade, se chamam Açores?





«O navio singra.  
Outra vez a constante  
música alimenta  
  
um vazio à popa,  
os Açores sumidos.  
O vácuo atrás e o vácuo  
à frente são o mesmo.»

---

**JOHN UPDIKE**

*Azores (in Harper's Bazaar Magazine, 1964)*





# A AUTONOMIA DOS AÇORES

3







# UM TERRITÓRIO DE FRONTEIRA

Projecção da União Europeia no mar, os Açores lidam com obstáculos, desafios e (também) possibilidades particulares. Só a autonomia constitucional lhes permitiu modernizar as infraestruturas, obter representação institucional no país, no continente e no mundo e reclamar um estatuto diferenciado – e vantajoso – no contexto europeu. É um processo progressivo, e aos processos progressivos só resta uma coisa: progredir

---

**C** **HAMAMOS-LHES «A FRONTEIRA DA EUROPA»**, e talvez nem sempre nos detenhamos no que verdadeiramente isso possa significar – para os Açores como para outra porção de terra de qualquer continente ou país. A verdade é que esse destino imposto tanto pela geografia como pela história se inscreve (por exemplo) na literatura e na música dos Açores como se inscreve (por exemplo também) na literatura e na música dos Estados Unidos da América: viver é, em grande parte, proteger o território – consolidá-lo diariamente, alargá-lo até aos limites do possível, defendê-lo das ameaças externas, estabelecer relações com aqueles que espreitam das montanhas em redor. Tudo isso ajuda a determinar a – mas, sobretudo, é determinado pela – identidade de um povo. E as soluções políticas não podiam ser de outra natureza senão a da identidade.

Nos Açores, como no arquipélago-irmão da Madeira, a solução foi a autonomia constitucional, concretizada no último quartel do século XX com base em aspirações acumuladas desde o século anterior. Extremo-ocidental da Europa e projecção da União





Europeia no mar, o arquipélago açoriano lidou sempre com obstáculos, desafios e (também) possibilidades particulares. Foi a autonomia constitucional a permitir-lhe modernizar as infraestruturas, obter representação institucional no país, no continente e no mundo e reclamar um estatuto diferenciado – e financeiramente vantajoso – no contexto europeu. Falta definir mais claramente em que sentido seguir agora, rumo em cuja determinação não terá menos peso a vontade de Portugal do que a das ilhas. Mas, como é próprio dos processos progressivos, o caminho é para a frente.

### **UMA LONGA EMANCIPAÇÃO**

A autonomia dos Açores tem origem no conturbado contexto diplomático, político e económico dos últimos anos do século XIX. A chamada partilha de África, oficializada na infame Conferência de Berlim (1884-1885), retirou a Portugal margem de manobra comercial e agravou a crise financeira que já se anunciava. A paralisação do investimento público e o esquecimento das ilhas levaram a um significativo movimento social em prol da autonomia do arquipélago – com laivos independentistas, embora apenas para alguns dos promotores – e este à concessão de uma autonomia administrativa. O processo foi turbulento, com apresentação, rejeição e/ou retirada de propostas para diferentes graus de emancipação, mas acabou por concretizar-se por decreto ditatorial do açoriano Hintze



Ribeiro, presidente do Conselho de Ministros no reinado de D. Carlos I, assinado em 1895. Mas a autonomia manteve-se limitada, tanto na medida como na própria geografia. Consumada nos Distritos de Ponta Delgada (1895) e Angra do Heroísmo (1898), não chegou sequer a ser requerida pelo Distrito da Horta, com vigência sobre as ilhas Faial, Pico, Flores e Corvo. Houve algum progresso – nasceu a telegrafia, foram fundadas várias fábricas –, mas a crise na agricultura, determinada por bastas pragas, limitou a evolução. E Lisboa, de algum modo, redespertou para as ilhas. Em 1901, o rei D. Carlos e a rainha D. Amélia visitaram-nas pessoalmente. Em 1924, o autonomista José Bruno Tavares Carreiro promoveu uma viagem a todas as ilhas dos Açores de um grupo de personalidades de relevo na vida cultural e académica portuguesa – da qual resultou, em parte, o mítico livro *As Ilhas Desconhecidas*, de Raul Brandão –, e no balanço desse périplo consta o reconhecimento tanto das especificidades dos Açores como da importância do território para o país.

Na verdade, viria a ser a revolução democrática do 25 de Abril de 1974, que pôs fim ao regime do Estado Novo de Oliveira Salazar, a catalisar a plena autonomia açoriana, desta vez reconhecida constitucionalmente. O período foi politicamente efervescente nas ilhas, São Miguel à cabeça, e a definição do enquadramento autonómico não tardou a passar para o primeiro plano da actualidade, sobretudo face aos receios de que pudesse vir a consolidar-se em Lisboa uma ditadura comunista. O processo institucional para a definição de um novo Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores foi liderado pelo então Partido Popular Democrata (hoje Partido Social-Democrata), liderado por João Bosco Mota Amaral, mais tarde eleito o primeiro presidente do Governo Regional. No terreno, porém, o momento foi conturbado, com vários movimentos em acção, uma série de manifestações populares e o fantasma do independentismo pairando ainda durante meses.

Mostram-no a literatura  
e a música das ilhas:  
nos Açores, como por  
exemplo nos EUA,  
viver é primeiro  
proteger o território –  
consolidá-lo, alargá-lo,  
defendê-lo,  
estabelecer relações  
com os que espreitam  
em redor



## **JUNTOS, MAS LIVRES**

O primeiro semestre de 1975 constituiu o epicentro do debate, mas as dissensões recrudesçam desde o semestre anterior. Enquanto Mota Amaral preparava uma proposta para a criação de uma região autónoma com uma Assembleia Regional, um Conselho Regional e uma capital rotativa, as populações que a historiografia regista como “mais









conservadoras”, povoadas de terra-tenentes (mas não só), organizaram-se no Movimento para a Autonomia do Povo Açoriano, em defesa da «autodeterminação» – palavra mais tarde substituída por «autonomia» – dos Açores. A ideia era explorar as preocupações do povo rural e das franjas urbanas das classes média e média-alta, que entretanto se agravaram com o pronunciamento lisboeta do 11 de Março. As manifestações separatistas, sobre a égide da nova Frente de Libertação dos Açores (FLA), começam a suceder-se, atingindo o seu auge no dia 6 de Junho de 1975, ao longo do qual, a pretexto do seu desagrado com a situação da lavoura local, milhares de açorianos exigiram a demissão do Governador Civil, Borges Coutinho, e, em última análise, a independência, desfilando em Ponta Delgada e ocupando o emissor regional de rádio, o aeroporto e as principais infraestruturas da ilha de São Miguel.

Houve rebentamentos, expulsões ad-hoc – e, pelo meio, a detenção de três dezenas de cidadãos de São Miguel e Terceira.

Ainda foi instalado nas ilhas um governo militar, presidido pelo general Altino de Magalhães, mas a autonomia constitucional tornou-se cada vez mais evidentemente a solução inevitável, desde logo porque salomónica. A economia estava à beira do colapso e a emigração para os Estados Unidos e o Canadá crescia de dia para dia. A FLA preparava-se para defender, *ipsis verbis*, a independência e o fim do domínio colonial nos Açores.









Ramalho Eanes, presidente da República, aceitou receber em Lisboa os escritores Natália Correia e Vitorino Nemésio, este adicionalmente putativo candidato a primeiro presidente da república açoriana. E, ainda nesse mês de Junho, foi elaborada uma proposta para criação de uma Junta Governativa dos Açores, que substituiria os Governos Cívicos e as Juntas Gerais e prepararia o caminho para o Estatuto Provisório da Região Autónoma dos Açores que acompanharia a nova Constituição da República Portuguesa.

A lei fundamental seria aprovada a 2 de Abril de 1976, consagrando pela primeira vez o direito à autonomia política dos Açores. As primeiras eleições para o parlamento açoriano realizaram-se a 27 de Junho de 1976, já com as tensões separatistas e a violência a definhar.

A sessão constitutiva da Assembleia Regional ocorreu a 21 de Julho de 1976, na cidade da Horta, e a sua inauguração, com a presença do Presidente da República, a 4 de Setembro do mesmo ano. O I Governo Regional iniciou funções a 8 de Setembro de 1976. O Partido Popular Democrata haveria de manter-se no poder até 1996.

## O CAMINHO DA MODERNIDADE

Nas décadas seguintes, a autonomia seria reforçada por diversas vezes, tanto no contexto nacional como no contexto europeu.

O Parlamento regional veria os seus poderes progressivamente reforçados e o cargo de Ministro da República, representante do Estado português, seria depreciado para o de Representante da República. Até hoje, os órgãos de Governo próprio são a Assembleia Legislativa, parlamento unicameral com 57

deputados eleitos por sufrágio universal e directo, com sede na Horta (Faial); e o Governo Regional, de legitimidade parlamentar, composto por um presidente, um vice-presidente e um conjunto de secretários regionais, comandado a partir de Ponta Delgada (São Miguel) e gabinetes espalhados pelas ilhas São Miguel, Terceira e Faial. Portugal continua a impor um representante nomeado pelo presidente da República. Não há uma capital oficial, apesar do domínio económico e demográfico da ilha de São Miguel.

Entretanto, as autoridades locais lidaram com diferentes obstáculos formais e uma série de catástrofes naturais. O terramoto de 1980, que dizimou as ilhas Terceira, São Jorge e Graciosa, constituiu um importante teste à resiliência e à eficácia das novas estruturas de poder. Famílias e instituições tiveram de unir esforços. Um pouco menor,

A autonomia dos Açores tem origem no conturbado contexto diplomático, político e económico gerado pela partilha de África e a Conferência de Berlim (1884-85), que agravou a crise portuguesa e a insatisfação das ilhas





o sismo de 1998, que afectou Faial e Pico, foi vencido sobretudo pelas instituições. Já então, e apesar das tensões com os governos da República – ou, talvez em parte, por causa delas –, as nove ilhas tinham sido beneficiadas com redes de abastecimento de água e electricidade, unidades de saúde, escolas básicas e secundárias, portos e aeroportos de diferentes dimensões e vocações, para o que também contribuiu, a partir de certa altura, a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia – hoje União Europeia – e, após o Tratado de Masstricht de 1992, a obtenção para os Açores do estatuto de Região Ultraperiférica, com ambas vantagens financeiras (e não só).

Não faltaram as crises políticas e económicas, mas nem sempre com expressão eleitoral. Até hoje, os ciclos políticos dos Açores apenas têm sido menos longos do que os da Região Autónoma da Madeira, onde o agora PSD nunca saiu do poder. Nas ilhas açorianas, mandou o PPD-PSD até 1996 e o Partido Socialista até 2020, altura em que o PSD voltou aos comandos à cabeça de uma coligação de partidos de direita. Em muitos aspectos, mandarão a história e o distanciamento temporal reconhecer o trajecto como uma narrativa de sucesso – politicamente tão estável quanto é possível, com uma boa imagem nacional e internacional e uma referência para toda a União Europeia no domínio da orgânica e do funcionamento de uma



autonomia. As ilhas são seguras, a consciência ambiental é em muitos aspectos assinalável, o desenvolvimento económico tem sido progressivo e as oportunidades de investimento abundam. Para a maior parte dos sectores da população, a qualidade de vida é singular – como uma espécie de último paraíso no planeta.

## O DESAFIO DA UNIDADE

Falta, como reconhecem as diferentes forças políticas da região, trabalhar nos diferentes índices de desenvolvimento humano, incluindo na erradicação da pobreza e na promoção da educação. E falta reforçar a unidade inter-ilhas. Quando nasceu a autonomia, há agora 46 anos, os Açores eram até certo ponto uma realidade construída: as ilhas cultivavam identidades de proximidade (Santa Maia/São Miguel, Terceira/Graciosa/São Jorge, Pico/Faial, Flores/Corvo), mas as ilhas mais distantes não se reviam necessariamente umas nas outras. A muitos níveis, mais depressa um micaelense se reconhecia num madeirense do que num florentino, um terceirense num lisboeta do que num corvino ou um faialense num portuense do que num mariense. Entretanto, muito trabalho foi feito, mas outro tanto se esboroou.

Ao longo dos primeiros anos, a autonomia consolidou-se com recurso a uma série de instrumentos fundamentais. As estações RTP Açores (televisão) e RDP Açores (rádio) levaram os açorianos de ilhas distantes às casas uns dos outros. Os portos e os aeroportos fizeram circular bens e pessoas. A Universidade dos Açores permitiu aos açorianos formarem-se no próprio arquipélago, inclusive com programas parcialmente definidos segundo a realidade e as necessidades insulares. As instituições governamentais e as próprias empresas públicas contaminaram positivamente um sentimento crescente de unidade e identidade comuns. Com a revolução digital, a fragmentação dos meios de comunicação e a globalização do comércio e do trânsito de pessoas, esse sentimento passou a viver sob novos desafios.

A ideia de fronteira perdeu contornos e o crescimento da universalidade nem sempre conseguiu fazer-se acompanhar de uma adequada preservação dos particularismos em que assentavam a unidade e a identidade do arquipélago. O futuro passa necessariamente pelo reajuste do passo com o tempo – desse passo com este tempo.

Viria a ser a revolução  
democrática  
do 25 de Abril de 1974,  
que pôs fim ao regime  
do Estado Novo,  
a catalisar a plena  
autonomia açoriana,  
desta vez reconhecida  
constitucionalmente.  
O período foi  
politicamente  
efervescente











## 5 PRESIDENTES, 3 CICLOS

### **NOME DO MEIO: ESTABILIDADE**

A longevidade dos ciclos políticos dos Açores parece atestar da estabilidade da democracia das ilhas, mas nem todos os períodos tiveram a mesma longevidade. Ao todo, a região autónoma dispôs até hoje de cinco presidentes de Governo, a saber: João Bosco Mota Amaral, PPD-PSD (1976-1995); Alberto Madrugada da Costa, PPD-PSD (1995-1996); Carlos César, PS (1996-2012); Vasco Cordeiro, PS (2012-2020); e José Manuel Bolieiro, PSD (2020-?). Madrugada da Costa foi um presidente de transição, Bolieiro surge à cabeça de uma coligação pós-eleitoral de três partidos que, ainda assim, não pôde dispensar-se do delicado apoio parlamentar de outros dois, à medida do espalhamento do eleitorado que se verifica nos Açores como em Portugal e na generalidade da União Europeia (até do mundo). Ainda assim, nenhum Governo deixou o respectivo mandato por concluir e jamais a Assembleia Legislativa Regional foi dissolvida, o que a história há-de julgar como o melhor indicador de estabilidade.









## ELEIÇÕES REGIONAIS 2020

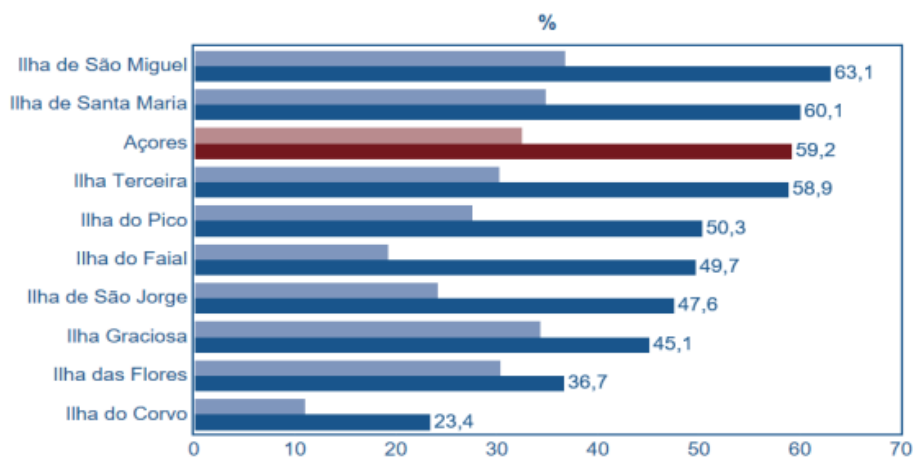
Resultados desde 1976 em percentagem



## PARTICIPAÇÃO ELEITORAL NOS AÇORES

Evolução das taxas de abstenção nos Açores entre 1975 e 2019

ELEIÇÕES PARA A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA REGIONAL (AÇORES: 59,2%)



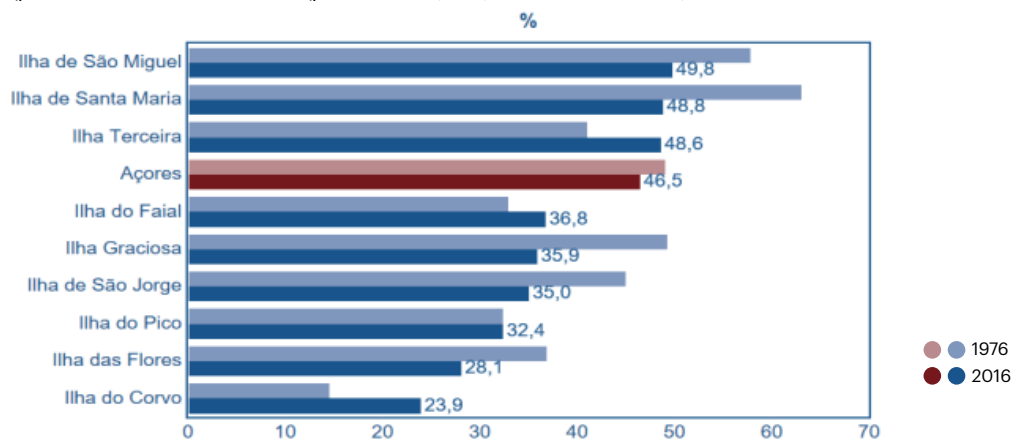
FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA/PORDATA-FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS



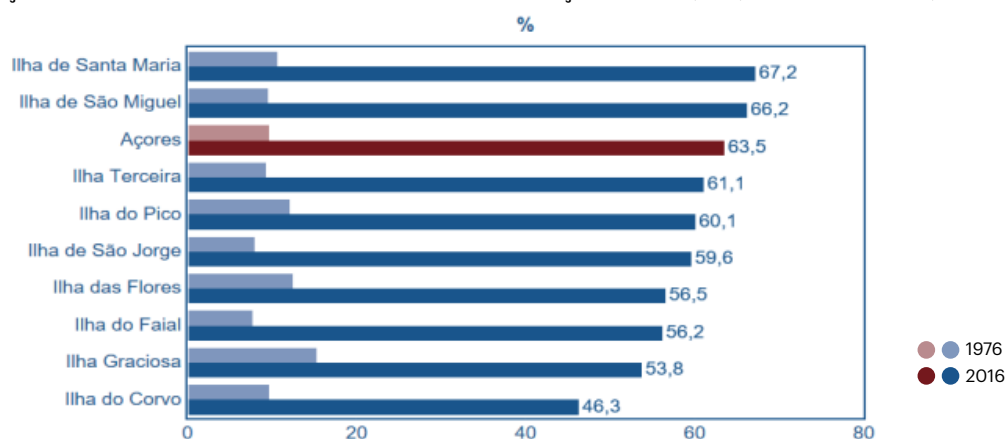
## PARTICIPAÇÃO ELEITORAL NOS AÇORES

Evolução das taxas de abstenção nos Açores entre 1975 e 2019

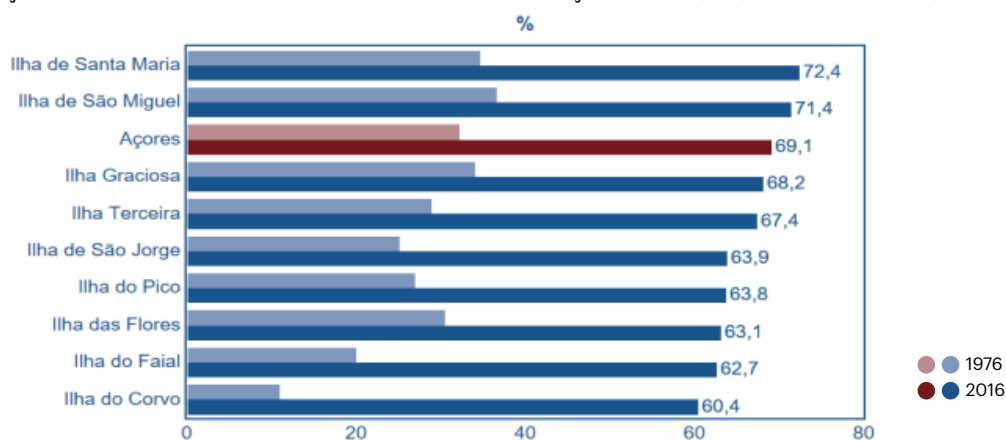
ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS (AÇORES: 46,5%; PORTUGAL: 45,0%)



ELEIÇÕES PARA A ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA (AÇORES: 63,5%; PORTUGAL: 51,4%)



ELEIÇÕES PARA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (AÇORES: 69,1%; PORTUGAL: 51,3%)



FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA/PORDATA-FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS









MOTA AMARAL,  
ANTIGO PRESIDENTE DO GOVERNO REGIONAL

## **TALVEZ VALHA A PENA, NO FUTURO, CONCEBER UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTADOS**

**João Bosco Mota Amaral tem 78 anos e é um dos pais da autonomia dos Açores. Antigo deputado à Assembleia Nacional, em representação do arquipélago, foi o primeiro presidente do Governo Regional dos Açores, cargo que exerceu entre 1976 e 1995. Testemunha e protagonista de alguns dos momentos mais emblemáticos da história contemporânea da região, foi também deputado e Presidente da Assembleia da República Portuguesa (2002-2005). Licenciado em Direito, exerceu advocacia em Lisboa e depois em Ponta Delgada, onde nunca mais deixou de estar radicado. É presidente do Instituto Francisco Sá Carneiro, conselheiro de Estado e eterna reserva dos sociais-democratas portugueses para a Presidência da República.**

*«A autonomia dos Açores já tem uma longa vida, mas nunca deixou de ser uma instituição empenhada em corresponder às aspirações da sua época, que corresponde ao pós-25 de Abril e a todo o tempo desde então. Tem um parlamento próprio, cujas competências se foram alargando progressivamente, e um governo único para todos os Açores, coisa que nunca tinha existido antes.*

*Na verdade, foi isso que nos motivou originalmente: havia uma identidade comum, que entretanto se procurou afinar. Hoje, de alguma forma, os Açores falam a uma só voz. E, com isso, deram um grande salto qualitativo, nomeadamente do ponto de vista da construção de equipamentos. Tornaram-se uma sociedade moderna, com escolas, hospitais e comunicações à medida do século XXI.*

*A autonomia conseguiu colocar os Açores num patamar completamente diferente no contexto nacional. Com ela, os Açores passaram a estar representados, não*



*informalmente, mas institucionalmente no domínio da República. E, paralelamente, ganharam voz no exterior. Desde logo, nos muitos países onde vivem açorianos, e que passaram a ter um interlocutor institucional no que diz respeito aos interesses e às necessidades dessas pessoas. E, evidentemente, também no contexto da União Europeia.*

*Os Açores são uma região com problemas e desafios muito peculiares. São um prolongamento da Europa para o mar, e era fundamental conseguir que gozassem de um estatuto distinto. A partir do Tratado de Maastricht, de 1992, fizeram-se reconhecer oficialmente como Região Ultraperiférica, ajudando outras regiões a obter esse estatuto. E daí advieram benefícios financeiros que ultrapassaram largamente os tempos áureos do auxílio norte-americano – que fora fundamental para a consolidação das infraestruturas, mas já não chegava.*

*Foi uma arrancada de desenvolvimento económico sem paralelo.*

*Naturalmente, não está tudo feito. Desde logo, a unidade açoriana ainda precisa de trabalho. O efeito da televisão regional diluiu-se, por força da proliferação de canais nacionais e internacionais, e ao mesmo tempo as pessoas vivem cada vez de um lado para o outro, sem tempo para parar.*

*Também existe o problema do envelhecimento da população, e que talvez exija políticas de repovoamento em algumas ilhas. Isto além de uma certa sensação de vida fácil, de que tudo se resolve, de que o Governo trata de tudo. Vêm daí, em grande parte, a descida da região em vários rankings nacionais de desenvolvimento social e humano.*

*Nesse sentido, a situação é pior do que em 1990. Enfraqueceram-se a família, a Igreja, as escolas, as próprias forças armadas – é preciso trabalhar nesse aspecto.*

*Mas até por isso faz sentido aprofundar a autonomia. Precisamos de melhorar o escrutínio de nós mesmos, claro. E já há instrumentos e faculdades na actual legislação que ainda não estamos a usar. Mas levar esta autonomia mais além passa exactamente por isso: por melhorar a vida das pessoas. E este foi sempre um processo progressivo. É preciso ganhar fôlego, para que não sejam os outros a virem dizer-nos como temos de viver.*

*Os Açores são parte de Portugal. Felizmente, qualquer veleidade independentista que ainda possa haver na sociedade açoriana é residual. Nós vamos a Lisboa às compras, vamos a Lisboa ao futebol, vamos no avião da manhã e regressamos no avião de noite – somos portugueses. Uma formulação particular da identidade portuguesa, no fundo. E aqui. Somos Portugal aqui. Somos portugueses neste espaço e à nossa maneira. Mas talvez valha a pena, num futuro remoto, conceber a ideia de uma associação de estados. Penso que há-de ser esse o passo a dar, dentro de algumas gerações.»*





---

## 8 DILEMAS PARA UMA ESTRATÉGIA DE MARCA

- Como transformar o estatuto autonómico dos Açores, incluindo o odor libertário que dele advém, em matéria marketizável?
- Que espécie de importância poderá ter, no domínio de uma marca, a estabilidade política, administrativa e social como aquela de que os Açores dispõem?
- Como explorar, no âmbito deste trabalho, a extraordinária segurança que se vive nos Açores, nomeadamente do ponto de vista cívico e criminal?
- Como usar a futura marca Açores como uma ferramenta para o fomento da unidade e a redescoberta da identidade comum entre as ilhas dos Açores?
- E como, de caminho, ir já usando essa unidade e essa identidade em renascimento como ferramentas ao serviço da marca também?
- Vale a pena considerar a utilização dos paladinos do separatismo, incluindo a sua acção secessionista de meados dos anos 1970, como instrumento de marketing? É possível circunscrever a sua acção no tempo, atribuindo-lhe alguma espécie de romantismo?
- Que papéis devem representar Portugal e a União Europeia no âmbito da marca Açores?
- Que potencial devemos reconhecer na circunstância de os Açores serem um território de fronteira, não apenas geográfica mas política (e, desde logo, identitária)?





«Quanto ao nome, “Sete Cidades”,  
será provavelmente uma recordação  
das sete cidades fundadas na ilha fantástica de Antília,  
pelos sete bispos lendários  
que se exilaram de Portugal aquando da invasão  
dos Mouros. Seguindo a crença popular, as cidades  
fundadas por estes bispos teriam sido devoradas  
pelo mar, juntamente com a ilha fabulosa  
que as sustinha. O povo quis, sem dúvida,  
perpetuar a lenda, dando o nome a esta cratera,  
cuja origem também foi um afundamento do solo,  
no decurso da erupção de 1445.»

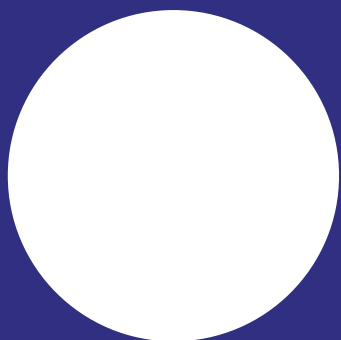
---

**MICHEL VERNE**

*L'Agence Thomson & Co*

*(romance atribuído a Júlio Verne), 1907*





# **A NATUREZA E A PAISAGEM DOS AÇORES**







# UMA PAISAGEM COMO SE FOSSE GENTE

Românticos, misteriosos, estarrecedores, os Açores têm algumas das paisagens mais belas da Europa, como o provam os prémios internacionais que continuam a acumular. Misto de ecologia natural e ecologia racional, somam-lhes ainda um extraordinário potencial ecológico por explorar. Há muito que o chamado turismo de natureza foi definido não só como o seu principal produto turístico, mas como a sua mais importante indústria.

---

# À

**S VEZES, FICAMOS** só a vê-las passar. Duas limousins à frente, acobreadas e musculosas, com os seus caracóis de encontro ao vento. Uma jersey elegante, que pára a fitar através do vidro, com olhos de malandrice. Um grupo razoável de charolesas, caminhando pachorrentas. Exemplares dispersos de diferentes raças: uma aberdeen angus, uma autóctone do Ramo Grande, uma ayrshire (ou talvez guernsey, ou então simmental-fleckvieh, nem sempre um

leigo consegue distingui-las como deve ser).

Surpresa. Mistério. Sumptuosidade. A paisagem dos Açores surpreende-nos até ao vermos passar uma manada de vacas, atravancando o trânsito em plena Primavera, a caminho das terras altas. E, no entanto, há nisso tanto de ressonância com o que conservamos na memória sobre o que são os Açores como de um súbito transporte para outros Açores ainda. Durante décadas, habituámo-nos a cultivar das ilhas a imagem bucólica de prados a perder de vista com animais pretos e brancos pastando – as velhas e polivalentes holstein-frísia,





razoavelmente adequadas tanto à produção de leite como à produção de carne. Entretanto, as explorações agrícolas especializaram-se, umas para uma área e outras para a outra, e muitas novas raças foram introduzidas. As vacas mudaram de cor: ainda as há pretas e brancas, mas também as há brancas apenas, as simplesmente pretas, as vermelhas, as castanhas de diferentes tonalidades. E, algo inesperadamente, a paisagem açoriana toda mudou também.

Mas não tão inesperadamente assim, a verdade é essa. Porque a dimensão transformista dessa paisagem é também um dos seus maiores encantos. Ilhas vulcânicas, os Açores são dotados de um clima tão temperamental como temperado e, ao mesmo tempo, de uma densidade populacional (e de uma economia) que lhes permite conservar espaços verdes a perder de vista. E a sua geodiversidade, somada a factores como a dimensão da terra, a dispersão dos fragmentos e a distância do conjunto em relação aos continentes europeu e americano, é responsável por condições absolutamente singulares, permitindo uma panóplia de formas, rochas e estruturas ímpares, derivadas não só da natureza dos magmas, mas da posterior actuação sobre elas dos agentes externos da hidrosfera, da atmosfera e da biosfera.

O último paraíso da Terra – eis as palavras a que se remetem tantos dos seus visitantes. Românticos e deslumbrantes, os Açores continuam a acumular prémios internacionais







para o conjunto das suas paisagens. Misturam a ecologia natural e a ecologia racional e somam-lhes ainda um potencial ecológico por explorar verdadeiramente extraordinário. Eis a vida entre o calor da chuva, o aroma da terra e o som do mar. E, já agora, sob a impressão arrebatadora de uma natureza intocada, virgem, pura, que tanto os habitantes como as autoridades se esforçam por preservar. O chamado turismo de natureza está há muito oficializado não só como o seu principal produto turístico, mas como a sua principal indústria. E foi sem grande surpresa, embora com admiração, que o Conselho Global de Turismo Sustentável, criado pela Fundação das Nações Unidas, os tornou o primeiro arquipélago do mundo a receber a distinção de Destino Turístico Sustentável’.

### **HOMEM E NATUREZA DE MÃOS DADAS**

Evidentemente, é uma impressão apenas, isso da natureza virgem: não há paisagem não humana, total ou parcialmente. Em cada recanto das ilhas, como em cada recanto do planeta, tudo foi pelo menos considerado, muitas vezes tolerado e frequentemente até deixado à

sua sorte pelo homem. Nada – ou quase nada – se dispensou de uma decisão dele, nem sequer aquilo em que ele de facto não pôs a mão.

O que, no caso dos Açores, curiosamente, apenas reforça o charme da paisagem. Percorrem-se as suas cidades, vilas e freguesias, e está lá toda a história da aventura colonial. Percorrem-se os seus espaços verdes e as suas zonas agrícolas, incluindo a flora e a própria fauna, e está lá o constante desejo de vencer a contingência aventureira com base nas condições que a natureza aceite disponibilizar. Percorre-se tudo isso junto, dos campos às povoações, e está lá a permanente vontade de arregaçar as mangas e reconstruir e impor a esperança sobre o que essa natureza, nos seus infinitos humores – nos seus vulcões, nos seus terremotos, nos seus

Surpresa. Mistério.  
Sumptuosidade.  
A paisagem dos  
Açores surpreende-nos  
até ao vermos passar  
uma manada de vacas,  
atravancando  
o trânsito. As vacas  
mudam de cor  
e a paisagem também

temporais, dilúvios, ventanias e deslizamentos –, subtraiu.

É uma personagem, a paisagem dos Açores. Uma pessoa. Ou como que um regresso ao ventre materno, talvez. De todos os ventres. Terra de lava e basalto, ostenta plantas e árvores provenientes das sete partidas do mundo e toda uma colecção de pássaros capazes de fazer as delícias do ornitólogo de qualquer origem. De resto: caldeiras, campos lávicos, cordilheiras vulcânicas, disjunções prismáticas; quase sete dezenas de lagoas deslumbrantes; miradouros sobre os cachalotes, as baleias, os golfinhos, os tubarões; praias de areia preta, cascatas, montanhas, florestas; piscinas naturais – tem de tudo.



A alma para lá da vertigem quotidiana, preenchida de novo. Um lugar que se reencontra sem sequer se saber que se perdera. Um lugar de intimidade – um regresso ao essencial. E, ao mesmo tempo, a lama que os açorianos levam nas botas. A que regressaram das suas migrações, física e tantas vezes até apenas emocionalmente – a terra em cujas escarpas reverbera ainda a sua respiração.

Daí o empenho na sua preservação, com epítome na oficialmente designada Rede Regional de Áreas Protegidas, e que integra as áreas protegidas situadas tanto no território da Região Autónoma dos Açores, como na respectiva zona económica exclusiva e, ainda, várias áreas marinhas na região oceânica circundante. E daí, claro, a infinitude de belezas naturais. A enorme qualidade de vida que proporciona, aliás a baixo custo. Além da oferta de serviços turísticos e hoteleiros, naturalmente – com empresas e infraestruturas distintivas, a preços competitivos, dotadas de restauração única e que se incrustam na memória do visitante para sempre.







## 15 LUGARES DOS AÇORES A VISITAR ANTES DE MORRER

1

### **CALDEIRA DAS SETE CIDADES** ILHA DE SÃO MIGUEL

Observada a partir da Vista do Rei, tem uma lagoa azul e outra verde. Mas, na verdade, trata-se de mais do que de duas lagoas: há outras onze à volta. Uma das Sete Maravilhas de Portugal, de acordo com as eleições da TV, é também um dos principais postais dos Açores.

2

### **MONTANHA DO PICO** ILHA DO PICO

É o ponto mais alto de Portugal e também uma das suas mais belas imagens. Faz parte da paisagem do Pico, mas igualmente das ilhas em redor. Pode passar vários meses coberta de neve e proporciona um dos mais incríveis passeios do arquipélago – a sua subida, precisamente.

3

### **FAJÃS DE SÃO JORGE** ILHA DE SÃO JORGE

Não é uma nem são duas: são mais de 70 – só em São Jorge. Resultado de deslizamentos de terra ou de fluxos de lava, enfeitam o planalto jorgense como bordas de naperon sobre o mar. Muita atenção às ditas de São João, do Ouvidor ou da Caldeira do Santo Cristo, por exemplo.

4

### **VULCÃO DOS CAPELINHOS** ILHA DO FAIAL

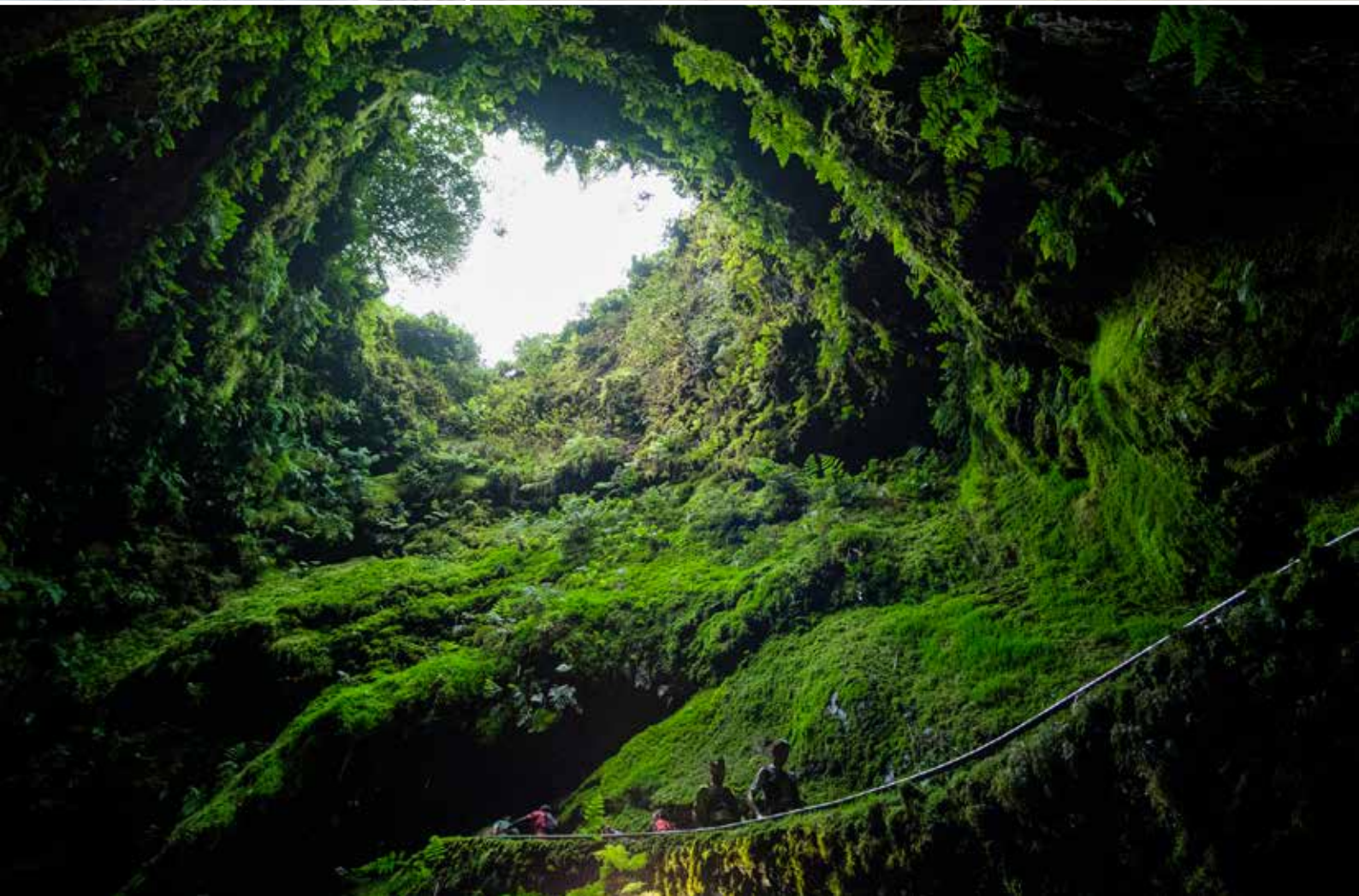
Último vulcão stromboliano dos Açores a entrar em erupção, conserva as marcas desse terrível desastre que ameaçou todo o Faial e levou à emigração em massa. Deixa atrás uma nova ilha (que virou península), uma paisagem árida mas bela, um farol e um Centro de Interpretação.

5

### **ALGAR DO CARVÃO** ILHA TERCEIRA

Visitar o interior de um vulcão? Os Açores proporcionam nada menos do que isso. Tubo lávico com chaminé e abóbodas variadas, desce a cem metros de profundidade e termina numa lagoa subterrânea de águas cristalinas. À volta, a acústica é simplesmente perfeita.





**6****POÇO DA RIBEIRA DO FERREIRO** ILHA DAS FLORES

Também conhecido por Poço da Alagoinha, é uma falésia única, com mais de vinte cascatas que caem para um lago onde toda a vista em volta é espelhada. Pode visitar-se através de um curto passeio pedestre ao longo do qual só se ouve o barulho da água e o canto dos pássaros.

**7****ILHÉU DE VILA FRANCA** ILHA DE SÃO MIGUEL

É talvez a mais bela praia dos Açores, se não de Portugal: um ilhéu que a natureza arredondou, escavou e abriu como um meio-aro no interior do qual estendeu a areia. Dista 500 metros da costa Sul da ilha e, por razões ambientais, limita o número de veraneantes diários.

**8****CALDEIRA DO FAIAL** ILHA DO FAIAL

Estonteante cratera com 400 metros de profundidade, resultante da erupção do maior vulcão do Faial, é um santuário de silêncio e também uma das mais incríveis reservas da flora e da fauna das ilhas. A sua floresta Laurissilva precede o próprio povoamento.

**9****PISCINAS TERMAIS DAS FURNAS** ILHA DE SÃO MIGUEL

Mundialmente conhecidas pelas águas termais que lhe permitem proporcionar os mais relaxantes e fabulosos banhos, as Furnas são também berço da tradição gastronómica do Cozido das Furnas, prato de carnes e vegetais cozinhado no interior da terra. Isto fora as fumarolas.

**10****VINHAS DA CRIAÇÃO VELHA** ILHA DO PICO

Há quase 600 anos que se cultiva a vinha na ilha do Pico e há vários séculos que os vitivinizadores a protegem e climatizam com recurso a pequenos currais de pedra basáltica. Está classificada pela UNESCO como Património da Humanidade e dá vinhos de classe mundial.







**11****MIRADOURO DA SERRA DO CUME** ILHA TERCEIRA

Pastos a perder de vista, quadriculados por muros de rocha vulcânica, com o mar namorando-os por trás e o pôr-do-sol abençoando-os a todos ao fundo. Um retrato da paisagem da Terceira, protegida pela criação de gado brabo, e de todo um modo de vida.

**12****CALDEIRÃO** ILHA DO CORVO

É aqui que leva a única estrada rural asfaltada do Corvo, a mais pequena e remota ilha dos Açores: a uma deslumbrante (e colossal) cratera vulcânica, com uma circunferência de 3,7 km e, no interior, duas pequenas lagoas povoadas de pequenas ilhas. Inesperado e arrebatador.

**13****MONTE BRASIL** ILHA TERCEIRA

Resultado de um cone vulcânico entrado em colapso, debruça-se sobre a belíssima cidade de Angra do Heroísmo, igualmente classificada como Património Mundial pela UNESCO. É miradouro e é também escudo de protecção, albergando a histórica Fortaleza de São João Baptista.

**14****LAGOA DO FOGO** ILHA DE SÃO MIGUEL

Talvez a mais romântica lagoa dos Açores, espraia-se, pachorrenta, entre o silêncio da montanha, o chilreio dos pássaros e os olhares dos que a observam dos miradouros em volta. As suas águas são azuis, as suas areias brancas. Como noutros Açores ainda.

**15****ROCHA DOS BORDÕES** ILHA DAS FLORES

Situada na freguesia do Mosteiro, é um monumento geológico com 570.000 anos e imponentes colunas verticais de vinte metros.

Apresenta formações rochosas impressionantes e complementa a descoberta das lagoas e das cascatas da ilha das Flores.







SARA LEAL,  
REALIZADORA DE CINEMA

## «É UMA PAISAGEM MUTANTE, COM UMA ELASTICIDADE INFINITA»

Sara Leal, 38 anos, nasceu no Porto e cresceu nos Açores. Estudou e trabalhou em Lisboa e em Nova Iorque, posto o que regressou às ilhas para trabalhar sobretudo em cinema. Autora de uma longa-metragem sobre a Fajã de Santo Cristo, em São Jorge, e de outra sobre o Carnaval da Terceira, fundou – na companhia do escritor Nuno Costa Santos – a produtora Alga Viva, com que vem concretizando uma colecção de filmes sobre escritores açorianos (J.H. Santos Barros e Álvaro Oliveira foram os primeiros contemplados). Faz vídeo-instalação e fotografia, além de escrever.

*«Filmar os Açores parece fácil, mas nem sempre o é. Por um lado, trata-se de um cenário privilegiado, cheio de imagens-postal relativamente imediatas de captar. Por outro, fazê-lo e – ao mesmo tempo – conservar o rasgo criativo apresenta os seus desafios. Não que o cliché não tenha acuidade também. O cliché pode assumir uma importância instrumental enorme. Se eu vou filmar os Açores como o que está a ver um turista mais ou menos arquetípico, tenho de ser capaz de retratar o cliché, ou pelo menos de considerá-lo.*

*Mas, mesmo quando estamos a falar dele, estamos a falar de cores, texturas e atmosferas deliberadas. É isso a cenografia: o palco onde acontece a acção. Nada está ali por acaso. E eu procuro que o meu trabalho sobre um lugar tenha ao mesmo tempo a dimensão emocional adequada a essa acção e a singularidade que espero encontrar no meu olhar sobre ele.*

*Depois há o erro, o conflito, a surpresa. E, depois ainda, há o que o erro, o conflito e a surpresa nos podem acrescentar. O que se torna ainda mais evidente quando se filma com constrangimentos orçamentais, como é comum nesta arte e nos próprios*





*Açores. É preciso decidir coisas, e isso, muitas vezes, também catalisa a criatividade. De resto, estamos a falar de ilhas com um poder plástico enorme. Em regra, no cinema, basta pormos a câmara cinco graus ao lado, ou cinco graus mais acima ou mais abaixo, para mudar por completo a cena. E isso é ainda mais evidentemente verdade nos Açores, que tem uma paisagem muito mutante.*

*Cresci nos Açores, pelo que há uma série de variáveis que me são muito familiares (e inescapáveis) aqui nas ilhas. Mesmo assim, já consegui simular os arredores de Lisboa nesta paisagem. E creio que conseguiria até simular Nova Iorque, em determinadas condições. Há uma elasticidade infinita.*

*Os Açores são uma terra melancólica, até letárgica, feita de vulcões adormecidos, mas que também pode ser impetuosa, inquieta, com vulcões strombolianos em erupção. E a inversa também é verdadeira. O que é importante é ouvirmos a terra. Ela fala connosco.*

*Gosto muito de filmar, por exemplo, o negro das rochas. Gosto muito de mergulhar nas árvores. Gosto muito do mar, que é um dos meus elementos fulcrais.*

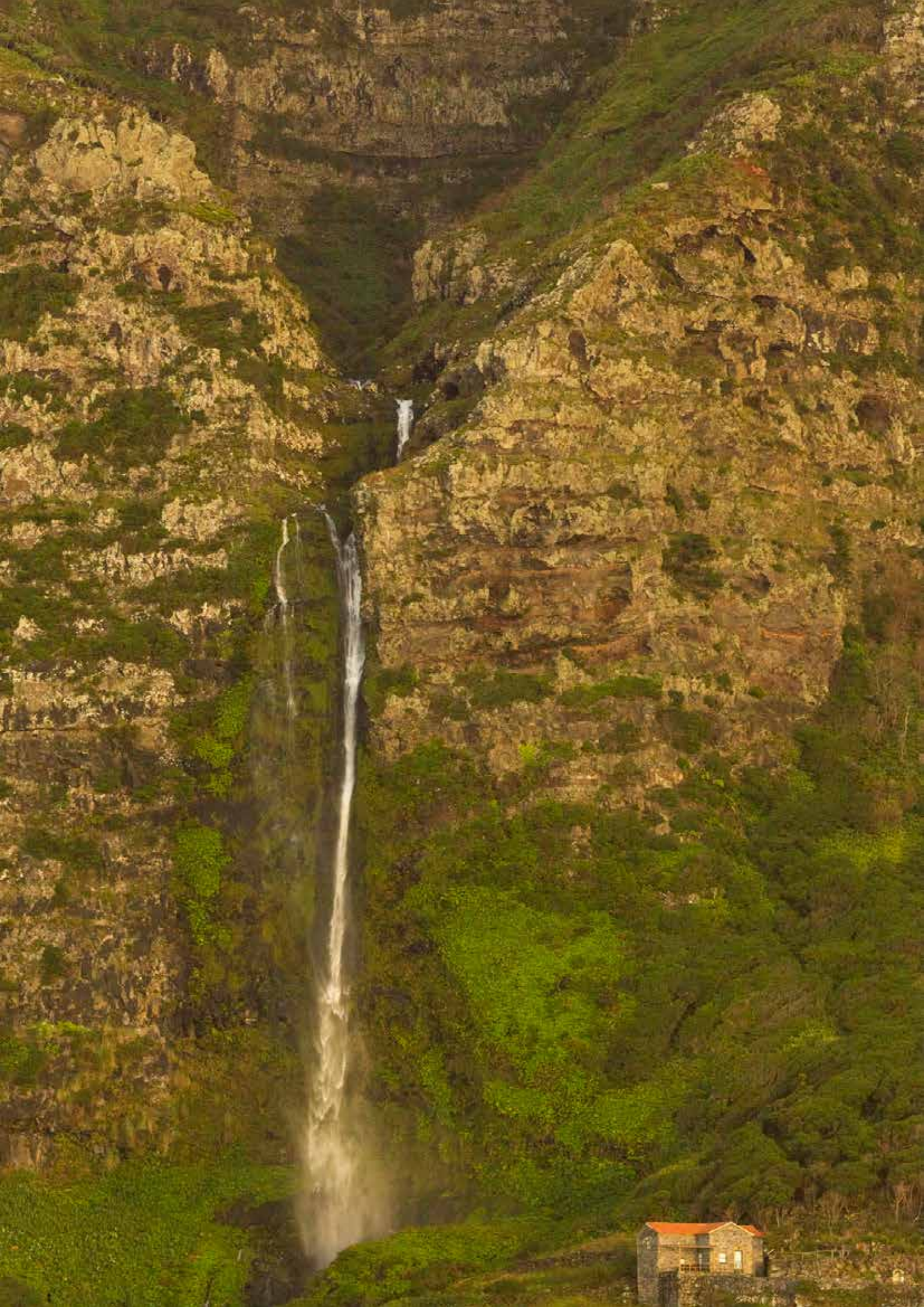
*E, depois, cada ilha tem as suas particularidades. Há ilhas onde o mar está sempre presente. Já em São Miguel, por exemplo, temos uma experiência bastante mais continental. Podemos demorar imenso a chegar a um determinado lugar, e às vezes até passamos boa parte desse tempo sem ver o mar.*

*Na verdade, estamos a falar de, pelo menos, nove personagens, como nove irmãos. Na paisagem, nas pessoas e nos próprios gestos do dia-a-dia. Até as sopas do Espírito Santo são diferentes de ilha para ilha. Por outro lado, os sons da cidade são quase sempre os sons dos pássaros. Em todas as ilhas, quando ouvimos cagarros, sabemos que o calor não tarda. E em todas as ilhas, já agora, quase tudo aquilo que se vê se pode comer.*

*Já não há paisagem virgem, evidentemente – nem nos Açores, nem em lado nenhum. Mas, nestas ilhas, ainda é possível ter-se essa sensação. Há condições suficientes para praticar a suspensão da descrença. E a suspensão da descrença é uma verdade. A ficção é uma verdade.*

*Tenho os meus lugares míticos nos Açores, claro. A Poça Simão Dias, em São Jorge – a maneira como aquela parede se ergue e pronuncia, vinda do fundo do mar. As escarpas das Flores, de onde se sente que se está realmente no mar alto. A Rocha do Chambre, na Terceira, que me remete para o Stalker, do Tarkovsky. A Lagoa do Congro, em São Miguel, com aquela cortina espessa de verde.*











---

## **5 DILEMAS PARA UMA ESTRATÉGIA DE MARCA**

- Como explorar ainda mais e melhor – ou como explorar de todo – a deslumbrante paisagem dos Açores em proveito da marca do arquipélago?
- Como potenciar a imagem dessa paisagem como uma coisa viva, mutante, por oposição a algo inerte ou cristalizado?
- Como capitalizar essa paisagem como – mais do que um postal – o espelho de um verdadeiro modo de vida e, inclusive, de uma verdadeira personalidade, tanto colectiva como individual?
- Como convencer quem possa visitar os (e/ou investir nos) Açores que o contacto com a sua paisagem, mesmo que esporádico ou até momentâneo, terá um impacte duradouro na respectiva qualidade de vida?
- Como persuadir os produtores da cultura pop – desde logo de cinema, mas não só – das potencialidades e do baixo custo das ilhas enquanto décor ou set para produções de todas as linguagens?



«Há desmoronamentos dramáticos.

Casas onde já não se pode entrar, porque já não há espaço para o pé de um curioso: o vigamento do telhado está preso no interior da ruína, coberto de arbustos, figueiras, gavinhas cheias de pinhos.

É uma confusão enraivecida, na qual as serpentes sibilariam, se as houvesse na ilha.»

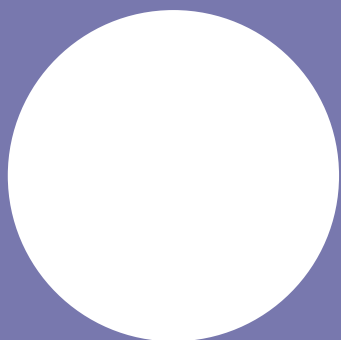


**RALPH ROGER GLÖCKLER**

*Viagem Vulcânica – Uma Saga Açoriana, 2008*







# O AMBIENTE E A CONSERVAÇÃO AMBIENTAL DOS AÇORES





# A ARCA DE NOÉ É UMA FROTA INTEIRA

Um dos arquipélagos mais isolados do mundo, os Açores fazem ainda assim parte da região biogeográfica da Macaronésia. Os seus ecossistemas, graças a uma poderosa combinação de condições climatéricas, geográficas e geológicas, são diversos e ricos. E os seus impulsos de conservação, com maior ou menor aprovação dos activistas, bastante antigos – por lucidez das autoridades e por mundividência das populações.

---

**M** **AMÍFEROS**, aves, répteis, peixes, anfíbios, moluscos, artrópodes, corais de água fria. E não só: briófitos, fungos, algas, líquenes, infestantes e flora vascular também. Já para não falar de todo o género de formação geológica, claro. O ambiente dos Açores, graças a uma poderosa combinação de condições climatéricas, geográficas e geológicas – que dão origem a grande variedade de biótopos, ecossistemas e paisagens –, é diverso e rico. Só espécies e sub-espécies de animais terrestres, estão contabilizadas nas ilhas 6164, das quais 452 endémicas. E a botânica não deixa de contribuir com mais de uma centena de endemismos também: 73 entre as plantas vasculares, 34 entre fungos e líquenes, sete entre os briófitos e outras diatomáceas de água doce – todos residentes em habitats característicos, bastos deles raros, localizados em vulcões, grutas, florestas, matos, prados, pastagens, turfeiras, lagoas e ribeiras. Espécies endémicas, espécies autóctones, espécies naturalizadas, espécies nidificantes, espécies migratórias – há de tudo na paisagem dos Açores. Um dos arquipélagos mais isolados do mundo, as ilhas açorianas fazem ainda assim parte da região biogeográfica da







Macaronésia, uma das mais ricas em biodiversidade da Europa. Os seus mares albergam várias espécies de cetáceos e de tubarões e as suas zonas costeiras, além de uma enorme variedade de peixes, apresentam polvos, ouriços-do-mar, estrelas-do-mar, lapas e cracas (além de bactérias quimio-autotróficas, mexilhões gigantes, poliquetas ou camarões detectáveis em fontes hidrotermais de grande profundidade, um dos habitats mais singulares da região).

E mais: nas suas ribeiras e lagoas, é frequente encontrar-se várias espécies de trutas, percas, carpas ou lúcios. No ar, com o estatuto de residentes ou algures ao longo de rotinas migratórias, voam o milhafre (a única ave de rapina local), os pombos torcaz e da rocha, o priolo, o canário-da-terra e, entre outras, diversas aves marinhas como o cagarro (cuja maior parte da população mundial nidifica no arquipélago), o garajau rosado (cuja maior parte da população europeia nidifica nos Açores), o painho-das-tempestades-de-monteiro e a gaivota. E, pelos prados, passeiam-se o coelho selvagem, a doninha-anã, o furão e o ouriço-cacheiro – além do morcego, que passeia voando, e que é mamífero também (e endémico). Até raças de cão próprias os Açores têm. Como o cão-de-fila de São Miguel ou o barbado da Terceira.

Isto na fauna. Porque na flora não é assim tão diferente, como o atesta desde logo a floresta Laurissilva. Com origem na Era Terciária, esse conjunto de espécies desapareceu em todo





o continente europeu em resultado das glaciações. Nos Açores, continua existir – em todas as ilhas, em manchas isoladas, e com grande expressão no Planalto Central do Pico, na Serra de Santa Bárbara da Terceira e no Nordeste de São Miguel.

E, entretanto, há uma série de espécies endémicas, como o louro, o queiró, a urze, o cedro ou o pau-branco. A vidália leva o endemismo às flores e ainda há plantas introduzidas que se tornaram emblemáticas – embora algumas delas vão passando a fronteira para o estatuto de invasoras –, como as hortênsias, as camélias, as azáleas, as acácias ou as criptomérias, todas com uma relevância que, inclusive, chega aos domínios comerciais.

Felizmente, há muito que a necessidade de conservar esse património se foi instalando no arquipélago – ora por lucidez das autoridades, ora por mundividência das populações, e algumas vezes por ambas. Primeiro arquipélago do mundo a receber o certificado de Destino Turístico Sustentável (2019), os Açores foram também a porta de entrada de Portugal no então restrito leque de oito países reconhecidos pelo Conselho Global de Turismo Sustentável, sob a égide da Fundação das Nações Unidas. Quase todos os anos têm recebido prémios internacionais não só para a qualidade de vida que podem proporcionar aos seus habitantes, mas para as suas diligências no domínio da sustentabilidade em geral, como ainda em 2020 aconteceu com o galardão Best of



Nature dos Sustainable Destination Awards, atribuídos pela Green Destinations, rede de organizações internacionais especializadas em turismo sustentável.

Mas o impulso de conservação, embora nem sempre igualmente aplaudido pelos activistas, é antigo. Em 1972, ainda antes do advento da Autonomia, foram criadas as Reservas Integrais da Caldeira do Faial e da Montanha da ilha do Pico. Entretanto, em 1977, as novas autoridades regionais deram início aos seus próprios esforços, fazendo publicar o Decreto Regional n.º 12/77/A, de 14 de Junho, que estabelecia medidas de protecção para lagoas, ribeiras e nascentes de água. E, hoje, a Rede Regional de Áreas Protegidas dos Açores, estrutura territorial e administrativa básica de conservação da natureza nas ilhas e na região oceânica circundante, integra 21 Zonas Especiais de Conservação (ZEC) e Sítios de Importância Comunitária (SIC), para habitats, flora e fauna, espalhadas por todas as ilhas; 15 Zonas de Protecção Especial (ZPE), para aves selvagens, distribuídas igualmente por todo o arquipélago; 12 sítios RAMSAR, para áreas húmidas, em várias ilhas e ilhéus; oito Áreas Marinhas Protegidas da Convenção OSPAR, dispersas no mar; várias IBAs, ou áreas importantes para as aves; e ainda três Reservas da Biosfera – na Graciosa, no Corvo e nas Flores.

Outra posição de liderança. E uma demonstração do sistema de valores por que o arquipélago se empenha em fazer-se nortear. Em busca de concretizar o restante elemento do binómio «Ilhas de passado, ilhas de futuro.»

Só espécies  
e sub-espécies  
de animais terrestres,  
estão contabilizadas  
nas ilhas 6164, das  
quais 452 endémicas.  
E a botânica não deixa  
de contribuir com mais  
de uma centena de  
endemismos também







## 15 ANIMAIS DOS AÇORES PARA O FAZER BRILHAR NO INSTAGRAM

1

### **CACHALOTE** PHYSETER MACROCEPHALUS

Maior cetáceo com dentes, chega a atingir os 18 metros. Deu corpo a Moby Dick, a mítica personagem de Melville, e alimentou a economia de várias ilhas dos Açores durante séculos. Pode ser observado especialmente nas ilhas S. Miguel, Faial e Pico, em passeios de whale-watching.

2

### **PAÍNHO-DE-MONTEIRO** HYDROBATES MONTEIROI, ESPÉCIE ENDÉMICA

Era conhecido por Paínho-da-Madeira-de-época-quente, mas em 2008 foi reconhecido como espécie com morfologia, dieta, vocalização e até teor de mercúrio nas penas distintos. Vive em dois pequenos ilhéus desabitados, situados ao largo da ilha Graciosa.

3

### **TUBARÃO BRANCO** CARCHARODON CARCHARIAS

É o peixe de maiores dimensões existente na atualidade, podendo atingir os sete metros e 2,5 toneladas, e ganhou fama de assassino por via dos seus agressivos ataques por emboscada. Visita o arquipélago, mas felizmente os humanos estão em regra a salvo.

4

### **MORCEGO-DOS-AÇORES** NYCTALUS AZOREUM, ESPÉCIE ENDÉMICA

Único mamífero endémico dos Açores, é uma das poucas espécies de morcegos no mundo cuja actividade diurna pode ser considerada intensa. A sua distribuição está restrita aos grupos Central e Oriental do arquipélago, sendo que é raro observar-se em Santa Maria.

5

### **CRACAS-DOS-AÇORES** MEGABALANUS AZORICUS

Crustáceo que vive fixo ao substrato, formando em torno de si uma espécie de muralha calcária, foi durante muito tempo considerada uma espécie endémica dos Açores, mas também existe no Arquipélago da Madeira. É muito apreciado enquanto marisco.





**6****GOLFINHO-ROAZ** *TURSIOPS TRUNCATUS*

Aparece muitas vezes na companhia de baleias-piloto tropicais e falsas orcas, mas até em cativeiro se dá. Apesar disso, é frequentemente agressivo e responsável por causar a morte de outros cetáceos. Alimenta-se de peixes e lulas e dá boas fotografias acompanhando barcos.

**7****BORBOLETA-DA-COUVE-DOS-AÇORES**

*PIERIS BRASSICAE AZORENSIS*, ESPÉCIE ENDÉMICA

Bastante comum em toda a Europa, a borboleta branca da couve tem nos Açores uma genealogia específica: uma espécie única e endémica. É comum vê-la nos campos e hortas, mas também se pode encontrá-la atravessando o oceano em direcção a outra ilha.

**8****BALEIA AZUL** *BALAENOPTERA MUSCULUS*

Maior animal da história do planeta, pesa mais de três toneladas à nascença e chega a atingir os 33 metros (e as 200 toneladas), sobretudo no Hemisfério Sul. Também visita com regularidade o arquipélago, mas anda pelo mundo inteiro, quase sempre solitariamente.

**9****FRULHO** *PUFFINUS LHERMINIERI BAROLI*

Endémico da Macaronésia, nidifica nos Açores, na Madeira e nas Canárias, em geral – no caso das ilhas açorianas – em ilhéus ou nas falésias inacessíveis das ilhas. Ninhos artificiais colocados no ilhéu da Praia (Graciosa) permitiram a nidificação suplementar de alguns casais.

**10****PEIXE-CÃO** *BODIANUS SCROFA*

Espécie da família dos labrídeos, geralmente bastante coloridos, é quase sempre solitário, embora possa deslocar-se em pequenos grupos. De biologia em parte desconhecida, habita fundos rochosos, com profundidades entre 20 e 100 metros.





**11****TARTARUGA BOBA** CARETTA CARETTA

Também conhecida como tartaruga comum (ou careta), percorre todos os oceanos e encontra-se com frequência na costa portuguesa, sendo normal descobrir juvenis nas águas dos Açores e da Madeira, quentes e com grande quantidade de alimento. Pode pesar 200 kg.

**12****GARAJAU-ROSADO** STERNA DOUGALLII

Semelhante ao garajau-comum, é uma das aves mais elegantes e singelas dos mares açorianos, um dos melhores locais da Europa para a sua observação. Nidificam ainda nas ilhas, além do referido garajau-comum, outras duas espécies: garajau-escuro e garajau-de-dorso-castanho.

**13****MERO** EPINEPHELUS MARGINATUS

Espécie solitária e territorial, típica de zonas rochosas, é curioso e afável, criando facilmente laços com os mergulhadores. Muito valorizadas pelo turismo subaquático, pode atingir os 60 kg e viver até aos 50 anos. É considerado espécie ameaçada.

**14****GOLFINHO COMUM** DELPHINUS DELPHIS

Costuma viver em grupos de 30/50 indivíduos e, muitas vezes, surfa as ondas de embarcações, para deleite de turistas e até marinheiros. Associa-se frequentemente ao golfinho-riscado, que nada mais depressa, salta mais alto e cria enormes splashes.

**15****PRIOLO** PYRRHULA MURINA

Conhecido internacionalmente como Azores bullfinch, é uma ave em estado de conservação vulnerável, endémica da metade Leste da ilha de São Miguel. Estima-se que existam hoje mais de 1000 indivíduos, em resultado dos esforços do projeto LIFE-Priolo.





## SOS CAGARRO

### UMA CAMPANHA DE SUCESSO

Existe desde 1995, ocorre entre Outubro e Novembro e já salvou centenas de milhares de animais. Dedicada à protecção do cagarro (*Calonectris borealis*), a SOS Cagarro é a maior e mais antiga campanha de educação e conservação ambiental dos Açores, envolvendo autoridades, escolas e voluntários. Objectivo: resgatar as crias de cagarro que, em resultado da poluição luminosa, falham a migração para Sul. Todos os anos, mais de cem mil casais aportam aos Açores vindos de paradiços como os mares da África do Sul, da Argentina ou do Uruguai. Com a chegada do Outono, regressam a essas paragens, deixando as crias para que, numa espécie de rito de passagem, se orientem pelas estrelas e vão encontrá-los. Muitas confundem-se com as luzes das povoações, estampando-se contra elas, caindo por terra e tomando o rumo da inviabilidade. A campanha prevê o seu salvamento, protecção ao longo da noite e libertação junto ao mar, pela manhã, para nova tentativa.







## ENERGIAS RENOVÁVEIS

### **DA TERRA, DO AR E DA ÁGUA**

Um arquipélago ecológico: nada menos do que isso. Ao todo, as fontes de energia renováveis e endógenas garantiram aos Açores, no ano de 2019, 38% do total da energia consumida nas ilhas, resultado considerado excepcional no contexto dos espaços insulares. À cabeça das energias não fósseis vem a geotermia, com um contributo de 24%. Mas as energias eólica (9%) e hídrica (4%) são igualmente importantes fornecedoras, havendo ainda 1% de produção de outras energias limpas. A geotermia, que aproveita o calor do interior da terra vulcânica, é um recurso endógeno particularmente tentador e tem exploração nos Açores há mais de 40 anos, contando actualmente com três centrais entre São Miguel e Terceira. A energia eólica está presente num total de oito ilhas e a energia hidroelétrica é explorada em quatro, com 12 centrais. Na ilha das Flores, esta última actividade foi responsável, no dito ano de 2019, por quase metade da energia produzida na ilha: 47%.



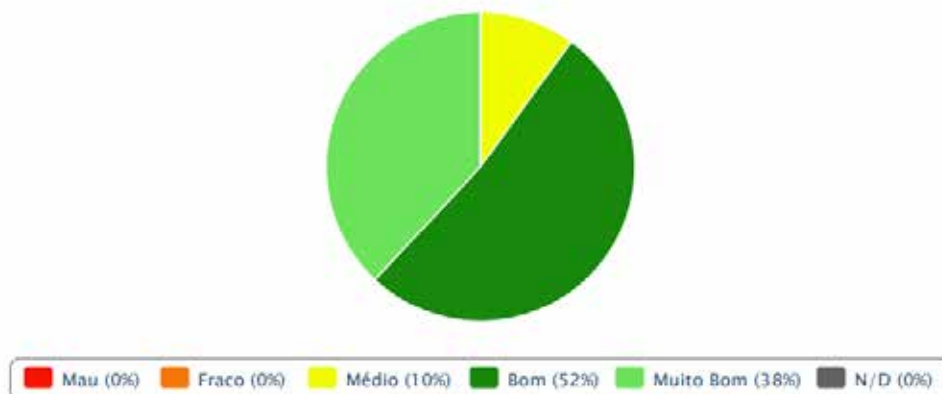






## QUALIDADE DO AR

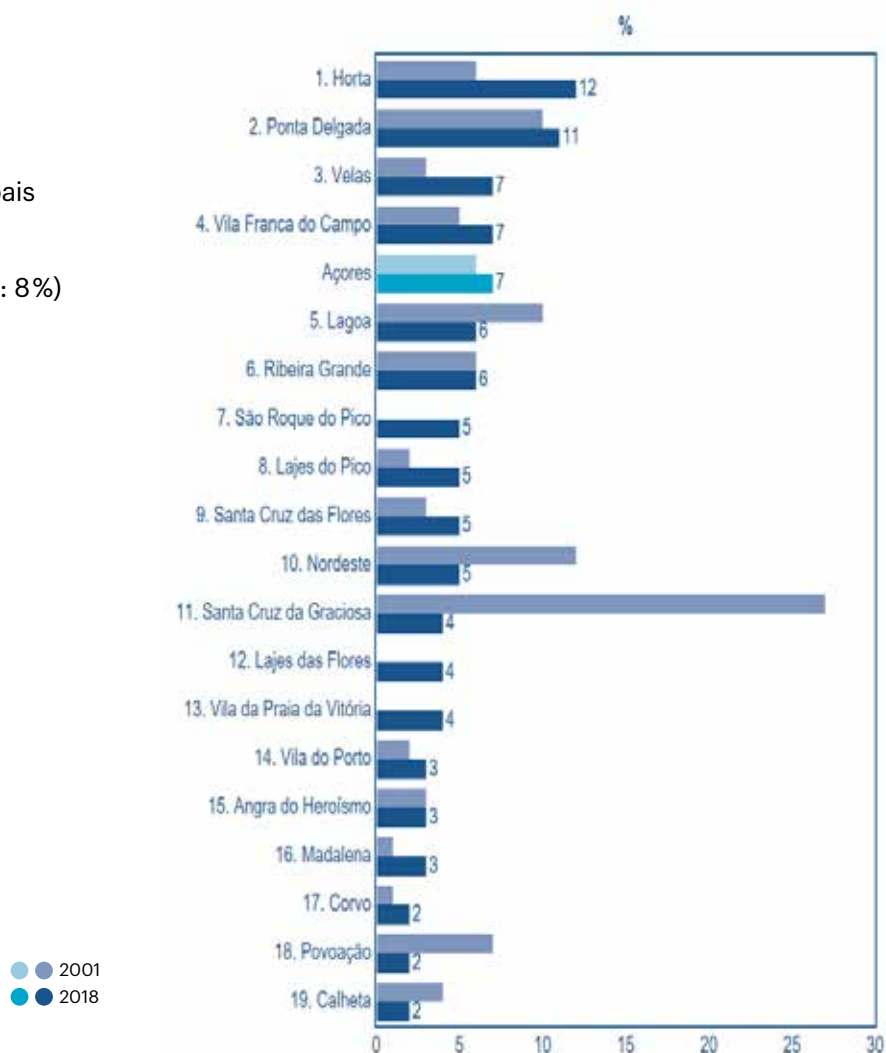
A qualidade do ar nos Açores em 2019



FONTE: DIRECÇÃO REGIONAL DO AMBIENTE

## INVESTIMENTO NO AMBIENTE

Evolução da taxa de investimento das Câmaras Municipais dos Açores com o ambiente (Açores, 7%; Portugal: 8%)



FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA/PORDATA-FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS



## O TRATAMENTO DE RESÍDUOS

Resíduos urbanos recolhidos por tipo de recolha e tipo de destino nos Açores e em Portugal (2019)

	Resíduos urbanos recolhidos			Resíduos urbanos geridos				
	Total	Tipo de recolha		Total	Tipo de destino			
		Indiferenciada	Seletiva		Aterro	Valorização energética	Valorização orgânica	Valorização multimaterial
<b>Portugal</b>	<b>5 281 384</b>	<b>4 154 160</b>	<b>1 127 224</b>	<b>5 027 378</b>	<b>2 505 484</b>	<b>996 124</b>	<b>883 189</b>	<b>642 581</b>
Continente	5 006 800	3 955 404	1 051 395	4 754 820	2 436 710	864 942	857 385	595 783
Norte	1 679 858	1 389 627	290 231	1 672 289	801 117	374 450	294 645	202 078
Centro	1 009 134	848 675	160 459	934 816	481 138	42 880	280 245	130 553
A. M. Lisboa	1 525 076	1 111 073	414 003	1 410 330	596 661	436 907	199 507	177 255
Alentejo	386 545	322 298	64 247	336 075	225 457	10 706	54 528	45 384
Algarve	406 186	283 731	122 454	401 309	332 337	0	28 460	40 512
R. A. Açores	145 722	107 158	38 564	145 722	65 299	24 998	22 517	32 908
R. A. Madeira	128 863	91 598	37 265	126 836	3 475	106 184	3 287	13 891
	Indistinct collection			Selective collection				
	Total	Kind of destination		Total	Kind of destination			
		Landfill	Energy recovery		Landfill	Energy recovery	Organic recycling	Multimaterial recovery

FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

## QUALIDADE DAS ÁGUAS BALNEARES

Águas balneares segundo o tipo e a classe de qualidade nos Açores e em Portugal (2019)

	Interiores				Costeiras / Transição			
	por classe de qualidade							
	Excelente	Boa	Aceitável	Má	Excelente	Boa	Aceitável	Má
	N.º / No.							
Portugal	102	15	4	1	460	16	2	0
Continente	102	15	4	1	348	8	1	0
Norte	25	5	2	0	79	0	0	0
Centro	71	9	1	0	78	3	1	0
A. M. Lisboa	0	0	1	0	57	2	0	0
Alentejo	6	0	0	1	28	0	0	0
Algarve	0	1	0	0	106	3	0	0
R. A. Açores	0	0	0	0	68	1	0	0
R. A. Madeira	0	0	0	0	44	7	1	0

FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

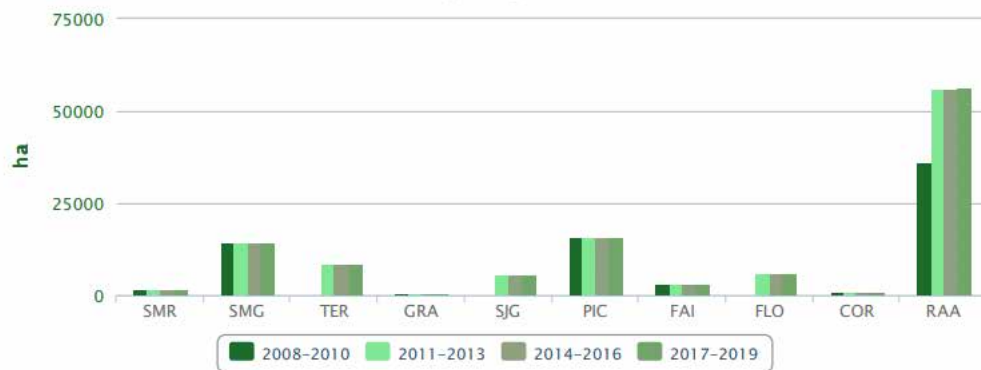




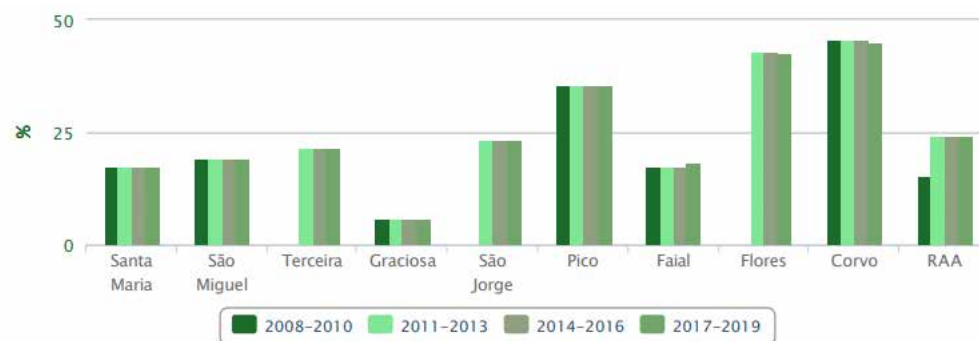
## PROTECÇÃO AMBIENTAL

A Rede de Áreas Protegidas, por ilha e na região (2008-2019)

### ÁREA TERRESTRE OCUPADA



### PERCENTAGEM DA ÁREA TERRESTRE GERAL

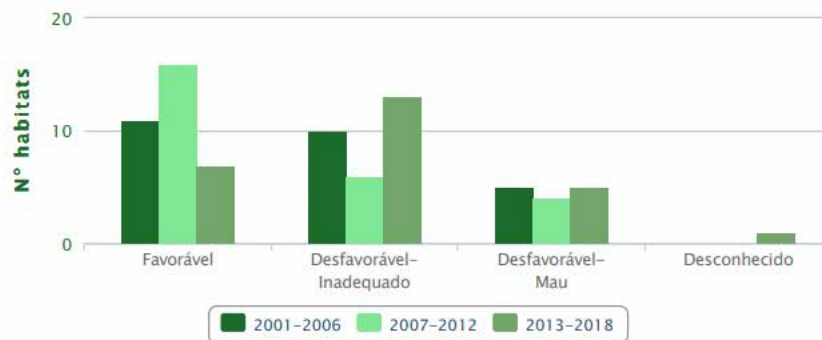


FONTE: DIRECÇÃO REGIONAL DO AMBIENTE



## ESTADO DOS HABITATS

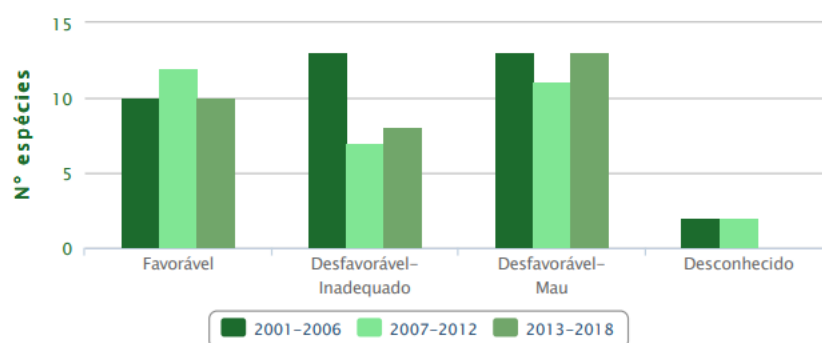
Evolução do estado de conservação dos habitats terrestres (2001-2018)



FONTE: DIRECÇÃO REGIONAL DO AMBIENTE

## ESTADO DA FLORA

Evolução do estado de conservação da flora terrestre (2001-2018)



FONTE: DIRECÇÃO REGIONAL DO AMBIENTE

**OS PROTECTORES DO AMBIENTE NOS AÇORES**

Esforços dos municípios na protecção ambiental das ilhas em 2017 e 2018

	<u>Organizações não governamentais de ambiente (ONGA) por 100 mil habitantes</u>	<u>Associados das organizações não governamentais de ambiente por 1000 habitantes</u>	<u>Despesas dos municípios por 1 000 habitantes</u>		<u>Resíduos urbanos recolhidos por habitante</u>	<u>Proporção de resíduos urbanos recolhidos seletivamente</u>	<u>Proporção de resíduos urbanos depositados em aterro</u>
			Gestão de resíduos	Proteção da biodiversidade e da paisagem			
	N.º	€		kg	%		
	2018				2017		
R. A. Açores	a	8	37 900	5 674	585	23	66,3
Santa Maria	0	0	31 463	2 661	437	17	x
Vila do Porto	0	0	31 463	2 661	437	17	x
São Miguel	1	14	45 359	3 850	622	24	89,0
Lagoa (R.A.A.)	0	0	38 601	3 197	623	29	79,0
Nordeste	0	0	38 514	1 077	672	32	72,0
Ponta Delgada	0	0	56 170	5 690	665	23	91,4
Povoação	0	0	17 664	1 674	528	8	100,0
Ribeira Grande	3	60	32 916	2 440	560	24	90,6
Vila Franca do Campo	0	0	42 702	0	565	28	81,6
Terceira	0	0	10 661	8 142	610	24	10,0
Angra do Heroísmo	0	0	9 131	7 452	671	23	9,5
Vila da Praia da Vitória	0	0	13 094	9 240	513	25	10,6
Graciosa	0	0	50 527	674	453	19	x
Santa Cruz da Graciosa	0	0	50 527	674	453	19	x
São Jorge	0	0	47 835	340	431	4	x
Calheta (R.A.A.)	0	0	18 388	0	403	5	x
Velas	0	0	66 232	552	448	3	x
Pico	0	0	41 633	7 261	445	14	x
Lajes do Pico	0	0	31 853	19 648	414	13	x
Madalena	0	0	31 799	1 188	465	13	x
São Roque do Pico	0	0	72 875	1 069	453	16	x
Faial	0	0	57 929	18 505	491	16	x
Horta	0	0	57 929	18 505	491	16	x
Flores	0	0	42 472	2 743	493	30	x
Lajes das Flores	0	0	78 590	0	432	37	x
Santa Cruz das Flores	0	0	17 914	4 606	534	26	x
Corvo	0	0	88 455	2 306	470	28	x
Corvo	0	0	88 455	2 306	470	28	

FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA







ANA MONTEIRO,  
ACTIVISTA AMBIENTAL

## UMA PAISAGEM INTOCADA É UM LEGADO GERACIONAL

**Ana Monteiro, 42 anos, é licenciada em Radiologia (com mestrado em Intervenção Sócio-Organizacional na Saúde) e em Estudos Europeus e Política Internacional. Nascida nas Flores e radicada em São Miguel, integrou a direcção do núcleo micaelense da Quercus, organização não-governamental de ambiente. Antiga escuteira, fez voluntariado em diferentes áreas relacionadas com a responsabilidade ambiental e é membro da Comissão Consultiva do processo de alteração dos Planos de Ordenamento da Orla Costeira das Costas Sul e Norte de São Miguel.**

*«Em geral, os esforços de sensibilização e conservação envidados dos últimos anos pelas autoridades dos Açores, tanto quanto por diferentes instituições privadas e pela população em geral, merecem-me um balanço positivo. Houve muito dinheiro da União Europeia e foi possível fazer bastantes coisas.*

*Temos avançado no processo de certificação do turismo sustentável, com progressos no sentido das exigências internacionais quer no domínio do ambiente, quer no domínio do turismo. Temos criados bons projectos no contexto do programa LIFE. O aumento das campanhas de educação ambiental nas escolas parece ter correspondência no crescimento da informação das crianças e dos adolescentes. A disseminação dos centros de interpretação melhora a olhos vistos a sensibilização das populações. E as campanhas como a SOS Cagarro devem de facto orgulhar-nos – hoje em dia, há imensa gente que já anda diariamente com uma caixa de cartão no carro, para recolher animais caídos, o que também devemos agradecer ao empenho da comunicação social.*



*Mas penso que precisamos de ser mais ambiciosos. Muitos açorianos não têm sequer a noção do património à sua volta. Amam as suas ilhas, tiram-lhes imensas fotos, às vezes são até bairristas, mas desconhecem a fauna, a flora ou os próprios recursos geológicos de que dispõem.*

*A verdade é que estamos a perder biodiversidade. Falta ainda mais investimento na educação. E falta sobretudo um projecto holístico, que ponha as diferentes entidades, e em especial as secretarias regionais, a falar a uma só voz. Parece que, demasiadas vezes, as políticas nascem antes da definição das prioridades. E, no caso do ambiente, isso é especialmente grave, porque se trata do nosso maior capital.*

*Dou um exemplo: esta insistência no chamado “turismo de natureza”. Sê-lo-á de facto “de natureza”? Um turismo em que as pessoas têm como única alternativa para chegar a um trilho pedestre o aluguer de um automóvel na rent-a-car, individual e movido a combustível fóssil, é “turismo de natureza”? Grupos imensos de pessoas chegadas em cruzeiros e transportadas ao monte para restaurantes onde se chega a servir abacaxi em lata – isso é “turismo de natureza”?*

*O essencial, do meu ponto de vista, é isto: nós, açorianos, herdámos um património excepcional, com uma biodiversidade extraordinária para o território que temos. E, não necessariamente por mérito nosso, temos uma paisagem relativamente bem preservada. Só que isso leva as pessoas a pensar que não é preciso fazer mais nada e, em geral, os Açores a cometer vários erros estratégicos.*

*Tem imperado bastantes vezes o complexo do pobrezinho, que é a obra feita. E isto quando, na verdade, o privilégio é o património intocado.*

*Falo da terra, evidentemente. No mar, a situação é diferente para pior, sobretudo em resultado das pescas. É aí que estão as minhas maiores preocupações, até porque se trata de um problema global. Urge que sejamos capazes de desenvolver maior literacia ambiental. E, nessa sequência, decidir o que fazer com os pescadores.*

*É claro que o problema dos resíduos, em si, é sempre mais grave em ambiente insular. Desse ponto de vista, creio que nos faltam políticas mais ousadas, mais fora-da-caixa. Sobre tudo a pensar na protecção do planeta, e não apenas destas ilhas.*

*De resto, é frequente assistir a uma certa ganância dos investidores externos. Crescer economicamente é bom, mas não agredindo os recursos naturais ou – já agora – colocando em causa a identidade dos que vivem na região. Nesse âmbito, falta muitas vezes levar a responsabilidade ambiental ao ordenamento do território.*

*Uma paisagem intocada é um legado geracional. Não se calcula em euros. E crescer infinitamente, num território finito e com recursos finitos, não é sustentável. Temos de definir até onde queremos crescer.*

*Provavelmente, a primeira coisa a fazer é deixarmos de nos comparar com as canárias ou o Algarve. Na melhor das hipóteses, devemos comparar-nos com*



*Fernando Noronha, com a Patagónia, com o Alaska, com a Islândia. Um turismo de natureza não pode ser low cost. E, apesar dos desafios da sazonalidade, é preciso ter a coragem de investir na qualidade, mesmo que isso signifique menos visitantes.*

*Digo-o sem qualquer acrimónia quanto ao visitante, naturalmente. Sou muito orgulhosa das minhas ilhas e gosto muito de mostrá-las. Mas temos de apontar para cima. Até porque já temos a segurança, que é a primeira condição.»*







## **8 DILEMAS PARA UMA ESTRATÉGIA DE MARCA**

- Como reforçar a ideia de que os Açores não são apenas um lugar belo, mas um lugar ecologicamente responsável (e líder nessa responsabilidade?) Como transformar essa responsabilidade numa marca indelével e inconfundível dos Açores?
  - Como incutir em todos os forasteiros que entrem em contato com os Açores um sentido protetor do ambiente dos Açores e do mundo (até uma obrigação de protegê-los)?
  - Como persuadir os açorianos a reforçarem os esforços de conservação da natureza das autoridades, tanto na reciclagem do lixo doméstico, como na preservação da limpeza dos espaços públicos, como até no seu contributo individual para a protecção do planeta em geral?
  - Como fazer brilhar, na imagem geral dos Açores, a sua exultante biodiversidade, apesar da relativa escassez de animais de grande porte e/ou especialmente fotogénicos?
  - Devemos considerar a produção animal (sobretudo de vacas), para lá do seu potencial plástico, como um elemento dessa biodiversidade?
  - Como explorar melhor o potencial dos Açores para a prática da ornitologia?
-



- 
- **Como conter e mitigar as eventuais desvantagens, para a imagem ecológica dos Açores, da prática das touradas, em vigor em várias ilhas (e sobretudo na Terceira)? Colocando a tónica em que grande parte dessas touradas são da variante à corda, sem violência significativa para o animal e com grande impacte no bem-estar social? Como articular essas preocupações com a reclamação de tantos habitantes de que “tourada é cultura”? E como considerar as touradas, a contento da imagem da região, no contexto do ambiente festivo das ilhas, para que elas insofismavelmente contribuam?**
  - **Como conter e mitigar as eventuais desvantagens, para a imagem ecológica dos Açores, da prática histórica da caça à baleia nos Açores, em vigor em várias ilhas até há cerca de 40 anos? Acentuar o whale-watching, indústria que nasceu sobre os escombros dessa actividade, resolve de uma vez o problema?**
-



«Tanto os chefes navais britânicos  
como o norte-americano estavam ansiosos,  
desta vez por causa dos Açores. Suspeitávamos  
fortemente que o inimigo estava a planejar tomá-los  
como uma base para submarinos e aviões.  
Estas ilhas, que ficam perto do centro do Atlântico  
Norte, em mãos inimigas seriam uma grande ameaça  
aos nossos movimentos navais, tanto no Sul como,  
a Norte, na Islândia.»

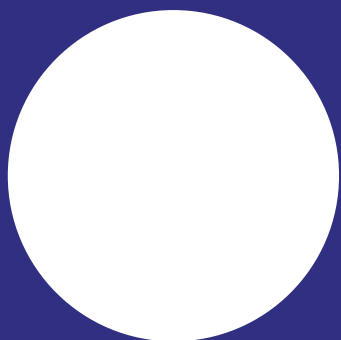
---

**WINSTON CHURCHILLO**

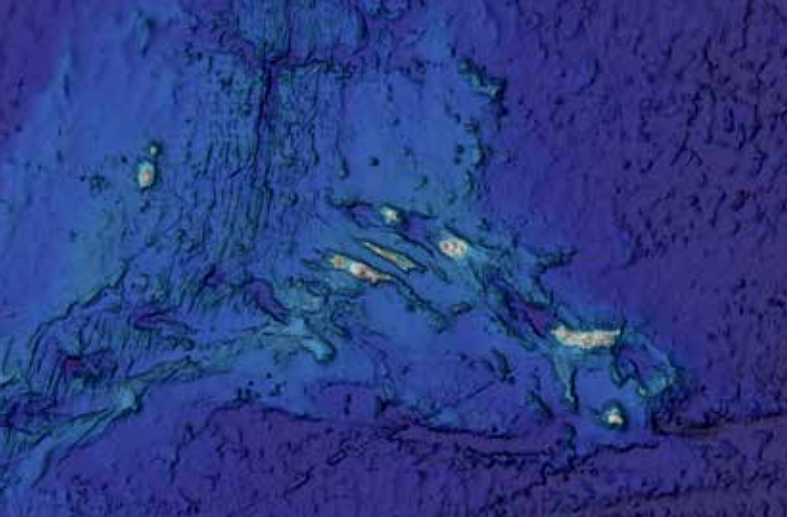
*II Guerra Mundial, vol. 3  
(A Grandiosa Aliança), 1950*







# **AS CATÁSTROFES NATURAIS DOS AÇORES**





# A FÚRIA AVASSALADORA DOS ELEMENTOS

Situado no meio do oceano a que os árabes chamavam «Mar Tenebroso» e no encontro entre três placas tectónicas terrestres, o arquipélago dos Açores é um lugar fascinante para os cientistas. A sua história faz-se de sismos, vulcões, tempestades e todo o género de outras calamidades naturais. A elas aprenderam os açorianos a sobreviver. E nelas se funda, inevitavelmente, boa parte do carácter deles.

---

«**A** NORTE DESTA ILHA, distância de cem braças, pouco mais, se levantaram dezoito ilhotas, umas maiores que outras. Apareceram todas na manhã do dia 10. É navegável o mar entre as ditas e a ilha», descreve frei Vicente Salgado, pregador geral. «Nas Fajãs dos Vimes, São João e Cubres se moveu a terra, voltando-se do centro para cima, de sorte que nelas não há sinal onde houvesse edifício.»

A história vem narrada na Colecção das Memórias Literárias para a História de Portugal, da autoria do dito frade franciscano, e conta sobre o terrível sismo que, a nove de Julho de 1757 – menos de dois anos depois do infame Terramoto de Lisboa –, assolou as ilhas de (principalmente) São Jorge, Pico e Faial, causando pelo menos 1053 mortos. Chamaram-lhe «Mandado de Deus», permitindo-lhe alimentar basta literatura, e dele





resultaram um grande maremoto e vários deslizamentos de terras que originaram a formação de várias fajãs ao redor da ilha de São Jorge.

É um conto de terror, a memória de um dos mais terríveis – se não o mais terrível – evento sísmico alguma vez ocorrido no arquipélago do Açores. E, ao mesmo tempo, é uma história de triunfo. Os jorgenses prevaleceram. Os Açores prevaleceram. E algumas daquelas fajãs estão hoje não apenas entre as principais atracções turísticas de São Jorge, Fajã da Caldeira de Santo Cristo à cabeça, mas inclusive entre as paisagens mais avassaladoramente belas, românticas e mitificadas das ilhas.

### **UM LUGAR FASCINANTE PARA A CIÊNCIA**

O extraordinário caldo geológico que os Açores formam, ou (na verdade) de que os Açores se formam, resulta em boa parte da hoje chamada Junção Tripla dos Açores: o encontro, num espaço de oceano relativamente curto – para mais, esse oceano a que os árabes chamavam «Mar Tenebroso», fonte de lendas, mitos e terrores –, de três placas tectónicas terrestres, as Placas Africana, Euroasiática e Norte-Americana, que se intersectam no eixo do chamado Rifte Mesoatlântico. Localizada ao longo da Dorsal Média do oceano, na região do Grupo Central dos Açores, a estrutura recebeu a uma classificação «R-R-R» (de ridge-ridge-ridge já que os três limites estão associados a estruturas de rifte) do





GREENLAND

# ATLANTIC OCEAN FLOOR

Produced in cooperation with the National Geographic Society  
for THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE  
MILLVILLE, MASSACHUSETTS, U.S.A. 01946

ICELAND

EUROPE

NORTH  
AMERICA

SAHARA

AFRICA

AMAZON BASIN  
SOUTH AMERICA

KALAHARI  
DESERT





«tipo T» (devido à sua forma em T que resulta da intersecção quase perpendicular da Dorsal Média, de direcção Norte-Sul, com o Rifte da Terceira e o seu prolongamento pela chamada Falha Glória, ou Falha Transformante Açores-Gibraltar, de sentido WNW-ESSE).

A região, planáltica e de desenho grosso modo triangular, também é designada por Microplaca dos Açores. E não lhe falta nada, tanto a nível geológico como – por influência da Corrente do Golfo, dos ventos alísios de África e de uma série de fenómenos permanentes, regulares, esporádicos ou acidentais de toda a espécie – a nível meteorológico. É um lugar fascinante para a ciência, com interesse para especialistas de todo o planeta e das mais variadas disciplinas – inclusive com vocação para a prática da multidisciplinaridade). Mas é também um desafio constante para aqueles que aí habitam.

É um dos mais  
terríveis sismos  
ocorridos nos Açores.  
E também é uma  
história de triunfo.  
Aqueles novas fajãs  
estão hoje entre  
as paisagens  
mais belas  
do arquipélago

Terramotos e crises sísmicas; erupções vulcânicas; furacões e ciclones; dilúvios, cheias e inundações; trovoadas homicidas; maremotos e naufrágios; deslizamentos e derrocadas; secas e esterilidades: a fúria dos elementos nunca deixou de se fazer sentir nos Açores. E isto sem falar nas epidemias locais, nas epidemias regionais e, evidentemente, nos reflexos de epidemias globais, de que a crise da covid-19 (em particular) na ilha de São Miguel é apenas o mais recente exemplo.

Ao todo, quando do advento da autonomia constitucional, em 1976, os Açores já tinham sido palco de mais de 120 grandes calamidades naturais. Isto é: em pouco mais de quinhentos anos desde o seu povoamento, em meados do século XV. Imaginar todos os acidentes

ocorridos desde que há um pouco mais de oito milhões de anos se formou a ilha de Santa Maria (a ilha geologicamente mais antiga), e mais ainda desde que há 15 ou 20 milhões se elevou a plataforma sobre que assenta o arquipélago, é um exercício de especulação que pecará quase sempre por defeito. Entretanto, os portugueses chegaram e a ilha de São Miguel estava em plena crise vulcânica, com a zona das Sete Cidades em vésperas de várias erupções. Não muito depois, em 1522, um sismo com epicentro perto de Vila Franca do Campo originou um enorme deslizamento de terras, provocando a morte de milhares de pessoas. E, desde então, os solavancos nunca mais pararam, embora nas últimas duas décadas as dificuldades tenham tido origem sobretudo meteorológica.

Dessa vertigem permanente, desse medo de um inimigo que não se sabe quando atacará – e, aliás, de que inimigo exactamente se tratará desta vez –, se faz grande parte



da identidade do povo dos Açores. Como se faz outro tanto da reposta que este sempre foi capaz de dar à adversidade, tantas vezes construindo sobre os seus escombros novos e mais auspiciosos futuros.

### **O FUTURO A PARTIR DOS ESCOMBROS**

«Enxugar as lágrimas e arregaçar as mangas», proclamou o então presidente do Governo Regional, João Bosco Mota Amaral, horas depois do terramoto que, a 1 de Janeiro de 1980, dizimou a Terceira, São Jorge e Graciosa, fazendo um total de 70 mortos e assumindo o topo na hierarquia das catástrofes naturais contemporâneas no arquipélago. Pois foi exactamente o que aconteceu. As autoridades entenderam-no como um desafio à sua autonomia, com pouco mais de três anos. O povo invocou a memória da resiliência dos seus antepassados – o sangue vermelho-vivo que lhe corria nas veias, a sua própria experiência acumulada no combate aos elementos. E todos juntos reconstruíram as ilhas (em especial a Terceira) num espaço de dez anos, dotando-as de parques habitacionais renovados – melhores, mais ordenados e mais salubres – e preparando-as com novas infraestruturas para a modernidade.

Reconstruíram as ilhas, reconstruíram as infraestruturas e reconstruíram as economias, aliás. Porque a catástrofe chegou, de facto, a ser um tormento para a pouca actividade






económica existente na Terceira, em São Jorge e na Graciosa. Mas tanto o mostram os indicadores oficiais como a própria percepção da população (em especial a da Terceira, mais uma vez): a partir do rescaldo, o sismo significou primeiro circulação de gentes, depois circulação de dinheiros e finalmente circulação de bens e serviços que até ali ninguém julgava serem sequer necessários, com tudo o que de desconcerto mas também de oportunidade daí resulta.

De resto, o desenvolvimento dos estudos nos vários domínios que as catástrofes naturais abrangem (e afectam) nunca parou de crescer. A Universidade dos Açores

Os Açores são  
um lugar fascinante  
para cientistas  
de todo o planeta  
e de todas  
as disciplinas, mas  
também um desafio  
permanente  
para as pessoas  
que os habitam



promove vários cursos e unidades curriculares especializados – e mesmo holísticos – nos domínios em causa. O Governo Regional criou toda uma genealogia orgânica a propósito desse extraordinário mosaico de desafios, a protecção civil tem departamentos e formação para os mais variados géneros de obstáculos e a população levanta os olhos em redor, para as elevações cónicas por onde cuspiram vulcões, e sabe não só o que não pode descurar para sobreviver, mas de que matéria é feita.

E, se em algum momento se esquecer disso, lá estará a montanha do Pico, nos seus mais de 2300 metros de altitude: o ponto mais alto de Portugal, também ele prestando vénia ao relevo de sentido Leste-Oeste, coincidente com as linhas de fractura que estão na génese das ilhas.

Que uma região assim, habitada por esse povo, não fosse confiante, dotada de um sistema de valores férreo, preocupada com a segurança, zelosa da qualidade das suas infraestruturas e da sua tecnologia, vocacionada para a inovação e, já agora, atenta às necessidades do ambiente e à urgência da sua preservação – que uma região destas não fosse isso tudo, não seria apenas surpreendente: seria absurdo. E, realmente, já aconteceu no passado deixar-se tresmalhar nessa demanda, que a escassez nem sempre foi boa conselheira. Mas hoje já não se esquece que ela tem o próprio nome da sobrevivência.





## SISMO DE 80

### UM SALTO PARA O FUTURO

É o mais recente dos maiores eventos sísmicos dos Açores. Pelas 16h42 do dia 1 de Janeiro de 1980, a terra tremeu nas ilhas Terceira, São Jorge e Graciosa: um sismo de 7,2 na Escala de Richter, com epicentro situado no mar, cerca de 35 km a SSW da cidade de Angra do Heroísmo. Provocou destruição generalizada em Angra, na vila de São Sebastião e nas freguesias do Oeste e Noroeste da Terceira, bem como nas freguesias do Topo e Santo Antão (São Jorge) e ainda nas do Carapacho e Luz (Graciosa). Morreram 71 pessoas (51 na Terceira e 20 em São Jorge) e mais de 400 ficaram feridas. Foram arrasadas 15.500 habitações, deixando desalojadas cerca de 15.000 pessoas. O evento marcou a história recente dos Açores e integra a memória colectiva das últimas duas gerações, mas também catalisou uma nova fase de desenvolvimento nessas três ilhas. Em 1998, a terra tremeu de novo com severidade, entre o Faial, o Pico e São Jorge, mas com menos danos: 5,9 de magnitude, oito mortos e 1700 desalojados.











## CAPELINHOS

### **O ÚLTIMO GRANDE VULCÃO**

Foi mais de um ano de erupção, embora com picos. Entre 1957 e 1958, a ilha do Faial foi testemunha – e, passadas as primeiras semanas, palco – da última erupção vulcânica stromboliana dos Açores. A 27 de Setembro de 1957, depois de duas semanas de abalos, iniciou-se a erupção. Originalmente submarina, com boca a 1 km da Ponta dos Capelinhos, em pleno território baleeiro, a actividade formou uma ilha que acabou por se ligar a terra. Não morreu uma só pessoa, mas a destruição no Faial foi significativa. O advento incrustou-se tanto na memória colectiva como na iconografia local; criada havia poucos meses, a primeira estação de televisão portuguesa (RTP) pôs-se no mapa; e legislação aprovada pelo Congresso dos EUA permitiu a emigração para a América de milhares de açorianos, num êxodo do qual a demografia da ilha ainda não recuperou. Os Capelinhos são hoje um dos espaços mais visitados pelos turistas – não só no Faial, mas nos Açores.









## AS PLACAS TECTÓNICAS DA TERRA

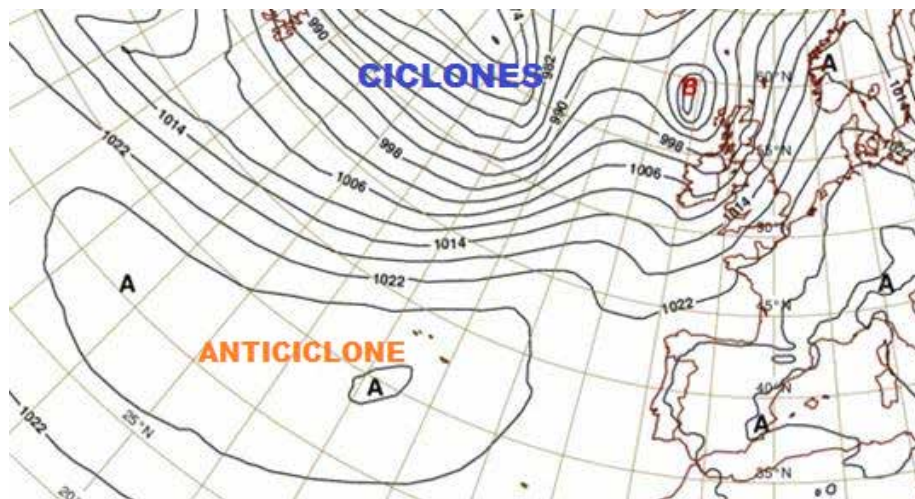
Os Açores e a Junção Tripla dos Açores



FONTE: PUBS.USGS.GOV

## O CALDO DA METEOROLOGIA

O singular clima dos Açores, que vai dos dias mais soalheiros às tempestades mais destrutivas, resulta de uma tensão permanente entre os ciclones oceânicos e o chamado Anticiclone dos Açores



FONTE: PUBS.USGS.GOV

## O QUE FAZER EM CASO DE TERRAMOTO

Os três conselhos do Serviço de Protecção Civil dos Açores

**BAIXAR, PROTEGER, AGUARDAR**



FONTE: SERVIÇO REGIONAL DE PROTEÇÃO CIVIL E BOMBEIROS DOS AÇORES



## OS VULCÕES DOS AÇORES

Vulcões poligenéticos e monogenéticos e zonas de vulcanismo fissural identificados nos Açores

### 14 VULCÕES POLIGENÉTICOS

(vulcões centrais geralmente com caldeira)

#### SÃO MIGUEL

Vulcão das Sete Cidades\*  
Vulcão do Fogo\*  
Vulcão das Furnas\*  
Vulcão da Povoação  
Submarino  
Banco D. João de Castro

#### TERCEIRA

Vulcão de Santa Bárbara\*  
Vulcão do Pico Alto\*  
Vulcão de Guilherme Moniz  
Vulcão dos Cinco Picos

#### GRACIOSA

Vulcão da Caldeira\*

#### PICO

Vulcão da Montanha do Pico\*  
Vulcão do Topo

#### FAIAL

Vulcão da Caldeira\*

#### CORVO

Vulcão do Caldeirão

\* VULCÕES ACTIVOS (PODEM ENTRAR EM ERUPÇÃO)

### 8 ZONAS DE VULCANISMO FISSURAL

#### SÃO MIGUEL

Complexo Vulcânico dos Picos

#### TERCEIRA

Complexo Vulcânico Fissural

#### GRACIOSA

Complexo Vulcânico de Vitória

#### SÃO JORGE

Complexo Vulcânico do Topo  
Complexo Vulcânico das Manadas  
Complexo Vulcânico dos Rosais

#### PICO

Complexo Vulcânico do Planalto da Achada

#### FAIAL

Complexo Vulcânico do Capelo

### 1750 VULCÕES MONOGENÉTICOS







TERESA FERREIRA,  
VULCANÓLOGA

## É MUITO RARO UMA ILHA PASSAR UM MÊS INTEIRO SEM UM SISMO

**Teresa Lopes Ferreira, 58 anos, é professora associada da Universidade dos Açores. Licenciada em Geologia e doutorada em Vulcanologia, dedica-se a estudos de (entre outras áreas) geoquímica de fluidos hidrotermais e vulcânicos, vulcanismo basáltico, modelação de escoadas lávicas e vulcanoestratigrafia. É responsável pela monitorização sísmica e vulcânica do arquipélago, actividade a partir da qual tem coordenado diversos projetos regionais, nacionais e internacionais.**

*«O arquipélago dos Açores está localizado numa região muito interessante do ponto de vista geológico e geodinâmico. Situa-se na junção de três placas tectónicas – as Placas Euroasiática, Africana e Norte-Americana – e é palco de uma vasta série de tensões geradas pela actividade do planeta, que resultam (por exemplo) em sismos frequentes e de diferentes graus de intensidade, espoletados pelo momento em que a matéria atinge o seu ponto de cedência.*

*Como não podia deixar de ser, há nuances. A actividade gerada na Crista Média Atlântica, que secciona o arquipélago entre o Faial e as Flores, ocorre a grande profundidade, tanto a vulcânica como a sísmica. Já os Grupos Central e Oriental, não obstante o debate sobre os exactos sítios onde as placas fazem fronteira, têm as falhas muito próximas. E há riscos de erupções e abalos de terra, claro.*

*Felizmente, não temos tido eventos de grande significado desde 1998, ano em que ocorreu o terramoto do Faial, e 1998/2000, em que o Vulcão da Serreta, na Terceira, entrou em erupção. Mas os sismos vêm por assim dizer do nada. Nem é possível*



*prevê-los. E existem ameaças, evidentemente. Embora também estejamos todos sob a ameaça, por exemplo, de apanhar covid-19 ou de ser atropelados sempre que saímos à rua.*

*A actividade vulcânica, per se, é menos preocupante. Na verdade, sobretudo enformadora do carácter dos açorianos (em conjunto com a religiosidade) e da paisagem das ilhas. No caso da actividade subaérea, portanto não submarina, cria uma série de tipologias distintas que tornam as nossas ilhas admiráveis para o turista (e não só). De resto, sem vulcões, todo este mar teria uma profundidade média de cinco/seis mil metros. Foram os vulcões que produziram esta enorme plataforma – que vai de Santa Maria às Flores – sobre que os Açores se elevam. Além das próprias ilhas.*

*Mas, sim, também podem acontecer erupções vulcânicas amanhã, mesmo estando os vulcões adormecidos há tantos séculos. O vulcão em erupção na Islândia, por exemplo, não eclodia há 800 anos. Mas, quando vai ocorrer uma erupção, a terra emite previamente uma série de sinais. Muitas vezes, é possível prepararmo-nos. Com os sismos, repito, é que não. E é provável que a ciência nunca chegue a permitir-nos prevê-los, ou sequer antecipá-los. Porque, se nós tivéssemos acesso a todos os dados, era realmente possível, em abstracto, medir a matéria, calcular as tensões e definir o ponto de ruptura. Só que não existe a possibilidade de se ter acesso a esses dados todos. Mesmo com um computador onnipotente, haveria sempre uma série de variáveis a ocorrer no fundo do mar e, inclusive, muito no interior da terra, onde de modo nenhum se chega a eles. E as extrapolações ajudam a determinar padrões, mas não podem, por definição, ser suficientemente precisas.*

*De resto, todo o arquipélago é complexo geológico fascinante. Mesmo considerando que a actividade na Crista Média é muito mais estável, a verdade é que o material que ali pretenda ascender encontra sempre condições facilitadas. E, além disso, as placas estão em constante movimento. As Placas Euroasiática e Africana, por exemplo, afastam-se alguns milímetros todos os anos. Isto é: todos os anos a Graciosa se afasta do Faial, por exemplo. O planeta está em permanente alteração, no fundo.*

*No essencial, as Flores e o Corvo, já bem no interior da Placa Norte-Americana são as ilhas mais protegidas de acidentes. Um sismo nas Flores é tão esporádico que, quando acontece, esse ano fica conhecido como “o ano do sismo”. Em Santa Maria, por acaso, também há pessoas que dizem estar a salvo de sismos, pois não têm memória de qualquer ocorrência. Mas, embora a ilha também esteja bem no interior da Placa Africana, a verdade é que a fronteira está próxima e a história mostra uma série de acontecimentos ali.*

*Os Grupos Central e Oriental, esses, estão mais expostos. Basta olhar, às vezes até a olho nu, para os Grabens das Lajes (Terceira), de Pedro Miguel (Faial) ou dos Mosteiros*



*(São Miguel). A instabilidade é notória. De Santa Maria ao Faial, será muito raro que alguma ilha passe um mês inteiro sem um único sismo. Se não ocorrer um em terra, ocorre muito próximo dela.*

*De qualquer maneira, os sismos também não são apenas um problema de magnitude. Nós também podemos manipular o risco de outras maneiras. Se melhorarmos as construções, por exemplo, reduzimos a vulnerabilidade e o risco. E, se o que estiver mais exposto for de pouco valor, reduzimos o risco também.*

*É o que tem acontecido nos Açores, pelo menos em alguns casos. Ilhas como a Terceira, São Jorge, Graciosa, Pico e Faial, fustigadas por grandes sismos nos últimos 40-50 anos, já têm parques habitacionais um pouco melhores. São os efeitos secundários habituais neste tipo de eventos: no fim, também constituem oportunidades. A construção civil floresce, a economia desponta...*

*Mas, claro, as cidades são vulneráveis. Nunca tiveram de se reconstruir. Como é vulnerável Lisboa, que não tem de se reconstruir desde o terramoto de 1755. Ou de uma série de outras cidades europeias, aliás. Quando há um sismo em Itália, a destruição é enorme. E o prejuízo maior ainda, porque tudo tem um enorme valor.*

*E, atenção, falamos sempre de riscos o mais monitorizados possível. Bem pior, provavelmente, é o que nos espera, por exemplo – e a todos, não só aos açorianos –, com as alterações climáticas. Eu sempre quero ver como vai ficar a civilização quando, de repente, deixar de haver cereais para fazer o pão que alimenta a espécie. Voltaremos ao estado selvagem.*

*E o problema da energia é ainda mais imediato. Basta imaginar o estado do mundo no primeiro dia de uma crise energética. Simplesmente não funcionará nada – será o caos. Um terramoto, mesmo poderoso, será sempre um problema mais circunscrito geograficamente.»*







---

## 5 DILEMAS PARA UMA ESTRATÉGIA DE MARCA

- Como potenciar a actividade vulcânica e sísmica, nomeadamente os seus registos na paisagem e nos modos de vida, em favor da imagem dos Açores? Como fazer delas ainda que no domínio do nicho, ou de nichos – um interesse central e deliberado, e não apenas uma condição inevitável na definição do que são os Açores e os açorianos de hoje?
  - Como transformar os riscos diários e permanentes relativos a essa actividade num elemento de atracção para o turista e o próprio investidor? Isto é: como transformar o medo em desejo? É possível forjar uma narrativa para transformar essas ameaças num factor lúdico, chilling, capaz de transportar o turista, o investidor ou qualquer visitante como que para dentro de um thriller?
  - Como transformar a instabilidade da meteorologia dos Açores, das suas mais agressivas ameaças (furacões, dilúvios, deslizamentos) às suas mais brandas manifestações diárias (o vento, a própria chuva) numa oportunidade? Como reforçar esse romantismo e transformá-lo num bem central da oferta – em sentido lato – dos Açores?
  - Que caminho dar, nos domínios de uma marca regional, à história do sofrimento do povo dos Açores, à vontade indómita dele resultante e a tudo com que isso contribui para a formação da identidade colectiva?
  - Devemos escalonar as ilhas por “grau de ameaça”, nomeadamente geológica, de algum modo distinguindo as relativamente tranquilas Flores e Corvo das mais perigosas restantes sete?
-



«Um não pequeno número de baleeiros  
provém dos Açores, onde os navios de Nantucket  
lançam ferro frequentemente para completar  
as suas equipagens com os sólidos camponeses  
dessas ilhas rochosas. (...) Não se sabe porquê,  
mas é dos ilhéus que saem  
os melhores baleeiros.»

---

**HERMAN MELVILLE**

*Moby Dick, 1851*







# **O MAR DOS AÇORES**

3





# COMO UMA ESPÉCIE DE DESTINO MANIFESTO

Está nas fotografias dos turistas, nas emissões do National Geographic, nos argumentos com que as instituições internacionais justificam a atribuição aos Açores de novos prémios nos domínios do turismo e/ou da sustentabilidade. O mar açoriano. Por causa dele, o arquipélago tem hoje jurisdição sobre 57% da Zona Económica Exclusiva de Portugal e quase 30% da Zona Económica Exclusiva da União Europeia. Mas do que falamos quando falamos do mar?

---

«**N**OS AÇORES, A LIGAÇÃO AO MAR não chega sequer a ser encarada como um novo desígnio, simplesmente porque o mar está desde sempre enraizado na realidade das Ilhas.

Nos Açores, o mar nunca deixou de estar na moda.» As palavras são de Gilberto P. Carreira e Filipe Mora Porteiro e resumem as preocupações dos dois oceanógrafos coligidas no artigo O Mar dos Açores e a sua Valorização Estratégica: Descrição do Espaço Marítimo

e Socioeconómico, publicado em 2015 na revista Nação e Defesa, espaço de reflexão e investigação científica sob a égide do Instituto de Defesa Nacional.

Ao longo de 17 páginas, os autores identificam a elevada diversidade de ambientes que o mar em torno das ilhas dos Açores apresenta e as «expectativas legítimas» de que





estes possam vir a desempenhar «um papel mais importante no desenvolvimento» da região. «A diversidade marinha dos Açores representa, sem dúvida, um manancial de oportunidades para o desenvolvimento de novos usos do mar e, consequentemente, de novas oportunidades de negócio e de desenvolvimento socioeconómico, desde que seja garantida a sustentabilidade dos ecossistemas», sintetiza a edição. Estão em causa, além da pesca e dos transportes marítimos, indústrias emergentes como as actividades marítimo-turísticas – incluindo a observação de cetáceos e o mergulho recreativo –, a biotecnologia e a investigação científica oceânica, entre outras possibilidades.

«Um recurso estratégico ao qual as autoridades da Região Autónoma dos Açores estão atentas, apostando na sua divulgação, gestão e conservação», garantem os dois cientistas. Mas de que mar, exactamente, estão a falar? E o que pode ele representar nesse novo – ou renovado – imperativo marítimo que Portugal vem assumindo ao ponto de, antes da pandemia da covid-19, consagrar a expressão «cluster do mar» como a mais ouvida em qualquer fórum de desenvolvimento estratégico da economia portuguesa (e não só)?

#### **400 VEZES A ÁREA DAS ILHAS**

Desde logo, a dimensão do mar açoriano, ou em volta dos Açores, é impressionante. Equivale a mais de 400 vezes a dimensão terrestre das ilhas propriamente ditas, e isto



sem ter em conta a extensão da placa continental pedida em 2009 por Portugal à ONU, no contexto da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar. Ratificada em definitivo essa extensão, a jurisdição oficial crescerá exponencialmente. Mesmo assim, ocupa hoje 953.633 km<sup>2</sup> dos 1.727.408 km<sup>2</sup> da Zona Económica Exclusiva de Portugal – portanto, 57% do total. Muitos países marítimos, como o Reino Unido (764.071 km<sup>2</sup>), ficam bem aquém desses números, mesmo que lhes juntemos territórios em disputa internacional, como no caso acontece com a ilha de Rockall.

Ao todo, são cerca de 30% do conjunto da União Europeia. É um contributo decisivo para o 20.º lugar ocupado por Portugal no ranking das maiores Zonas Económicas Exclusivas do globo (3.º no ranking da União Europeia). E, quando o dito alargamento da Placa Continental for oficializado – para Portugal e para os restantes países que o requisitaram –, Portugal saltará imediatamente para o 2.º lugar da União Europeia, 10.º a nível mundial, com mais área do planeta sob a sua jurisdição, com um total de 3.877.408 km<sup>2</sup> e atrás apenas de França (11.691.000 km<sup>2</sup>), Estados Unidos da América (11.351.000 km<sup>2</sup>), Austrália (8.505.348 km<sup>2</sup>), Rússia (7.566.673 km<sup>2</sup>), Reino Unido (6.805.586 km<sup>2</sup>), Indonésia (6.159.032 km<sup>2</sup>), Canadá (5.599.077 km<sup>2</sup>), Japão (4.479.388 km<sup>2</sup>) e Nova Zelândia (4.083.744 km<sup>2</sup>).

Daí, do enorme peso que têm na área, as reivindicações dos Açores a uma maior participação na gestão dos recursos marinhos portugueses. Com base tanto nas prescrições do Estatuto Político-Administrativo da

Região Autónoma como na sua própria experiência em legislação sobre o mar, das pescas à conservação ecológica e para além de ambas), a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores adoptou em 2013 uma resolução (n.º 15/2013/A) em que reclama mais poderes, deveres e direitos em sede de Lei de Bases do Ordenamento e Gestão do Espaço Marítimo, cuja proposta original, submetida pelo Conselho de Ministros nacional à Assembleia Legislativa Regional, mereceu censura unânime na Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho, «por se ter considerado que a mesma não acautelava os direitos que assistem à Região na gestão do seu mar.» Em jogo estão em primeiro lugar as pescas. Apesar de o mar dos Açores – aliás, como o mar português em geral – não ser especialmente rentável no domínio das capturas, trata-se de uma área geográfica imensa. Ora, conhecido o apetite piscívoro dos

O mar dos Açores  
ocupa hoje  
953.633 km<sup>2</sup> –  
57% da Zona  
Económica  
de Portugal, 30%  
da da Europa. Países  
marítimos, como  
o Reino Unido  
(764.071 km<sup>2</sup>),  
ficam aquém.





portugueses (o maior em toda a União Europeia, segundo as estatísticas oficiais), há valores astronómicos em disputa, que podem ter um peso determinante na economia das ilhas.

Ao que crescem, embora em diferentes graus, outras possibilidades de indústria ainda, nomeadamente nos domínios do turismo e do lazer, dos desportos náuticos (5.000 associados, 1.300 atletas, 50 postos de trabalho e rendimento de 1,5 milhões de euros por ano), das energias renováveis, da aquacultura, da biotecnologia marinha, da arqueologia subaquática e, eventualmente, da mineração. Tudo áreas em que as competências da Região Autónoma estão neste momento limitadas e/ou condicionadas, no contexto da proposta do Conselho de Ministro e da própria Lei de Bases, finalmente aprovada em 2014.

### **TENSÃO DIÁRIA – COMO NOS MELHORES CASAMENTOS**

Não é mentira que a relação dos açorianos com o mar, como a relação de qualquer ilhéu com ele, tenha as suas tensões. Quem percorra as cidades, as vilas e as freguesias das nove ilhas dá-se facilmente conta de que, muitas vezes, os centros das povoações estão virados para dentro. O mar sempre garantiu o sustento a muita gente, mas também levou inúmeras vidas, além de que era importante proteger as culturas agrícolas (e, já





agora, cultuar a Deus, dialogando visualmente com a paróquia e o próprio templo). Mas, por outro lado, desde o advento da Autonomia que as autoridades regionais se têm empenhado em refazer a relação com o oceano, abrindo os braços à modernidade – e as preocupações ambientais que desde então as norteiam expressam-no bem.

«Para que o mar dos Açores possa vir a desempenhar todo o seu potencial, não será apenas necessário criar condições propícias para que o investimento e a aposta em novas atividades geradoras de emprego possam surgir», voltam, no seu O Mar dos Açores e a sua Valorização Estratégica, os oceanógrafos Gilberto P. Carreira

e Filipe Mora Porteiro, com carreiras na administração pública regional. «Será também necessário, sobretudo, acautelar a sustentabilidade ambiental da utilização do espaço marítimo, de forma a garantir que os proveitos futuros desse investimento possam beneficiar, em primeiro lugar, as populações que habitam e habitarão o arquipélago.» Ora, essa salvaguarda – sublinham – «é uma responsabilidade» que, «a bem do todo nacional», não poderá deixar de ser partilhada «entre a administração central do Estado e o governo da Região Autónoma».

Para tal, tanto as autoridades regionais como as próprias forças vivas da sociedade açoriana têm empreendido nos mais variados esforços de protecção do mar, da sua biodiversidade, da sua sã exploração, do seu ordenamento e

da sua higiene. O Parque Marinho da região, uma das medidas mais emblemáticas dessa demanda, conta desde 2016 com 15 áreas protegidas, com um total de 135 mil quilómetros quadrados. E o Observatório do Mar dos Açores, associação técnica, científica e cultural sem fins lucrativos – criada em 2002 por 23 sócios-fundadores ligados ao Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade dos Açores –, continua determinado em actuar junto da sociedade açoriana para promover a inclusão na sociedade global da informação e em criar condições para a aprendizagem de conteúdos científicos e tecnológicos, de forma interactiva, lúdica e motivante, nos domínios do mar.

Alguns dos resultados desse empenho generalizado estão à vista em prémios internacionais como o de Segundo Melhor Arquipélago do Mundo Para o Turismo Sustentável, atribuído pela National Geographic Traveler, ou o de Destino Turístico Número 1 Para 2016, atribuído pela National Geographic Traveler Netherlands-Belgium.

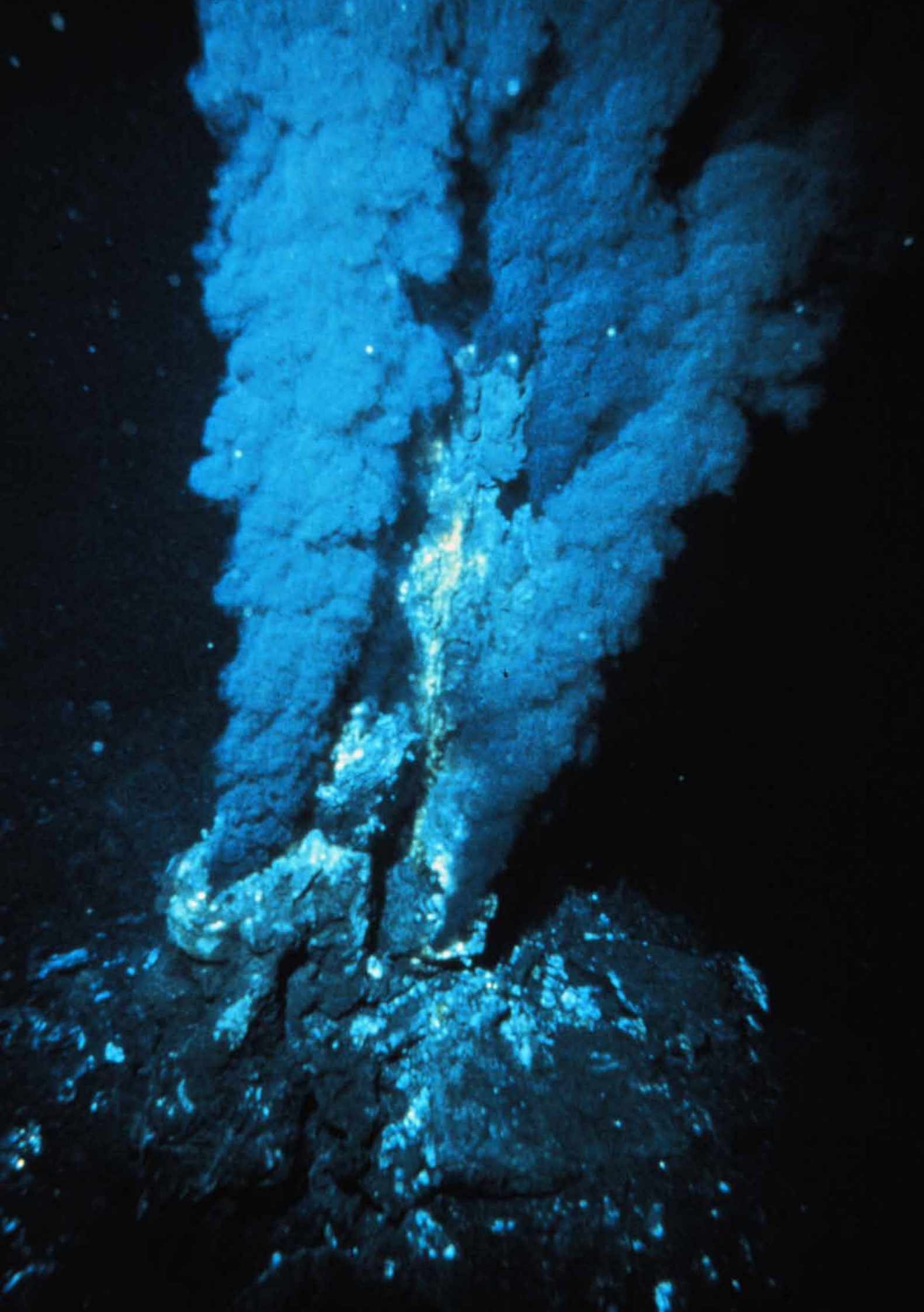
O mar açoriano  
é explorado desde  
o final do século XIX,  
quando se debruçaram  
sobre ele oceanógrafos  
célebres como  
Alberto I, príncipe  
do Mónaco,  
ou D. Carlos I,  
rei de Portugal.



São apenas dois exemplos não só dos muitos galardões, mas das atenções reunidas pelas ilhas açorianas entre fundações, movimentos, produtoras (como a Disney, uma das mais recentes a debruçar-se sobre o arquipélago) e até marcas comerciais preocupadas com o mar. Muitas expedições têm sido patrocinadas por organismos internacionais, como logo a partir do século XIX o foram por oceanógrafos célebres como Alberto I, príncipe do Mónaco, ou D. Carlos I, rei de Portugal. O balanço é quase sempre duplo: o mar dos Açores é único, rico, belíssimo, essencial para compreender a vida no planeta; mas, ao mesmo tempo, é urgente protegê-lo, porque até ali a «vida marinha diversificada e vibrante» enfrenta fortes «pressões e ameaças» (como há não muito tempo se lia no relatório da expedição Blue Azores, sob a égide da National Geographic Society), nomeadamente em resultado dos movimentos globais.

### **DO WHALE-WATCHING À ARQUEOLOGIA**

De resto, outras barreiras têm sido vencidas pelos açorianos, como aconteceu com a criação da indústria do whale-watching, que floresceu ao longo das últimas décadas sobre os escombros da tradição da caça à baleia, entretanto desmantelada. Como podem continuar a ser vencidas se, por exemplo, forem acatadas as reivindicações dos arqueólogos subaquáticos segundo as quais continua por explorar devidamente





o manancial científico e turístico que a arqueologia subaquática pode significar no arquipélago. Só em frente à cidade de Angra do Heroísmo, na Terceira, há registos de centenas de naufrágios com alto valor historiográfico. Muitos deles foram provocados pelo popularmente chamado Vento Carpinteiro, o vento do quadrante Sul que atirava os navios contra as rochas. Imensas construções da cidade, com acabamentos feitos a partir de artefactos trazidos pelo mar – esse inesperado «carpinteiro» –, estão aí para prová-lo.

No mar, diz a generalidade da investigação, estão tanto o passado como o futuro dos Açores. Esteve a tradição da caça à baleia, como esteve e está o papel dos Açores na globalização ou a própria universalidade do arquipélago. Está a onda como nenhuma outra e está o momento perfeito. Está grande parte da reputação da Região como estão as suas melhores oportunidades e esperanças de assumir lideranças regionais – nas pescas e no turismo, na inovação e no ambientalismo, na qualidade de vida, nos negócios e na influência internacional. É dizer pouco?





## PARQUE MARINHO DOS AÇORES

### **COM PORTUGAL E COM A EUROPA**

Objectivo: protecção. Criado em 2011, por decreto legislativo regional, o Parque Marinho dos Açores pretende assegurar a protecção de habitats e a boa gestão das áreas marinhas, ambientalmente ameaçadas ou não, que se localizem nos mares dos Açores. Segue o Livro Verde e o Livro Azul da Política Marítima Europeia, entre outros documentos internacionais, e espera ao mesmo tempo integrar a acção comunitária no domínio da política para o meio marinho e as resolução do Conselho de Ministros português em torno da Estratégia Nacional para o Mar. Integram-no todas as áreas oceânicas incluídas na Rede Natura 2000, bem como as áreas protegidas no âmbito do anexo V da Convenção para a Protecção do Meio Marinho do Atlântico Nordeste, realizada em Paris, no âmbito da OSPAR. Ricardo Serrão Santos, ministro do Mar, considera-o “um instrumento precioso”, tanto para a conservação do oceano como para a boa consciência regional e nacional.





PETER CAFÉ SPORT

## UM BAR DO MUNDO INTEIRO

É o bar mais famoso dos Açores, talvez de Portugal. Com 103 anos, começou por chamar-se apenas Café Sport, até que um militar britânico ali estacionado durante a II Guerra Mundial informou os camaradas, igualmente frequentadores, de que o filho do dono era parecido com o seu próprio filho, Peter. A partir daí, «ir ao Peter» tornou-se um hábito para ingleses, depois portugueses e, finalmente, cidadãos do mundo inteiro. Porto de abrigo para iatistas de todo o mundo e posta-restante para viajantes de todas as índoles, criou toda uma iconografia que transformou em estratégia de marketing – até de merchandising –, e que passa pelo célebre gin tónico, a não menos célebre foto em que a rebentação das ondas frente à Horta forma uma imagem de Neptuno e, de há alguns anos a esta parte, um museu de scrimshaw. Em 1986, a revista Newsweek colocou-o entre os melhores bares do mundo. A Ocean Cruising Club adicionou o seu nome à lista dos respectivos membros honorários.





ALMACÔES BALEEIRAS REUN



## ZONA ECONÓMICA EXCLUSIVA PORTUGUESA

Os Açores contribuem com mais de metade da área integrada na zona Económica Exclusiva de Portugal, a 20.<sup>a</sup> maior do mundo

PORTUGAL CONTINENTAL	<b>327 667 KM²</b>
AÇORES	<b>953 633 KM²</b>
MADEIRA	<b>446 108 KM²</b>
<b>TOTAL</b>	<b>1 727 408 KM²</b>

\*Excluída a extensão da placa continental pedida em 2009 por Portugal à ONU, no contexto da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, e ainda por ratificar

FONTE: JORNAL DE DEFESA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

## A ECONOMIA DO MAR

O que está em causa quando falamos da exploração dos recursos marítimos dos Açores

Navegação e Infraestruturas portuárias
Construção e reparação naval
Pesca
Transformação e valorização de pescado
Turismo costeiro, marítimo e de cruzeiros
Obras e engenharia costeira
Biotecnologia marinha
Energias renováveis (eólica, marés, ondas)
Robótica marinha
Telecomunicações submarinas
Investigação oceanográfica
Monitorização dos oceanos
Serviços conexos (seguros, banca, intermediação, classificação e consultoria)
Serviços dos ecossistemas
Utilizações recreativas, estéticas e culturais

FONTE: «MAR NOS AÇORES-RELEVÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO», DE FILIPE MORA PORTEIRO

## UM POVO MARÍTIMO

Portugal tem uma 20.<sup>a</sup> maior Zona Económica Exclusiva do mundo. E, quando forem ratificadas as novas áreas permitidas pela Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, ascenderá na tabela

CLASSIFICAÇÃO/PAÍS	ÁREA EXCLUSIVA DA ZONA ECONÓMICA (KM2)
1º FRANÇA	11.691.000
2º ESTADOS UNIDOS	11.351.000
3º AUSTRÁLIA	8.505.348
4º RÚSSIA	7.566.673
5º REINO UNIDO	6.805.586
6º INDONÉSIA	6.159.032
7º CANADÁ	5.599.077
8º JAPÃO	4.479.388
9º NOVA ZELÂNDIA	4.083.744
10º CHILE	3.681.989
11º BRASIL	3.660.955
12º KIRIBATI	3.441.810
13º MÉXICO	3.269.386
14º MICRONÉSIA	2.996.419
15º DINAMARCA	2.551.238
16º PAPUA NOVA GUINÉ	2.402.288
17º NORUEGA	2.385.178
18º ÍNDIA	2.305.143
19º ILHAS MARSHALL	1.990.530
<b>20º PORTUGAL</b>	<b>1.727.408</b>

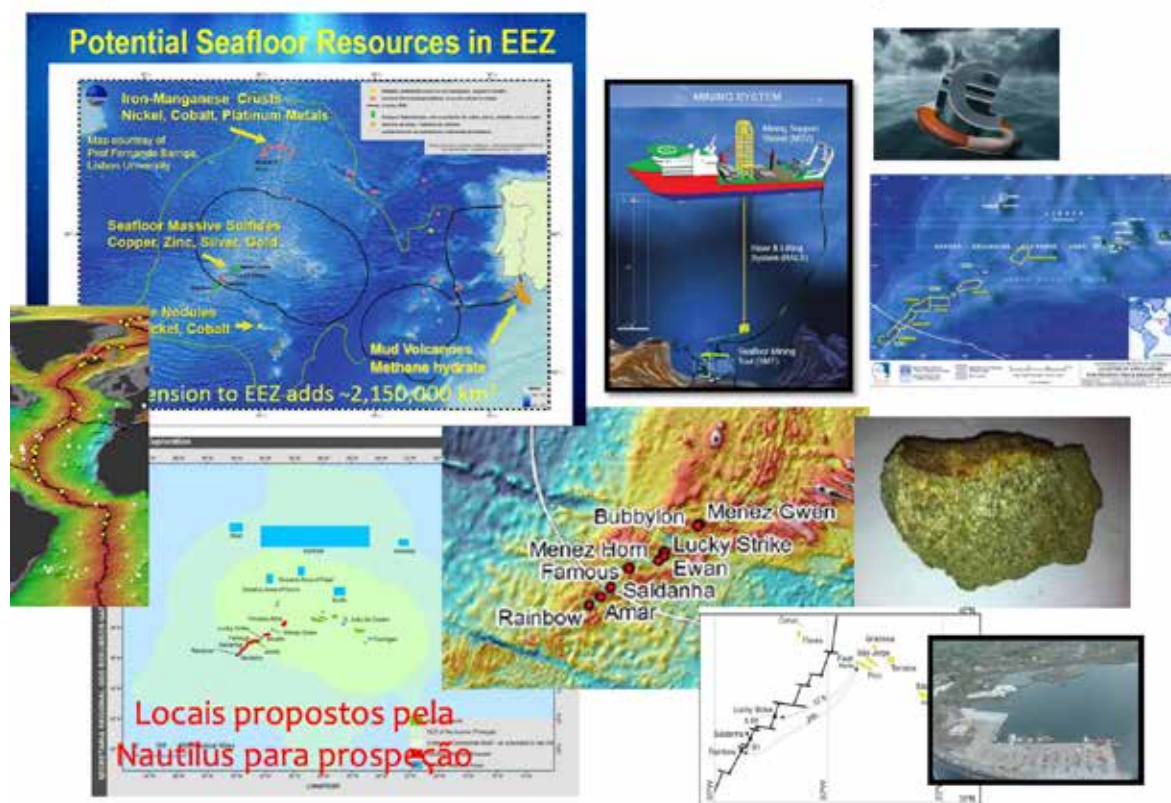
\*excluídas a extensões das placas continentais pedidas por diferentes países à ONU, no contexto da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, e ainda por ratificar

FONTE: JORNAL DE DEFESA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS



## EXPLORAÇÃO MINERAL

O desenvolvimento da indústria ainda levará muitos anos, mas os Açores têm potencialidades únicas para a exploração de fundos oceânicos



FONTE: «MAR NOS AÇORES-RELEVÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO», DE FILIPE MORA PORTEIRO







RICARDO SERRÃO SANTOS,  
MINISTRO DO MAR

## **O NOSSO MAR É TURISMO E LAZER, MAS NÃO DIABOLIZEMOS A PESCA**

**Ricardo Serrão Santos, 67 anos, nasceu no Alentejo e viveu vários anos entre as ilhas de São Miguel e do Faial. Licenciado em Psicologia e Ecologia Comportamental, doutorou-se em Biologia Ambiental e Evolutiva e, enquanto investigador principal da Universidade dos Açores, foi Diretor do respectivo Departamento de Oceanografia e Pescas. Antigo Presidente do Instituto do Mar, fez uma longa carreira no domínio dos oceanos, tornando-se depois deputado ao Parlamento Europeu e, finalmente, ministro do Mar do governo de Portugal.**

*«Portugal e os Açores têm um mar enorme, mas não podemos refugiar-nos na geografia. A verdade é que o nosso mar pode ser muito mais produtivo. Desde logo, ainda vamos pescar a outros países. Por um lado, os peixes que passam aqui, nomeadamente nos Açores, não têm grande biomassa. Mas, por outro lado, nós também temos sabido ser a nação pesqueira que podíamos ser.*

*Neste momento, e quanto ao peixe, podemos sobretudo gabar-nos das vantagens que uma zona temperada nos dá: a variedade de espécies, de sabores, de possibilidades gastronómicas. Ao que deve somar-se, já agora, uma enorme margem de desenvolvimento no domínio da aquacultura, que é uma indústria produtiva e não extractiva.*

*De resto, a biodiversidade é o nosso forte. E é um valor natural fantástico e único, que vai muito para lá da extracção de recursos. Dá-nos imensas oportunidades ao nível do turismo e do lazer. Dá-nos imensas oportunidades no que diz respeito à liderança no*



conhecimento. E dá-nos imensas oportunidades de marcar a agenda internacional no domínio da conservação.

Dos recursos minerais, creio que é cedo para falar. Ainda há muito trabalho para fazer até que possamos conhecer na plenitude a estrutura tridimensional do nosso ambiente marinho. E o mesmo acontece com as energias. A energia eólica em offshore já merece ser tida em conta. Já a fóssil, nomeadamente o petróleo, é cara de explorar, tem os dias contados e, aliás, não se sabe se a temos. E as restantes ainda estão todas em diferentes fases de estudos e testes por todo o planeta.

Nada disso é uma economia real ainda. Portanto, não vale a pena fazer dela uma grande esperança antes do tempo, até porque com certeza não há uma mina de ouro no fundo do mar à nossa espera. Quem diga o contrário apenas ajuda a propagar mitos. No que diz respeito à economia real, o que aqui está em causa é principalmente o turismo e o lazer, fora alguma pesca. Que ainda tem potencial, já agora – deixem-me insistir nisto.

Vejo a pesca ser muito anatemizada por alguns activistas ambientais, mas felizmente também há imensos activistas e associações de respeito que compreendem que é possível pescar com critério e regulamentação, sem destruir e até protegendo os ecossistemas. Claro: toda a gente reconhece que a sobre-exploração levou a grandes desequilíbrios. E, sim, as pescas são uma das últimas actividades humanas de exploração da vida selvagem. Mas os esforços empreendidos no domínio da conservação já nos permitiram recuperar os stocks de muitas espécies.

Diabolizar as pescas é uma tontice. Há dias fiquei a saber que até já foi criado um Dia Mundial Contra a Pesca. Não faz qualquer sentido. As pescas devem ser acarinhadas, regulamentadas e reguladas.

Entretanto, creio que o nosso foco estratégico deve, realmente, ser o turismo. As actividades marítimo-turísticas, os desportos náuticos, as viagens, o lazer em geral: aí está a nossa grande força. Basta ver o que os Açores fizeram com o whale-watching, tornando-o uma indústria admirável. E há muito mais domínios a explorar melhor. O surf, a vela, o mergulho com jamantas, tubarões e golfinhos: as possibilidades são quase infinitas.

Sempre, claro, com o cuidado de não deixar crescer desproporcionadamente a indústria, como os Açores se têm empenhado a fazer. E com todas as preocupações ambientais necessárias. Só assim conseguimos continuar a ter, por exemplo, as atenções (e a consequente promoção) que a National Geographic e tantas fundações têm dado ao mar dos Açores.

Desse ponto de vista, vale a pena considerar a extensão da plataforma continental, requisitada por Portugal e já em vigor, embora de forma condicionada. Não do ponto de vista dos recursos, mais uma vez. Estamos muito longe de poder tirar partido dela ao nível extractivo. Fala-se no cobre, nos metais tecnológicos, em outros minerais, mas a preocupação de Portugal foi em primeiro lugar de soberania. Gerou-se essa





*possibilidade, no âmbito da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, e era obrigação do Estado reclamar a dita soberania.*

*Mas não é difícil perceber que, sendo o mar uma oportunidade, mais mar também significa mais oportunidade. E sem contras, note-se. Da soberania sobre o mar, praticamente só vêm vantagens. As desvantagens que nos chegam do mar, nomeadamente no domínio das alterações climáticas – as mais preocupantes –, são a repartir por todos, os soberanos e os não soberanos.*

*E, mesmo nesse contexto, há oportunidades para Portugal. Nós passámos o Cabo das Tormentas e chamámo-lhe Cabo da Boa Esperança. Sempre estivemos no mar pela positiva. E o nosso empenho climático e de conservação pode trazer-nos muito respeito a nível internacional. Já nos traz, aliás. Portanto, é um dos âmbitos em que mais claramente devemos assumir um papel de referência.»*





---

# 12 DILEMAS PARA UMA ESTRATÉGIA DE MARCA

- Como otimizar a imagem marítima dos Açores, potenciando a extraordinária dimensão do seu mar, equivalente a 30% Zona Económica Exclusiva de toda a União Europeia
  - Como explorar melhor os esforços das autoridades dos Açores no sentido de uma exploração razoável do mar e da protecção dos ecossistemas marinhos?
  - Que áreas da sustentabilidade, nomeadamente a nível marítimo, é mais importante explorar a nível de Marca Açores?
  - Que medidas empreender no domínio da exploração do turismo & lazer e, ademais, dos desportos marítimos – vela, surf, mergulho de todos os géneros –, como emblema dos Açores?
  - Como associar a Marca Açores a atributos importantes ligados ao mar, como «calma», «tranquilidade», «serenidade», «pureza», «vastidão» ou «pureza de alma»?
  - A ligação da terra ao mar (a costa dos Açores) poderia ser um fator a explorar no Turismo e no posicionamento das ilhas como lugar único no mundo?
  - Como fazer face, em sede de marca, à evidência de que a generalidade das cidades, vilas e freguesias dos Açores estão viradas de costas para o mar, parecendo fugir à sua presença?
  - Como mitigar os efeitos que a má fama da pesca (ademais injusta, até certo ponto) possam ter na imagem de um arquipélago que até nem é especialmente pesqueiro, mas talvez tenha interesse em vir a ser
  - Como explorar melhor os prémios e as muitíssimas atenções que, entre tantas outras fundações e marcas, a National Geographic Society (fundação, revista e televisão) e até a Disney têm dado aos Açores, incluindo organização própria de uma série de expedições?
-



- 
- **Que partido suplementar se pode tirar do enorme investimento dos Açores – e da enorme resposta dos turistas – nas indústrias do whale watching e do mergulho com cetáceos e tubarões**
  - **Como explorar a beleza do mar de Inverno nos Açores? Sentir a sua força é algo único – como transmiti-lo?**
  - **Que utilidade pode ter para a marca as imagens de Alberto I, príncipe do Mónaco, e D. Carlos I, rei de Portugal, como os primeiros grandes oceanógrafos dos mares dos Açores?**





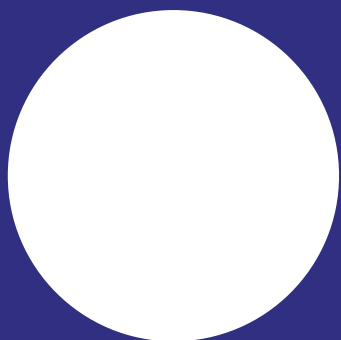
«Estou no Faial e sou um manuscrito,  
ou, mais bem dito, imagino que o sou, jogo a sonhar  
que sou a memória andante da literatura,  
estou nos Açores, na ilha do Faial, frente à ilha do Pico,  
e desta vez viajei com o meu diário,  
estou no meio do Atlântico, longe da Europa  
e longe da América, suspeitando por vezes  
que a distância é o feitiço destas ilhas.»

---

**ENRIQUE VILA-MATAS**

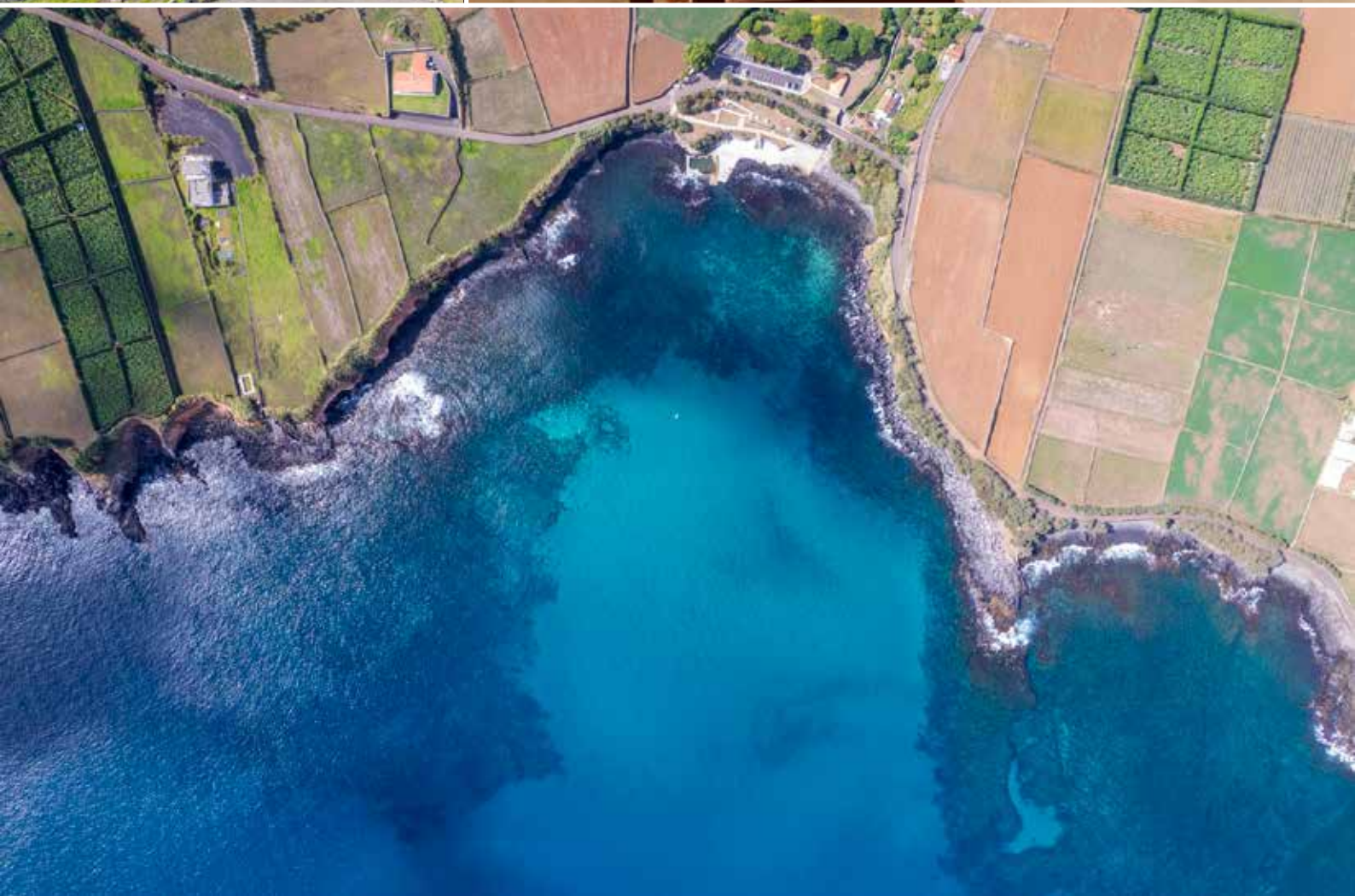
*O Mal de Montano, 2002*





# **O TURISMO E LAZER DOS AÇORES**









# A INDÚSTRIA (QUASE) CONSENSUAL

A aposta no turismo trouxe aos Açores bons resultados ao longo das últimas duas décadas. A pandemia da covid-19 deitou por terra boa parte desse trabalho. Mas não apenas nos Açores, o que pode guardar uma oportunidade: nem todos os destinos recuperarão ao mesmo tempo, e aqueles que tomarem a dianteira hão-de mantê-la durante algum tempo, eventualmente bastante tempo. É aí que a região pretende colocar-se. Apesar dos desafios que ainda enfrenta.

---

**E STAVA A CORRER BEM**, a verdade é essa. Apesar das dificuldades em baixar os preços, da escassez de oferta de profissionais de ponta, da instabilidade do clima ou da tendência para a sazonalidade, o turismo dos Açores cresceu com razoável consistência ao longo das primeiras duas décadas do século XXI, fruto ao mesmo tempo de um esforço das autoridades para o incremento da notoriedade do destino, do empenho da iniciativa privada em melhorar a oferta e da receptividade do consumidor para espaços e modos de vida mais autênticos, belos e, até certo ponto, inusitados.

Provam-no os dados oficiais: entre 2000 e 2015, o número de hóspedes nas unidades hoteleiras açorianas passou de 202 mil para 428 mil e o de dormidas de 580 mil para 1,27 milhões. Um progresso – em ambos os casos – francamente superior a 100%, com



especial contributo dos mercados doméstico (sobretudo Portugal continental), inglês, dinamarquês, finlandês e sueco. Seduziam-nos os recursos naturais e a biodiversidade, a história e a oferta cultural, a conservação e preservação dos lugares, a hospitalidade do povo e a gastronomia, a beleza e a singularidade em geral.

No início de 2020, como um pouco por todo o mundo – e em especial nos destinos turísticos por excelência –, tudo ruiu. A pandemia da covid-19 atingiu o turismo global no coração, e a situação tornou-se especialmente grave em lugares onde se dependia de facto dele (como acontecia cada vez mais nos Açores) e as ferramentas para mudar de rota ou mesmo de *modus operandi* escasseavam (como não chegou a deixar de ser apanágio do arquipélago). Só em 2020, como mostra o balanço feito já em 2021, a região perdeu mais de 400 milhões de euros, o equivalente – num ano normal – a cerca de um quarto do seu orçamento anual.

## **A LUTA CONTRA A PANDEMIA**

Desde os primeiros confinamentos, e apesar de uma mudança radical na titularidade e na composição do Governo a meio do processo, as autoridades regionais tomaram as mais variadas medidas de mitigação, sempre com resultados limitados. Entretanto, o ataque ao Verão de 2021 foi musculado, na confessada expectativa de que as ilhas viessem a







tornar-se «um dos destinos mais procurados» do ano. Foi lançada uma nova campanha de comunicação, sob o lema Açores, Seguro por Natureza. Foram aprovados novos percursos pedestres, criada uma nova tarifa para os voos inter-ilhas de turistas residentes (via SATA Air Açores), aprovados vouchers com compensações financeiras para os turistas do exterior que chegassem à região com exames médicos realizados, criado um Cartão InterJovem com viagens entre as ilhas bonificadas para jovens, anunciada uma redução do IVA em todo o arquipélago e integrados todos os profissionais de turismo nos grupos prioritários de vacinação.

As respostas foram positivas. Várias companhias aéreas europeias – Lufthansa, Iberia, Swissair – anunciaram novas rotas para os Açores. Só no primeiro dia de vendas, a dita tarifa inter-ilhas originou para cima de três mil vendas, forçando a um reforço de

O turismo  
dos Açores cresceu  
bastante nas primeiras  
duas décadas  
do século XXI:  
o número de hóspedes  
passou de 202 mil  
para 428 mil e o de  
dormidas de 580 mil  
para 1,27 milhões.

36% nas carreiras internas para o Verão. E os turistas externos, nomeadamente de Portugal continental (mas também de Itália, da Alemanha e de uma série de outras proveniências) também não se fizeram rogados. Mesmo se, do ponto de vista das companhias aéreas, o apetite pela circulação no interior da região tenha voltado a revelar-se limitado, com a companhia regional a participar sozinha em mais um concurso público para as ligações dentro dos limites dos Açores.

Seja como for, em Junho, os empresários de várias ilhas reconheciam já sentir alguns sinais de retoma no sector, embora continuassem a pedir um reforço de voos e de promoção. Em Julho, o Serviço Regional de Estatística fazia as contas a 268 mil dormidas em alojamentos –

30% abaixo dos números de 2019, mas acima das piores expectativas. O mercado interno continuou a crescer mais de 6% em relação ao período homólogo de 2019, muitas figuras públicas de âmbito nacional partilharam nas redes sociais imagens da sua viagem aos Açores, novas medidas de emergência levaram à injeção de mais de dez milhões de euros no empresariado hoteleiro e o Reino Unido reintegrou finalmente as ilhas na sua Lista Verde.

No fim de Agosto, o Governo Regional congratulou-se, enfim, com a «evolução espetacular» do turismo face a 2020, o ano de todos os confinamentos, vendo-se obrigado, inclusive, a criar novos mecanismos de apoio aos restaurantes incapazes de dar resposta à «enorme procura» em curso. Só a Portos dos Açores previa então mais de uma centena de escalas de navios de cruzeiro até final do ano. E ainda estavam previstas uma série de diligências









no sentido de promover as ilhas – Terceira à cabeça – nos mercados dos Estados Unidos e do Canadá.

### **O OUTRO NOME DO FUTURO**

Evidentemente, ninguém na região ignora os riscos de um excesso de turismo (a descaracterização, a artificialização, o mercantilismo em geral), tão-pouco o facto de a crescente escassez de alternativas entre as indústrias geradoras de riqueza deixar a economia local crescentemente vulnerável a novas inflexões no mercado. Mais: é cabal para muitos que, transformados numa babilónia de turistas, os Açores – com a sua beleza e a sua autenticidade – incorrem cada vez mais cabalmente no risco de serem descobertos pelas populações dos países endinheirados, ocidentais ou não, não apenas enquanto destino turístico, mas para a própria instalação de (por exemplo) contingentes de reformados ricos, caso em que poderão derrapar para a gentrificação que afecta tantas regiões e cidades portuguesas e estrangeiras.

Mas é entendimento mais ou menos generalizado, com poucas reservas entre os partidos políticos e raras excepções entre a sociedade civil, que o turismo traz consigo a melhor expectativa de desenvolvimento e de futuro para a região. Mesmo continuando a meteorologia incerta, a sazonalidade tentadora, a mão-de-obra especializada limitada, as



acessibilidades mais rudimentares do que o desejado e, aliás, as ilhas (às vezes) mais rivais do que o conveniente.

Na verdade, está lá quase tudo o resto. A beleza natural, desde logo – com os seus encantos, mistérios, surpresas e momentos perfeitos. Bastos lugares de referência da cultura e da história. Praias e campos de golfe. Um custo de vida perfeitamente comportável, aliado a uma sólida sensação de segurança. Uma boa pirâmide de valores, onde não faltam a tolerância, a sensibilidade ambiental e a generalidade das demais exigências do *zeitgeist*. Numa expressão só: a qualidade de vida – para locais e para forasteiros. Incluindo a calorosa hospitalidade dos açorianos e, já agora, uma experiência razoavelmente bem-sucedida no combate à covid-19.

Melhorar a oferta – eis agora o desafio, dizem os economistas. Continuar a trabalhar na indústria hoteleira e nas infraestruturas sociais, na certificação de produtos e na imagem. Em busca dos fluxos turísticos, mas sobretudo do desenvolvimento. E de braços abertos ao investimento externo, para que não falta potencial.

De resto, o trabalho continua. Um novo Plano Estratégico do Turismo deverá ser aprovado até meados de 2022, previsivelmente mantendo a aposta nos recursos endógenos e na biodiversidade. Com o turismo de natureza como principal produto dos Açores, com um forte empenho em garantir a possibilidade

de visita a todas as ilhas, sem descurar os aspetos diferenciadores de cada uma delas, incentivando a uma melhoria contínua no desempenho das áreas características do turismo e trabalhando incessantemente no ideal da sustentabilidade.

As mesmas preocupações que geraram o crescimento de 2000-2015, no fundo. Mesmo se, até hoje, continua sem haver consenso sobre se o desenvolvimento das ilhas deve ser harmónico, apenas equilibrado ou assumidamente assimétrico, com uma delas a servir de locomotiva e as restantes arrancando à medida que o comboio for galgando terreno.

A pandemia  
foi um rude golpe  
para o turismo.  
Só em 2020, a região  
perdeu mais  
de 400 milhões  
de euros, o equivalente  
– num ano normal –  
a um quarto do seu  
orçamento anual.









AREIA: MAIS DO QUE UM MITO

## ILHAS DE PRAIA, NA VERDADE

Quer dizer: há turistas que vão para Malta. Com três ilhas, Malta tem o dobro da população para menos de um oitavo do território dos Açores: cerca de meio milhão de pessoas em 316 km<sup>2</sup> de terra – menos do que São Miguel, Pico ou mesmo Terceira. Em todo o arquipélago maltês, não há mais de meia dúzia de praias de areia: pequenas, tantas vezes sujas e sempre em luta com as infraestruturas pelo direito à sobrevivência. Nos Açores, pelo contrário, há dezenas de praias de rocha mágicas, como o sejam a Maia (Santa Maria), a Caloura (São Miguel), a Silveira e os Biscoitos (Terceira), a Caldeira de Santo Cristo (São Jorge) ou a Ponta do Admoiro (Pico). Mas há também imensas praias de areia – românticas, limpas, translúcidas, inesquecíveis. Alguns exemplos: Praia Formosa e Baía de São Lourenço (Santa Maria), Ribeira Quente e Santa Bárbara (São Miguel), Praia da Vitória (Terceira), São Mateus (Graciosa), Porto Pim e Almoxarife (Faial), Calheta (Flores) e Canto da Areia (Corvo).









## ILHAS SÃO MIGUEL E TERCEIRA

### **AS CASAS DO GOLFE PORTUGUÊS**

Olha-se à volta e não há uma casa de habitação – ou sequer construções humanas –, só paz e natureza. Entretanto, bate-se um tee-shot, e aí está de novo o Atlântico à espreita. O golfe nos Açores dispõe apenas de três campos, mas extraordinários. Nas Furnas (São Miguel) e no CG da Ilha Terceira (Terceira), entre hortênsias azuis e natureza exuberante, há 18 buracos de desenho clássico. Na Batalha (São Miguel), há 27 buracos modernos, combináveis em três percursos diferentes. E isto exceptuando o «golfe rústico», variante agrícola – e mais espontânea –, com expressão (por exemplo) no Faial. Seja como for: os Açores, onde ingleses e americanos levaram o golfe entre os anos 1930 e 1950, são uma das casas da modalidade a nível nacional. Nunca produziram profissionais do PGA Tour ou da Ryder Cup, mas conquistam inúmeros torneios amadores a nível nacional, nomeadamente no escalão mid-amateur (dos 30 anos em diante). E não há turista que não adore ir jogar às ilhas...











## OS TURISTAS NOS AÇORES

Evolução dos hóspedes residentes em Portugal e no estrangeiro, segundo o país de residência habitual

PROVENIÊNCIA	2018	2019
Portugal continental	403 213	458 972
Alemanha	86 464	90 802
Áustria	6 281	6 475
Bélgica	16 604	19 201
Brasil	4 714	6 370
Canadá	22 110	27 089
Dinamarca	8 521	9 960
Espanha	44 040	48 019
EUA	65 995	86 105
Finlândia	2 595	3 725
França	41 023	51 279
Holanda	25 548	25 029
Itália	19 996	21 898
Noruega	1 074	1 563
Reino Unido	24 521	28 334
Suíça	16 735	16 758
Suécia	4 751	4 114
Outros países	46 338	66 101
<b>TOTAL</b>	<b>840 523</b>	<b>971 794</b>

FONTE: SERVIÇO REGIONAL DE ESTATÍSTICA DOS AÇORES

## PRODUTOS TURÍSTICOS DOS AÇORES

Produtos turísticos preferenciais

BTT e downhill
Canyoning e kayaking
Cruzeiros
Gastronomia e vinhos
Geoturismo
Golfe
Meeting Industry
Mergulho
Natação com golfinhos
Observação de aves
Observação de cetáceos
Parapente
Passeios a cavalo
Passeios de bicicleta
Passeios pedestres
Pesca desportiva
Rapel
Rotas Açores-Itinerários Culturais e Paisagísticos
Saúde e bem-estar
Surf e bodyboard
Turismo científico
Turismo cultural
Turismo náutico
Turismo religioso
Windsurf

FONTE: DIRECÇÃO REGIONAL DE TURISMO

## O TURISMO NOS AÇORES

Evolução dos números de estabelecimentos turísticos, hóspedes e dormidas nos Açores

	2018	2019
<b>Nº de Estabelecimentos</b>	<b>1.453</b>	<b>2.527</b>
Hotelaria Tradicional	97	100
Turismo em Espaço Rural	85	93
Outros	1 271	2 334
<b>Capacidade de Alojamento</b>	<b>11.682</b>	<b>25.248</b>
Hotelaria Tradicional	10.742	11.317
Turismo em Espaço Rural	940	1 008
Outros	-	12.923
<b>Hóspedes</b>	<b>840.523</b>	<b>971.794</b>
Residentes em Portugal	403.213	458.972
Residentes no Estrangeiro	437.310	512.822
Dormidas	2.563.640	3.009.845
Residentes em Portugal	1.045.200	1.222.039
Residentes no Estrangeiro	1.518.440	1.787.806

FONTE: SERVIÇO REGIONAL DE ESTATÍSTICA DOS AÇORES

## A ANIMAÇÃO TURÍSTICA POR ILHA

Empresas de animação turística e marítimo-turística dos Açores em 2021

ILHA	Animação turística (terrestre)	Marítimo-turísticas
SANTA MARIA	7	12
SÃO MIGUEL	162	59
TERCEIRA	34	21
GRACIOSA	2	4
SÃO JORGE	16	16
PICO	35	21
FAIAL	14	22
FLORES	5	6
CORVO	4	0
<b>TOTAL</b>	<b>279</b>	<b>162</b>

FONTE: DIRECÇÃO REGIONAL DE TURISMO



## AS ESPECIALIDADES DAS ILHAS

Evolução dos hóspedes residentes em Portugal e no estrangeiro, segundo o país de residência habitual

ILHA	PRINCIPAL RECURSO	RECURSOS COMPLEMENTARES
<b>Santa Maria</b>	Praia Desportos Náuticos	Gastronomia
<b>São Miguel</b>	Vulcanismo Pedestrianismo Património construído História e Manifestação Culturais Negócios Termalismo Eventos Náutica de recreio Mergulho Golfe Desportos radicais Gastronomia	Diversidade paisagística
<b>Terceira</b>	Património construído Festas populares e religiosas Vulcanismo Negócios Vinha Golfe Gastronomia	História e manifestações culturais
<b>São Jorge</b>	Queijo Pedestrianismo Desportos Náuticos Festas Populares/Religiosas	Fajãs
<b>Graciosa</b>	Termalismo Vinho Vulcanismo Desportos Náuticos Património Construído Mergulho	Reserva Ambiental
<b>Pico</b>	Baleia Montanha Vulcanismo Queijo Pedestrianismo Festas Populares/Religiosas	Vinho
<b>Faial</b>	Náutica de recreio Baleia Mergulho Vulcanismo Desportos Náuticos Termalismo Negócios	Mar
<b>Flores</b>	Diversidade paisagística Repouso Mergulho Pedestrianismo	Comunidade
<b>Corvo</b>	Comunidade Vivência Repouso Mergulho	Reserva ambiental

FONTE: DIRECÇÃO REGIONAL DE TURISMO







CARLOS MORAIS,  
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE TURISMO DOS AÇORES

## **OS AÇORES NÃO PODEM VIVER APENAS DO TURISMO**

**Carlos Moraes tem 59 anos e, além de presidente da Associação de Turismo dos Açores, é empresário turístico. Sócio de uma rede de pousadas de juventude, dirige um hotel, uma agência de viagens e uma empresa de animação turística. Natural do Faial, já foi deputado regional e presidente das mais variadas agremiações da sua ilha, Sporting Clube da Horta à cabeça. Tem lutado por uma ideia de desenvolvimento harmónico do turismo açoriano, mas sem ilusões quanto a efectivamente ser possível um crescimento ao mesmo ritmo entre todas as ilhas.**

*«Mesmo que nós não quiséssemos vê-lo, a pandemia da covid-19 tê-lo-ia mostrado sempre: o turismo tem de ser uma das indústrias mais importantes dos Açores, mas não pode ser a única. Nem sequer a mais importante, provavelmente. Talvez a mais importante tenha sempre de ser a agricultura, que é altamente potenciadora de riqueza e exportação.*

*Não quer dizer que seja uma indústria blindada às ameaças. A agricultura também tem os seus contratemplos. Quando houve a crise das vacas loucas, por exemplo, sofreu bastante. Como, aliás, as pescas sofrem com cada nova limitação à captura de determinadas espécies. Mas nenhuma delas alguma vez perdeu 80% da sua facturação.*

*Foi isso que aconteceu ao turismo dos Açores entre Março de 2020 e Julho de 2021: 80% de perdas. A circulação parou completamente. São números avassaladores, de que é muito difícil recuperar-se. Com a chegada do Verão de 2021, notou-se*



qualquer coisa. Mas nessa altura ainda era preciso um Inverno excepcional para respirarmos um pouco. E a região ainda não encontrou antídoto para o problema da sazonalidade....

Em suma: não podemos ter uma só actividade, ou sequer uma actividade com um peso muito maior do que os de todas as outras juntas na economia. Temos de ter diversidade industrial e económica. Até porque, mesmo em tempo de expansão, o turismo de uma região compete com o de outras regiões e a flutuação das modas tem um impacte colossal nos números.

Agora, o turismo é transversal a todas as áreas da vida do arquipélago. Faz realmente movimentar a economia. Tem de ser desenvolvido, como a agricultura, as pescas, a investigação do mar ou a exploração do espaço têm de ser desenvolvidas nos Açores (ou a partir deles). Creio que esses são os sectores que mais oportunidades nos oferecem nas próximas décadas.

E, para conseguirmos desenvolver o turismo, vamos ter, em primeiro lugar, de conseguir manter em actividade as empresas que operavam até 2019, de modo a que estejam habilitadas a receber os turistas no momento do seu regresso em pleno. Vamos ter, em segundo lugar, de manter – mesmo reforçar – a aposta nos mercados-alvo identificados nos últimos anos, e que estavam a funcionar bem até à pandemia. E vamos ter, finalmente, de encontrar mais rotas aéreas directas rumo aos Açores.

No pós-pandemia, os turistas vão exigir cada vez mais as rotas directas, de modo a terem contacto com o mínimo de riscos possível. E os Açores não podem continuar reféns de uma ou duas companhias aéreas. Precisam de mais companhias e de mais rotas directas a partir do centro da Europa e a partir da América do Norte. Porque esses são os mercados que, comprovadamente, nos trazem mais valor.

De resto, creio que não se justificam quaisquer receios quanto a uma massificação, ou coisa que o valha. Já se sabe que temos um fluxo de circulação maior entre a segunda semana de Julho e o final de Agosto, mas isso é assim em basicamente todo o lado, porque as pessoas tendem a tirar férias em Agosto. Da massificação, estamos muito longe. E, já agora, os nossos operadores e empresários também estão cada vez mais atentos à necessidade de gerir esses picos, nomeadamente do ponto de vista da pegada ambiental.

Aliás, não me parece que valha a pena cultivar grandes receios quando ao perfil do nosso turista. Por um lado, não podemos competir no mercado premium ou deluxe. Seria bom, é um turista muito atraente, mas a verdade é que não temos nem unidades hoteleiras, nem serviços que possam corresponder confortavelmente a esse padrão. Falta-nos muito caminho.

Só que o turista de classe média, mesmo que viaje numa companhia aérea low cost, também é muito interessante. Pode pagar nove euros pela sua passagem



*aérea e, mesmo assim, 300 ou 400 euros pelo quarto de hotel onde vai dormir. Portanto, gera sempre receita, exigindo à partida menos investimento. Vale a pena trabalhar com cuidado aquilo que lhe oferecemos.*

*Quanto ao ritmo de desenvolvimento, continuo defensor, no essencial, do desenvolvimento harmónico, sem prejuízo das ilhas mais pequenas. Mas não podemos ter ilusões: há ilhas que vão crescer sempre mais depressa. E as outras não deixam de ter a ganhar com isso. Hoje em dia, quem vem conhecer São Miguel ou a Terceira acaba sempre por querer conhecer pelo menos mais uma ilha. E, se as outras estiverem preparadas, vão sempre tirar partido desse desejo.»*









## **9 DILEMAS PARA UMA ESTRATÉGIA DE MARCA**

- Como conseguir que a nova Marca Açores catapulte significativamente as atenções dos Açores como destino turístico de qualidade, autenticidade, baixo custo e modos de vida invejáveis?
  - Como conseguir que a Marca Açores reboque todas as ilhas dos Açores, na generalidade e na especificidade, e apesar das assimetrias de desenvolvimento e de oferta turística entre elas?
  - Que aspectos, exactamente, melhor poderão fazer crescer os Açores – via Marca Açores – nos domínios do turismo? O turismo de natureza? O mar? A cultura? A gastronomia? As pessoas e os seus modos de vida? O seu sistema de valores? A segurança? A autenticidade em geral? O baixo custo? Quais devem ser as grandes apostas do arquipélago desse ponto de vista?
  - De que modo – ou com que estratégias – a Marca Açores poderá ajudar o arquipélago a tomar (ou a manter) a linha da frente na retoma dos fluxos turísticos internacionais no pós-covid-19?
  - Como poderá a índole da Marca Açores ajudar a mitigar os problemas estruturais do turismo açoriano (meteorologia incerta, sazonalidade, mão-de-obra especializada limitada, acessibilidades mais rudimentares do que o desejado, ilhas mais rivais do que o conveniente)?
  - O que poderia a Marca Açores fazer, em particular, pelo interesse de operadores e companhias de aviação estrangeiros em particular?
-



- 
- Como conseguir que a Marca Açores, sendo percepcionada como uma marca acima de tudo virada para o turismo, contamine ainda assim os restantes aspectos da sua imagem externa e até interna, influenciando portanto o modo como o país e o mundo os vêem mas também como os vêem os próprios açorianos (com expressão, desde logo, no modo de fazer da sua administração pública e nos resultados escolares dos próprios estudantes)?
  - Como poderia a Marca Açores, sendo percepcionada como uma marca acima de tudo virada para o turismo, persuadir as restantes actividades económicas dos Açores a tentarem igualar-se à inovação, ao empenho e ao investimento feito no turismo, de modo que as ilhas não permaneçam tão evidentemente reféns deste?
  - Como poderia a Marca Açores ajudar a revolver a velha querela do desenvolvimento dos Açores, isto é: se deve ser harmónico, apenas equilibrado ou assumidamente assimétrico, com uma ilha a servir de locomotiva e as restantes arrancando à medida que o comboio for galgando terreno?
-



«O povoado principal chama-se Vila da Horta.  
Está situada ao fundo da baía, perto do limite costeiro,  
é defendida por dois fortes (...).  
Mas estas construções estão em mau estado  
e servem mais para decoração  
do que para defesa.»

---

**JAMES COOK**

*The Voyages of Captain James Cook, 1842*







# A ECONOMIA DOS AÇORES

3







# UMA LUTA QUE NUNCA ACABA

Originalmente rural e de subsistência, a economia dos Açores deu um salto após o advento da autonomia constitucional, em 1976. Mas nunca se livrou de uma série de problemas endémicos, o que leva os empresários reclamar ciclicamente a instauração de novo paradigma. E, entretanto, a pandemia da covid-19 veio acrescentar uma série de obstáculos, para cuja resposta será preciso ponderar cada cêntimo atribuído aos Açores pelos mecanismos de recuperação nacionais.

---

**E** **M DEZEMBRO DE 2020**, passavam nove meses sobre a mundialização da covid-19, 40 empresários representando as três Câmaras de Comércio e Indústria dos Açores reuniram-se por videoconferência para analisar a aplicação aos Açores do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), o mecanismo em que se resume a resposta económico-financeira do governo português à pandemia. «A realização deste fórum», explicava-se nas conclusões do chamado Fórum CCIA 2020, «teve lugar num contexto muito específico para as empresas e para a sociedade açorianas, (...) sem alívio significativo para a economia.» O turismo e os transportes concomitantes mantinham-se no topo das preocupações, mas os 580 milhões de euros alocados às ilhas não já pareciam chegar para as necessidades dos diferentes sectores de atividade. Entre diagnósticos e pedidos, os empresários rogavam a estabilização da situação sanitária, o socorro às empresas para a salvaguarda de empregos e o relançamento da actividade económica, incluindo o estímulo às cadeias produtivas,





as reduções fiscais, a formação de novos ativos, a recapitalização do setor e uma boa majoração dos apoios.

Mesmo assim, não faltavam na redacção final reivindicações de médio-longo prazo, incluindo toda uma série de novas medidas. Isto é: a criação de um novo modelo de desenvolvimento económico capaz de equilibrar o investimento público com o investimento privado; o reforço da educação e da qualificação no sentido da criação de novas competências; a aposta na inovação enquanto pilar da economia – e, entretanto, a defesa da participação privada na configuração do novo Quadro Comunitário de Apoio, a mitigação da derrapagem dos resultados do sector público empresarial, a alteração dos modelos de transporte aéreo e marítimo, um acréscimo nas dotações orçamentais em geral, a melhoria da competitividade dos sistemas logísticos regionais e a atenção à ciência, ao conhecimento e às respectivas oportunidades.

«Foram ainda realçados (...) vários custos de contexto gravosos como, por exemplo, a burocracia e os custos energéticos», acrescentava o relatório. «Em suma, o Fórum CCIA 2020 refletiu sobre a situação atual da economia dos Açores, (...) esperando que os avanços insignificantes e demorados do passado recente possam ver agora uma nova realidade, melhorando o posicionamento das empresas dos Açores e desonerando os custos para as famílias.» No essencial, pedia-se a instauração de um novo paradigma, esgotado que



se encontrava o anterior. Reafirmando-se, entretanto, «a disponibilidade das associações empresariais para a participação em processos verdadeiros de concertação social (...), única forma de se gerarem consensos dinâmicos e frutuoso capazes de potenciar um maior e mais sustentável desenvolvimento dos Açores.»

## O «ANTES» E O «DEPOIS» DA AUTONOMIA

A história da economia das ilhas é marcada, de modo dramático, pelo advento da autonomia constitucional, obtida em 1976. Nesse ano, escreve Mário Fortuna no artigo Quatro Décadas de Transformação da Economia dos Açores, publicado no Boletim do Núcleo Cultural da Horta, a economia açoriana «passava por uma das maiores hemorragias demográficas da história do arquipélago, fomentada pela incapacidade de a transformar e pela abertura de economias em crescimento, que proporcionavam melhores oportunidades de emprego e níveis de vida mais elevados.»

«A economia dos Açores», concretiza o actual presidente da Câmara de Comércio e Indústria de Ponta Delgada, «era, à data, ainda muito dependente de uma agricultura e pecuária de minifúndio, quase só de subsistência, numa época que já era de globalização acelerada em mercados importantes, como o dos cereais, dos laticínios, do tabaco, do açúcar e, em geral, dos demais produtos primários transformados. O desfaseamento de desenvolvimento para as zonas de maior proximidade era enorme, não só ao nível da formação das pessoas, mas também ao nível das infraestruturas e do investimento produtivo.»

Com a Revolução do 25 de Abril de 1974 e, pouco depois, a adoção de um novo modelo político-administrativo, o tecido económico dos Açores passou por «uma transformação considerável». De uma economia dominada pela agricultura e a agropecuária, passou-se para um modelo «fortemente dependente do sector público», com o «sector do turismo a conquistar espaço relativo na repartição da geração de emprego e de valor acrescentado.» Foi estancada a delapidação demográfica e começaram até a aparecer os imigrantes, atraídos por oportunidades de trabalho, ainda que a economia estivesse agora dependente das «transferências externas.»

Entretanto, os primeiros anos do século XXI trouxeram novos avanços. «Os Açores passaram a ter uma economia evoluída, baseada ainda numa componente agrícola, mas com o turismo a assumir relevância» crescente. «Esta evolução», defende Fortuna, «é indissociável

Para muitos  
empresários,  
o turismo mantém-se  
no topo das  
preocupações,  
mas os 580 milhões  
alocados no PRR  
às ilhas já não parecem  
chegar para todos  
os sectores









de um contexto externo que, por um lado, continua a concentrar na Região transferências nacionais e europeias consideráveis e, por outro, leva, a partir de 2003, à utilização líquida de crédito externo.» Uma circunstância que, «segundo alguns indicadores de referência, evidencia as fragilidades do rumo do consumismo interno que tem vindo a ser assumido», e que, neste sentido, não diferiu muito do sentido a nível nacional.

### **DA INSULARIDADE E DA SOBERANIA**

A verdade é que, ao longo das últimas décadas, os Açores conseguiram aumentar de forma clara os níveis de desenvolvimento, convergindo «de uns meros 48% em 1974 para 94% da média nacional em 2014» e, na comparação com a Europa, «de 57% em 1995 para 71% em 2014». «Volvidos 40 anos» de autonomia constitucional, diz o artigo, «a economia dos Açores terciarizou-se, consolidou a importância do setor primário e da indústria de laticínios, associada à vocação leiteira da produção primária, e deu maior espaço ao turismo como vetor de diversificação», embora também tenha visto «prosperar e colapsar o setor da construção civil, afetado por uma bolha especulativa no sector imobiliário e por uma programação errática das obras públicas.» De resto, «só chegados a 2015, com a revisão do modelo de transportes aéreos, é que surge com alguma pujança e autossustentabilidade o sector do turismo.»





Hoje, a economia do arquipélago representa vagamente 2% do PIB português. Assenta numa população activa de cerca de cem mil indivíduos, repartidos entre os sectores primário (22%), secundário (26%) e terciário (52%), embora com significativas assimetrias – absolutas e relativas – entre as ilhas. Na pecuária, a actividade centra-se na produção de leite (e derivados) e carne de vaca. As pescas apostam sobretudo na diversidade de capturas. No domínio das indústrias transformadoras, destacam-se a alimentação, as bebidas e o tabaco. A energia térmica é o cerne da produção de electricidade da região. E, nos serviços, a movimentação de mercadorias e a circulação de turistas ocupam-se da maior parte dos proventos.

Em Julho de 2021, havia cerca de 6500 desempregados nas nove ilhas, embora os programas ocupacionais e os subsídios à sobrevivência contemplassem também milhares de pessoas. Inevitavelmente, os Açores voltavam a confrontar-se com um dos seus calcanhares de Aquiles: a subsidiodependência, tanto entre as famílias como entre as próprias empresas, o que, aliado ao peso significativo do Estado – na administração pública e através das próprias empresas públicas –, persistia em limitar a produção de riqueza. E, no entanto, continuava difícil de defender um modelo alternativo, mesmo para os mais liberais: o espartilhamento geográfico sempre impôs uma multiplicação exponencial de serviços e, de resto, se os açorianos ocupam um território exigente, isso também acontece em benefício da soberania portuguesa sobre ele.

São, por outras palavras, os custos da insularidade. Para os próprios e para aqueles cujos interesses eles também representam.

A economia dos Açores era, até 1976, dependente da agricultura e da pecuária de minifúndio, quase só de subsistência, numa época que já era de globalização

## O FUTURO CONTINUA A SER AQUI

Bem vistas as coisas, todos parecem saber que em todos os momentos o arquipélago e a sua economia podiam ser bastante diferentes, mas em nenhum momento radicalmente diferentes – nem na pirâmide dos sectores de produção, nem na pirâmide dos contributos individuais. «Os Açores são o lugar onde tanto os manuais de ciência política como os de economia se têm de render às evidências», parafraseou frequentemente, ao longo da sua actividade política, o actual secretário regional da Juventude, Qualificação Profissional e Emprego, Duarte Freitas. Além disso, a história contém vários exemplos de superação



tanto a um nível como a outro. Poucas mãos disponíveis foram capazes de reconstruir freguesias, cidades e até ilhas dizimadas por catástrofes naturais. E algumas das mais revolucionárias inovações vieram, frequentemente, dos sectores mais tradicionais – como a plantação de vinha entre currais de pedra, a caça à baleia em botes surpreendentemente resilientes ou a construção de grandes estufas para a cultura extensiva do ananás.

Os mesmos ideais persistem em nortear os Açores de hoje, interpretados individual ou colectivamente, e num diálogo mais ou menos consciente com o passado. «O resgate da história e das tradições dos Açores», frisou José Manuel Bolieiro nos discursos em torno do seu primeiro Plano e Orçamento enquanto presidente do Governo Regional dos Açores, «tem de ser aliado à capacidade moderna de afirmação da região pela excelência competitiva de produtos e serviços.» E essa determinação do Executivo, quer quando se encontra a montante, quer quando se encontra a jusante da vontade das chamadas forças vivas da sociedade, empresários incluídos, continua a afigurar-se como a melhor garantia de que as ilhas continuarão a investir nas suas próprias globalização e universalidade, conscientes da força das concorrências nacional e internacional, mas decididas a – mesmo que nunca a outro ritmo senão o seu – mostrar-se desenvolvidas, produtoras de qualidade, atraentes para o investimento e, naturalmente, anfitriãs hospitaleiras.

Reerguer a economia, ademais com um governo nos primeiros meses (e anos) do seu



exercício, será difícil. Independentemente da propriedade com que, em 2018, o então presidente do Governo, Vasco Cordeiro, se congratulava com o dinamismo da economia regional – «O crescimento da economia açoriana vai bem para além da atividade turística», exultava –, nenhuma dessas condições se verifica agora. Mas os anos difíceis esperam os outros lugares e países também, e, nos Açores, o Plano de Recuperação e Resiliência vai contar com a participação do Conselho Económico e Social, órgão consultivo, de carácter colegial e independente, que tem por objetivo fomentar o diálogo entre o poder político e a sociedade civil. Embora a pandemia tenha atrasado o processo, o ano de 2020 preparava-se para ser «ano de recordes e de crescimento significativo» nos indicadores turísticos, como dizia a – na altura – secretária regional da tutela. E o já citado Mário Fortuna, também professor catedrático na área da Economia, já veio garantir que, sendo certo que a covid-19 «já mudou» o futuro, na verdade, «mudá-lo-á muito menos do que alguns calculam.»







## CERTIFICAÇÕES E PRODUTOS DE NICHOS

### **DO ANANÁS AO QUEIJO (E AO VINHO)**

A meloa de Santa Maria. O ananás e o maracujá de São Miguel. O atum e o queijo de São Jorge. O queijo e o vinho do Pico. O mel e a carne de diferentes ilhas – ou dos Açores todos. Mais o tabaco, o chá, a beterraba e uma série de outros produtos tantas vezes de nicho, mas sempre aplaudidos por turistas e, aliás, populações locais. Há séculos que os Açores investem em produtos diferenciadores, capazes de extrair o melhor que o seu clima e os seus solos têm para oferecer. Entretanto, Governo, câmaras de comércio, associações e empresários têm-se esforçado por garantir mais certificações, existindo por ora três selos de qualidade: DOP-Denominação de Origem Protegida (queijo de São Jorge, ananás dos Açores, maracujá de S. Miguel, meloa de Santa Maria, mel dos Açores e queijo do Pico); IGP-Indicação Geográfica Protegida (carne dos Açores); e ETG-Especialidade Tradicional Garantida. Em Agosto de 2021, um dos processos de certificação comunitária em curso centrava-se no alho da Graciosa.











## CONGRESSO INTERNACIONAL NOS AÇORES

### **E O CÂNHAMO – PORQUE NÃO?**

A ideia partiu da empresa Neuron Bonus, em parceria com a Associação Agrícola de São Miguel, a Terra Verde-Associação de Produtores Agrícolas dos Açores e a Associação de Comerciantes de Cânhamo Industrial, mas já era cada vez mais discutida entre agricultores e empresários dos Açores. Dizem os cientistas que o arquipélago tem um clima adequado à cultura do cânhamo, e a verdade é que a indústria em torno da planta se encontra em fase de expansão na Europa – nomeadamente nos países que, depois de o Tribunal de Justiça da União Europeia ter deixado claro que a cannabis sativa «não é uma substância psicotrópica». Por isso mesmo, foi programado para Outubro de 2021, na Ribeira Grande (ilha de São Miguel), um congresso internacional sobre produção e transformação de cânhamo em – entre outros – matéria medicinal, alimentar, cosmética, têxtil e até vocacionada para a construção civil. Origem dos participantes: Portugal, Angola, Cabo Verde, EUA e Canadá.







## CUSTO DE VIDA

Preço da habitação por m2, taxa de desemprego e total de universidades nas diferentes regiões do país no segundo trimestre de 2019

### REGIÃO NORTE

(Portugal continental)

● **Preço habitação por m2:** €892\*

● **Taxa desemprego:** 7,2%\*

● **Principais universidades:** Universidade do Minho, Universidade do Porto, Universidade Católica Portuguesa, Instituto Universitário da Maia, Instituto Politécnico do Porto, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, Instituto Politécnico de Bragança.

### REGIÃO CENTRO

(Portugal continental)

● **Preço habitação por m2:** €747\*

● **Taxa desemprego:** 5,3%\*

● **Principais universidades:** Universidade de Aveiro, Universidade da Beira Interior, Universidade de Coimbra, Instituto Politécnico de Coimbra, Instituto Politécnico da Guarda, Universidade Católica Portuguesa, Instituto Politécnico de Leiria

### ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA

(Portugal continental)

● **Preço habitação por m2:** €1383\*

● **Taxa desemprego:** 7,2%\*

● **Principais universidades:** Universidade de Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Universidade Europeia, Universidade Lusófona, Universidade Lusíada, Instituto Politécnico de Setúbal

### ALENTEJO

(Portugal continental)

● **Preço habitação por m2:** €663\*

● **Taxa desemprego:** 6,9%\*

● **Universidades:** Universidade de Évora, Instituto Politécnico de Beja, Instituto Politécnico de Portalegre

### ALGARVE

(Portugal continental)

● **Preço habitação por m2:** €1606\*

● **Taxa desemprego:** 5,3%\*

● **Universidades:** Universidade do Algarve

### ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA

● **Preço habitação por m2:** €1205\*

● **Taxa desemprego:** 8,3%\*

● **Universidades:** Universidade da Madeira

### ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES

● **Preço habitação por m2:** €771\*

● **Taxa desemprego:** 8,2%\*

● **Universidades:** Universidade dos Açores

FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA





## VIVER, INVESTIR, TRABALHAR

Ranking da revista Forbes: os 20 melhores lugares da Europa para os americanos viverem, investir e trabalhar

### 1. BRAGA, PORTUGAL

Felicidade, gastronomia, crescimento do turismo.

### 2. MADRID, ESPANHA

Dinamismo, preços razoáveis, baixa criminalidade

### 3. BRIGHTON, REINO UNIDO

Língua comum, empresariado pujante, tolerância

### 4. San Sebastian, Espanha

Beleza, gastronomia, qualidade de vida.

### 5. HAMBURGO, ALEMANHA

Estabilidade, vitalidade económica, emprego.

### 6. ATENAS, GRÉCIA

Rendas moderadas, Internet de alta velocidade, escolas internacionais.

### 7. BRETANHA, FRANÇA

Proximidade do mar, segurança, cultura.

### 8. ALGARVE, PORTUGAL

Baixa densidade populacional, praias, sol.

### 9. BRUXELAS, BÉLGICA

Cosmopolitismo, centralidade, cultura.

### 10. MÁLAGA, ESPANHA

Arquitectura, gastronomia, praias.

### 11. VIENA, ÁUSTRIA

Estabilidade, segurança, qualidade de vida.

### 12. ROTERDÃO, PAÍSES BAIXOS

Vitalidade económica, juventude, escolas internacionais.

### 13. ALSÁCIA, FRANÇA

Natureza, gastronomia, vinhos.

### 14. TOSCÂNIA, ITÁLIA

Paisagem, cultura, qualidade de vida.

### 15. BASILEIA, SUÍÇA

Paz, segurança, empregos.

### 16. DUBROVNIK, CROÁCIA

História, hospitalidade, autenticidade.

### 17. BERLIM, ALEMANHA

Cosmopolitismo, custos razoáveis, cultura.

### 18. CORK, IRLANDA

Arquitectura, música, paisagem.

### 19. POZNAN, POLÓNIA

Arquitectura, gastronomia, cultura.

### 20. AÇORES, PORTUGAL

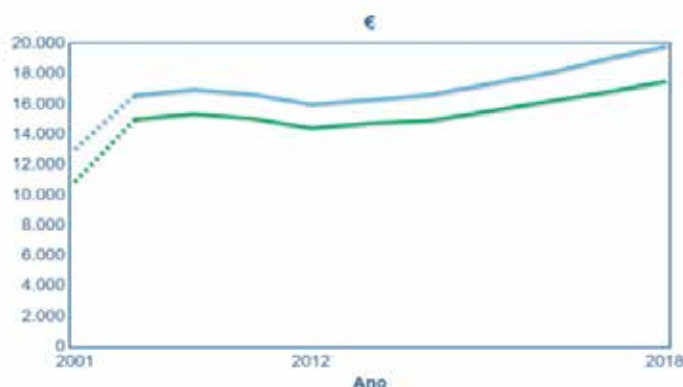
Amizade com os EUA, benefícios fiscais, incentivos às empresas.

FONTE: FORBES MAGAZINE, NOV. 2020



## PIB PER CAPITA DOS AÇORES

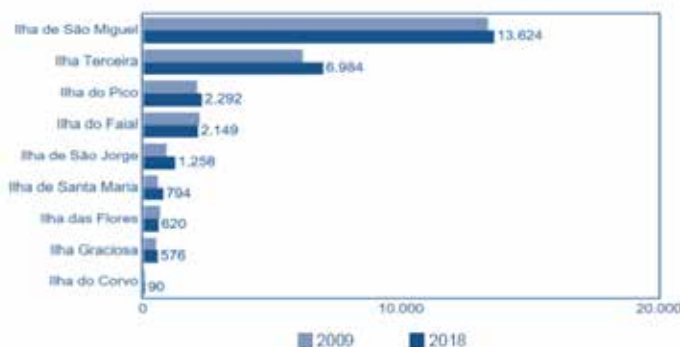
Evolução do PIB per capita em Portugal e nos Açores (2,1% do país) entre 2001 e 2018



FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA/ PORDATA-FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS

## EMPRESAS NÃO FINANCEIRAS POR ILHA

Evolução do número de empresas não financeiras nos Açores entre 2009 e 2018

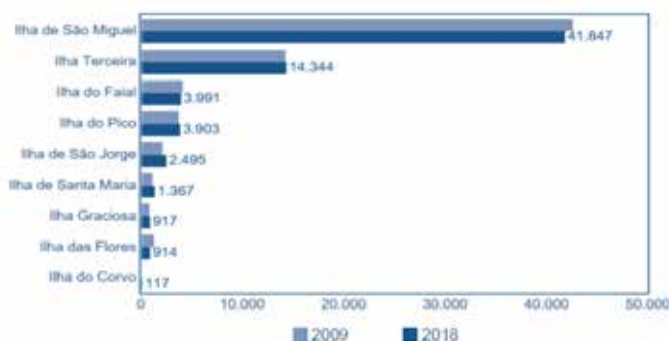


\* INCLUI EMPRESÁRIOS EM NOME INDIVIDUAL E TRABALHADORES INDEPENDENTES

FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA/ PORDATA-FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS

## FUNCIONÁRIOS DE EMPRESAS NÃO FINANCEIRAS

Evolução do número de funcionários empresas não financeiras nos Açores entre 2009 e 2018



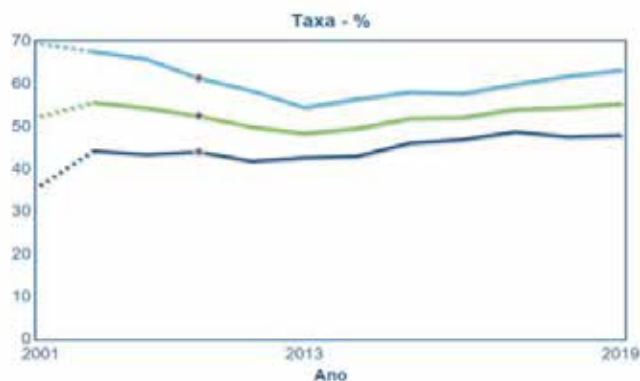
\* INCLUI EMPRESÁRIOS EM NOME INDIVIDUAL E TRABALHADORES INDEPENDENTES

FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA/ PORDATA-FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS



## O EMPREGO NOS AÇORES

Evolução da taxa de emprego nos Açores entre 1991 e 2019  
(total: 55%; homens: 63%; mulheres, 48%; Portugal: 55%)



FONTE: INSTITUTO  
NACIONAL DE ESTATÍSTICA/  
PORDATA-FUNDAÇÃO  
FRANCISCO  
MANUEL DOS SANTOS

## O DESEMPREGO NOS AÇORES

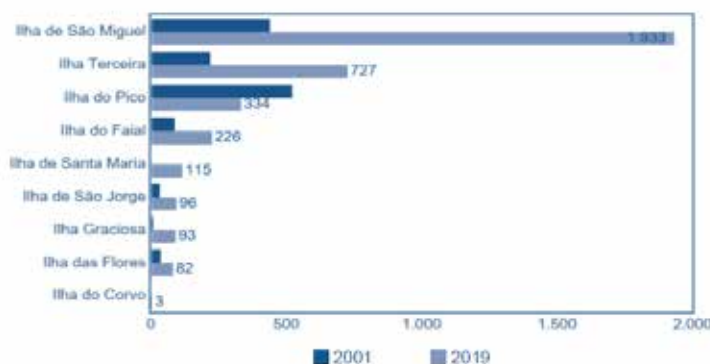
Evolução da taxa de desemprego nos Açores entre 1998 e 2019  
(total: 8%; homens: 7%; mulheres, 9%; Portugal: 6%)



FONTE: INSTITUTO  
NACIONAL DE ESTATÍSTICA/  
PORDATA-FUNDAÇÃO  
FRANCISCO  
MANUEL DOS SANTOS

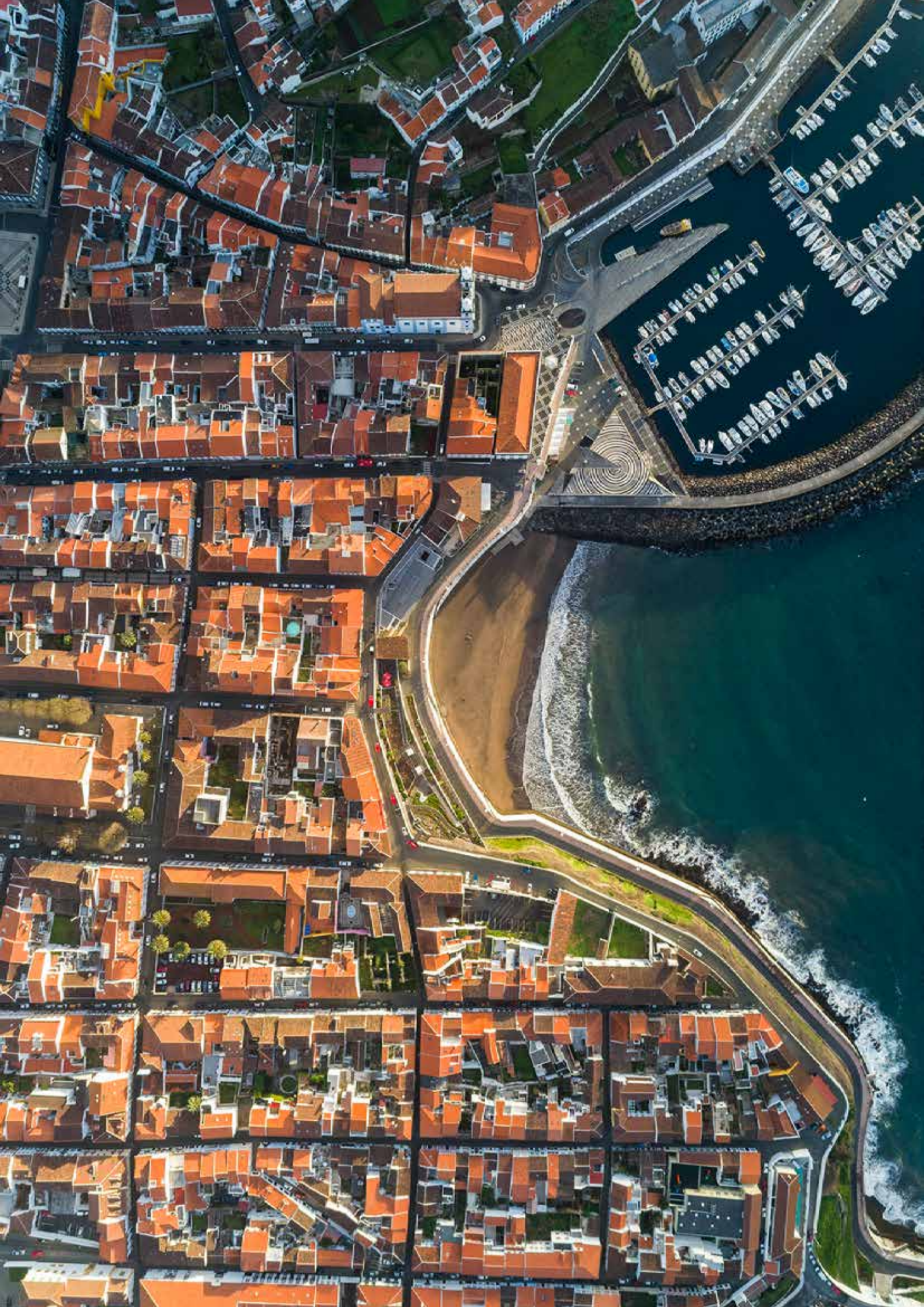
## O SUBSÍDIO DO DESEMPREGO NOS AÇORES

Evolução da taxa de beneficiários de subsídio desemprego nos Açores  
entre 2009 e 2019 (Portugal: 3%)



FONTE: INSTITUTO  
NACIONAL DE ESTATÍSTICA/  
PORDATA-FUNDAÇÃO  
FRANCISCO  
MANUEL DOS SANTOS



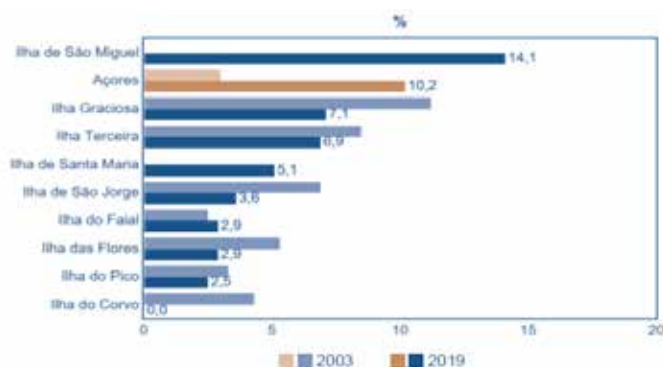






## O RENDIMENTO SOCIAL DE INSERÇÃO NOS AÇORES

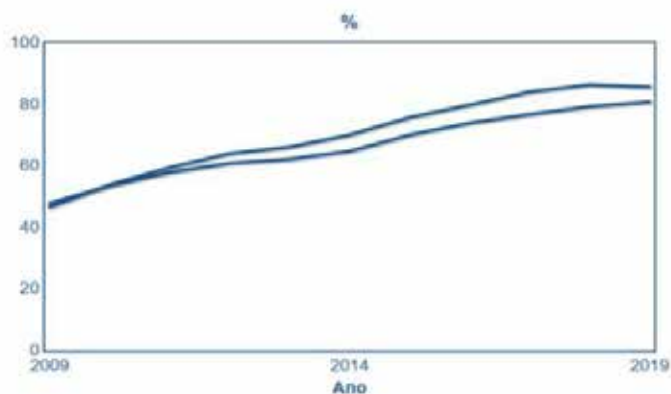
Evolução do número beneficiários de Rendimento Social de Inserção nos Açores entre 2009 e 2019



FONTE: INSTITUTO  
NACIONAL DE ESTATÍSTICA/  
PORDATA-FUNDAÇÃO  
FRANCISCO  
MANUEL DOS SANTOS

## A INTERNET NOS AÇORES

Evolução da taxa de acesso à Internet nos Açores (86 %) e em Portugal (81 %) entre 2009 e 2019



FONTE: INSTITUTO  
NACIONAL DE ESTATÍSTICA/  
PORDATA-FUNDAÇÃO  
FRANCISCO  
MANUEL DOS SANTOS



## A INOVAÇÃO NOS AÇORES

Exemplos de projectos dos ninhos de empresas e outros centros de inovação dos Açores

### PROJECTOS DIGITAIS

#### KEO

O estúdio de videojogos Redcatpig, instalado no TERINOV, está na fase final de desenvolvimento do KEO, é um jogo de combate de veículos multiplayer online, num cenário pós-apocalíptico de ficção científica. Possui vários modos de jogo como Deathmatch, Capture the Flag, Racing, etc. Além de vários veículos, o jogo apresenta conta com opções de personalização de armas e cosmetics. O KEO recebeu várias nomeações em diferentes eventos e, em 2018, ganhou o Playstation Talents Award de Melhor Jogo e Melhor Jogo Multijogador Online.

#### THOSE WHO REMAIN

O estúdio de videojogos Camel101, instalado no TERINOV, lançou, no passado ano o jogo thriller-psicológico "Those Who Remain" para PlayStation 4, Xbox One e Windows PC. O jogo terá também lançamento para Nintendo Switch e ainda uma edição deluxe em formato físico. O jogo recebeu várias nomeações e prémios em diferentes eventos.

### PROJECTOS ARTÍSTICOS E/OU CULTURAIS

#### MOOT PLATFORM

A Moot é uma plataforma online de apoio ao treino e bem-estar dos bailarinos e praticantes de outras modalidades de movimento, associada a uma marca registada e de qualidade. A Moot tem como missão suportar, formar e unificar a comunidade de movimento e da dança em qualquer local e momento e ao mesmo tempo promover o bem-estar. A Moot – The Movement Lab, startup instalada no TERINOV, tem como visão democratizar o acesso à informação na rotina dos dançarinos e praticantes de outras modalidades.

#### MMA

O Museu da Memória dos Açores, projeto instalado no TERINOV, é uma unidade de duas entidades: um museu online e presencial dedicado à preservação do património fotográfico e cinematográfico dos Açores. O MMA é uma entidade cultural e de arquivo que recolhe fotos de diferentes fontes - na sua maioria privadas, para digitalização, publicação no site que estará acessível a partir de qualquer local, permitindo conhecer os recantos da história do arquipélago através das lentes das fotos privadas que foram escondidos durante décadas.

### PROJECTOS AMBIENTAIS

#### SOILRISK

A Eyecon Group, empresa instalada no TERINOV – Parque de Ciência e Tecnologia da ilha Terceira, que fornece dados relevantes e soluções de software personalizadas para empresas, recebeu a aprovação por parte da ESA - Agência Espacial Europeia para desenvolver a aplicação SOILRISK, na área do cálculo e detecção automática de deslizamento de terra e taludes. SOILRISK é uma aplicação que fornece dados abrangentes de risco do solo, que incluem índice de risco de deslizamento e subsidência, tipo de solo, humidade e vegetação.

#### AZORES ECOBLUE

A Circular Blue, startup instalada no TERINOV com a marca Nieta Atelier, cria protótipos e peças de design, desenvolvendo materiais profundamente harmonizados com os conceitos de upcycling e reciclagem. Recentemente, a Circular Blue, em consórcio com a Associação Empresarial de Portugal, o Air Centre, a Universidade dos Açores, a Universidade do Minho e o TERINOV, entre outras entidades preparou o projeto Azores EcoBlue, que pretende coletar lixo marinho e resíduos de praia para desenvolver novos fios e fibras para novos subprodutos. O projeto pretende transformar lixo e outros resíduos marinhos para a criação de fios como

matéria-prima para novos tecidos e fibras para o desenvolvimento de uma manta isolante e construir um Ecolodge demonstrativo com os novos produtos. **(PROJETO CANDIDATATO AO EEA Grants, AGUARDA AVALIAÇÃO)**

#### MAR4TERRA

A SustainUtility, startup instalada no TERINOV, em parceria com a SeaExpert, a Universidade dos Açores e o TERINOV, está a desenvolver o projeto "MAR4TERRA", que visa demonstrar a viabilidade técnico-económica da utilização de diferentes macroalgas atlânticas e resíduos agroalimentares em biocondicionadores (bioestimulantes / biofertilizantes) para os solos dos Açores. A aplicação proposta implica desenvolver uma biorefinaria piloto, na Ilha Terceira. Os nutrientes orgânicos assim obtidos, maximizam o seu desempenho multifuncional e permitirão a posterior "certificação bio" das explorações. O projeto apresentado implica testar os biocondicionadores nos solos, avaliar a sua eficácia nas pastagens e o seu impacto na pecuária, tanto na produção de leite e lacticínios, como nas características da carne de bovino. **(PROJETO CANDIDATATO AO EIXO 1.2 DO PO AÇORES 2020, AGUARDA AVALIAÇÃO)**





## A INOVAÇÃO NOS AÇORES (CONTINUAÇÃO)

### PROJECTOS INDUSTRIAIS E/OU PRODUTIVOS

SAPc  
Sistema de Alerta  
Pithomyces – O sistema de alerta para o pithomyces chartarum, está a ser pelo Centro Internacional de Investigação para o Atlântico (Air Centre), pelo Parque de Ciência e Tecnologia da ilha Terceira (TERINOV), e pela União das Cooperativas de Laticínios Terceirense (Unicol). O pithomyces chartarum é um fungo que se desenvolve em camadas mortas das pastagens e provoca uma intoxicação conhecida por eczema facial. **(PROJETO CANDIDATATO AO EIXO 1.2 DO PO AÇORES 2020, AGUARDA AVALIAÇÃO)**

Genotipagem do gado bovino dos Açores para melhoramento da produção e qualidade do leite - A seleção de determinadas características do gado é essencial para o melhoramento da produção de leite em termos quantitativos e qualitativos. Deste modo, tendo em conta que o valor fenotípico não reflete totalmente o valor genotípico, a Associação Agrícola da Ilha Terceira (AAIT), em parceria com o Centro de Biotecnologia dos Açores da Universidade dos Açores (CBA-UAç), a Associação Agrícola de S. Miguel (AASM) e o Parque de Ciência e Tecnologia da ilha Terceira (TERINOV), pretendem desenvolver um projeto com o objetivo de: 1) identificar as diversas variantes genéticas associadas a características economicamente importantes, 2) otimizar o aproveitamento forrageiro e 3) identificar animais portadores de patologias que poderão ser responsáveis pela diminuição da produção de leite. **(PROJETO CANDIDATATO AO EIXO 1.2 DO PO AÇORES 2020, AGUARDA AVALIAÇÃO)**

### OUTROS PROJECTOS

Friendly and Useful (Healphant)  
Cereal Games (Pecaminosa)  
InVISIT  
Grades Up  
Pureza Notória (Core Protein)  
WakeBoard Project  
Aqua dos Açores  
Azores Life Science (Ignae Skincare)  
Eat This Cooking & Delivery  
Innovtravel /Ideastation (Azores Getaways)  
UNIKA  
Vaga PDL  
PICA-Plataforma de Indústria Criativa dos Açores  
Local Food Culture  
Algicel  
Essentia Azorica  
Destillazores  
5Essentia  
Connexal, Comunicações Globais (São Miguel)  
Rook Technology, Call Center (Terceira)  
Seazyme, Biotecnologia (Faial, Universidade Açores)  
Algicel, Biotecnologia  
Associação de Produtores Açoreanos de Café (APAC) (Terceira)  
Cooperativa Ocidental, CRL (nas Flores)  
Queijaria Furnense (em São Miguel)  
Yoçor-Garcez & Santos, Lda. (em São Miguel)  
O Morro-Fabricação de Queijos Lda. (no Faial).  
Quinta dos Açores S.A. (na Terceira)  
Queijo Vaquinha - João Henrique Cota (na Terceira)  
Fat Tuna, economia azul  
SeaExpert, economia azul  
Flying Sharks, economia azul  
Aquazor, Aqualcultura  
Azorean-Aquatic Technologies, Robótica (São Miguel)  
Amberjack Solutions  
Fishmetric

FONTE: NINHOS DE EMPRESAS E CENTROS DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA





VICTOR CRUZ,  
CEO DO GRUPO BENSÁUDE

## **A CARNE E O LEITE VÃO CONTRA AS TENDÊNCIAS INTERNACIONAIS**

**Victor Cruz tem 58 anos e é advogado de formação. Foi presidente do Grupo Parlamentar do Partido Social-Democrata na Assembleia Regional dos Açores, deputado na Assembleia da República e líder do PSD-Açores. Derrotado nas eleições legislativas regionais de 2004, preside desde pouco depois ao maior grupo empresarial dos Açores, com mais de 3300 funcionários, cerca de 215 estabelecimentos abertos ao público e interesses no turismo, na distribuição alimentar, nos transportes marítimos, nos combustíveis e em várias outras áreas.**

*«A partir do meu papel de observador, creio que tanto o sector primário como o sector secundário dos Açores estão forçados a reinventar-se. No caso da agricultura, por exemplo, temos de ter consciência de que viver da venda de carne e/ou de leite é uma actividade que vai contra as tendências internacionais, pois tanto o leite de vaca como as carnes vermelhas são cada vez menos aconselhados para o consumo humano.*

*Sou muito sensível ao debate em torno do preço do leite e, enquanto gestor de um grupo económico, empenhei-me em ajudar à subida de um cêntimo e pouco que os agricultores reclamavam. Trata-se de um problema político, mas também de um problema económico e social. Agora, estrategicamente, falamos de uma área que precisa de ser repensada, até em resultado dos excedentes.*

*E o caso das pescas não é assim tão diferente. Há claramente novos desafios, tanto de diversificação, como sustentabilidade, como até ao nível da preparação do produto para exportação. E, enquanto não for encontrada resposta para esses desafios, vai ser difícil que a actividade passe para outra dimensão.*





*Já quanto à indústria, turismo excluído, põe-se o problema da globalização. Hoje em dia, os transportes já são demasiados fáceis e rápidos para que possamos deixar de confrontar-nos diariamente com produtos concorrentes muito competitivos a preços ultra convidativos. Portanto, ou a nossa indústria consegue criar projectos extremamente diferenciadores, mesmo únicos, ou dificilmente crescerá. E, mesmo que atinja todo o sucesso, não creio que alguma vez possa vir a representar 30 ou 40% da economia dos Açores.*

*Nos serviços, sim – e principalmente se considerarmos o turismo um serviço, e não uma indústria, como defendem alguns –, podemos fazer a diferença. Sobretudo porque os Açores têm uma qualidade do ar, uma qualidade da água e um potencial de sustentabilidade que encaixam completamente nas tendências do mundo dito civilizado.*

*Será um produto fortíssimo nas próximas décadas. Agora, não se trata de um produto inesgotável. A sustentabilidade, a ocupação do território – tudo isso tem de ser ponderado em permanência. Além de que hoje é a pandemia, mas amanhã pode ser um terramoto, um vulcão ou um furacão. Vamos continuar vulneráveis e vamos continuar a ter soluções. Precisamos de aprender a viver com eles.*

*De resto, o turismo é um dos produtos mais democráticos que existe. Dá a ganhar ao empresário, mas também ao motorista do táxi, ao dono do café, ao criador de galinhas, à bordadeira, até ao médico e ao professor... Toda a gente pode ter o seu quinhão. E o espaço para o empreendedorismo é enorme. Há montanhas de negócios por fazer – para todo o tipo de pessoas, de todas as idades e classes sociais, com todo o tipo de formação.*

*Empreendedorismo que não é o problema que às vezes se diz, já agora. Os açorianos, quando são bons, são mesmo bons. E a média, do ponto de vista da ética de trabalho, é alta. Agora, há que enquadrar os trabalhadores. É preciso aproveitar o verdadeiro potencial de cada um. E isso depende das empresas e, até certo ponto, do governo também.*

*Não se pode descurar a motivação, nem a justiça das estruturas remuneratórias, nem as perspectivas de carreira. Há pessoas que, claramente, vão dar às empresas e às mãos dos patrões errados, que às vezes estragam tudo. Patrões que só querem o trabalho feito, não importa com que qualidade. Que insistem em pagar o menos possível pelos horários o mais alargado possível. Que não se importam que as empresas estejam mal desde que eles estejam bem e possam comprar os seus BMW.*

*O Grupo Bensaúde tem 3300 pessoas. Tem à sua disposição uma amostra bastante representativa da capacidade de fazer dos trabalhadores açorianos. Tem bastos exemplos de dedicação, de motivação e de ética de trabalho – inclusive da parte de pessoas que emigraram, voltaram e continuam a trabalhar muito bem, ao contrário dos mitos que dizem o contrário.*



*Evidentemente, nunca deixamos de ter atenção às suas inclinações individuais, nem as inatas nem as adquiridas. Nem descuidamos a cultura da empresa, o modo como a passamos aos nossos funcionários e a importância do exemplo das estruturas de chefia. E, já agora, também não diabolizamos os subsídios ou sequer o peso do Estado.*

*Diz-se que há demasiado Estado e que há demasiada subsidiodependência nos Açores. E é claro que Estado a mais e subsídios a mais são um entrave à economia. Mas um Estado com o tamanho certo é essencial. Como são essenciais os subsídios, desde que bem atribuídos e fiscalizados.*

*Os subsídios têm de ser atribuídos a quem precisa. E há muita gente que precisa. Haverá coisa mais justa do que ajudar quem não se consegue sustentar? Isso faz parte de uma sociedade mais justa e equilibrada. Os subsídios só não fariam sentido se o mundo fosse perfeito, que não é. E o mesmo se aplica aos empresários. Desde que os subsídios constituam um plus, um benefício suplementar para negócios criadores de valor, que em todo o caso deviam existir – e que são subsidiados porque são precisos, não o contrário –, estamos a falar de mecanismos essenciais. Da mesma forma, precisamos que o Estado supra tudo aquilo de que a iniciativa privada não possa ocupar-se. O que seriam a justiça, a saúde ou a educação sem o Estado? E que benefícios não há se, numa câmara que só tem uma pessoa a licenciar obras e demora seis meses a atender cada pedido, passar a haver duas pessoas e os pedidos a esperar apenas três meses?*

*O Estado é essencial. Para fazer o que a iniciativa privada não pode fazer e até para impedir a iniciativa privada de fazer coisas que poderia querer fazer. Por exemplo, se entregássemos a educação aos privados, alguém podia construir uma escola na ilha do Corvo e pedir 500 euros a cada aluno. Só existindo também uma escola do Estado se impedem esses aproveitamentos.*

*Portanto, tudo na medida certa. Até no caso dos programas ocupacionais. São precisos quando há pessoas por ocupar. Mas também deixam de ser precisos quando as pessoas que ocupam são pessoas que podiam estar numa indústria em que falte mão-de-obra.*

*Como às vezes acontece nos Açores, claro. Como acontece atribuírem-se mais subsídios ou sobredimensionarem-se serviços do Estado. Mas nem sempre, felizmente.*

*De resto, se me pedem uma sugestão para os empresários, escolho a diversificação. Para dar o exemplo do nosso grupo, não são apenas os 200 anos de história a fazer a diferença. É o facto de apostarmos numa série de áreas diferentes, de termos centenas de estabelecimentos de porta aberta. E também de estarmos atentos, de nunca deixarmos o mercado entrar em ruptura de nada, de nunca fecharmos um só estabelecimento – nem sequer durante uma pandemia.*

*É assim que nos tornamos essenciais ao dia-a-dia dos Açores.»*



AEROGARE DAS LAJES

TRF





---

# 7 DILEMAS PARA UMA ESTRATÉGIA DE MARCA

- Como pode transformar-se a Marca Açores, no que aos produtos comerciais certificados, de qualidade e/ou de nicho dos Açores diz respeito, em mais do que um selo de produto?
  - Devem esse produtos (re)inventar-se em função da Marca Açores, ou apenas esta em função deles?
  - Como tornar a Marca Açores num elemento reconhecível, mesmo irrefutável, para todos os portugueses, uma boa parte dos europeus e, desejadamente, todos os potenciais turistas, consumidores, investidores e parceiros estrangeiros que com ela se cruzem?
  - Como conseguir que a Marca Açores ajude a forjar – e a consolidar no terreno – um modelo de desenvolvimento capaz e de corresponder tanto às prioridades do Estado como às da iniciativa privada, parceiros inevitáveis (mesmo quando relutantes) numa região espartilhada geograficamente, com necessária multiplicação de serviços, custos e desafios?
  - Como conseguir, ademais, que a Marca Açores ajude a forjar – e a consolidar no terreno – um modelo de desenvolvimento capaz e de corresponder aos intentos de todos os Açores, tantas vezes marcados pelos bairrismos entre ilhas e as polarizações entre partidos políticos?
  - Que papel pode ter a Marca Açores na mitigação de disputas entre os diferentes sectores de actividade pela prioridade na canalização dos incentivos do Estado (e remessas externas em geral)?
  - E que papel pode ter ela em sede de concertação social, na altura da definição de um novo paradigma para o desenvolvimento económico da região? Isto é: como levar a Marca Açores a condicionar positivamente todos os parceiros sociais em torno de um mesmo rumo de desenvolvimento?
-



«As casas das aldeias, construídas em pedra e pranchas de madeira, eram embelezadas com galerias exteriores que davam um ar limpo a estas cabanas, porque aí se inundavam de luz. Os camponeses, quase todos vinhateiros, andavam de tronco nu, bronzeados pelo sol; as mulheres, pequenas, amareladas como as mulatas, mas atentas, exibiam uma vaidade ingénua com os seus bouquets de jasmim, os rosários em forma de coroas ou de colares.»

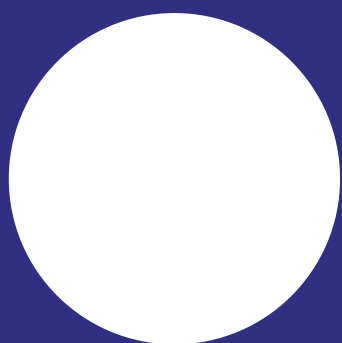
---

**FRANÇOIS-RENÉ DE CHATEAUBRIAND**

*Mémoires D'outre tombe, 1849-1850*







# **AS FESTAS DOS AÇORES**

3







# OITO ILHAS E UM PARQUE DE DIVERSÕES

O sagrado de mãos dadas com o profano. O doce misturado com o salgado. O Bem e o Mal tão apaziguados quanto possível – para que o povo possa celebrar. Nos Açores, a festa não é apenas uma comemoração: é um manifesto contra a finitude da terra e a fatalidade do isolamento. Festeja-se muito, ao longo do ano inteiro e por todo o lado, embora em nenhuma outra ilha como na Terceira.

---

«**E** **NXUGAR AS LÁGRIMAS** e arregaçar as mangas», repetimos, lembrados da frase de João Bosco Mota Amaral logo após o terramoto que, a 1 de Janeiro de 1980, arrasou as ilhas Terceira (principalmente), Graciosa e São Jorge. A verdade é que, estando envolvida a Terceira, o então presidente do Governo Regional dos Açores podia perfeitamente ter acrescentado um elemento: «Enxugar as lágrimas, arregaçar as mangas e fazer a festa.»

Porque, como num funeral de New Orleans, os terceirenses têm tendência para sair do pranto a dançar. Em Maio de 1981, menos de ano e meio depois daquele terrível advento, boa parte das freguesias da Terceira já tinha retomado as celebrações do Bodo, em honra do Divino Espírito Santo. O que seria extraordinário se, entre Fevereiro e Março anteriores, o povo não tivesse já recomeçado a celebrar o Carnaval. O que seria inacreditável se, no



Verão anterior ainda, não houvessem ocorrido já algumas touradas de circunstância e, inclusive, sido fundada uma ganaderia – a Ganaderia de José Gonçalves Silva, conhecido como «Faveira».

Por isso se costuma dizer dos Açores que têm oito ilhas e um parque de diversões. Ilha do São João e das touradas à corda, a Terceira talvez até nem tenha muito mais festas do que outras ilhas – desde logo, do que São Miguel –, mas viveu-as sempre com uma paixão avassaladora. E, no entanto, é também evidente que esse entusiasmo contamina as restantes ilhas. E que, inclusive, algumas destas têm feito todos os esforços para acertar o passo com o turbilhão festivo terceirense.

Neste momento, há umas boas quatro dezenas de festas grandes no conjunto das ilhas. Algumas prolongam-se durante semanas ou mesmo meses, em várias ilhas ao mesmo tempo e com dezenas e dezenas de manifestações em cada uma delas. Isto fora todas as centenas de outras celebrações mais pequenas, de índole local, de vizinhança ou mesmo familiar. Diz o escritor Álamo Oliveira, que as conhece a todas (e produziu textos para muitas delas) que, nos Açores, a festa não se resume a uma celebração: é também um esconjuramento da solidão – um manifesto contra a finitude da terra e a fatalidade do isolamento.

No acto de celebrar se revela, muitas vezes, a imaginação dos açorianos, incluindo o impulso de criar e a excitação do trabalho por fazer. Das festas e comemorações resulta



grande parte da inovação em geral e, em particular, da produção de cultura das ilhas – da literatura à música, da dança ao artesanato. E com elas se tornam especialmente evidentes também a qualidade de vida dos açorianos, o seu empenho em equilibrar o trabalho e a vida, a importância da memória e da liberdade de movimentos no seu sistema de valores, a riqueza da sua herança cultural e, como consequência de tudo isso, o interesse que pode haver para um forasteiro em visitar o arquipélago.

Além do mais, há os contrastes. Nas festas dos Açores, o sagrado e o profano estão quase sempre de mãos dadas. E, na gastronomia dos Açores, o doce mistura-se muitas vezes com o salgado. Como se nessa subversão, vivida com especial entusiasmo nas festas do Espírito Santo (ele próprio uma devoção de natureza um tanto subversiva, de que Roma desconfiou durante séculos), se procurasse de alguma maneira a própria síntese entre o Bem e o Mal, de modo que os homens pudessem ser deixados a viver em paz tanto as suas alegrias possíveis como os seus inevitáveis erros.

O melhor é conferir o calendário anual de festas. Seria preciso tirar um ano sabático para as acompanhar a todas.





## 40 FESTAS DOS AÇORES PARA O OCUPAR DURANTE A SABÁTICA

JANEIRO/FEVEREIRO

### **DIAS DE AMIGOS E COMPADRES**

MATRIZ: TRADICIONAL PROFANA | LOCAL: TODAS AS ILHAS

Com inspiração nos serões rurais em que se escolhia o milho, respectivamente Amigos, Amigas, Compadres e Comadres reúnem-se, nas quatro quintas-feiras antes do Carnaval, para comer, beber e celebrar a aproximação do Entrudo.

1 DE FEVEREIRO

### **FESTA DO SR. SANTO CRISTO**

MATRIZ: TRADICIONAL RELIGIOSA | LOCAL: FAIAL/PRAIA DO ALMOXARIFE

A Câmara Municipal da Horta cumpre um voto secular, com procissão e preces na igreja de Nossa Senhora da Graça. A tradição remonta a 1718, ano em que o povo temeu ser apanhado pela erupção vulcânica que decorria em Santa Luzia, no Pico.

FEVEREIRO/MARÇO

### **DANÇAS DE CARNAVAL**

MATRIZ: TRADICIONAL PROFANA | LOCAL: TERCEIRA

Uma tradição singular: durante o Entrudo, dezenas de companhias de teatro popular percorrem outros tantos palcos ao redor da Terceira, numa manifestação hoje em dia sobretudo satírica. Mais de um milhar de pessoas entram em cena.

FEVEREIRO/MARÇO

### **CARNAVAL DA GRACIOSA**

MATRIZ: TRADICIONAL PROFANA | LOCAL: GRACIOSA

As colectividades da ilha organizam desfiles de foliões, que dançam trajados de máscaras e fantasias. É o arranque da temporada festiva e musical da Graciosa, e que inclui bailes, concertos de filarmónicas e celebrações dos patronos.

MARÇO/ABRIL/MAIO

### **ROMEIROS**

MATRIZ: TRADICIONAL RELIGIOSA | LOCAL: SÃO MIGUEL (SOBRETUDO)

Tradição tipicamente micaelense, junta grupos de homens que, em oração, percorrem a ilha a pé ao longo da época Quaresma, visitando igrejas e ermidas que veneram a imagem de Maria. Começa a realizar-se noutras ilhas também.





23 DE ABRIL

**DIA DE SÃO JORGE**

MATRIZ: TRADICIONAL RELIGIOSA/PROFANA | LOCAL: SÃO JORGE/VELAS

A festa dedicada especialmente ao santo que dá nome à ilha de São Jorge decorre à volta do dia 23 de Abril. As comemorações têm lugar no concelho das Velas e incluem, entre outras iniciativas, procissão, espectáculos musicais e exposições.

MAIO/OUTUBRO

**TOURADAS À CORDA**

MATRIZ: TRADICIONAL PROFANA | LOCAL: TERCEIRA, SÃO JORGE E GRACIOSA (SOBRETUDO)

Tradição principalmente terceirense, centra-se num toiro correndo pelas ruas, preso por uma comprida corda empunhada por um conjunto de homens. Repete-se centenas de vezes ao longo do ano, em festas e fora delas, e não inclui agressões ao toiro.

MAIO

**FESTA DO SENHOR SANTO CRISTO DOS MILAGRES**

MATRIZ: TRADICIONAL RELIGIOSA | LOCAL: SÃO MIGUEL /PONTA DELGADA (SOBRETUDO)

Realiza-se desde a transição entre os séculos XVII e XVIII e dura três dias em redor do quinto domingo após a Páscoa. Junta dezenas de milhares de pessoas à volta da imagem de Cristo depositada no Convento da Esperança, em Ponta Delgada.

MAIO/JUNHO

**FESTA DE NOSSA SENHORA DAS ANGÚSTIAS**

MATRIZ: TRADICIONAL RELIGIOSA | LOCAL: FAIAL/HORTA

No sexto domingo após a Páscoa, uma procissão e diferentes festejos populares enchem as ruas da Horta. A celebração remonta ao tempo do povoamento e a uma imagem trazida da Flandres pela primeira capitã do Faial, D. Brites de Macedo.

MAIO/JUNHO

**FESTAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO**

MATRIZ: TRADICIONAL RELIGIOSA/PROFANA | LOCAL: TODAS AS ILHAS

Realizadas em torno dos Impérios, fundem sagrado e profano e são a suprema tradição dos Açores. Fazem-se em todas as ilhas, estendendo-se de Maio a Setembro, mas com epicentro entre os sétimo e oitavo domingos após a Páscoa (os «dos Bodos»).

DATA: JUNHO

**SANJOANINAS**

MATRIZ: POPULAR | LOCAL: TERCEIRA/ANGRA DO HEROÍSMO

De origem religiosa e praxis pagã, são as mais exuberantes festas populares dos Açores. Realizam-se na segunda metade de Junho e reúnem dezenas de milhares de pessoas nas ruas de Angra, com epítome no dia do desfile das marchas populares.





JUNHO

**SÃO JOÃO DA VILA**

MATRIZ: POPULAR | LOCAL: SÃO MIGUEL/VILA FRANCA DO CAMPO

Igualmente centradas na devoção pagã a São João, dividem-se entre dois fins-de-semana consecutivos: um reservado para as marchas populares e o outro centrado num animado festival de música. Assinalam o início do Verão em São Miguel.

DATA: 24 DE JUNHO

**SÃO JOÃO**

MATRIZ: POPULAR | LOCAL: FAIAL/HORTA

Festa originária dos tempos da colonização da ilha por fidalgos da Terceira, leva a animação até ao Largo Jaime Melo, na Horta, onde está situada a ermida erguida pelos nobres devotos de São João. Concertos, bailes, desfiles, tasquinhas – há de tudo.

JUNHO

**FESTIVAL DE SÃO JOÃO**

MATRIZ: POPULAR | LOCAL: FLORES/SANTA CRUZ

Também na ilha das Flores a devoção a São João remonta aos povoadores vindos da Terceira, mantendo-se forte desde então. A festa que o celebra costuma realizar-se ao longo de dois dias – às vezes três – em Santa Cruz das Flores.

JULHO/OUTUBRO

**PADROEIROS DE VERÃO**

MATRIZ: TRADICIONAL RELIGIOSA/PROFANA | LOCAL: TODAS AS ILHAS

Seguem-se aos Bodos, centro nevrálgico das Festas do Espírito Santo, e assumem modelos distintos em diferentes ilhas (até dentro de cada ilha). Celebram os padroeiros das cidades, vilas e freguesias de todo o arquipélago e duram todo o Verão.

JULHO

**FESTIVAL DO CHICHARRO**

MATRIZ: FESTIVAL DE MÚSICA | LOCAL: SÃO MIGUEL/RIBEIRA QUENTE

Todos os anos atrai milhares de pessoas até à freguesia piscatória (e mártir) da Ribeira Quente, a dois passos da Vila das Furnas. É o festival de música mais antigo da ilha de São Miguel e, ainda hoje, um dos mais populares dos Açores.

JULHO

**SEMANA CULTURAL DAS VELAS**

MATRIZ: FESTIVAL CULTURAL | LOCAL: SÃO JORGE/VELAS

Palestras, conferências, feira do livro, eventos náuticos, espectáculos musicais, feira gastronómica: na Semana Cultural das Velas, celebra-se tudo o que há de bom na vida. Entusiasma São Jorge e entusiasma as restantes ilhas do chamado Triângulo.



JULHO

**FESTAS DE SANTA MARIA MADALENA**

MATRIZ: TRADICIONAL RELIGIOSA/PROFANA | LOCAL: PICO/MADALENA

Manifestações religiosas, desportivas e culturais animam boa parte do mês de Julho na Madalena também. É o início da temporada das festas mais fortes do Pico, e que passarão igualmente pelos concelhos de São Roque e das Lajes.

JULHO

**FESTIVAL WALK&TALK**

MATRIZ: FESTIVAL DE ARTE | LOCAL: SÃO MIGUEL

Incentiva à criação no contexto cultural da região e vai das artes visuais à performance, incluindo exposições, concertos, actividades educativas e outras propostas culturais. Conta com residências artísticas e um circuito de Arte Pública.

JULHO

**FESTA DO EMIGRANTE**

MATRIZ: POPULAR | LOCAL: FLORES

Homenageia os florentinos que partiram em busca de melhores condições de vida, mas nunca deixam de regressar anualmente à terra-mãe. Lugar de reencontro de velhos amigos, marca o calendário da ilha durante o mês de Julho.

AGOSTO

**SEMANA DO MAR**

MATRIZ: RELIGIOSA/PROFANA | LOCAL: FAIAL/HORTA

Começa com um cortejo de embarcações à volta da imagem da Virgem e logo se torna a principal festa náutica dos Açores. Inicialmente dedicada aos iatistas, envolve espectáculos, exposições, feiras, regatas e provas desportivas em geral.

AGOSTO

**FESTAS DO SENHOR BOM JESUS MILAGROSO**

MATRIZ: TRADICIONAL RELIGIOSA/PROFANA | LOCAL: PICO/SÃO MATEUS

Têm por base a veneração dos peregrinos a uma imagem originária do Brasil, exposta no Santuário do Bom Jesus Milagroso, e são hoje uma das mais emblemáticas manifestações religiosas dos Açores. Também incluem actividades pagãs.

AGOSTO

**PDL WHITE OCEAN**

MATRIZ: PROFANA | LOCAL: SÃO MIGUEL/PONTA DELGADA

Celebração tipicamente urbana, leva Ponta Delgada a vestir-se de branco para uma festa ao ar livre que dura até de madrugada. Inclui música em vários palcos, concursos de decoração de montras ou menus especiais nos restaurantes.









AGOSTO

**MONTE VERDE FESTIVAL**

MATRIZ: FESTIVAL DE MÚSICA | LOCAL: SÃO MIGUEL/RIBEIRA GRANDE

É conhecido como «o maior festival de música dos Açores», e todos os anos se tem esforçado por conservar esse estatuto. Realiza-se na bela praia Praia do Monte Verde e inclui música rock, metal, hip hop, drum and bass, dubstep, trap e trance.

AGOSTO

**FESTA DO SENHOR SANTO CRISTO DOS MILAGRES**

MATRIZ: TRADICIONAL RELIGIOSA/PROFANA | LOCAL: GRACIOSA/SANTA CRUZ

Celebra a mesma devoção da congénere micalense, mas associa à componente religiosa outro tipo de actividades. Espectáculos musicais e ranchos folclóricos, entre outras manifestações, animam as ruas históricas de Santa Cruz.

AGOSTO

**CAIS AGOSTO**

MATRIZ: PROFANA | LOCAL: PICO/SÃO ROQUE

Festa muito concorrida, combina espectáculos musicais com mostras de artesanato e ainda abre espaço a provas náuticas de diferentes índoles, incluindo regatas de botes baleeiros. Concentra as atenções do Pico, de São Jorge e do Faial.

AGOSTO

**FESTAS DA PRAIA**

MATRIZ: RELIGIOSA/PROFANA | LOCAL: TERCEIRA/PRAIA DA VITÓRIA

Incluem touradas, exposições, desfiles e eventos desportivos, mas são ainda mais conhecidas pelas suas estrondosas feiras gastronómicas e programação musical. São as grandes festas da Terceira depois das Sanjoaninas e permitem dança noite dentro.

AGOSTO

**FESTA DA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**

MATRIZ: TRADICIONAL RELIGIOSA/PROFANA

LOCAL: SANTA MARIA/VILA DO PORTO

Padroeira da ilha, Nossa Senhora da Assunção é celebrada em Santa Maria com arraiais, concertos, feiras de artesanato e de gastronomia. Isto fora as cerimónias de índole religioso – incluindo romarias, que decorrem em várias fajãs.

15 DE AGOSTO

**FESTA DE NOSSA SENHORA DOS MILAGRES/FESTIVAL DOS MOINHOS**

MATRIZ: TRADICIONAL RELIGIOSA/PROFANA | LOCAL: CORVO/VILA DO CORVO

Arraial e cerimónias religiosas unem-se para as comemorações em torno de Nossa Senhora dos Milagres, padroeira da ilha. Em anexo, o Festival dos Moinhos junta bandas de outras paragens à filarmónica local para um par de dias cheios de animação.





AGOSTO

**AZORES BURNING SUMMER-ECO FESTIVAL**

MATRIZ: FESTIVAL DE ARTE | LOCAL: SÃO MIGUEL/PORTO FORMOSO

Música, cinema, debates, ecodesign, veículos elétricos e land art são alguns ingredientes do grande ecofestival dos Açores. O certame ocorre no Parque de Campismo e na praia do Porto Formoso, uma das freguesias mais pacatas de São Miguel.

AGOSTO

**MARÉ DE AGOSTO**

MATRIZ: FESTIVAL DE MÚSICA | LOCAL: SANTA MARIA/PRAIA FORMOSA

Decano dos festivais dos Açores, é dedicado à world music, área em que conta com basta reputação internacional. Leva a Santa Maria visitantes de várias paragens e provoca, durante os dias em que ocorre, a desertificação da noite de São Miguel.

AGOSTO

**SEMANA DOS BALEEIROS**

MATRIZ: PROFANA | LOCAL: PICO/LAJES

Junta a homenagem aos antigos profissionais da baleação, tradição em que as Lajes assumiram a dianteira a nível regional e nacional, a um programa eclético que anima a parte final do Verão no Triângulo. Também organiza regatas de bote.

SETEMBRO

**FESTA DO SANTO CRISTO DA FAJÃ DA CALDEIRA**

MATRIZ: TRADICIONAL RELIGIOSA

LOCAL: SÃO JORGE/FAJÃ DA CALDEIRA DE SANTO CRISTO

Realizada anualmente na mais admirada das 80 fajãs de São Jorge, onde habitualmente vivem pouco mais de meia dúzia de pessoas no Inverno, atrai inúmeros forasteiros. De matriz religiosa, não deixa de celebrar as lendas populares também.

SETEMBRO

**TREMOR FESTIVAL**

MATRIZ: FESTIVAL DE ARTE | LOCAL: SÃO MIGUEL

Mais do que um festival de música, dá espaço a todos os tipos de arte em múltiplos locais espalhados pelo centro histórico de Ponta Delgada (e não só). Projeto de inclusão social, combina atuações de artistas de calibre internacional com talentos locais.

SETEMBRO

**FESTAS DE NOSSA SENHORA DO BOM CAMINHO**

MATRIZ: TRADICIONAL RELIGIOSA/PROFANA | LOCAL: CORVO/VILA DO CORVO

Encerra as festas de Verão do Corvo – e, de certo modo, as principais festas de Verão de todos os Açores –, organizando um arraial logo a seguir à procissão em louvor a Nossa Senhora do Bom Caminho. Música e gastronomia dominam o cartaz.





SETEMBRO

**FESTAS DA VINHA E DO VINHO**

MATRIZ: RELIGIOSA/PROFANA | LOCAL: TERCEIRA/BISCOITOS

Animam a freguesia vinícola dos Biscoitos, no Norte da ilha Terceira, sob os primeiros sinais da chegada do Outono. São também um dos últimos eventos no calendário anual de celebração dos padroeiros da Terceira.

SETEMBRO

**FESTAS DA VINDIMA**

MATRIZ: PROFANA | LOCAL: PICO/MADALENA

Arraial e evocações etnográficas, tendo por base a cultura da vinha, marcam as vindimas do Pico, concelho cuja vinha está classificada pela UNESCO como Património Mundial Natural. Assinala a conclusão do calendário anual de festas do Triângulo.

OUTUBRO

**FESTIVAL ANGRAJAZZ**

MATRIZ: FESTIVAL DE MÚSICA | LOCAL: TERCEIRA/ANGRA DO HEROÍSMO

É, tão simplesmente, um dos mais importantes festivais de jazz do país e mesmo da Europa. Barry Harris, Gary Smulyan, Jack DeJohnette ou Gregory Porter são apenas algumas das superestrelas internacionais que lá actuaram nos últimos anos.

1 DE NOVEMBRO

**PÃO-POR-DEUS**

MATRIZ: TRADICIONAL POPULAR | LOCAL: TODAS AS ILHAS

Tradição portuguesa, já quase só se pratica nas ilhas: a partilha de alimentos com as crianças pobres por ocasião do Dia de Todos os Santos. Centra-se num peditório que hoje já rivaliza, em algumas localidades, com o do Halloween.

DEZEMBRO/JANEIRO

**QUADRA NATALÍCIA**

MATRIZ: RELIGIOSA/PROFANA | LOCAL: TODAS AS ILHAS

Os Açores celebram o Natal da mesma maneira que a generalidade do Ocidente, mas juntam-lhe uma tradição mais: o Menino Mija, em que grupos de pessoas se visitam para folguedos ao longo da quadra. Sobreretudo na Terceira, para não variar.









ÁLAMO OLIVEIRA,  
ESCRITOR

## ESCONJURAMOS O ISOLAMENTO ATRAVÉS DA CRIATIVIDADE

**José Henrique ÁlamO Oliveira tem 76 anos e nasceu no Raminho, no norte da ilha Terceira, onde vive. Poeta, ficcionista, dramaturgo e biógrafo, publicou mais de três dezenas de volumes e participações especiais. Fundador do Grupo de Teatro Alpendre, de que foi também encenador, trabalhou, ao serviço da Administração Pública Regional, nas áreas da Cultura – na qual fundou a mítica Colecção Gaivota, que lançou uma série de escritores – e das Comunidades emigrantes. Já escreveu para danças de Carnaval, marchas das Sanjoaninas e todas as demais manifestações da cultura do povo.**

*«Nós, açorianos, somos festivos por uma razão acima de todas as outras: a necessidade de esconjurar o isolamento a que estamos votados. Às vezes festejamos por razões religiosas, outras vezes por razões pagãs e, frequentemente, por ambas ao mesmo tempo. Não importa: arranjamO sempre maneira de contrariar a solidão, de sobreviver com ela.*

*Aqui na Terceira, por exemplo, nem sequer há períodos de austeridade pelo meio: começamos logo em Fevereiro, com o Carnaval – até antes disso, com os Dias de Amigos e Compadres. É a nossa maneira de anunciar uma Quaresma mais leve. São Miguel já é um pouco diferente, e aliás só começa mesmo na Quaresma, com os romeiros.*

*Seja como for, as diferenças entre ilhas esbatem-se muito a partir da Páscoa, quando entra em cena o Espírito Santo. E logo a seguir, aqui na Terceira, começam as touradas à corda, que normalmente constituem encerramentos profanos para celebrações religiosas – na Primavera e depois no Verão, com os santos padroeiros.*





O sagrado e o profano andam sempre de mãos dadas. É uma das coisas que nos caracterizam.

De resto, o Verão não é o fim de nada. Ainda se celebra em várias ilhas o Pão-Por-Deus, que é uma festa para as crianças mas, tradicionalmente, também assinalava a reunião da família, com uma refeição melhorada. E assim sucessivamente até ao Natal

Estamos sempre à procura de um pretexto para celebrar a vida, o que facilmente se percebe pela meteorologia, pela actividade sísmica... Não se pode dissociar uma sociedade do seu meio-ambiente. E, entretanto, as coisas vão evoluindo à medida das apetências das pessoas: umas mais cómicas, outras mais dadas à tragédia. Pessoas que, depois, se vão ensinando umas às outras.

É claro que, se tivesse de isolar uma festa como a que mais bem representa os açorianos, teria de escolher o Espírito Santo, as celebrações do Divino. Porque traduzem essa simbiose entre o religioso e o mundano e porque são festas sobre o que de alguma maneira se perdeu e de alguma maneira se recuperou. E têm de facto muita força – aliás em todas as ilhas, embora cada uma às suas próprias maneiras.

Faz todo o sentido que a Segunda-Feira do Bodo seja também o Dia da Autonomia, claro. E, de resto, trata-se de uma celebração com uma gastronomia muito própria, que mistura – também ela – sabores contrários.

Nesta e noutras alturas do ano, os açorianos gostam de misturar o doce e o salgado, por exemplo. Há quem ponha açúcar nas morcelas, a alcatra de carne come-se com massa sovada... E isso acontece porque os açorianos, além de festivos, são criativos. As pessoas são briosas dos seus cozinhados. Gostam de mostrá-los e de lhes acrescentar uma idiossincrasia. Já era assim nos conventos, de onde boa parte das nossas receitas saiu.

Temos festas viradas para fora – às quais, aliás, devemos acrescentar as festas que cada ilhas soube individualizar, como a Semana do Mar na Horta, as Sanjoaninas em Angra do Heroísmo, a Semana Cultural nas Velas... – e temos festas viradas para dentro. Um bom exemplo é o Carnaval da Terceira. Sabe-nos bem trazer os forasteiros a vê-lo, mas não é uma necessidade. E, por outro lado, sempre que se fez um esforço de organizar comitativas, o entusiasmo momentâneo revelou-se pouco multiplicador.

O Carnaval é bastante forte nos Açores, em especial (mais uma vez) na Terceira. E chega a quase todas as comunidades emigrantes no estrangeiro, inclusive com participação de pessoas de outras ilhas. Só não consegue entrar no Brasil, cujo Carnaval já é realmente tão forte que não resta espaço para mais nenhuma tradição.

Estarmos estes dois anos parados, em resultado da pandemia da covid-19, foi um desgosto para muita gente. Ainda se fizeram algumas coisas no Verão de 2021, mas não passaram de caricaturas. O melhor dessas tentativas foram os sinais de uma certa resistência colectiva – essa resistência dos que sabem conformar-se com o infortúnio e esperar melhores dias, mas sem deixar cair aquilo que querem fazer no regresso.

Foi bonito ver sobretudo os mais novos tentando puxar pelos mais velhos, a ver



*se ao menos os arrancavam um pouco de casa. Alguns destes já estão um pouco resignados, convencidos de que a sua vida não voltará ao normal. Mas outros sentem que, se esta doença passar pelo menos para números razoáveis, ainda conseguirão voltar a fazer alguma coisa.*

*Na verdade, suspeito que para o ano até vamos viver uma certa euforia, nomeadamente com as touradas à corda. Só espero que haja sempre várias no mesmo dia, para as pessoas não se concentrarem todas do mesmo lugar. Seja como for, a nossa economia precisa. O dinheiro não está, de todo, a passar entre mãos. Desse ponto de vista, vamos sair bastante maltratados deste tempo.*

*E, quando as coisas regressarem ao normal, toda a nossa cultura regressará. A nossa cultura – a música, o teatro, a literatura –, está bastante ligada às festas. E, ao longo destes dois anos, muita gente esteve a trabalhar em coisas para apresentar no regresso. Se calhar até precisávamos desta paragem – para pensar, para nos reposicionarmos, para equacionarmos caminhos. Enfim, também é isso um açoriano: procurar oportunidades nos reveses da vida.»*









---

## 4 DILEMAS PARA UMA ESTRATÉGIA DE MARCA

- Como transformar as muitas festas dos Açores – e o impulso festivo dos açorianos em geral – num retrato das ilhas optimizável do ponto de vista da Marca Açores?
- Como reforçar o romantismo da (e consolidar a) narrativa segundo a qual os açorianos festejam contra o isolamento, a solidão e a tristeza?
- Como fazer da subversão dos açorianos – do seu culto do Divino, anatemizado por Roma, mas também da fusão entre sagrado e profano, entre doce e salgado, de algum modo entre Bem e Mal – uma narrativa atraente em sede de Marca Açores?
- Como transformar as muitas festas dos Açores em pretexto para o recrutamento de turistas para o arquipélago?



«O meu coração está em êxtase devido a uma carta de Lyell. Disse-lhe (ou ele a mim) que acreditava que, devido ao carácter da flora dos Açores, icebergues teriam encalhado lá (...); e agora H. diz que a minha pergunta explica a surpresa que teve quando viu grandes matacões (e alguns polidos) de Mica-xisto, quartzo, arenito (...). Não é maravilhoso?»

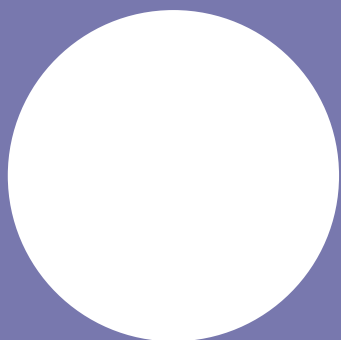
---

**CHARLES DARWIN**

*carta a J. D. Hooker, 26 de Abril, 1858  
(in More Letters of Charles Darwin, com edição  
de Francis Darwin, 1903)*







# **O ESPÍRITO SANTO DOS AÇORES**







# UM SANTO (QUASE) SÓ NOSSO

Alicerçado nas interpretações apocalípticas e escatológicas da História preconizadas por Gioacchino da Fiore, o culto do Divino Espírito Santo vive hoje nos Açores um fulgor que não conhece em nenhum outro lugar do mundo. Baseia-se no igualitarismo, na partilha no perdão, na alegria, na liberdade, e talvez nenhum outro pudesse espelhar tão bem a alma de um açoriano. Muito a propósito, o Dia da Região corresponde à segunda-feira de Pentecostes.

---

**T**UDO COMEÇOU com Gioacchino da Fiore, um abade cisterciense e filósofo místico que, ainda no século XII, se empenhou em encontrar para a história um fio condutor capaz de manter viva a esperança num plano redentor para a existência humana. Vivia-se um tempo conturbado, com o crescimento do Islão, as cruzadas, os cismas eclesiásticos e as guerras entre o Império e o Papado, e impunha-se à cristandade ser capaz de contrapor a ordem ao caos e a estabilidade à contingência.

Foi então que veio ao de cima a oportunidade das teses do abade. O seu entendimento profético e milenarista da vida, assente na unidade das Três Pessoas da Santíssima Trindade e na ideia de um Império do Espírito Santo após o cataclismo que a desordem do mundo anunciava, pareceu de imediato dar resposta às grandes inquietações da época.

Roma não gostou, e, em 1256, o núcleo central da doutrina joaquimita foi condenado pelo papa Alexandre IV. Mas isso não impediu que a Rainha Isabel, ou Rainha Santa, a



trouxesse de Aragão para Portugal. Nem que esta encontrasse acolhimento, por exemplo, em Tomar ou Alenquer. E muito menos que, dois séculos depois, enquanto se apoderava das ansiedades dos navios da Carreira das Índias (e demais rotas e populações da Expansão portuguesa), crescesse igualmente nos Açores, com o beneplácito dos mesmos que o haviam deixado vingar em Tomar: a Ordem de Cristo.

Propiciou-o, evidentemente, a circunstância de os povoadores do arquipélago virem de múltiplas origens, do norte ao sul de Portugal, e ainda da Flandres e outras regiões europeias. Não existia um culto unificador, comum a todo o arquipélago, e era preciso encontrá-lo. E talvez não seja assim tão surpreendente que esse culto tenha sido o do Divino Espírito Santo, em apagamento por toda a Europa devido à crescente pressão da ortodoxia religiosa, mas recheado de crenças e preceitos à medida de uma sociedade em construção a partir de fiapos de gentes e de ilhas.

### **UMA FÉ HORIZONTAL E SUBVERSIVA**

Fundada directamente no joaquimismo, a fé no Espírito Santo alicerça-se nos Sete Dons do Divino (Sabedoria, Entendimento, Conselho, Fortaleza, Ciência, Piedade e Temor), alimenta-se da esperança (isto é, esperança na chegada de um tempo novo) e cultiva cinco aspectos especialmente tentadores para uma sociedade a braços com as agruras



da colonização, feita de comunidades isoladas e sujeitas às pressões e incertezas da vida na margem do mundo conhecido: o igualitarismo entre os fiéis (todos os irmãos de uma irmandade do Espírito Santo podem ser mordomos e todos podem ser coroados imperadores); partilha (na distribuição do bodo e das pensões, ou esmolos, devem ser privilegiados os mais pobres, segundo os princípios da solidariedade e da caridade); o perdão (ou seja, o imperativo de que todas as ofensas sejam perdoadas para alguém ser digno de receber o Divino Espírito Santo); a alegria (sendo que uma cerimónia em que as pessoas não estejam alegres pode, no limite, ser considerada por concretizar); e a autonomia face à Igreja (não dependendo o culto do Divino, assim, da organização formal da igreja ou sequer da participação formal do clero).

É evidente que o papado não podia aprovar. Toda essa horizontalidade, tão radical ausência de hierarquia e supressão do sacerdote como mediador entre Deus e os homens, era perigosa e era subversiva. Mas, ao mesmo tempo, as ilhas estavam longe e espiritualmente entregues a uma mão-cheia de franciscanos de pendor espiritualista – aliás, vigiados apenas por antigos templários –, o que as tornava especialmente difíceis de escrutinar.

E assim se foi consolidando o culto. Já o cronista Gaspar Frutuoso, escrevendo cerca de 150 anos após o início do povoamento, o menciona, indicando ser comum a todas as ilhas. Entretanto, o primeiro hospital criado nos Açores (1498), a cargo da Santa Casa da Misericórdia de Angra, recebe a designação, ainda hoje mantida, de Hospital do Santo Espírito. E, no século XVI, a existência de Irmandades do Divino Espírito Santo é documentadamente generalizada, assumindo-se cada vez mais como um dos traços centrais da açorianidade. A açorianidade dos Açores e, aliás, do mundo. Estacionadas nas ilhas, as Naus do Brasil e das Armadas da Índia não tardavam a integrar o culto, apressando-se a, ao chegar a bordo, eleger um imperador para a festa de Pentecostes. No século XVIII, em pleno fluxo migratório dos Açores para o Brasil, já a fé se pratica no Rio de Janeiro, na Baía e nas zonas de colonização açoriana de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Pernambuco. No século XIX, é levada para o Hawaii, para o Massachusetts e para a Califórnia. E, hoje, continua a existir em quase todos esses lugares.

O papa Alexandre IV,  
em 1256, condenou  
o núcleo central  
da doutrina joaquimita.  
Mas isso não impediu  
que a Rainha Santa  
Isabel a trouxesse  
de Aragão  
para Portugal

## O ÚLTIMO REDUTO DO JOAQUIMISMO

Na verdade, os Açores – incluindo as comunidades açorianas distribuídas pelo globo – constituem hoje o último grande reduto das doutrinas de Gioacchino da Fiore.





Os turistas que visitam o arquipélago gostam especialmente de ver os Impérios, claro: com as suas cores e as suas fachadas irrepetíveis, os da Terceira (que tem mais de 70), como os de outras ilhas, são exemplos absolutamente singulares de arquitectura religiosa. Mas nem todas as ilhas os têm do mesmo tipo (em Santa Maria, por exemplo, o império resume-se a um telheiro no tardo das igrejas), e, de qualquer maneira, nas irmandades do Espírito Santo esconde-se muito mais do que uma fé, uma tradição ou simples arquitectura: é todo o carácter de um povo que ali se joga.

Tanto que, hoje, o Dia da Região Autónoma dos Açores corresponde à segunda-feira imediatamente a seguir ao Pentecostes – precisamente a Segunda-Feira do Espírito Santo, também chamada Segunda-Feira do Bodo ou, mais prosaicamente ainda, Dia da Pombinha.

Não há duas irmandades que funcionem exactamente da mesma maneira. Mas, no essencial, cada uma delas assenta num número de irmãos voluntariamente inscritos e consensualmente aceites, todos eles iguais em direitos e deveres; todos estes escolhem mordomos e/ou imperadores, cargos rotativos a cujos titulares cabe a organização das festas e cerimónias em cada temporada (e, quanto a hierarquias, é quanto basta); todos se socorrem, grosso modo, dos mesmos objectos (a coroa, o



ceptro, o orbe, a bandeira ou as varas) e rituais simbólicos (os Foliões, as Ceias de Criadores, as Brianças, as Funções, as Mudanças, as Coroações ou os Bodos).

Em cada local onde funciona uma irmandade – às vezes uma freguesia, outras vezes até um lugar –, o Espírito Santo começa a celebrar-se na Páscoa (embora comece a ser preparado muito antes, com angariações de fundos e outras tarefas) e dura entre sete e oito semanas. No geral, durante as festividades semanais realizam-se as Alumiações, misto de veneração das insígnias do Divino e de convívio alegre em que se canta o Pezinho ao mordomo e às pessoas que realizam generosas ofertas ao Espírito Santo. Ao longo desses festejos, podem perfeitamente ouvir-se cantares ao desafio semelhantes aos do norte de Portugal continental.

Entretanto, em algumas localidades a sexta-feira é dedicada ao sacrifício do gado com vista aos Bodos que, no domingo, os mordomos oferecerão aos seus convidados.

No domingo, realizam-se as primeiras procissões, que vão a casa do mordomo buscar a coroa, o ceptro e o orbe, e cujos são transportados ritualmente por jovens vestidas de branco para a igreja, onde se realizarão as Coroações. As bandeiras do Espírito Santo, de fundo escarlate e com pombas brancas bordadas, seguem sempre à frente nas Procissões. Estas são actualmente acompanhadas pelas bandas filarmónicas, mas antigamente eram-no pelos Foliões.

A sequência ritualística das festas do Espírito Santo permite um conjunto de refeições, dádivas e distribuições de alimentos cerimoniais às populações. Nestas dádivas

estão incluídas, em alguns lugares, as Sopas do Espírito Santo – feitas à base de carne de vaca cozida e de fatias de pão de trigo –, diversas variedades de pães e de massa sovada, biscoitos e doces. As sopas são oferecidas pelos mordomos a toda a população.

O Espírito Santo  
cresceu nos Açores  
com o beneplácito  
dos mesmos que  
o haviam deixado  
vingar em Tomar:  
a Ordem de Cristo.  
Urgia encontrar  
um culto unificador  
para as ilhas

### **A FÉ QUE ESPELHA UM CARÁCTER**

Há diferenças nos festejos, mas as festas do Espírito Santo são comemoradas, sem excepção, em todas as freguesias do arquipélago, com maiores ou menores extensão e diversidade de rituais. Em algumas delas, os mesmos fiéis que integram as irmandades são quem mais cultiva, à margem do Divino, diferentes graus de apreço por outras crenças, lendas e misticismos (até pela geografia açoriana da Atlântida perdida). Muitos dos que, a nível



nacional, mais se têm interessado pelo fenómeno aproximam-se por razões esotéricas e estudam igualmente outros sinais do milenarismo de Fiore, do messianismo judaico ou das chamadas profecias portuguesas, incluindo o Milagre de Ourique, as Trovas de Bandarra ou o próprio Quinto Império, formulado por António Vieira – todos de algum modo devedoras do joaquimismo.

E, no entanto (ou pour cause), concentram-se ali todos os valores fundamentais para quem tem de reconstruir ciclicamente a terra onde vive, e que a qualquer momento pode voltar a ser arrasada por um terramoto, um vulcão ou um furacão. O cruzamento entre eles não deixa de constituir um lugar de pacificação – o reencontro com o que esteve ou pode estar perdido, um lugar de intimidade e um regresso ao essencial. Não é fácil conceber mais auspiciosa herança cultural nem melhor legado para a juventude, que aliás, e em regra, a abraça apaixonadamente.







## OS SÍMBOLOS DO DIVINO

### **DA COROA AO HINO DE CABRAL**

Os rituais do culto do Espírito Santo dependem de um conjunto de objectos simbólicos dos quais a coroa, o ceptro e o orbe assumem lugar central em todo o culto. A coroa, construída em prata, é uma coroa imperial quase sempre com três braços. Encima-a um orbe, este em prata dourada, e sobre o qual assenta uma pomba. O conjunto é completado por um ceptro, igualmente construído em prata, e em cuja ponta está nova pomba (de asas abertas, como aliás acontece com a primeira). Coroa e ceptro são decorados com uma fita de seda branca, sendo todo o conjunto deposto sobre uma bandeja de pé alto, também em prata. À parte, está a bandeira, confeccionada em damasco vermelho vivo, de dupla face e forma quadrangular, e em cujo centro está nova pomba branca. Varas em madeira polida completam o aparato que, quando posto em cortejo, é acompanhado pelo Hino do Divino Espírito Santo, composto em finais do século XIX por Jacinto Inácio Cabral, então mestre da capela da cidade de Ponta Delgada.







## OS RITUAIS DO DIVINO

### ENTRE OS FOLIÕES E O BODO

Não falta diversidade ao culto do Espírito Santo. Enquanto se preparam as festas, grupo de Foliões entoam cantigas, acompanhados por tamboretes e címbalos. As Ceias de Criadores são jantares organizados em honra dos que contribuíram com gado e/ou outras ofertas à irmandade. As Brianças, cortejos em que o gado a abater para o Bodo é mostrado à comunidade. E as Funções, refeições rituais servidas aos convidados por um dos irmãos. Entretanto, no dia de Páscoa, realizam-se os Cortejos, ou Impérios, ou Mudanças, pequenos desfiles em que se transportam as coroas para a igreja. Finda a missa, procede-se à Coroação, que consiste na colocação da coroa, pelo sacerdote, na cabeça do imperador. As Esmolas, ou Pensões, são porções de carne de vaca, um pão de cabeça e um jarro de vinho distribuída aos irmãos. E, finalmente, no sétimo e oitavo domingos após a Páscoa (os de Pentecostes e da Trindade) ocorrem os Bodos, cortejos realizados normalmente entre as igrejas e os impérios.









## A RELIGIÃO NOS AÇORES E EM PORTUGAL

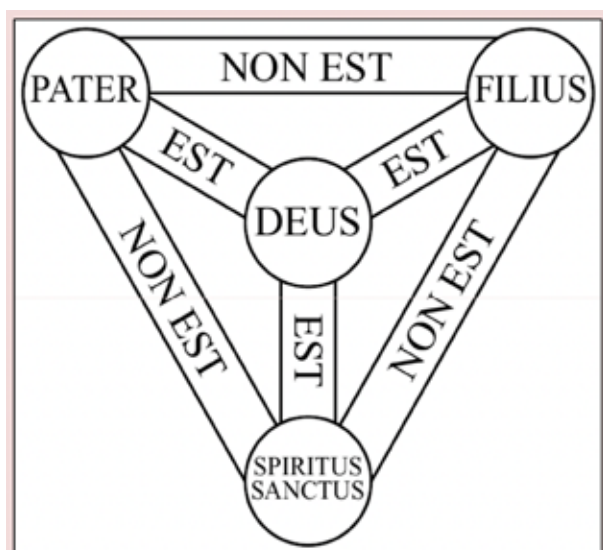
Os portugueses (e os açorianos) segundo o credo religioso

Local de residência (à data dos Censos 2011)	População residente com 15 e mais anos de idade (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2011) e Religião; Decenal									
	Período de referência dos dados									
	2011									
	Religião									
	Total	Católica	Ortodoxa	Protestante	Outra cristã	Judaica	Muçulmana	Outra não cristã	Sem religião	Não resposta
	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º
Portugal	8 989 849	7 281 887	56 550	75 571	163 338	3 061	20 640	28 596	615 332	744 874
Continente	8 563 501	6 893 708	55 665	73 731	158 768	2 886	20 337	27 844	604 851	725 711
Região Autónoma dos Açores	202 575	184 696	225	823	1 959	129	136	332	4 893	9 382
Região Autónoma da Madeira	223 773	203 483	660	1 017	2 611	46	167	420	5 588	9 781

FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

## A SANTÍSSIMA TRINDADE

Esquema iconográfico da Trindade Trifronte



FONTE: «O CULTO DO ESPÍRITO SANTO EM PORTUGAL-HISTÓRIA E ICONOGRAFIA», DE CARLOS RODARTE VELOSO



## TODOS OS IMPÉRIOS

Os Açores têm 197 irmandades do Divino Espírito Santo, repartidas entre todas as 9 ilhas

### ILHA TERCEIRA (82)

#### CONCELHO DE ANGRA DO HEROÍSMO (54)

Império do Espírito Santo do Corpo Santo (Nossa Senhora da Conceição)  
Império do Divino Espírito Santo de São Bento (Angra do Heroísmo)  
Império do Espírito Santo de São Luís (São Bento)  
Império do Espírito Santo do Arco (São Bento)  
Império do Espírito Santo do Espigão (São Bento)  
Império do Espírito Santo do Vale de Linhares (São Bento)  
Império do Espírito Santo dos Inocentes da Guarita (Conceição)  
Império do Espírito Santo dos Remédios (Conceição)  
Império do Espírito Santo da Caridade (Conceição) (Conceição)  
Império do Espírito Santo do Outeiro (Conceição)  
Império do Espírito Santo do Bairro Social do Lameirinho (Conceição)  
Império do Espírito Santo do Lameirinho (Conceição)  
Império do Espírito Santo da Rua Nova (Conceição)  
Império do Espírito Santo da Santa Casa da Misericórdia de Angra (Conceição)  
Império do Espírito Santo dos Quatro Cantos (Sé)  
Império do Divino Espírito Santo da Rua de cima de São Pedro  
Império do Espírito Santo de São Pedro (Rua de Trás) (São Pedro)  
Império do Espírito Santo de São Carlos (São Pedro)  
Império do Espírito Santo das Bicas de Cabo Verde (São Pedro)  
Império do Espírito Santo do Pico da Urze (São Pedro)  
Império do Espírito Santo da Ladeira Branca (Santa Luzia)  
Império do Espírito Santo da Rua do Conde Sieuve de Meneses (Santa Luzia)  
Império do Espírito Santo da Rua de Baixo de Santa Luzia  
Império do Espírito Santo de São João de Deus (Santa Luzia)  
Império do Espírito Santo da Grotta do Medo (Posto Santo)  
Império do Espírito Santo do Posto Santo (Posto Santo)  
Império do Espírito Santo do Espigão (Posto Santo)  
Império do Espírito Santo da Terra Chã  
Império do Espírito Santo da Canada de Belém (Terra Chã)  
Império do Espírito Santo do Bairro Social da Terra Chã (Terra Chã)  
Império do Espírito Santo da Boa Hora (Terra Chã)  
Império do Espírito Santo de São Mateus (São Mateus da Calheta)  
Império do Espírito Santo do Cantinho (São Mateus da Calheta)  
Império do Espírito Santo de São Bartolomeu dos Regatos (São Bartolomeu de Regatos)  
Império do Espírito Santo dos Regatos (São Bartolomeu de Regatos)  
Império do Espírito Santo das Cinco Ribeiras (Cinco Ribeiras)  
Império do Divino Espírito Santo (Santa Bárbara) (Santa Bárbara)  
Império do Espírito Santo das Doze Ribeiras (Doze Ribeiras)  
Império do Espírito Santo da Serreta (Serreta)  
Império do Divino Espírito Santo do Raminho (Raminho)  
Império do Espírito Santo dos Altares (Altares)  
Império do Espírito Santo de São Sebastião (Vila de São Sebastião)  
Império do Espírito Santo da Ribeira Seca (Vila de São Sebastião)  
Império do Espírito Santo do Porto Judeu (Porto Judeu)  
Império do Espírito Santo do Galinho (Porto Judeu)  
Império do Espírito Santo da Ribeira do Teste (Porto Judeu)  
Império do Espírito Santo do Porto Judeu de Cima (Porto Judeu)  
Império do Espírito Santo da Parada (Feteira)  
Império do Espírito Santo das Mercês (Feteira)  
Império do Espírito Santo da Feteira (Feteira)  
Império da Ponta Nova da Feteira (Feteira)  
Império do Espírito Santo da Rua da Igreja (Ribeirinha)  
Império do Espírito Santo da Serra (Ribeirinha)  
Império do Espírito Santo da Ladeira Grande (Ribeirinha)  
Império do Espírito Santo de Santo Amaro (Ribeirinha)









**CONCELHO DA PRAIA DA VITÓRIA (28)**

Império do Espírito Santo das Tronqueiras  
Império do Espírito Santo da Fonte do Bastardo  
Império do Divino Espírito Santo do Porto Martins  
Império do Espírito Santo do Cabo da Praia  
Império do Espírito Santo das Fontinhas  
Império do Espírito Santo de Juncal  
Império do Espírito Santo de São Pedro (Santa Rita)  
Império do Espírito Santo do Rossio  
Império do Espírito Santo de Tronqueiras  
Império do Espírito Santo dos Pescadores (Marítimos)  
Império do Espírito Santo da Caridade da Praia (Santa Cruz)  
Império do Espírito Santo da Casa da Ribeira  
Império do Espírito Santo de Santa Luzia  
Império do Espírito Santo de Santa Rita  
Império do Espírito Santo das Lajes  
Império do Espírito Santo de Santiago (Serra de Santiago)  
Império do Espírito Santo de São Brás  
Império do Espírito Santo da Vila Nova  
Império do Espírito Santo dos Biscoitos  
Império do Espírito Santo de São Pedro da Praia  
Império do Espírito Santo da Casa da Ribeira  
Império do Divino Espírito Santo do Largo Comendador Pamplona (Cabo da Praia)  
Império do Espírito Santo das Quatro Ribeiras  
Império do Espírito Santo da Fonte do Bastardo  
Império do Espírito Santo de Santa Cruz  
Império do Espírito Santo da Agualva  
Império do Espírito Santo do Outeiro da Agualva  
Império do Bairro de São Pedro (Biscoitos)

**ILHA DO FAIAL (38)**

Império do Divino Espírito da Conceição (Horta)  
Império do Divino Espírito de Santo António (Horta)  
Império do Divino Espírito Santo dos Nobres (Horta)  
Império do Divino Espírito Santo da Infância  
Império do Divino Espírito dos Operários Pasteleiros (Horta)  
Império do Divino Espírito da Rua de Santana (Horta)  
Império do Divino Espírito Santo do Salão  
Império do Divino Espírito Santo da Ataleia  
Império do Divino Espírito Santo da Santíssima Trindade do Capelo  
Império do Divino Espírito Santo do Cascalho (Cedros)  
Império do Espírito Santo da Coroa Nova (Castelo Branco)  
Império do Espírito Santo da Coroa Velha (Castelo Branco)  
Império do Espírito Santo da Praça (Cedros)  
Império do Divino Espírito Santo da Rua da Cima (Cedros)  
Império do Divino Espírito Santo do Canto do Chão Frio  
Império do Divino Espírito Santo do Farrobim  
Império do Divino Espírito Santo da Caridade da Feteira  
Império do Espírito Santo da Ponte (Flamengos)  
Império do Divino Espírito Santo da Lomba (Flamengos)  
Império do Divino Espírito Santo da Cruz (Flamengos)  
Império do Divino Espírito Santo do Cantinho (Flamengos)  
Império do Divino Espírito Santo da Praça (Flamengos)  
Império do Divino Espírito Santo Infantil do Farrobo (Flamengos)  
Império do Divino Espírito do Cimo da Granja  
Império do Divino Espírito das Grotas  
Império do Divino Espírito Santo da Lombega (Castelo Branco)  
Império do Divino Espírito do Norte Pequeno  
Império do Divino Espírito da ou Casa do Espírito Santo de Pedro Miguel  
Império do Divino Espírito da Portela  
Império do Divino Espírito Santo da Praia do Norte (Praia do Norte)



Império do Divino Espírito Santo da Trindade (Praia do Almoxarife)  
Império do Divino Espírito da Ramada  
Império do Divino Espírito Santo da Ribeirinha (Ribeirinha Horta)  
Império do Divino Espírito da Santíssima Trindade (Ribeirinha)  
Império do Divino Espírito Santo da Ribeirinha  
Império do Divino Espírito Santo do Salão  
Império do Espírito de São Pedro  
Império do Divino Espírito Santo de Santo Amaro (Conceição)

#### **ILHA DO PICO (30)**

Império do Divino Espírito Santo de Santa Luzia  
Império do Divino Espírito Santo de Santo António  
Império do Divino Espírito Santo de Santana  
Império do Divino Espírito Santo de São Caetano  
Império do Divino Espírito Santo das Bandeiras  
Império do Divino Espírito Santo de Cabo Branco  
Império do Divino Espírito Santo da Calheta de Nesquim  
Império do Divino Espírito Santo da Candelária  
Império do Divino Espírito Santo da Criação Velha  
Império do Divino Espírito Santo de São Mateus do Pico  
Império do Divino Espírito Santo da Piedade  
Império do Divino Espírito Santo da Prainha de Baixo  
Império do Divino Espírito Santo da Ribeira do Meio  
Império do Divino Espírito Santo da Ribeirinha  
Império do Divino Espírito Santo de Santo Amaro  
Império do Divino Espírito Santo de Santa Bárbara  
Império do Divino Espírito Santo de Santa Cruz das Ribeiras  
Império do Divino Espírito Santo da Companhia de Baixo  
Império do Divino Espírito Santo da Lombega  
Império do Divino Espírito Santo do São Mateus  
Império do Divino Espírito Santo de São Miguel Arcanjo  
Império do Divino Espírito Santo de São Roque  
Império do Divino Espírito Santo das Sete Cidades  
Império do Divino Espírito da Silveira  
Império do Divino Espírito da Terra do Pão  
Império do Divino Espírito do Valverde  
Império do Divino Espírito Santo da Ginjeira  
Império do Divino Espírito Santo da Madalena  
Império do Divino Espírito Santo das Pontas Negras  
Império do Divino Espírito Santo de São João

#### **ILHA DE SÃO JORGE (17)**

Império do Espírito Santo de Toledo  
Império do Espírito Santo da Calheta  
Império do Espírito Santo da Urzelina  
Império do Espírito Santo da Beira  
Império do Espírito Santo dos Biscoitos (Calheta)  
Império do Espírito Santo Da Fajã dos Vimes  
Império do Espírito Santo do Loural  
Império do Espírito Santo das Manadas  
Império do Espírito Santo do Norte Grande  
Império do Espírito Santo do Portal  
Império do Espírito Santo da Ribeira Seca  
Império do Espírito Santo dos Rosais  
Império do Espírito Santo de Santo Antão  
Império do Espírito Santo de Santo António  
Império do Espírito Santo do Topo  
Império do Espírito Santo das Velas  
Império do Espírito Santo ou da Trindade das Velas





**ILHA DA GRACIOSA (15)**

Império do Espírito Santo de Nossa Senhora dos Remédios  
Império do Espírito Santo de Santo Amaro  
Império do Espírito Santo das Almas  
Império do Espírito Santo das Fontes  
Império do Espírito Santo dos Funchais  
Império do Espírito Santo da Ribeirinha  
Império do Espírito Santo da Beira Beira-Mar, (Vitória)  
Império do Espírito de Santo de Santo António, (Vitória)  
Império do Espírito Santo da Vitória, (Vitória)  
Império do Espírito Santo da Luz  
Império do Espírito Santo das Dores  
Império do Espírito Santo de Nossa Senhora da Guia  
Império do Divino Espírito Santo das Pedras Brancas  
Império do Espírito Santo do Rebentão  
Império do Espírito Santo de São Mateus

**ILHA DAS FLORES (6)**

Império Casas do Espírito Santo (Cuada)  
Império do Divino Espírito Santo do Rossio (Fajãzinha)  
Casa do Espírito Santo (Lajedo)  
Casa do Divino Espírito Santo (Lomba)  
Casa do Espírito Santo (Ponta Delgada)  
Casa do Espírito Santo (Santa Cruz)

**ILHA DE SÃO MIGUEL (6)**

CONCELHO DE PONTA DELGADA (3)  
Império do Espírito Santos do Pilar (Pilar da Bretanha)  
Império do Espírito Santos dos Remédios (Remédios)  
Império do Espírito Santos de São Roque (São Roque)  
  
CONCELHO DE RIBEIRA GRANDE (1)  
Império do Espírito Santos de Rabo de Peixe (Rabo de Peixe)  
  
CONCELHO DE VILA FRANCA DO CAMPO (2)  
Império do Espírito Santo (Vila Franca do Campo)  
Império do Espírito Santos de Água Retorta (Água Retorta)

**ILHA DE SANTA MARIA (2)**

Império do Espírito Santo de Santo Espírito  
Império do Espírito de Santa Bárbara

**ILHA DO CORVO (1)**

Império do Espírito Santo da Vila do Corvo









ANTONIETA COSTA,  
ANTROPÓLOGA

## **AS IRMANDADES DO ESPÍRITO SANTO SÃO A CONCRETIZAÇÃO DA UTOPIA**

**Maria Antonieta Costa, 84 anos, é licenciada em Sociologia, mestre em Administração Pública, doutora em Psicologia Social e pós-doutorada em Antropologia da Paisagem e do Espaço. Autora de dezenas de livros – entre os quais O Poder e as Irmandades do Espírito Santo –, opúsculos, verbetes e artigos nos vários domínios, tem dedicado os últimos anos à investigação da presença humana nos Açores não só desde antes da chegada dos navegadores portugueses, mas desde a própria Pré-História. Desportista apaixonada, jogou golfe durante décadas e dedica-se hoje ao bowling, modalidade em que representou Portugal já depois dos 80.**

*«O Espírito Santo é um tema muito transversal e versátil, que desencadeia imensa inspiração. As irmandades em que assenta são modelos de organização absolutamente únicos, com mais de 500 anos de história e, porém, ainda hoje inovadores.*

*Porque as irmandades, por assim, dizer, não têm coluna vertebral. São organizações inteiramente horizontais, que não obedecem a qualquer entidade superior. Todas as relações que ali se estabelecem resultam em exclusivo da dinâmica gerada espontaneamente entre os seus membros. Hierarquias, não há.*

*Há os mordomos e os imperadores, mas são rotativos. Todos os irmãos são iguais e podem ser coroados. E é assim, pelo menos, há cinco séculos, quando surgiram aqui nos Açores as primeiras irmandades. Que desde o início aspiraram – e ainda hoje aspiram – a chegar à ausência de tutor, ou de líder.*



*Portanto, não há intermediação entre Deus e os homens. Não há sacerdote. E isso é muito raro em qualquer celebração religiosa, cristã ou não. O que pode ser caótico, às vezes – até um entrave ao desenvolvimento da organização. Mas a verdade é que os números nos mostram que, ao longo dos séculos, o número de irmandades e de irmãos nunca parou de crescer. Não só nos Açores, aliás, mas nas comunidades açorianas no estrangeiro.*

*Isto interessa-me mais do que os aspectos folclóricos da tradição, ainda que estes tenham mais visibilidade pública. Na verdade, os irmãos de uma irmandade estão a recriar os princípios da Utopia. E a concretizá-los diariamente, passe o aparente paradoxo. Thomas More teria adorado poder estudar isto.*

*Francamente, acho que os membros das irmandades do Espírito Santo nem sequer estão conscientes do valor – e do poder – que têm entre mãos. Porque também é de política que aqui estamos a falar: um modelo de organização que a ideia contemporânea de assembleia veio tentar suprimir. As alterações a que as sociedades ocidentais teriam de submeter-se para aplicar este modelo seriam infinitas e exigiriam a participação de todas as áreas do saber.*

*Daí o facto de esta tradição ter gerado sempre tanta desconfiança, não só em Roma mas em todo o lado. Trata-se de um modelo de organização que não interessa a nenhuma autoridade, clerical ou política. Simplesmente não há eixo. Ou, por outra, todos nós podemos ser o eixo. É um perigo.*

*É por isso que, no culto do Espírito Santo, o sagrado e o profano estão sempre juntos. E também é por isso que o culto é forte, por exemplo, na Terceira, que também é a ilha dos cerrados (e da divisão da propriedade) ou mesmo dos aromas agri doces na gastronomia. Creio que há nesta horizontalidade toda uma mesma verdade.*

*Tanto que não me choca nada aquela frase segundo a qual «o Espírito Santo vê a telenovela connosco.» Porque a coroa do Espírito Santo, ao percorrer as casas dos irmãos, é realmente levada para a sala, onde as pessoas vêm televisão. E também vai para a cozinha, como que assistir à confecção das refeições.*

*Não há nada de esotérico nisto, ao contrário do que alguns pretendem. Falamos do dia-a-dia das pessoas. Da relação delas com o sagrado. Isto é: um modelo em que qualquer pessoa, e não só um sacerdote, pode manipular os símbolos e os objectos usados no culto. E é, inevitavelmente, a tradição que mais claramente enforma o carácter do povo açoriano.*

*Muito mais do que o Santo Cristo, por exemplo. O Senhor Santo Cristo dos Milagres é a verticalidade, a hierarquia, e é também o sofrimento. No Espírito Santo, os princípios são exactamente os contrários. São a horizontalidade, como já disse, e a alegria. Até porque, se uma determinada celebração não for alegre, se as pessoas não estiverem alegres ao longo dela, a promessa que esteve na base dela tem de ser refeita e passar para o ano seguinte.*



*Penso que também vem daí esta nossa determinação de, após uma catástrofe, parar de chorar, reconstruir tudo e seguir em frente. São as duas coisas que mais bem nos definem: os terremotos e o Espírito Santo. Tememos e choramos os terremotos, mas logo se impõem a alegria e o recomeço.*

*Trata-se de uma atitude mental completamente oposta à de tantas outras celebrações cristãs. E a alegria é uma grande fonte de energia. É uma auto-alimentação. Falamos tanto de sustentabilidade e, no fundo, não há nada mais sustentável do que isto.»*







---

# 7 DILEMAS PARA UMA ESTRATÉGIA DE MARCA

- Como usar o Espírito Santo e a sua atmosfera misteriosa, mesmo feérica, em favor da Marca Açores e, especialmente, do turismo dos Açores?
- Como fazer alargar o interesse dos forasteiros nos aspectos mais folclóricos do Espírito Santo – os impérios, os desfiles, as procissões – à sua dimensão filosófica e antropológica?
- Que presença poderá ter o culto do Espírito Santo num turismo que não seja o religioso?
- Como evidenciar as qualidades do Espírito Santo enquanto culto unificador entre aqueles que são diferentes, profundamente horizontal – mesmo republicano – e em muitos aspectos subversivo?
- Como pôr em destaque o igualitarismo, a partilha, o perdão, a alegria, a esperança e a própria liberdade – isto é, o conjunto de valores do Espírito Santo – como um retrato do carácter colectivo (e individual) dos açorianos?
- Como deixar clara a modernidade radical desses valores, aliás expressa no antiquíssimo e porém moderníssimo modelo de organização de uma irmandade do Espírito Santo, onde alguns antropólogos chegam a ver a concretização da Utopia de Thomas More?
- Como tornar a iconografia do Espírito Santo (a coroa, o ceptro, o orbe, a bandeira, as varas) objectos colecionáveis e/ou marketizáveis?





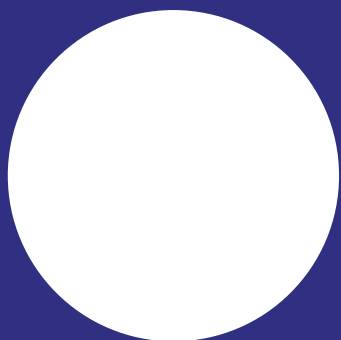
«Em frente da nossa casa havia uma atafona,  
nesta ilha chamavam-lhe assim, era uma espécie de nora  
que andava à volta, hoje já não as há, estou a falar-te  
de há muitos anos, ainda tu não tinhas nascido.  
(...) Para lá da nora havia um muro baixo caiado,  
depois o precipício e o fundo o mar.»

██████████

**ANTONIO TABUCCHI**

*Senhora de Porto Pim, 1983*





# **A GASTRONOMIA E OS VINHOS DOS AÇORES**







# FESTA DE SABORES, CHEIROS E EMOÇÕES

A cozinha dos Açores nunca renegou os saberes das mães e das avós, das freiras e dos frades, dos cozinheiros e dos enólogos, dos gastrónomos e dos epicuristas que ajudaram a moldar o seu legado. Beneficiam-na a geografia, a história e a infinita curiosidade do povo. Como, já agora, a exultante – e crescente – produção de vinho do arquipélago.

---

**C**ARNES, PEIXES e mariscos. Doces. Queijos. Vinhos. A gastronomia dos Açores é rica e variada, à medida das confluências que enformaram a cultura do arquipélago, e poucos são aqueles que regressam de uma viagem às ilhas descontentes com o que comeram e beberam. A tradição é poderosa, repleta de sinais de inovação tanto no momento da criação das grandes receitas como nos próprios dias de hoje, mas entretanto toda uma nova geração de cozinheiros, empresários e enólogos se tem esforçado por somar modernidade à oferta.

Não pode surpreender ninguém. Com um oceano marcado pela diversidade de espécies, uma ligação plurissecular à agricultura e à lavoura e uma série de experiências históricas à espera de serem recuperadas, os empreendedores da hotelaria açoriana sabem que a área encaixa como uma luva em qualquer impulso de distinção da região. Quando não é excelente, a matéria-prima pode ser melhorada. E, quando já é estupenda, basta convocar



para a culinária as sensações, as emoções e a cultura que, na verdade, os ilhéus convocam para todas as suas grandes demandas.

Na riqueza de uma gastronomia pode residir a decisão de um turista quanto a visitar uma região e nela pode residir a decisão desse visitante quanto a comprar produtos locais. Numa gastronomia sedutora tanto está expressa a autenticidade de um lugar, como a riqueza da sua herança cultural, como a própria avaliação do seu potencial económico. Numa gastronomia criativa reside, com toda a facilidade, a prova da inclinação de um território para a inovação (tanto em termos industriais e produtivos, como em termos comerciais e de marketing) – e numa gastronomia saborosa, bem narrada e servida na atmosfera certa, pode estar (e, frequentemente, está) toda a imagem de um povo e do que este tem para oferecer ao amigo, ao visitante e ao parceiro.

É o que têm procurado integrar tanto as autoridades públicas como as entidades privadas dos Açores. Sem nunca largar mão dos saberes das mães e das avós, das freiras e dos frades, dos cozinheiros e dos enólogos, dos gastrónomos e dos epicuristas que ajudaram a moldar o seu legado.

### **TUDO O QUE IMPORTA PROVAR**

A gastronomia açoriana beneficia em larga escala da geografia do arquipélago. Ali passavam quase todas as rotas transatlânticas da Expansão europeia, ali se acomodava





um clima amplo de vocações, ali se consolidou um solo fértil e ali se desenvolveu um povo curioso e aberto ao mundo. A equação adequava-se a todo o tipo de experiências, tanto a nível das matérias-primas como das técnicas, e, ao longo dos séculos, plantaram-se nas ilhas uma miríade de espécies, que em muitos casos vingaram sem dificuldade.

Pimentas e açafrões, canelas e tipos de mel, fórmulas e métodos de combiná-los – tudo isso se incrustou na gastronomia local. E a isso se juntaram as declinações de sabor permitidas pelo vulcanismo da terra e a inclinação dos açorianos para, posto o isolamento a que ciclicamente a meteorologia os votava, desenvolverem os seus produtos de recurso.

O resultado é um carro de combate: uma cozinha que dá para tudo – para todos os momentos do ano, para a abundância e para a escassez, para cada um dos cinco sentidos e ainda para a poesia. Nenhuma receita é categoricamente de uma ilha apenas – várias ilhas foram sempre contribuindo para o aprimoramento de um prato, nem que fosse com o fornecimento de produtos – e, por outro lado, várias delas estão presentes em todas (ou quase todas) as ilhas, com o mesmo nome ou com outros, e sempre com pequenos aspectos distintivos.

Em Santa Maria, por exemplo, é imperativo experimentar o caldo de nabos, confeccionado com uma espécie local (um nabo de pequeno porte e cor escura). É obrigatório provar as tigeladas, as cavacas, os suspiros, os melindres, os encanelados e os biscoitos de orelha. E, evidentemente, é impreterível

dar atenção à meloa – além das bebidas, como o vinho de cheiro, a aguardente e os licores de frutos.

Depois, é continuar esse exercício arquipélago fora. Em São Miguel, destaca-se o cozido das Furnas, feito em panelas mergulhadas no solo geotérmico, e em que a cozedura chega a demorar cinco horas no calor natural da terra. O marisco também é afamado (sobretudo as cracas e as lapas, aliás admiráveis noutras ilhas) e a carne do gado criado em pastagens é macia e saborosa. Muita atenção ao chá da Gorreana e de Porto Formoso, bem como às famosas pimentas da terra. Frutas exóticas como o ananás, anona, o araçá e o maracujá são imperdíveis. E, na doçaria, é preciso dar uma oportunidade pelo menos ao bolo lêvedo e às queijadas de Vila Franca.

Já na Terceira, manda a alcatra, outra tradição de slow cooking, em que a pimenta

A tradição  
é poderosa, repleta  
de sinais de inovação  
tanto no momento  
da criação  
das grandes receitas  
como nos próprios  
dias de hoje,  
e o esforço  
de modernidade  
continua











da Jamaica, o cravinho da Índia, a cebola da China, o alho da Sibéria, o louro da Ásia Menor e ainda o toucinho, a manteiga dos Açores e o vinho verde do Mediterrâneo amaciam a carne de vaca – ou o peixe, ou a galinha, ou o feijão, ou o coelho, ou o polvo, ou as couves, ou as favas e a transformam num tributo à história da ilha. Entretanto, há morcelas e enchidos com variedade (aliás, como noutras ilhas, não menos admiráveis). Entre os doces, há que provar a queijada a Dona Amélia, os coscorões, as cornucópias e os covilhetes de leite. E o vinho verde dos Biscoitos pode acompanhá-los a todos, nas suas diferentes variantes.

Na Graciosa, há que conhecer a caldeirada (ou molho de peixe), bem como o alho ou a meloa; as queijadas da Graciosa ganharam fama, mas na doçaria ainda há ass cavacas, as escomilhas, as capuchas, os pastéis de arroz e as encharcadas de ovos; nas bebidas, por seu turno, destacam-se o vinho verde, a aguardente e os aperitivos. Já em São Jorge, terra de lacticínios, é impossível não provar o queijo da ilha (na sua imensa variedade, aliás), as amêijoas da Caldeira de Santo Cristo, o atum em conserva da Calheta, o café da Fajã dos Vimes (talvez com uma aguardente de canela ou de nêveda a acompanhar) e, entre os doces, as espécies, os coscorões, as rosquilhas e os bolos de coalhada.

Continuando no Triângulo, o Pico brilha com o polvo guisado em vinho de cheiro, a





linguiça com inhame, a molha de carne e, claro, os caldos de peixe; engrossa o cabaz com o mel, os figos, o queijo de leite de vaca e as aguardentes de figo e de nêspere; mas destaca-se, acima de qualquer outra coisa, com o vinho das castas verdelho, terrantez e arinto (embora também tenha tintos, como aliás rosés de qualidade), incluindo diferentes licorosos, e em que ganha cada vez mais proeminência a nível nacional. Por seu lado, o Faial também propõe polvo guisado com vinho, caldo de peixe e caldeirada; nas carnes, vale a pena dar atenção às morcelas e às linguiças, acompanhadas de inhame e bolo de milho; entre os doces, urge experimentar as célebres fofas; e, para beber, claro, o gin tónico do Peter Café Sport.

E, já na placa tectónica norte-americana, nas Flores, é imperioso conhecer, além dos arachas e do mel, as carnes de porco em salmoura, os vários pratos de feijão, as

tortas de erva-patinha, a albacora assada no forno e a caldeirada de congro. Enquanto, no Corvo, saltam à vista o peixe e o marisco, as tortas de erva-do-calhau, as couves da barça e, evidentemente, o queijo artesanal.

Nos Açores  
passavam as grandes  
rotas transatlânticas  
da Expansão europeia  
e acomodavam-se  
um clima amplo  
de vocações,  
um solo fértil  
e um povo curioso  
e aberto ao mundo

### **A VERDADE NO VINHO**

Entretanto, vale a pena determo-nos mais um pouco nos vinhos. Colonizadas a partir de meados do século XV, as ilhas acolheram as primeiras videiras em resultado do empenho de frades franciscanos, que nelas detectaram solos e condições com características edafoclimáticas semelhantes às da Sicília. A tendência consolidou-se, sobretudo com a casta verdelho, e espalhou-se rapidamente.

O vinho produzido foi largamente exportado

(particularmente o produzido na ilha do Pico) para o Norte da Europa e até para a Rússia. Depois da revolução bolchevique, em 1917, foram encontradas garrafas de vinho do Pico armazenadas nas caves do czar.

Hoje, o vinho está em todas as ilhas, embora principalmente no Pico, na Graciosa e na Terceira (apesar de São Miguel começar a destacar-se também). Arinto, terrantez, boal e fernão pires juntaram-se ao verdelho para formar uma paleta de sabores extensa, diversa e sempre com frescura e acidez notáveis. A paisagem da vinha do Pico ganhou mesmo o título, atribuído pela UNESCO, de Património da Humanidade. Vale a pena conferir algumas das estrelas da companhia:









## 16 VINHOS DOS AÇORES EM QUE O PECADO É NÃO PROVAR



### FREI GIGANTE

Tipo: branco  
Capacidade: 750 ml  
Volume: 13%  
Produtor: Cooperativa  
Vitivinícola  
da ilha do Pico (Pico)  
Preço de referência:  
€ 18,50 (colheita de 2018)



### CURRAL ATLANTIS VERDELHO ARINTO

Tipo: branco  
Capacidade: 750 ml  
Volume: 12,5%  
Produtor: Curral Atlantis (Pico)  
Enólogo:  
(apoio de Paulo Laureano)  
Preço de referência:  
€ 18,95 (colheita de 2018)



### TERRAS DE LAVA

Tipo: branco  
Capacidade: 750 ml  
Volume: 13%  
Produtor: Cooperativa  
Vitivinícola  
da Ilha do Pico (Pico)  
Preço de referência:  
€ 11,50 (colheita de 2019)



### ROSÉ VULCÂNICO

Tipo: rosé  
Capacidade: 750 ml  
Volume: 12,50%  
Produtor: Azores Wine  
Company (Pico)  
Enólogo: António Maçanita  
Preço de referência:  
€ 10,80 (colheita de 2020)



### PEDRAS BRANCAS

Tipo: branco  
Capacidade: 750 ml  
Volume: 12%  
Produtor: Adega  
e Cooperativa Agrícola  
da Graciosa (Graciosa)  
Preço de referência:  
€ 19,99 (colheita de 2019)



### LAJIDO

Tipo: licoroso  
Capacidade: 50 ml  
Volume: 16%  
Produtor: Cooperativa  
Vitivinícola  
da Ilha do Pico (Pico)  
Preço de referência:  
€ 25,90 (colheita de 1994)





## 16 VINHOS DOS AÇORES EM QUE O PECADO É NÃO PROVAR (CONTINUAÇÃO)



### VERDELHO O ORIGINAL

Tipo: branco  
Capacidade: 750 ml  
Volume: 12 %  
Produtor: Azores Wine Company (Pico)  
Enólogo: António Maçanita  
Preço de referência:  
€ 27,65 (colheita de 2019)



### JARDINETE CHARDONNAY

Tipo: branco  
Capacidade: 750 ml  
Volume: 13 %  
Produtor: Quinta da Jardinete (Pico)  
Preço de referência:  
€ 10,85 (colheita de 2019)



### VINHO DONATÁRIO

Tipo: branco  
Capacidade: 750 ml  
Volume: 12,5 %  
Produtor: Museu do Vinho dos Biscoitos/Casa Agrícola Brum (Terceira)  
Preço de referência:  
€ 18,90 (colheita de 2018)



### CACARITA

Tipo: branco  
Capacidade: 750 ml  
Volume: 12,5 %  
Produtor: Adega A Buraca (Pico)  
Preço de referência:  
€ 17,99 (colheita de 2018)



### ARINTO SUR LIES

Tipo: branco  
Capacidade: 750 ml  
Volume: 12,5 %  
Produtor: Azores Wine Company (Pico)  
Enólogo: António Maçanita  
Preço de referência:  
€ 37,65 (colheita de 2019)



### MUROS DE MAGMA

Tipo: branco  
Capacidade: 750 ml  
Volume: 12 %  
Produtor: Adega Cooperativa dos Biscoitos (Terceira)  
Enólogos: Anselmo Mendes e Diogo Lopes  
Preço de referência:  
€ 34,05 (colheita de 2015)



## 16 VINHOS DOS AÇORES EM QUE O PECADO É NÃO PROVAR (CONTINUAÇÃO)



### **TERRANTEZ DO PICO**

Tipo: branco  
Capacidade: 750 ml  
Volume: 12,5%  
Produtor: Azores  
Wine Company (Pico)  
Enólogo: António Maçanita  
Preço de referência:  
€ 56,55 (colheita de 2019)



### **A CERCA DOS FRADES**

Tipo: branco  
Capacidade: 750 ml  
Volume: 12%  
Produtor: Tito Silva (Pico)  
Preço de referência:  
€ 44,90 (colheita de 2019)



### **CANCELA DO PORCO**

Tipo: branco  
Capacidade: 750 ml  
Volume: 12,5%  
Produtor:  
Ancoradouro (Pico)  
Preço de referência:  
€ 24,99 (colheita de 2020)



### **CZAR**

Tipo: licoroso  
Capacidade: 750 ml  
Volume: 18,5%  
Produtor:  
Fortunato Garcia (Pico)  
Enólogo: Fortunato Garcia  
Preço de referência:  
€ 102,50 (colheita de 2011)







## O QUE EXPERIMENTAR EM CADA ILHA

De Santa Maria ao Corvo: dezenas de pratos e especialidades a não perder

### SANTA MARIA

Caldo de nabos  
Caldeirada de peixe  
Mariscos  
Biscoitos de aguardente  
Biscoitos de orelha  
Licores

### S. MIGUEL

Caldeirada de peixe  
Cozido das Furnas  
Mariscos  
Bolo Lêvedo  
Fofas da Povoação  
Malassadas  
Queijadas da Vila  
Ananás  
Licores  
Chá  
Queijos

### TERCEIRA

Sopas do Espírito Santo  
Alcatra de peixe  
Alcatra de carne  
Queijadas “Dona Amélia”  
Vinhos  
Queijos

### GRACIOSA

Caldeirada de peixe  
Mariscos  
Queijadas  
Vinhos  
Aguardentes  
Queijos

### S. JORGE

Queijo  
Espécies  
Torresmos de porco  
Molha de carne  
Caldeirada de congro  
Inhames com linguiça  
Bolo de véspera  
Rosquilhas  
Aguardente de nêspira e angelica

### PICO

Sopas do Espírito Santo c/ massa sovada  
Arroz de lapas  
Caldeirada de peixe  
Lapas de molho Afonso  
Linguiça com inhames  
Molha de carne  
Morcela  
Polvo guisado com vinho de cheiro  
Torresmos de vinha d'alhos  
Arroz doce  
Fofas  
Bolo de milho  
Queijos

### FAIAL

Sopas do Espírito Santo c/ massa sovada  
Arroz de lapas  
Caldeirada de peixe  
Lapas de molho Afonso  
Linguiça com inhames  
Molha de carne  
Morcela  
Polvo guisado com vinho de cheiro  
Torresmos de vinha d'alhos  
Arroz doce  
Fofas  
Bolo de milho  
Queijos

### FLORES

Sopa de agrião  
Caldeirada de peixe  
Linguiça com inhames  
Mariscos  
Queijos

### CORVO

Caldeirada de Peixe  
Torta de ‘erva do calhau’  
Queijo

FONTE: DIRECÇÃO REGIONAL DE TURISMO



## TRÊS PRATOS PARA UMA REFEIÇÃO COMPLETA

Sopas do Espírito Santo, Alcatra e Queijada Dona Amélia: três dos ex-libris da gastronomia dos Açores

### SOPAS DO ESPÍRITO SANTO

#### INGREDIENTES:

Carne (pedir no talho carne para sopa; convém que tenha alguma gordura para a sopa ficar saborosa)  
Chambão com tutano  
1 pedaço de toucinho de fumo ou bacon  
1 a 1,5 pacote de manteiga  
Um pouco de banha  
1 repolho grande (ou dois pequenos)  
3 cebolas  
2 folhas de louro  
Pimenta da Jamaica  
Vinho branco  
1 cabeça de alho  
1 caldo de carne  
Hortelã  
Pão duro  
Um pouco de molho de alcatra

#### PREVIAMENTE:

Pôr um pouco de sal nas carnes (de véspera).

#### CONFEÇÃO:

Colocar uma panela ao lume com a manteiga, a banha, as cebolas picadas grosseiramente, os dentes de alho esmagados com casca e o toucinho. Deixar alourar um pouco. Entretanto, lavar a carne, enxugá-la e colocá-la no tacho com um pouco de hortelã. Ir mexendo. Juntar o caldo de carne e o vinho branco. Deixar levantar fervura e juntar bastante água. Deixar cozer as carnes e ir rectificando o caldo. Se se achar que deve levar mais manteiga ou caldo de carne, colocar. Quando a carne estiver cozida, colocar os repolhos a cozer.

#### COMO SERVIR:

Numa tigela grande, cortar o pão e colocar por cima bastante hortelã. Colocar por cima o molho de alcatra. Com um passador, regar as sopas com o caldo. Deixar as sopas abafadas por um bocadinho; se precisarem de mais caldo, voltar a regar. Por cima, colocar folhas do repolho já cozido.

### ALCATRA

#### INGREDIENTES:

3 kg de carne para alcatra (pedir assim no talho)  
1 posta de chambão  
1 litro de vinho verde (dizer que não é de cheiro como o que Maria Edite usava!!!!)  
3 cebolas grandes  
3/4 dentes de alho  
100 g de toucinho de fumo (à falta dele, pode-se usar bacon)  
8/10 grãos de pimenta da Jamaica  
2 folhas de louro  
1 pitada de sal  
4 colheres de sopa de manteiga  
2 colheres de sopa de banha

#### PREVIAMENTE:

–

#### CONFEÇÃO:

Cortar a carne em pedaços. Numa tigela, picar a cebola (bem miudinha), os alhos e o toucinho. Juntar as bagas de pimenta da Jamaica e as folhas de louro, misturando bem com os restantes ingredientes. Untar o alguidar com a banha. No fundo do alguidar, colocar uma porção da mistura de cebola e restantes temperos acima descrita, bem como o chambão. Depois, colocar alguns pedaços de carne e novamente mais mistura de cebola, repetindo a operação em sucessivas camadas (a última camada tem de ser de cebola). Pôr a manteiga aos bocados por cima da carne. Regar com o vinho verde, destemperado com metade da sua porção de água, e acertar com sal. Tapar o alguidar com papel de alumínio. Levar ao forno, aquecido a uma temperatura de 180 graus. Quando começar a ferver e a carne estiver cozida, retirar o papel e virar regularmente a carne, até que fique dourada.

#### COMO SERVIR:

Sirva apenas com massa sovada. E, se tiver continentais à mesa, eles que se vão habituando. Qualquer dia ainda os levamos a pegar um toiro! :)

### QUEIJADAS DONA AMÉLIA

#### INGREDIENTES:

500 gr de açúcar  
250 gr de manteiga  
4 ovos + 4 gemas  
4 colheres de sopa bem cheias de mel de cana  
250 gr de farinha de milho  
100 gr de sultanas  
1 colher de chá de noz-moscada  
2 colheres de sopa de canela  
1/2 colher de chá de fermento  
Açúcar de confeiteiro q.b.  
Raspa de limão q.b.

#### PREVIAMENTE:

–

#### CONFEÇÃO:

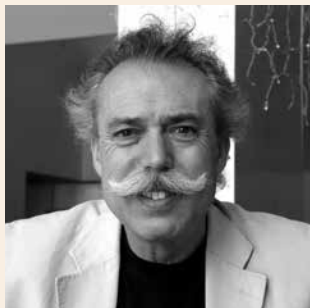
Bater bem o açúcar com a manteiga. Juntar os ovos, as gemas e a raspa de limão. Adicionar o mel de cana, farinha de milho e o fermento. Acrescentar as sultanas, a noz-moscada e a canela. Mexer bem. Untar as formas de queijadas. Pôr o preparado e levar ao forno. Depois de cozidas, retirar as queijadas das formas e polvilhá-las com o açúcar de confeiteiro.

#### COMO SERVIR:

Dentro de forminhas de papel plissado.







ANTÓNIO CAVACO,  
GASTRÓNOMO

## **AFECTOS, DESEJOS, MEDOS – OS AÇORIANOS LEVAM TUDO PARA A COZINHA**

**António Cavaco, 69 anos, nasceu no Alentejo e vive há mais de 40 anos nos Açores. Ligado originalmente à formação profissional, licenciou-se primeiro em História e Ciências Sociais e depois somou diversos cursos – incluindo uma pós-graduação – nos domínios do Turismo. Dedicou-se há décadas à investigação, preservação e divulgação do património gastronómico dos Açores, esforços ao longo do qual coordenou cursos, concursos e congressos, dirigiu centros de formação e associações, fundou a Confraria dos Gastrónomos dos Açores, escreveu dois livros e apresentou dezenas de programas de televisão.**

*«A gastronomia dos Açores é vasta, com enorme peso histórico. E é-o em todas as ilhas. Basta olhar para alguns dos pratos mais emblemáticos de cada uma.*

*Refiro-me, por exemplo, o molho à pescador da Graciosa; à alcatra da Terceira (que congrega todo o ecletismo da cultura açoriana, e no qual se inscrevem a nossa história e o nosso movimento cultural desde a placa giratória quinhentista até aos dias de hoje); à molha do Faial; ao calde de peixe do Pico; aos bifes e aos chicharros de São Miguel; ao caldo de nabos e ao cozido no panelo de Santa Maria; às amêijoas e aos lacticínios de São Jorge; às couves da barça do Corvo; ao feijão das Flores.*

*Isto sem falar em todos os pratos de leguminosas secas, nas ervas-patinhas, nos caldos, nos recheios e, claro, nos muitos pratos de polvo. E a que teremos de acrescentar a doçaria, evidentemente.*

*A dona amélia da Terceira, as fofas do Faial e de São Miguel (que são diferentes, e que no fundo são variações das filhós de forno da Terceira), os tantos covilhetes...*



*Mais todo o mundo das queijadas (incluindo as queijadas da Vila, de São Miguel), as diferentes receitas de arroz doce – uma sobremesa transversal a todas as festas do Espírito Santo, tal como aliás acontece com a massa sovada – os bolos de laranja, os pudins de chá e de ovos... Estamos a falar de imensa coisa.*

*No fundo, é uma gastronomia muito rica e competitiva. O único problema é que nem sempre é fácil tentar projectá-la. Nem sempre se consegue convencer as instituições de que a gastronomia é, ao mesmo tempo, um produto cultural e um produto turístico. Estrutura-se um projecto e, frequentemente, aquilo que as instituições pensam é: “Lá vêm os tipos das comezainas” – e dão-nos dinheiro para fazer um jantar.*

*Às vezes é um trabalho inglório, que me deixa desalentado. Há alguma dificuldade em fazer perceber o objecto deste trabalho. O que se agrava quando nos vemos perante a realidade dos novos chefs – sem “e”, quero eu dizer. Nada contra, mas às vezes começa a perder-se alguma verdade, como de resto acontece noutras paragens (e não só em Portugal).*

*Nem toda a cozinha é apropriada para as experiências moleculares. Em nem todas as cozinhas faz sentido aplica o método da redução. E a cozinha açoriana é uma delas, a meu ver. O que aqui está em causa é o produto e a sua força. Não podemos ter medo dele. O sabor, os afectos, a história, a cultura – já está tudo lá.*

*Basta saber apresentá-lo, que é coisa que nem sempre sabemos fazer, nomeadamente nos restaurantes. Muitas vezes, o chefe de sala é mais importante ainda do que o cozinheiro. Quando a comida chega à mesa, o alquimista já fez o seu trabalho. Até pode vir agradecer os elogios, a presença das pessoas, mas quem verdadeiramente pode falar daquilo que se está a comer é o empregado de mesa. E nós ainda temos de trabalhar na qualidade média do nosso empregado de mesa.*

*De resto, a comida transporta-nos sempre para outro lugar, para outra atmosfera. O que está em causa, com ela, é sempre algo que se encontrava escondido na nossa memória. São os afectos, são os desejos, são até os medos. E os açorianos são essencialmente bons nisso tudo. Levam tudo isso para a cozinha e levam a cozinha para qualquer recanto do mundo onde estejam.*

*Aqui há uns anos fui gravar uns programas ao Brasil e levei comigo um frasco de pimenta da terra, para temperar algumas coisas. Fui gastando aquilo até que, num jantar na Casa dos Açores de São Paulo, lamentei: “Ah, quem me dera ainda ter aqui pimenta da terra...” Levantou-se uma senhora e disse: “Mas nós temos pimenta da terra...” Vim a perceber que, a uma malagueta guineense, já de si não muito diferente das nossas, aqueles açorianos do Brasil juntavam alguns temperos e faziam uma pimenta da terra quase igual à das ilhas.*

*Os açorianos são assim. E, além disso, já fazem muitos bons vinhos também. Não propriamente tintos, género que exige um choque térmico que não conseguimos*



*forjar. Não temos nem muito frio nem muito calor, mas o calor sempre conseguimos inventar, com os currais de pedra – um frigorífico gigante é que não dá para montar num vinhedo. Mas os brancos são excepcionais: os do Pico, os da Terceira, os da Graciosa e até alguns de São Miguel, que começam a aparecer.*

*Podemos estar orgulhosos. E quem diga que a nossa comida não é especialmente saudável, como já ouvi, está a ver mal as coisas. O que nós precisamos de fazer, quando comemos, é comer com moderação, sem nos empanturrarmos. Se comermos com um mínimo de frugalidade, se mastigarmos bem, se comermos devagar, podemos comer do que quisermos – basta deixarmos o olfato e o palato tomarem as suas decisões.*

*Podemos fazer o que quisermos na vida, no fundo. O segredo da vida é esse: encontrar a medida certa. Por mim, não me esqueço de que, um dia, até o azeite tomámos por perigoso. Hoje, é simplesmente o ingrediente das cozinhas mediterrânicas mais consensualmente admirado como saudável.»*





UNTA DO MARTELO



---

## 6 DILEMAS PARA UMA ESTRATÉGIA DE MARCA

- Que papel poderá ter a gastronomia na promoção dos Açores e no conceito Marca dos Açores (visitar, investir, viver, comprar, recomendar)?
- Como transformar a comida e a bebida (vinhos à cabeça), com todo o seu historial de resistência aos elementos e inovação, não só num produto dos Açores, mas num dos vértices da Marca Açores?
- Quanto vale, em sede de marca, o facto de a culinária açoriana se basear em produtos e técnicas recolhidos/as um pouco por todo o mundo, deixando à vista a centralidade histórica do arquipélago e o seu papel na globalização?
- Em que caminho (e em que imagem) devemos investir preferencialmente: no da tradição, incluindo toda a iconografia etnográfica; no da modernidade, incluindo os elementos e as linguagens da cozinha molecular (ou outras) e dos chefs Michelin; ou numa fusão/convivência entre ambos?
- Em que espécie de acções devemos empreender para dar lastro internacional – mesmo romantismo – à culinária dos Açores?
- Em que espécie de acções devemos empreender para dar mais lastro internacional – e acentuar a respectiva visibilidade – aos vinhos dos Açores?





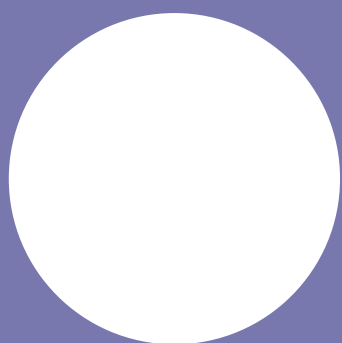
«Assim o prometeu. Volta ao seu posto  
Uriel no mesmo refulgente raio  
Que para baixo obliquamente o leva  
Ao Sol, tendo os Açores já passado,  
E com reflexa luz de grã e de ouro  
Corando as nuvens que em seu trono ocíduo  
Com pomposos cortejos o acompanham.»

---

**JOHN MILTON**

*Paraíso Perdido, 1667*





# **A CULTURA DOS AÇORES**

3







# EM CADA ESQUINA UM ARTISTA

Música, literatura, pintura, escultura, arquitectura, televisão. E muito mais. Nos Açores, a expressão cultural e artística é exultante, e poucas são as famílias em que não haja meia dúzia de criadores – amadores ou mesmo profissionais. O impulso é sempre o mesmo: estender o braço, vencer o confinamento e a solidão, encontrar as linguagens universais e encontrar o outro. A cultura portuguesa tem beneficiado bastante.

---

«**H**OUVE UMA ALTURA, aqui na ilha, em que era raro não haver, numa família, alguém que soubesse tocar piano. Intrigava-me, como aliás intrigava muita gente: como é que um pedaço de terra com 60 quilómetros quadrados e pouco mais de quatro mil habitantes podia ter uma riqueza tão grande – em particular musical, e ainda por cima ao nível do piano?», explicou à imprensa Fábio Mendes, a pretexto do seu livro *O Piano na*

*Graciosa: Práticas Musicais durante a I República*.

A perplexidade levou o músico e professor de piano graciosense a propor o tema para a dissertação de mestrado em Piano, realizado na Universidade de Évora sob a orientação de Pedro Burmester, pianista de renome internacional. Ao longo da investigação, Fábio Mendes descobriu, entre mais de uma centena de pianos, um exemplar inglês de 1815, vários modelos americanos de finais do século XIX e duas relíquias francesas: um Pleyel, a marca preferida de Chopin, e um Gaveau. Quase tudo adquirido com uma de três



intenções: para aqueles que recebiam convidados ilustres vindos de fora da ilha, entretê-los; para aqueles que enriqueciam à custa da produção de vinho, cultivar um certo charme burguês; e, para aqueles que tinham emigrado e regressavam, importar inclinações adquiridas no estrangeiro.

Estranhamente, ou não, histórias de semelhante índole – sempre inusitadas, sempre particulares, em torno da música ou em torno de outra arte qualquer – pululam um pouco por todas as ilhas dos Açores. E, no entanto, não surpreende assim tanto quando vêm do campo musical. Na Terceira nasceu Tomás de Borba, pedagogo de projecção nacional e autor, entre outras obras, do Te-Deum com que Portugal comemorou o IV Centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia. Mais impressionantemente ainda: de São Jorge é oriundo Francisco de Lacerda, musicólogo, compositor e maestro de projecção europeia, aluno de Artúr Nikisch ou Hans Richter e grande divulgador, em França, das obras de Borodine, Mussorgsky, Fauré, Chausson e Debussy.

A música está no próprio ADN dos açorianos, no fundo, e o cancionero tradicional conservado pelos registos paroquiais mostra-o bem. Basta determo-nos um pouco nas canções que há tantas décadas vivem na tradição oral: Charamba, Branca Flor, Chamarrita, Bela Aurora, Tirana, Doce Esperança, Samacaio, Praia, Pezinho, Saudade, Lira, Olhos Pretos, Braços, Cravo, Meninas, Olaré, Estudante, Velhas, Palmas, Cerejas, Casaco,





Meu-Bem, Bravos, Sapateia – modas belíssimas, quase sempre espessas de significados e sempre expressivas quando à identidade e à alma do povo.

Armando Côrtes-Rodrigues reuniu boa parte desse espólio no livro Cancioneiro Geral Dos Açores (1982), mas já em Saudades da Terra (1586-1590), a grande crónica de Gaspar Frutuoso, eram abundantes as referências às apetências musicais dos açorianos. E a tradição não só se mantém até hoje, mas renova-se (dir-se-ia) diariamente. Carlos Alberto Moniz e Zeca Medeiros, Luís Gil Bettencourt e Luís Alberto Bettencourt, Nuno Bettencourt e Nelly Furtado, Katia Guerreiro ou Lúcia Moniz – os exemplos de fulgor criativo e sucesso editorial atravessam os diferentes géneros e, inclusive, as diferentes geografias, com alcance nas ilhas, no país e do mundo (através da emigração e fora dela).

Entretanto, muita da produção cultural e artística das ilhas, em particular a musical, passou a ser desenvolvida em função das necessidades das festas populares. Dessa vocação etnográfica – de uma cultura que olha para si mesma e de si mesma se alimenta – vem o peso das danças e bailinhos de Carnaval, como vem o peso do exultante artesanato das ilhas. E, nesse contexto, assumem especial importância as bandas filarmónicas. Só na ilha de Tomás de Borba, com pouco mais de 50 mil habitantes, há mais de duas dezenas, muitas delas com uma centena de elementos ou mais.

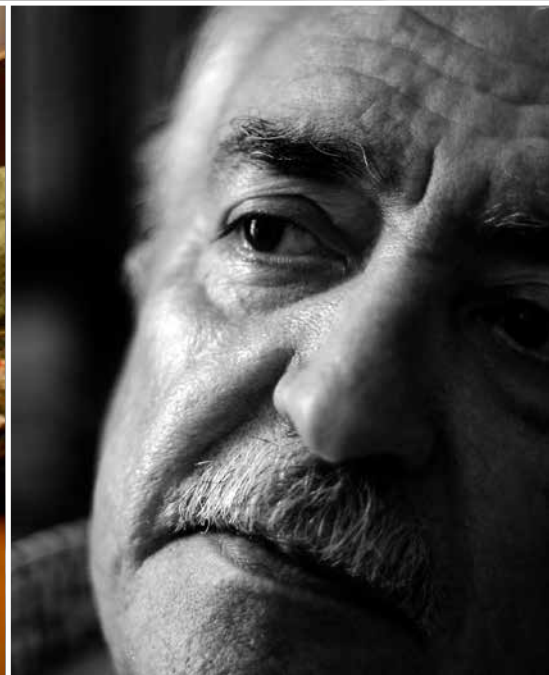
E na de Francisco de Lacerda, com menos de um quinto dessa população, o número é mais impressionante ainda: para cima de uma dezena de bandas.

A verdade é que o impulso é sempre o mesmo: estender o braço, vencer o confinamento e a solidão, encontrar as linguagens universais e encontrar o outro. O que se verifica de facto em todas as ilhas, em todas as artes e com um número impressionante de pessoas, muitas vezes até as mais inesperadas. E que, ao mesmo tempo, dá nota não só da herança cultural dos Açores, mas da respectiva vocação universalista, globalizante – e, evidentemente, da alegria e da qualidade de vida dos seus habitantes.

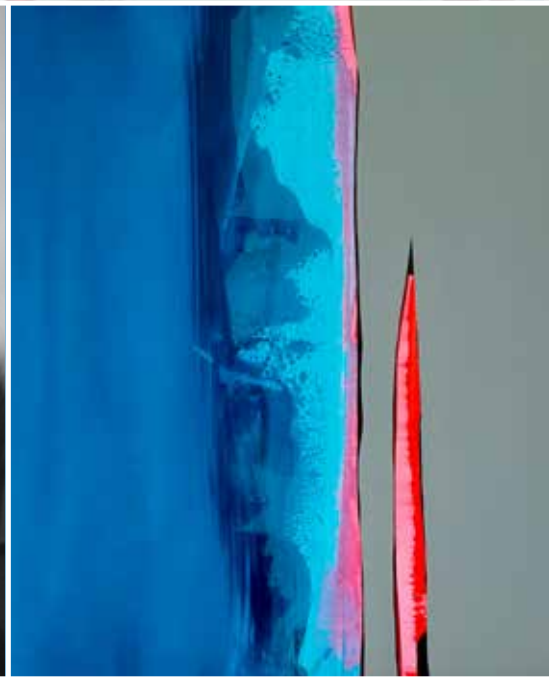
Na Graciosa,  
com apenas quatro mil  
habitantes,  
Fábio Mendes  
descobriu mais de cem  
pianos, incluindo  
um exemplar inglês  
de 1815, um Gaveau  
e um Pleyel, a marca  
preferida de Chopin

## DA LITERATURA À TELEVISÃO

Falamos na música, mas podíamos falar da literatura. Com epítome em Antero de Quental, na verdade uma eminência para todo o país, a literatura açoriana nunca declinou, em resultado dessa mesma vocação universalista e gregária. Lá no alto, no Olimpo, estão também o poeta e romancista Vitorino Nemésio – autor do conceito de «açorianidade»











e, por exemplo, de *Mau Tempo no Canal*, talvez o mais importante romance português da primeira metade do século XX –; a poeta e ficcionista Natália Correia; e o romancista e contista João de Melo, o mais premiado dos escritores locais do pós-25 de Abril. Todos ganharam projecção nacional, e todos a ganharam a partir do exterior.

Mas a lista é infinita e inclui também muitos escritores cuja influência se manteve mais ou menos circunscrita aos universos do arquipélago e da diáspora. Muitos deram um contributo essencial à consolidação da autonomia constitucional garantida em 1976, ajudando a definir os contornos da identidade açoriana e, com isso, acrescentando uma dimensão literária e criativa às diligências feitas nos campos das instituições, dos transportes, da academia ou da comunicação social. Poetas como Emanuel Félix, Santos Barros, Pedro da Silveira, Marcolino Candeias, Emanuel Jorge Botelho ou Urbano Bettencourt; romancistas como Dias de Melo, Cristóvão de Aguiar, Adelaide Baptista, Daniel de Sá ou Álamo Oliveira; ensaístas como Onésimo Teotónio de Almeida ou Vamberto Freitas; dramaturgos como Norberto Aguiar, entre tantos outros artistas dos mais diferentes géneros – os nomes são muitos e os contributos imensos, dentro e fora do contexto da Universidade dos Açores.

O crítico Eugénio Lisboa chamou-lhes «a última grande geração literária portuguesa.» Que, de resto, tem continuidade numa série de autores das duas gerações seguintes, em regra pouco preocupados com a velha questão sobre se existe ou não (do ponto de vista



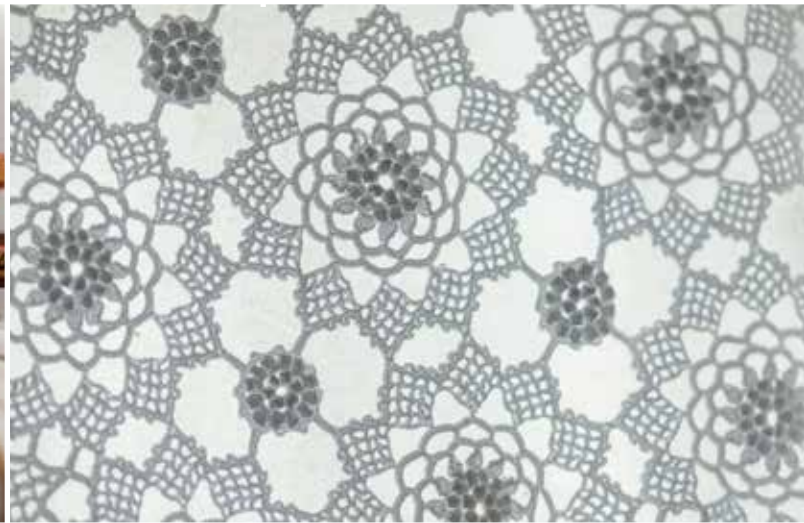
estritamente científico) «uma literatura açoriana» – interessa-lhes sobretudo a influência. Como podíamos estar a falar de outras artes, já agora – desde logo das artes plásticas. Por exemplo, da pintura, a cujas referências fundadoras como Duarte Faria e Maia ou Marciano Henriques da Silva se seguem ícones nacionais como Domingos Rebêlo (Ponta Delgada, 1891-Lisboa, 1975, discípulo em Paris de Jean-Paul Laurens e pintor maior, desde logo, da emigração) ou António Dacosta (Angra do Heroísmo, 1914-Paris, 1990, um dos expoentes do surrealismo português) e uma série de criadores contemporâneos – de Tomaz Borba Vieira a Urbano e José Nuno da Câmara Pereira, de Carlos Carreiro a José João Dutra, Victor Bernardo Almeida, Maria José Cavaco ou Beatriz Brum.

Ou mesmo da escultura, em que Canto da Maia (Ponta Delgada, 1890-1981, repartido geograficamente entre Açores, Lisboa e Paris com grande destaque durante o regime do Estado Novo) preside sobre o trabalho de sucessores como Renato Costa e Silva ou Rui Goulart. E isto sem esquecer a arquitectura, bem à vista nas cidades, vilas e freguesias das ilhas. Ou, noutro extremo do espectro, da televisão, onde, na ausência de recursos para a produção cinematográfica ou de público consistente para o teatro de natureza mais conceptual, foram desaguar algumas das ansiedades das artes cénicas locais, e a partir das quais se produziram séries, documentários-arty e recriações de todos os tipos com autoria (nomeadamente) de Zeca Medeiros, também celebrizado como músico e cantautor.

É um património enorme, ainda que nem sempre com a devida projecção fora da região. O que talvez se explique por uma certa centralização de esforços e recursos nas secretarias e direcções regionais da tutela, com escoamento preferencial através das bibliotecas e dos museus da rede oficial, mas também, seguramente, de uma certa falta de confiança (ou talvez falta de mundo, como lhe chama a fadista Kátia Guerreiro) da parte dos artistas. Ainda assim, as excursões de natureza cultural pelo arquipélago são cada vez mais frequentes e maiores, e a matéria está lá, à espera de ser descoberta e conhecida. Porque, nos Açores, poucas são as famílias em que não haja meia dúzia de criadores (amadores ou mesmo profissionais) de diferentes áreas. E porque, como diz a letra de Saudade, uma das modas mais emblemáticas das ilhas, «Não cabe um amor tão grande/ Num palácio tão estreito».

A música está  
no ADN dos açorianos,  
e o cancionero  
mostra-o bem.  
Basta determo-nos  
nas canções que há  
tantas décadas vivem  
na tradição oral,  
da Charamba  
aos Olhos Pretos









## 9 PÉROLAS DO ARTESANATO DOS AÇORES

### RENDAS

Também chamadas croché de art, as rendas dos Açores são produtos de qualidade certificada nas ilhas do Pico e do Faial. Resultam em toalhas, centros de mesa, cortinas, luvas, golas, bolsas e nos mais variados artigos de uso doméstico ou indumentário. Usam preferencialmente motivos geométricos, figurativos ou – sobretudo – florais. O padrão em roseta, a que se dava o nome de “Gregas”, atingiu particular vigor no século XX, com expoente nos anos 1950.

#### ATENÇÃO TAMBÉM A:

- escama de peixe (várias ilhas)
- registos (São Miguel)
- papel recortado (Terceira)

### BORDADO BRANCO

O nome do seu principal ponto tem ressonâncias absolutistas («richelieu»), mas depois há uma série de pontos bastante mais mundanos: os «ilhós», os «cheios» ou os «caseados». O bordado branco, desenvolvido na ilha Terceira, cruza várias influências do século XIX e atinge a sua máxima expressão artística nos temas vegetalistas e figurativos, a que empresta um tom particularmente clássico, mesmo erudito. Elegância – eis o ideal que persegue. Com sucesso.

#### ATENÇÃO TAMBÉM A:

- bordado a palha de trigo (Faial)
- bordado a matiz (São Miguel e Terceira)
- bordado a ouro (São Miguel)

### TRAJOS REGIONAIS

São diversos e provêm de todas as ilhas, mas com uma característica comum: a predominância da chamada «lã da terra» – lisa, listada ou axadrezada, mas sempre fundamentalmente grosseira, e a que se recorria como alternativa às sedas e aos algodões, importados e mais caros. Saiotes, ceroulas, calções, camisas ou toucas; capote-capelos, carapuças de rebuço, carapuças de orelhas e várias outras peças e adereços – há um pouco de tudo. Como a célebre boina do Corvo.

#### ATENÇÃO TAMBÉM A:

- bonecas de pano (várias ilhas)
- patchwork (várias ilhas)



### **TECELAGEM DE LINHO E ALGODÃO**

Resultado de diferentes contributos técnicos de tecelões franceses, e com origem no século XVIII, na Ribeira Grande, destinava-se originalmente à confecção de bragaís, aproveitando a indústria de tecidos que florescia na ilha de São Miguel. Com barras ornadas de desenhos em relevo e/ou pontos de casulo ou favo de mel, enfrentou estoicamente a concorrência do algodão, com o qual passou a conviver. Toalhas de mesa e cobertas de todo o tipo são apenas algumas das suas aplicações.

ATENÇÃO TAMBÉM A:

-tecelagem de lã (várias ilhas)

### **OURIVESARIA**

Já lhe chamam «ouro negro», e não é por acaso. Introduzido já na contemporaneidade na ourivesaria açoriana, durante séculos aquém da expressão da filigrana no Continente, o basalto veio mudar tudo. Pedra abundante e diversificada, resultado de diferentes tipos e graus de cristalização da matéria vulcânica, pode afinal revelar-se sofisticada na relação com o brilho do ouro e/ou a cintilação dos diamantes. Não nasceu uma indústria: coisificou-se.

ATENÇÃO TAMBÉM A:

-ferro forjado e serralharia artística (várias ilhas)

-estanho (várias ilhas)

-vidro (várias ilhas)

### **FAIANÇA**

Tem-se vindo a diversificar nas cores e nos géneros de apelo, mas durante o século XX assentou fundamentalmente nos motivos vegetalistas desenhados a azul sobre fundo branco. Na origem, porém, o fundo era amarelado e os motivos, embora vegetalistas também, tanto podiam ser azuis como verdes. A loiça açoriana de barro vidrado está intimamente ligada à Cerâmica Vieira, fundada no século XIX na cidade da Lagoa (ilha de São Miguel), e tem expressão máxima nas terrinas tradicionais.

ATENÇÃO TAMBÉM A:

-osso e marfim (Pico e Faial)

-olaria (Santa Maria, São Miguel, Terceira e Graciosa)

-escultura (várias ilhas)

-cantaria artística (várias ilhas)

-lapinhas (várias ilhas)



### **AZULEJOS**

Desenvolveram-se nas lhas Terceira e São Miguel, ao longo do século XIX, e provêm não apenas da Cerâmica Vieira, mas também de outras unidades fabris. Revestiam as fachadas de prédios urbanos e as paredes das capelas, nomeadamente em composições figuradas de azul-cobalto, e hoje podem ser adquiridos em diferentes formatos. Relevados ou lisos em estampilha, produzem-se tanto com motivos vegetalistas bicromáticos como em padrões geométricos multicoloridos.

ATENÇÃO TAMBÉM A:

- figurados (São Miguel)

### **VIME**

Junco, cana bambu, espadana, dragoeiro – foi diversa a vegetação que, ao longo dos séculos, permitiu aos povoadores dos Açores a construção de artefactos de sobrevivência. Entre as principais fibras vegetais utilizadas, porém, o vime ocupa há muito tempo o primeiro lugar, permitindo desenvolver uma arte de cestaria capaz de ombrear com as melhores. A actividade tem particular vigor na ilha Terceira, onde se desenvolveu em termos decorativos sem perder o carácter multifuncional.

ATENÇÃO TAMBÉM A:

- folha de milho (São Miguel)
- miolo de figueira (Faial)
- sementes naturais (São Miguel)
- outras fibras vegetais (várias ilhas)

### **INSTRUMENTOS MUSICAIS**

Ou «instrumento musical», porque a viola da terra não se deixa disputar no papel de rainha dos instrumentos regionais. De doze cordas em São Miguel ou de quinze na Terceira, é composta de caixa de ressonância, braço, cravelhas de afino, escala e cavaleta. Apenas as cordas são de fabrico industrial, sendo tudo o mais artesanal. Acompanha canções como a Chamarrita, a Sapateia ou a Bela-Aurora – entre tantas outras – e já aí anda desde o século XVI.

ATENÇÃO TAMBÉM A:

- marcenaria e talha (várias ilhas)
- miniaturismo (várias ilhas)





## DANÇAS E BAILHINHOS DE CARNAVAL

### **UM PENHOR PARA TODAS AS ARTES**

É teatro, é dança, é música, é poesia. Nas Danças e Bailinhos de Carnaval, originárias da Terceira, desembocam muitas das vocações artísticas de um povo. Ao todo, são mais de seis dezenas de peças de teatro por ano, e que, ao longo dos quatro dias em que decorre a celebração do Carnaval, percorrem dezenas de palcos cada uma. Chamam-lhe «uma das maiores tradições de teatro popular do mundo» e, embora o mundo seja grande de mais para se poder dizê-lo, é seguramente singular nos contextos português e europeu. A tradição tem origem no teatro que se representava a bordo das naus, durante a Expansão, e, durante séculos, assentou sobretudo nas Danças de Espada, versificadas em redondilha maior rimada; comandadas por um mestre vestido de forma diferenciada; introduzidas, intermediadas e encerradas por um corpo de dança e representação; e acompanhadas por músicos de cordas e sopros. Entretanto, praticam-se sobretudo os Bailinhos, mais ligeiros e cómicos.





ANTERO DE QUENTAL

## **EMINÊNCIA DAS ILHAS E DO PAÍS**

Gaspar Frutuoso (1522-1591), historiador, sacerdote e humanista micalense, é um dos primeiros nomes a ter em conta na literatura açoriana. O seu *Saudades da Terra*, descrição histórica e geográfica dos arquipélagos dos Açores, Madeira e Canárias do século XVI, é hoje uma obra de referência incontornável. Francisco Ferreira Drummond (1796-1858), historiador, paleógrafo, músico e político terceirense, seguiu-lhe os passos. Contudo, talvez ninguém possa reclamar maior projecção dos Açores do que Antero de Quental (1842-1891), escritor e poeta micalense que teve um papel fundamental no movimento literário, político e estético encabeçado pela chamada Geração de 70. Comparsa de Eça de Queiroz, entre tantos outros fundadores da modernidade na literatura portuguesa, tem um alcance verdadeiramente transversal ao país. Apesar disso, é também, de algum modo, o pai da literatura dos Açores, onde nasceu e se suicidou. Nemésio, Natália ou João de Melo: ninguém lhe negou reverência.





## OS BALHOS E O CANCIONEIRO

### **DA VIOLA-DA-TERRA À CHAMARRITA**

A Direcção Regional de Cultura dos Açores discute neste momento a possibilidade de candidatar o cancionero popular regional à categoria de Património Imaterial da Humanidade, em sede da UNESCO, e não é para menos. As canções são célebres, muitas danças exuberantes e os instrumentos tradicionais que as acompanham a ambas de riquíssimas referências. Constituída por uma caixa de ressonância alta, estreita e em forma de “8”, a viola-da-terra, instrumento musical mais emblemático das ilhas, tem dois tipos principais (micalense e terceirense) e está presente em quase todas as ilhas, com diferenças de construção, encordoamento, afinação e técnica de execução. Pode ter 12 ou 15 cordas, e também se lhe pode chamar viola-de-dois-corações. Supremo balho regional, a Chamarrita é dançada aos pares, que bailam segundo a ordem do mandador e com acompanhamento tanto da dita viola-da-terra como (consoante as composições dos grupos) do violão, do bandolim e/ou do violino, entre outros instrumentos. A tradição tem séculos e continua exuberante.

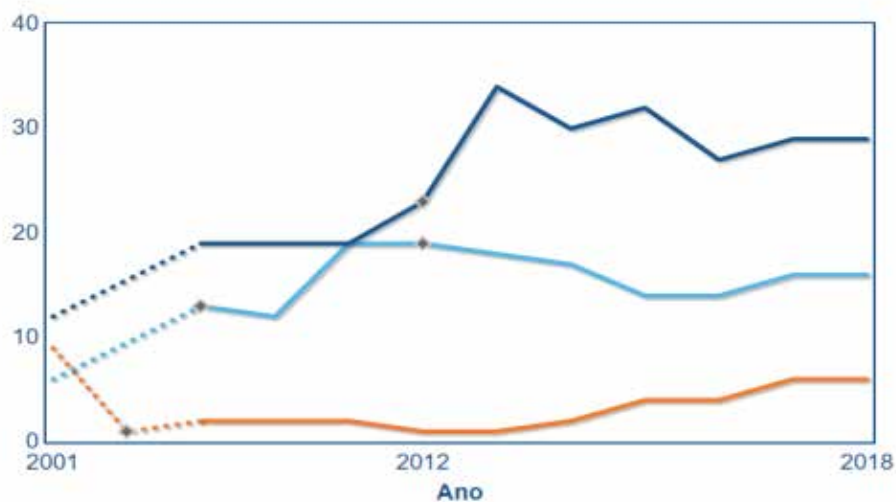






## EQUIPAMENTOS CULTURAIS

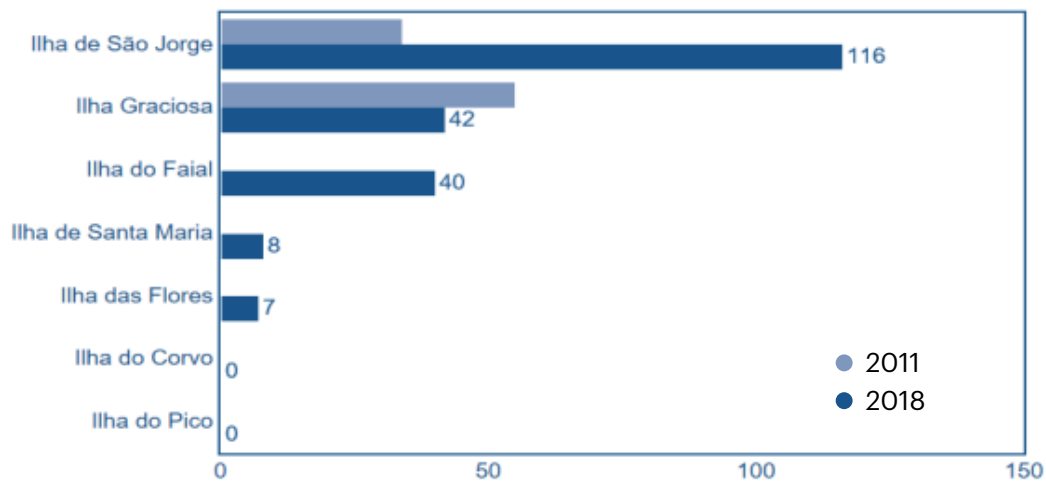
Equipamentos culturais nos Açores (3,2% dos cinemas, 3,7 dos museus e 2,8 das galerias de arte do país)



FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA/PORDATA-FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS

## ESPECTÁCULOS AO VIVO POR ILHA

Evolução do número de espectáculos culturais realizados nas ilhas dos Açores



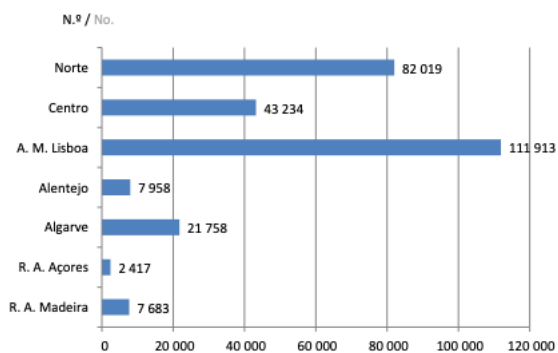
\* dados confidenciais para as ilhas São Miguel e Terceira

FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA/PORDATA-FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS



## ESPECTADORES DE CINEMA

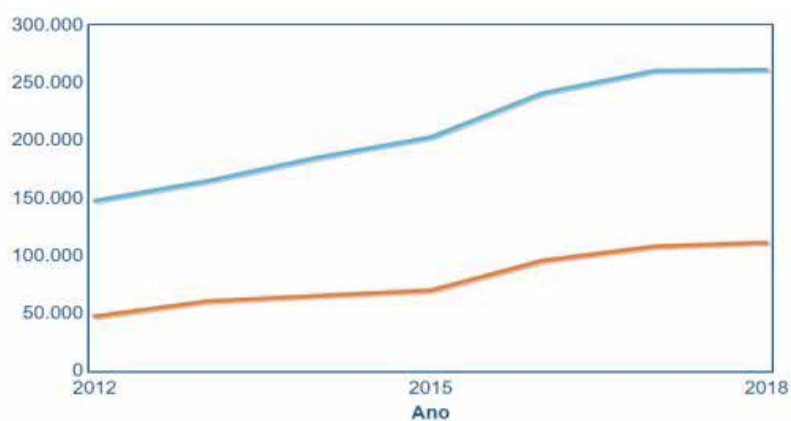
Espectadores de cinema nos Açores e nas diferentes regiões do país em 2019



FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

## VISITANTES EM MUSEUS

Visitantes recebidos pelos museus dos Açores (111.730 estrangeiros; 261.792 no total)



FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA/PORDATA-FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS







KATIA GUERREIRO,  
FADISTA

## **OS AÇORES SÃO UMA HISTÓRIA QUE TEM DE SER CONTADA COM UMA NOVA NARRATIVA**

**Katia d'Almeida d'Oliveira Guerreiro, 45 anos, nasceu na África do Sul e cresceu nos Açores, região a que chama terra-mãe. Licenciou-se em Medicina, mas foi enquanto fadista que ganhou reputação nacional e internacional. Começou a carreira artística num rancho folclórico da ilha de São Miguel e, entretanto, editou sete discos de fado (mais registos ao vivo e compilações), género de que é considerada uma das vozes mais proeminentes da «nova geração». Dá concertos por todo o mundo e foi condecorada pela Presidência da República como Comendadora da Ordem do Infante D. Henrique.**

*«Os Açores vivem um momento único na história com a oportunidade de reconstrução e de viragem (ou mudança) de paradigmas, graças às circunstâncias que obrigaram a uma reflexão profunda sobre o presente que vive aprisionado num passado que hipotecou o futuro de muitas gerações. Também graças à feliz comunhão de um conjunto de pessoas que vivem a paixão pela terra que lhes deu a alma esperançosa de um dia poderem devolver e contribuir para que aconteça a prosperidade possível que as próprias características das ilhas prometem: a localização, o mistério, a generosidade, os valores humanos, as tradições, a paisagem singular, a densidade de emoções que devolvem dimensão à vida de quem chega, mas acima de tudo as pessoas que de ilha em ilha se revelam de forma distinta. E é pelas pessoas, pelos açorianos, por cada graciosense, cada picaroto, cada florentino, cada terceirense, cada corvino, cada jorgense, cada micalense, cada mariano, cada faialense, que*



*precisam e merecem essa distinção e dignidade humana. É o que a prosperidade e a riqueza desejada obrigatoriamente lhes deve conferir.*

*O caminho passa, sobre qualquer outra forma de caminhar, por incutir a educação pela ambição, incutir a consciência da sua própria existência que pode ser vivida de forma mais integrada em tudo o que significa ser açoriano, aproveitando a cultura, nas suas diferentes valências, sendo elas artísticas ou técnicas. Promover o espírito crítico.*

*Só conquistando esse nível de consciência cívica de grupo, de consciência da responsabilidade individual e de grupo, de amor próprio, de orgulho que traduza a açorianidade, sem nunca perder a autenticidade, se consegue mostrar ao mundo o que é AÇORES.*

*Melhorar serviços, ofertas distintas, vai ser a chave de um futuro mais digno, mais justo, mais luminoso, onde acredito que, para além de atenuar os desequilíbrios sociais acentuados que hoje existem, deixará seguramente felizes todos os que já beneficiam da riqueza do arquipélago porque poderão ver facilitadas as suas missões e negócios.*

*Vejo com emoção e esperança profunda o que aqui se iniciou.*

*O Duarte Freitas diz que tem sorte, mas eu sublinho que acredito que tem a virtude de identificar e juntar as pessoas que comungam da mesma forma de viver e sentir. Faz toda a diferença o facto de serem estas e não outras pessoas. Faz toda a diferença o facto da força motriz destes dias ser a paixão que não é a única razão para ficar. É sim um projecto ambicioso mas que vale muito mais do que quaisquer 20 milhões de euros de investimento em marketing de marca.*

*É no futuro que se aposta!*

*É nos açorianos que devemos investir.*

*Cada vida salva é uma gigante conquista.*

*Os Açores são muito mais do que uma marca. São uma história que tem de ser contada com uma nova narrativa.*

*Sinto muito orgulho em fazer parte deste espírito. Sinto honra imensa em fazer parte desta história.*

*Que o Divino Espírito Santo e o Senhor Santo Cristo nos acompanhem e iluminem.»*







---

# 7 DILEMAS PARA UMA ESTRATÉGIA DE MARCA

- Como transformar a cultura dos Açores – da música à literatura, da escultura à pintura, da arquitectura à própria televisão – numa showcase reconhecível e inescapável da identidade e da alma açorianas?
  - Como juntar a produção cultural contemporânea dos Açores à cultura tradicional açoriana no interesse e na atenção dos turistas – e como fazê-lo sem prejuízo da integridade de uma ou de outra?
  - Como persuadir as autoridades públicas, as entidades privadas e os próprios criadores das vantagens de um roteiro artístico (e turístico) capaz de transcender o tradicional universo das bibliotecas e museus?
  - Como rebocar a cultura açoriana, com a projecção da Marca Açores no país e no mundo, no sentido da aquisição de mundividência, da modernização (ou diversificação) de linguagens e de uma produção (independentemente da sua capacidade de subsistência) profissional?
  - Como convencer os artistas dos Açores de que o seu referencial primeiro, do ponto de vista do mercado, deve ser o mundo, e não o arquipélago ou sequer o país? E como convencer o mundo a corresponder a isso?
  - Como atrair os criadores de fora da região – de Portugal, da Europa, da América e do mundo – para o potencial de storytelling dos Açores, tanto na música como na literatura ou no cinema?
  - Como criar condições para a recrutamento de artistas internacionais para produzirem as suas obras nos Açores, em diálogo com a paisagem física e humana local?
-



«Sir Richard Grenville encontrava-se  
perto das Flores, nos Açores,  
quando uma pinaça, veloz como um pássaro,  
chegou com notícias  
de que ao longe se avistavam cinquenta  
e três navios de guerra espanhóis.»

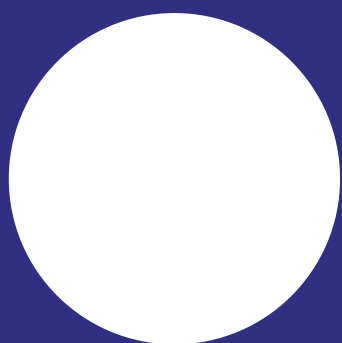


**LORD ALFRED TENNYSON**

*The Revenge — A Ballad of the Fleet, 1878*







# **O DESPORTO DOS AÇORES**

3







# PRÓXIMO OBJECTIVO: A EXCELÊNCIA

O desporto açoriano tem crescido nas últimas décadas, e os seus feitos já não são de somenos. Entretanto, o novo governo regional diz querer «incentivar a prática, apoiar o esforço e premiar o mérito», anunciando uma estratégia para promover um melhor acompanhamento aos praticantes de Alto Rendimento. Talvez um dia Pedro Pauleta tenha companhia na galeria dos grandes heróis do desporto regional.

---

**N**OS PRIMEIROS DIAS DO VERÃO, quando os manjericos e as morcelas se fundem num cheiro só e sobre eles ecoa a música das marchas populares, o desporto desce às ruas de Angra do Heroísmo. A comissão organizadora das Sanjoaninas guarda um dia para aplaudir os desportistas, e nenhum praticante quer deixar de participar nas maiores festas profanas dos Açores.

E, durante horas, ali vão eles: futebolistas e basquetebolistas, velejadores e kick-boxeurs, crianças iniciadas ao golfe e senhoras que aderiram à hidroginástica já na chamada terceira idade – gente de todas as idades e graus de instrução, de todas as classes sociais e níveis de perícia desfilam Rua da Sé abaixo, e depois entre a Rua de São João e a Rua Direita, até se curvarem ao aplauso final da Praça Velha.

São centenas de pessoas, e chega a ser surpreendente constatá-lo: a obesidade infantil – tanto quanto as doenças coronárias, aliás – é um dos rankings de subdesenvolvimento humano que mais infelizmente os açorianos lideram a nível nacional. A verdade, porém, é



que, na outra ponta do espectro, estão índices de participação e representação desportivas assinaláveis. Tanto no desporto amador como no desporto recreativo (e até no desporto terapêutico, quando disso se trata), a actividade chega a ser exultante. Ao todo, há nos Açores atletas federados de 30 desportos diferentes. E bastos deles são profissionais, formal ou informalmente – por exemplo, em modalidades como o futebol, o basquetebol ou o voleibol.

### **PEQUENOS-GRANDES HERÓIS**

Os resultados, do ponto de vista competitivo, nem sempre têm sido extraordinários. Mas em 2021 merecerá destaque pelo menos o diploma olímpico conquistado nos Jogos Paralímpicos pela atleta terceirense Ana Margarida Filipe, saltadora em comprimento. Tal como a chegada do Santa Clara às competições europeias de futebol, em cuja Conference League um triunfo no primeiro jogo com o histórico Partizan de Belgrado (2-1) há-de ficar na história do desporto das ilhas.

Isto sem falar, claro, nos títulos nacionais conquistados nos últimos anos pela Fonte do Bastardo, da Terceira, no voleibol, e pelo Juncal, também da Terceira, no ténis de mesa. Ou ainda nos brilharetes ainda não há muitos anos obtidos pelo Sporting da Horta, do Faial, no andebol; pelo Candelária, do Pico, no hóquei em patins; pelo Lusitânia, da Terceira, no



basquetebol; e pelo Judo Clube de São Jorge, de São Jorge, no judo (entre outros). E fora, aliás, os vários feitos de Dário Moitoso, atleta de trail run premiado pela comunicação social do arquipélago como Desportista do Ano 2020 na Gala do Desporto Açoriano, que anualmente galardoa dezenas de atletas, treinadores, dirigentes, árbitros e outras personalidades.

Ademais, o desporto açoriano pode orgulhar-se de ter colocado pelo menos um atleta nas parangonas internacionais durante anos. Nascido na ilha de São Miguel, nos bairros pobres da freguesia de São Roque, Pedro Pauleta chegou ao topo enquanto futebolista da selecção nacional portuguesa e de vários clubes espanhóis e franceses. Foi o primeiro jogador a representar o país sem alguma vez ter jogado numa primeira divisão e apenas deixou a equipa nacional ao fim de 88 jogos e 47 golos, que lhe valiam na altura o estatuto de melhor marcador de sempre. Brilhou sucessivamente no Salamanca e no Deportivo da Corunha (com que foi campeão nacional de Espanha), no Bordéus e no Paris Saint-Gérmain (de que foi então eleito o melhor jogador estrangeiro de sempre). Grandes painéis com a sua imagem a corpo inteiro chegaram a tapar por completo edifícios dos Campos Elísios.

No dia em que marcou os seus primeiros golos pela equipa nacional, numa célebre partida frente ao Azerbaijão (1999), dedicou-o «a todos os portugueses e a todos os açorianos», e durante toda a carreira celebrou os golos com os braços abertos, simbolizando o voo do milhafre – a ave mais emblemática dos Açores –, num gesto que entrou para a iconografia do mundo do futebol. Até ao seu aparecimento, quase nenhum atleta dos Açores acreditou verdadeiramente que lhe era lícito pensar com o triunfo nacional, quanto mais internacional. A missão de demonstrar o contrário colou-se-lhe à pele, e os açorianos souberam agradecer-lho. De resto, ainda hoje ensina isso – além de uma série de outros aspectos fundamentais da formação humana – na escola de futebol da fundação que leva o seu nome.

### **MOBILIZAÇÃO, FORMAÇÃO, COESÃO**

As autoridades políticas, em que se tem concentrado a coordenação dos esforços de clubes e atletas pela reunião de recursos, procuram estar à altura. Durante o ciclo olímpico 2016-2020, foram investidos cerca de 772 mil euros na procura da excelência desportiva no atletismo, no golfe, no judo, no karaté, na natação, no ténis de campo, no ténis de mesa

As ilhas  
dos Açores têm  
índices de participação  
e representação  
desportivas assinaláveis.  
Ao todo, há no  
arquipélago atletas  
federados  
de 30 modalidades  
diferentes





e na vela (e ainda na ginástica aeróbica desportiva, modalidade não olímpica). A escolha do director regional para o quadriénio 2020-2024 visa reforçar essa aposta na excelência, bem como na transferência para o desporto não só do sistema de valores que enforma o povo açoriano – a resiliência, a vontade indómita, a capacidade de renascer, a empatia com o outro –, mas da reputação (e até da liderança) de que as ilhas gozam noutras áreas da sociedade.

Técnico Superior do Instituto Português de Desporto e Juventude, de que é responsável pela Gestão dos Programas de Preparação Olímpica e Paralímpica (cargo que acumula com o de Consultor de Direcção Desportiva na Federação Portuguesa de Futebol), Luís Carlos Couto é desde sempre um homem da formação. O programa de governo com que se comprometeu reconhece nos Açores uma «capacidade desportiva mobilizadora de diferentes gerações (...) com milhares de atletas»; promete «incentivar a prática, apoiar o esforço e premiar o mérito (...) desde o desporto escolar até à alta competição»; e assegura que vai «promover uma melhoria no acompanhamento e apoio aos praticantes desportivos de Alto Rendimento.»

Tudo isso sem prejuízo do enquadramento basilar da actividade (que aliás não só congrega agora uma direcção regional mas passa a co-nomear uma secretaria regional – a Secretaria Regional da Saúde e Desporto). Isto é: o reconhecimento do desporto «como fator







importante na promoção da igualdade de oportunidades, igualdade de género, inclusão social, coesão social e cidadania ativa.»

## **A APOSTA NOS GRANDES EVENTOS**

Entretanto, serão desenvolvidos esforços no sentido de «facilitar e apoiar a organização, na Região, de eventos desportivos internacionais, com especial foco na sua sustentabilidade.» E, à cabeça, como seria de esperar, vem a potenciação das «belezas naturais» e da «orla costeira», especialmente com a promoção de «desportos de natureza e náuticos, através da cooperação intersectorial com as áreas do turismo e ambiente.»

Algumas das medidas já vinham do passado, outras começam a ser aplicadas agora. Mas a intenção já produz resultados. Só em 2021, realizaram-se nos Açores provas importantes

Atletismo,  
futebol, voleibol,  
ténis de mesa,  
andebol, basquetebol,  
judo, trail run: dezenas  
de atletas  
e personalidades  
são homenageadas  
todos os anos  
numa gala

das mais diversas modalidades náuticas. A praia de Santa Bárbara, na Ribeira Grande (São Miguel), voltou a receber uma etapa de qualificação do circuito mundial de surf. A baía da Horta (Faial) foi o palco escolhido para a derradeira etapa do Campeonato Nacional de Fórmula de Windsurf, incluindo as disciplinas de Fórmula Foil, Fórmula Windsurf Fin, IQFoil Raceboard e Course Racing Open. O Ilhéu de Vila Franca (São Miguel) recebeu uma das provas de qualificação mais desafiantes e difíceis do Red Bull Cliff Diving World Series. E a costa de Angra do Heroísmo abriu os braços durante quatro dias ao Campeonato de Portugal de Cruzeiros ORC.

Provar que os Açores podem proporcionar uma onda como nenhuma outra: eis o desiderato.

Para desportistas, para adeptos de desporto, para simples curiosos – para todos aqueles que integrem ou acompanhem os diferentes circos desportivos, e a pretexto dos quais se tornam turistas também. Todos a caminho de um lugar onde cada um pode acordar todos os dias no desejo de melhorar a sua vida – de sentir! Todos, esperam as autoridades, a caminho de viver experiências com que, até aqui, apenas sonharam. À sombra da montanha mais alta onde se busca o nascer-do-sol perfeito. No mar.

## **O MAR, A TERRA E O CORAÇÃO**

No mar e em terra, aliás. Porque também ela ajuda a levar o turismo natureza ao estatuto de principal produto turístico para o Açores. Desde logo, através do trail run e do atletismo de estrada, áreas em que os Açores organizam cada vez mais competições de relevo. Ou





do ténis, ou ainda do golfe (entre outros desportos), em que ciclicamente vão sendo organizadas, ou mesmo importadas, novas competições. E, claro, do rali. Há já 55 edições que se realiza o hoje chamado Rali dos Açores, uma das provas mais exigentes – e mais belas, na opinião de todos os pilotos – do actual European Rally Championship. Em 2021, e ao fim de mais de duas horas e meia de volante que o deixaram com uma vantagem de 14,8 segundos sobre o espanhol Dani Sordo, venceu o norueguês Andreas Mikkelsen, cujo currículo não engana: três triunfos e mais de 20 pódios no World Rally Championship. Há duas décadas que o sector do desporto, nos Açores, se vem movendo com cada vez mais vigor. A ideia, agora, é fazê-lo passar para a próxima dimensão, com benefícios tanto para a autoestima do arquipélago, como para a sua imagem e até para a sua hotelaria. Mas sem atropelos, e por isso José Manuel Bolieiro já anunciou a adesão da região à Sport Integrity Global Alliance – ou Aliança Global para a Integridade no Desporto –, cujo fundador e CEO é, aliás, um açoriano: Emanuel Medeiros, antigo CEO da Ligas Europeias de futebol.









## CONSELHO AÇORIANO PARA O DESPORTO DE ALTO RENDIMENTO

### EM BUSCA DOS JOGOS OLÍMPICOS

«Investir verbas mais elevadas nos que são efetivamente mais capazes e menos nos que ainda não tem uma expressão competitiva de relevo.» As palavras são de Luís Carlos Couto, director regional de Desporto dos Açores, e foram proferidas no momento em que Clélio Meneses, secretário regional da Saúde e Desporto, dava posse ao novo Conselho Açoriano para o Desporto de Alto Rendimento. O órgão, criado em 2021, pretende «redistribuir melhor» os recursos existentes para o sector, quebrando o actual paradigma de «algum facilitismo». Pedro Pauleta e Maria de Lurdes Carvalho, nomeados pelo Secretário Regional da Saúde, juntam-se a uma série de outras personalidades, incluindo representantes da Direção Regional do Desporto, da Direção Regional da Educação e das modalidades com cinco ou mais atletas federados. O objectivo último é permitir aos atletas açorianos chegarem aos Jogos Olímpicos, para o que foram criadas duas categorias de atletas a promover: Jovem Talento Regional e Aspirante a Jovem Talento Regional.







## CLUBE DESPORTIVO ESCOLAR DO CORVO

### COMO SE FOSSE A CHAMPIONS LEAGUE

«Foi inédito, foi diferente, foi entusiasmante!», exultou José Manuel Silva, presidente da Câmara Municipal do Corvo, no dia da consagração. Pela primeira vez em 2021-2022, a pequena ilha do Corvo, oficialmente com menos de 400 habitantes, vai estar representada no campeonato nacional de qualquer modalidade desportiva. O feito foi-lhe oferecido pelo Clube Desportivo Escolar do Corvo, vencedor do Campeonato de Futsal da Associação de Futebol da Horta em 2020-2021, e concretizado com uma vitória sobre o Grupo Desportivo da Piedade, da ilha do Pico, que levou ao delírio o pavilhão desportivo do Corvo, tão cheio quanto os corvinos podem encher o que quer que seja. «Não me lembro de uma festa tão grande, tirando a festa da Nossa Senhora dos Milagres. Fizemos a festa nas ruas, fizemos caravanas...», comentou João Machado, repórter de imagem da RTP Açores, que acompanhou o jogo. Etapa seguinte: a III Divisão nacional, Série Açores – mas a pensar no inefável.





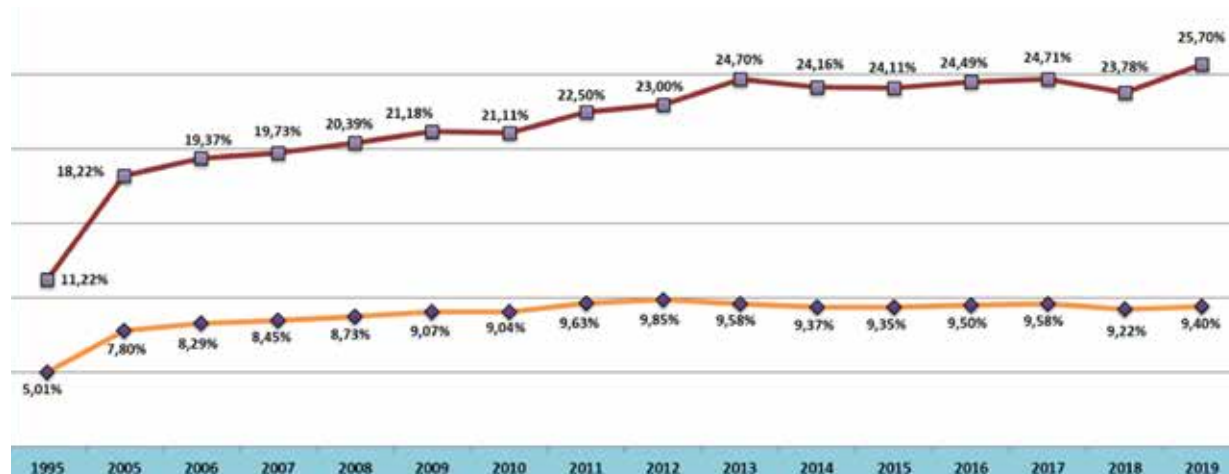






## A PRÁTICA DESPORTIVA NOS AÇORES

A evolução da taxa de participação dos açorianos em actividades desportivas entre 1995 e 2019



FONTE: DIRECÇÃO REGIONAL DE DESPORTO

## PRATICANTES DE MODALIDADES COMPETITIVAS NOS AÇORES

22816 atletas repartidos entre 47 desportos distintos – sob a égide de federações e fora delas

MODALIDADES	MASCULINOS							FEMININOS							TOTAL								
	MINIS	INFANTES	INICIADOS	JUVENIS	JUNIORES	SENIORES	TOTAL	MINIS	INFANTES	INICIADOS	JUVENIS	JUNIORES	SENIORES	TOTAL	MINIS	INFANTES	INICIADOS	JUVENIS	JUNIORES	SENIORES	SOMA	%	
Aeródutics	0	0	0	0	0	5	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5	0,02%	
Andebol	127	65	66	66	23	59	408	29	17	1	14	0	0	81	156	82	87	80	23	59	487	2,05%	
Atividades Subaquáticas	0	0	0	0	0	16	16	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	17	17	0,07%	
Atletismo	131	94	93	114	78	232	742	145	96	120	104	68	108	641	276	190	213	218	146	340	1.383	6,06%	
Automobilismo	0	0	0	2	3	225	230	0	0	0	0	0	2	21	23	0	0	2	5	246	253	1,11%	
Badminton	60	26	29	17	14	33	179	46	23	17	12	7	8	115	108	49	46	29	21	41	294	1,29%	
Basquetebol	307	167	48	71	46	89	728	301	196	83	86	72	52	792	608	345	131	157	118	141	1.820	8,06%	
Canagem	5	5	8	17	14	64	113	3	3	4	1	4	16	31	8	8	12	18	18	80	144	0,63%	
Ciclismo	48	32	43	29	18	362	472	20	16	12	2	2	16	68	68	48	55	31	20	318	549	2,37%	
Columbofilia	0	0	0	0	0	28	28	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	28	28	0,12%	
Dança Desportiva	5	6	13	8	5	6	43	20	24	15	17	10	19	105	25	30	28	26	15	25	148	0,65%	
Desporto Adaptado	0	0	0	7	9	48	64	0	0	0	0	1	3	22	26	0	0	0	8	12	70	90	0,39%
Desporto Equestre	0	7	8	8	14	25	62	0	16	40	15	31	35	137	0	23	48	23	45	80	199	0,87%	
Escalada	0	0	0	0	0	3	3	0	0	0	0	0	0	4	4	0	0	0	0	7	7	0,03%	
Egrima	7	12	3	3	3	2	30	2	2	1	0	1	2	8	9	14	4	3	4	4	38	0,17%	
Futebol	1.614	743	607	495	361	943	4.823	57	20	28	18	4	12	139	1.671	763	696	613	368	985	4.962	21,75%	
Futsal	370	263	227	278	230	628	1.996	38	22	20	22	26	89	217	408	285	247	300	256	717	2.213	9,70%	
Ginástica Acrobática	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	1	1	0	2	0	0	0	1	2	0	3	0,01%	
Ginástica Aeróbica	0	3	4	4	2	1	14	0	83	66	49	9	4	191	0	66	70	53	11	5	205	0,90%	
Ginástica Artística	9	5	2	2	0	0	18	24	22	17	8	4	3	78	33	27	19	10	4	3	96	0,42%	
Ginástica Para Todos	0	2	1	1	0	0	4	0	1	4	4	1	1	11	0	3	5	5	1	1	15	0,07%	
Ginástica Rítmica	0	0	0	0	0	0	0	43	23	13	10	11	2	102	43	23	13	10	11	2	102	0,45%	
Ginástica Trampolins	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3	0	0	0	4	0	1	3	0	0	0	4	0,02%	
Golfe	0	21	13	5	8	367	414	0	7	5	3	2	28	45	0	28	18	8	10	395	469	2,01%	
Hóquei em Patins	54	62	35	36	27	65	279	16	13	10	12	11	2	64	70	75	45	48	38	67	343	1,50%	
Jet ski	0	0	0	0	6	17	23	0	0	0	0	0	9	3	12	0	0	0	0	15	20	0,09%	
Judo	453	44	73	73	52	184	879	273	30	28	37	34	55	457	726	74	101	110	86	230	1.336	5,86%	
Karaté	178	96	81	56	51	155	617	108	52	36	24	37	53	310	286	148	117	80	88	208	927	4,06%	
Kickboxing	0	11	21	24	20	29	105	0	5	6	6	7	13	37	0	16	27	30	27	42	142	0,62%	
Motociclismo	0	4	0	0	0	45	49	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	45	0,21%	
Natação	285	57	0	64	41	41	488	297	82	0	70	43	23	515	582	139	0	134	64	64	1.063	4,60%	
Parapente	0	0	0	0	4	29	33	0	0	0	0	0	2	2	4	0	0	0	0	6	31	0,18%	
Patinação Artística	3	9	2	5	2	2	23	53	199	66	55	9	8	280	56	206	68	60	11	10	413	1,81%	
Patinação Velocidade	5	7	5	12	4	2	35	12	19	18	12	2	1	64	17	26	23	24	6	3	99	0,43%	
Pedestrianismo	0	1	0	0	0	19	20	0	0	0	0	0	12	12	0	1	0	0	0	31	32	0,14%	
Pesca Desp. Alto Mar	0	0	0	0	0	43	43	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	44	44	0,19%	
Pesca Desportiva	0	0	0	0	9	62	61	0	0	0	0	5	2	7	0	0	0	0	14	54	68	0,30%	
Skate	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0,00%	
Skysurfing	0	0	0	0	1	5	6	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	6	7	0,03%	
Surf	0	7	4	10	7	33	61	0	2	0	3	2	6	13	0	9	4	13	9	39	74	0,32%	
Ténis	0	263	39	40	25	96	466	0	191	38	20	10	33	282	0	454	67	60	35	132	748	3,28%	
Tiro de Mesa	0	74	77	110	67	96	447	0	73	68	81	66	44	232	0	147	145	191	153	143	779	3,41%	
Tiro com Armas Capa	0	0	0	0	5	81	86	0	0	0	0	0	5	7	0	0	0	0	0	5	88	0,41%	
Tiro de Precisão	0	0	0	0	15	201	216	0	0	0	0	0	9	19	28	0	0	0	24	220	244	1,07%	
Vela	0	66	0	88	49	72	275	0	21	0	41	11	6	79	0	87	0	129	60	78	354	1,55%	
Voleibol	532	0	109	113	182	200	1.056	748	0	277	247	132	169	1.573	1.280	0	386	360	234	369	2.629	11,52%	
Xadrez	27	28	22	12	14	30	133	10	9	7	6	0	2	34	37	37	29	18	14	32	167	0,73%	
TOTAL	4.220	2.180	1.693	1.770	1.350	4.580	15.793	2.247	1.250	993	981	647	905	7.023	6.467	3.430	2.686	2.751	1.997	5.485	22.816	100,00%	
(%)	18,50%	9,55%	7,42%	7,78%	5,92%	20,67%	9,85%	5,48%	4,35%	4,30%	2,84%	3,97%	28,34%	15,03%	11,77%	12,09%	8,79%	24,04%					
	% masculina						69,22%	% feminina						30,78%	% escalão							100,00%	

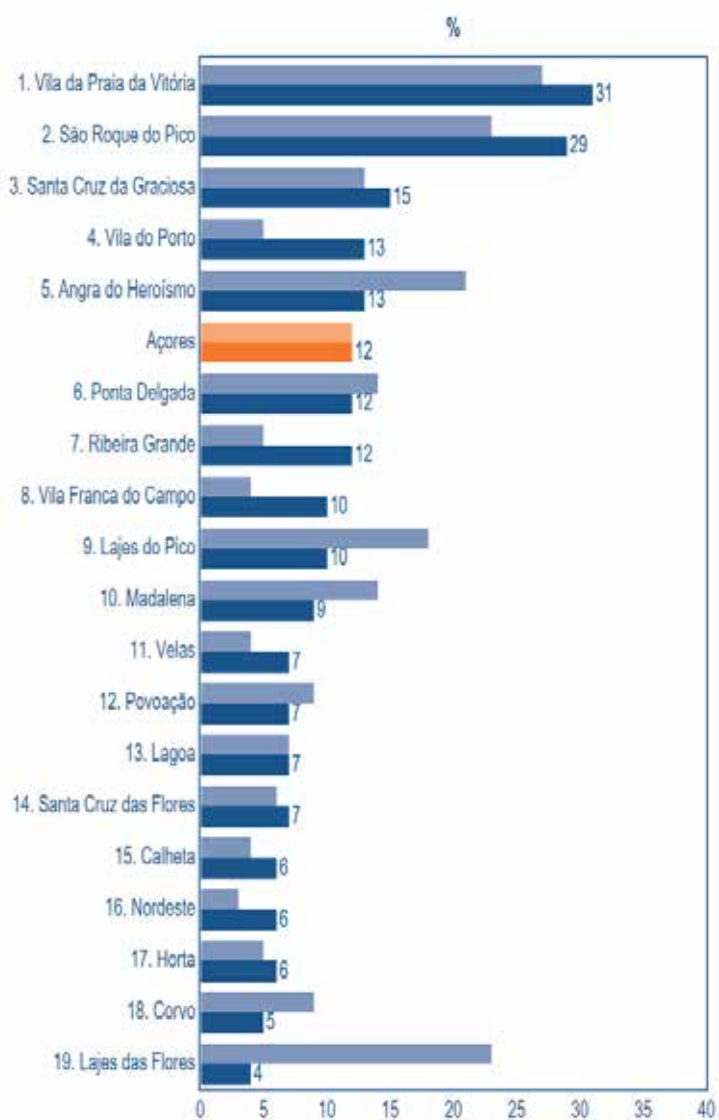
FONTE: DIRECÇÃO REGIONAL DE DESPORTO



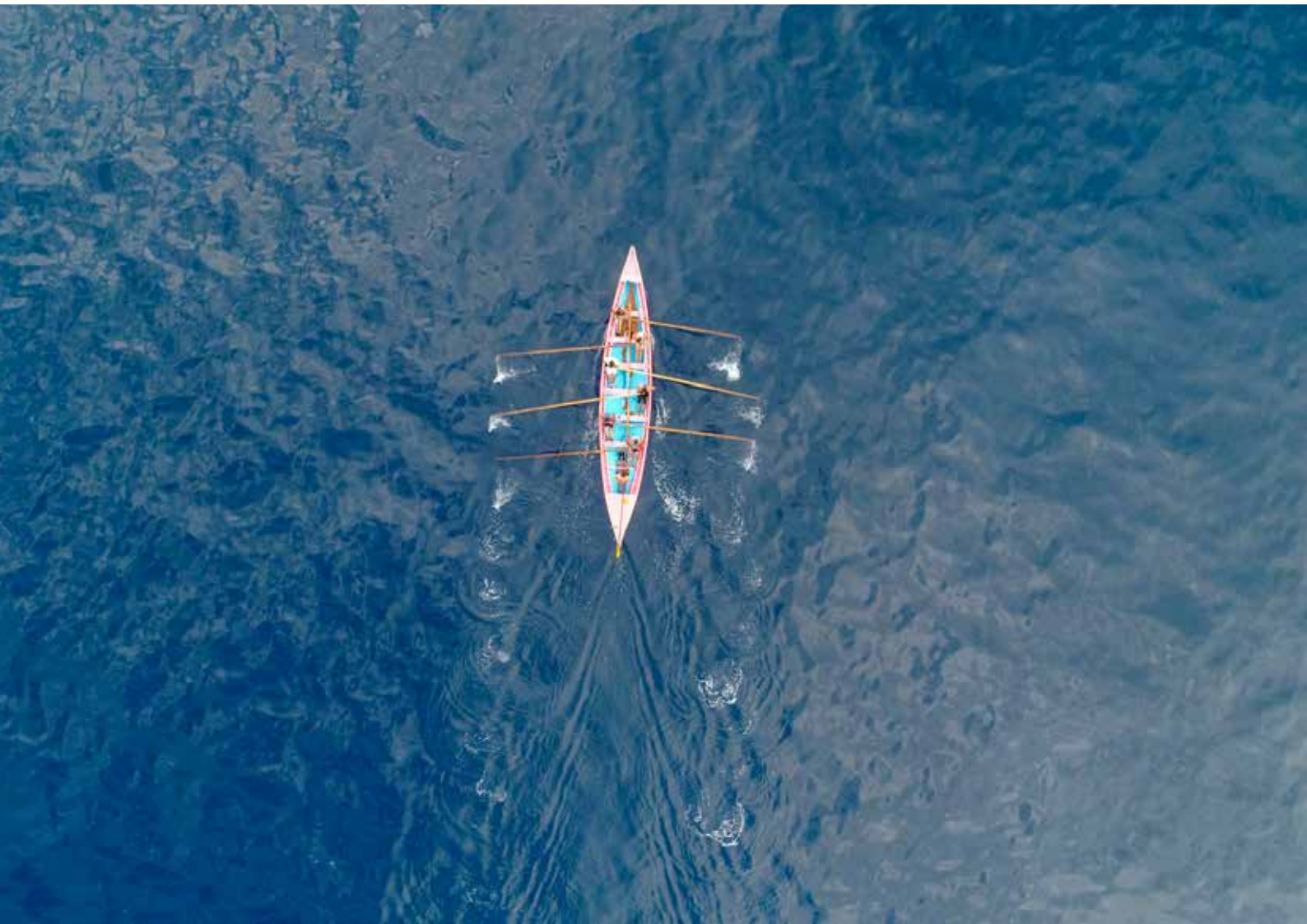


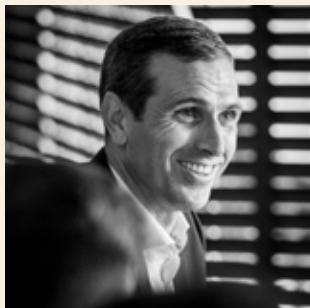
## INVESTIMENTO DOS MUNICÍPIOS EM CULTURA E DESPORTO

Evolução entre 2009 e 2018 das despesas feitas pelas câmaras municipais dos Açores nos sectores da cultura e do desporto



FONTE: INSTITUTO NACIONAL  
DE ESTATÍSTICA/PORDATA-FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS





PEDRO PAULETA,  
PROFISSIONAL DE FUTEBOL

## «O DESPORTO NUNCA DEVE FICAR À FRENTE DA ESCOLA»

**Pedro Miguel Carreiro Resendes, ou «Pauleta», tem 48 anos e nasceu em Ponta Delgada. Foi o primeiro futebolista a representar a selecção nacional portuguesa sem alguma vez ter jogado numa primeira divisão e apenas deixou a equipa nacional ao fim de 88 jogos e 47 golos, que lhe valiam na altura o estatuto de melhor marcador de sempre. Ponta-de-lança nato, brilhou no Salamanca e no Deportivo da Corunha, em Espanha; e no Bordéus e no Paris Saint-Gérmain, em França. Foi campeão espanhol e eleito, em 2010, o melhor futebolista estrangeiro da história do clube parisiense, em que hoje jogam Messi, Neymar e Mbappé. Foi condecorado com o título de Oficial da Ordem do Infante D. Henrique e é director da Federação Portuguesa de Futebol.**

*«Os açorianos têm bastante apetência para o desporto. Todas as ilhas têm várias modalidades, e o número de clubes é considerável. O potencial, na minha opinião, é imenso.*

*Agora, penso que ainda podemos crescer no número de praticantes. Sobretudo, parece-me que os jovens deviam praticar vários desportos ao mesmo tempo, para depois poderem escolher o que preferem sem desânimos.*

*E, já agora, também deviam ter em conta que a competição não é o fim último da prática desportiva. Não nos podemos esquecer dos altos níveis de obesidade infantil que existem nas ilhas. O desporto é em primeiro lugar saúde. Aliás, a partir de um certo nível, nem sempre se pode dizer que dê grande saúde.*

*Por isso é tão triste ver miúdos deixarem de fazer desporto aos 13/14 anos, ao verificarem que não têm qualidades para se tornarem profissionais de competição.*





*Até porque, ainda antes de ser competição, o desporto ainda é formação humana e de cidadania.*

*Desde que fundei a Escola de Futebol Pedro Pauleta que tento passar às crianças e aos jovens a ideia de que ganhar é, na melhor das hipóteses, o segundo objectivo. E continuo a acreditar firmemente nisso.*

*Mesmo assim, podíamos ter melhores resultados desportivos nos Açores. Às vezes, não há espírito de sacrifício suficiente. Olhamos para as grandes referências deste ou daquele desporto e achamos que é fácil. No fim, há sempre uma desculpa: nunca temos meios, nunca temos desafios suficientes...*

*Os Açores podiam estar melhor em meios, mas mesmo assim não estão mal. Eu fiz a minha formação por detrás das balizas do pelado do Jácome Correia. Hoje, as condições são muito superiores, a todos os níveis: há imensos pavilhões e imensos campos sintéticos.*

*Falta-nos principalmente formação técnica. E também, creio eu, tratarmos os miúdos como eles devem ser tratados. Temos de segurá-los na prática desportiva, a verdade é essa. A covid-19 mostrou-nos bem o quão importante ela é.*

*Precisamos de melhores treinadores, de melhores técnicos, de melhores dirigentes. Desse ponto de vista, penso que estamos abaixo da média nacional. Falta rigor no trabalho e, por outro lado, falta pensar em mais do que em títulos.*

*Hoje em dia, muitos dirigentes chegam ao desporto à procura de títulos e, não os conseguindo, vão-se embora. Isso influencia negativamente os jovens atletas. Acaba por faltar-lhes confiança, vontade e, inevitavelmente, competitividade.*

*É importante que os atletas sejam bem acompanhados e fiquem nos clubes tempo suficiente para se desenvolverem. Pelo contrário, o que acontece é que fazem um pequeno brilharé – e já mudaram de clube de novo. Acho que esse será o primeiro passo para desenvolver as mentalidades deles.*

*Porque é preciso trabalhar as mentalidades. A vontade, o desejo, a resiliência – isso faz toda a diferença. Basta olharmos para o Cristiano Ronaldo, que também nasceu pobre e numa ilha remota: venceu tudo porque nunca parou de trabalhar com o máximo de empenho – e continua a fazê-lo aos 36 anos.*

*Muitos miúdos têm pouca perseverança. E muitos pais vêem-nos marcar dois golos e já começam a fazer contas ao dinheiro que os filhos vão ganhar. É o mundo de cabeça para baixo.*

*O que sempre digo aos miúdos é: pratiquem vários desportos e, de resto, estudem. O desporto nunca deve ficar à frente da escola. Eu gostava muito de ter estudado. Tenho muita pena por não o ter feito e sinto uma grande admiração pelos atletas de alta competição que, mesmo assim, continuam a estudar.*

*Estudar e praticar desporto são actividades complementares. Que dialogam uma com a outra. Que se ajudam uma à outra. Pessoalmente, o sonho da minha vida, muito mais do que marcar golos, foi sempre ver os meus filhos formados, como felizmente hoje estão.*



*Por favor, não deixem a escola ao fim do quinto ou do sexto ano. Façam pelo menos o décimo-segundo ano, para depois poderem decidir pelo que enveredar.*

*É o que peço sempre. Entretanto, na minha escola, temos imensa dificuldade em formar equipas no escalão de juniores porque muitos dos jogadores vão estudar para o continente. Nada me deixa mais feliz do que isso.*

*Os Açores são um lugar óptimo para viver. E para viver cada vez melhor, com todas as oportunidades que vão surgindo no sector do turismo. Mas, sem formação, ninguém chega a lado nenhum. E eu gostava de ver os Açores e os açorianos crescerem ainda mais.*

*Muitos jovens já não me viram jogar, mas gostava de lhes dizer que sempre me senti, não um embaixador pomposo, mas um representante dos Açores. Onde quer que estivesse, senti sempre a missão de representar as nossas ilhas. Quero o melhor para elas – são a terra que amo, onde passo todos os meus dias de férias e hei-de passar a minha velhice.*

*E todos temos a obrigação de as engrandecer. Se cada um de nós fizer um esforço, todos vamos beneficiar dele. E não seria extraordinário se conseguíssemos deixar umas ilhas ainda melhores aos nossos filhos?»*









---

# 5 DILEMAS PARA UMA ESTRATÉGIA DE MARCA

- Como construir a imagem dos Açores enquanto arquipélago do vigor físico e da actividade desportiva, não obstante os seus relativamente modestos resultados competitivos?
- Como transformar essa imagem num instrumento de marketing externo, a nível do turismo e não só?
- Como usar essa imagem para o reforço da autoestima e da própria ética competitiva (até do ponto de vista laboral) dos açorianos?
- Como reforçar a exploração das potencialidades do arquipélago nos domínios dos desportos náuticos e de natureza, não só para a organização de competições de topo (incluindo, mais uma vez, a angariação de atletas-turistas), mas inclusive para a realização de estágios profissionais?
- Como persuadir os açorianos de que também para eles a consagração nacional e internacional, e nomeadamente no domínio do desporto, é possível?



«Aqui e ali, às ombreiras das portas,  
víamos mulheres com capuzes portugueses típicos,  
um capuz de uma fazenda grossa, azul,  
preso a uma capa do mesmo material,  
inacreditavelmente feio. (...) Não há qualquer tipo  
de ornamento neste monstruoso “capote”,  
como é chamado – é apenas uma vela pesada,  
imensa e horrenda, de um azul mortiço.»

---

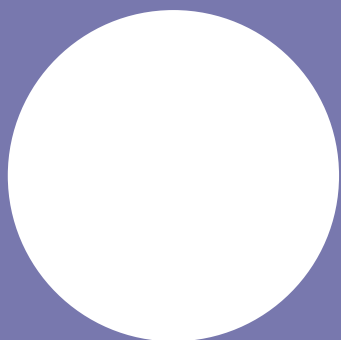
**MARK TWAIN**

*A Viagem dos Inocentes,*

1869







# A DIÁSPORA DOS AÇORES

3







# A «DÉCIMA ILHA» E O DESAFIO DO TEMPO

Imigrantes provenientes dos Açores fundaram 17 cidades só no Brasil. Açorianos e açor-descendentes espalham-se hoje em comunidades significativas pelo Uruguai e a Bermuda, o Canadá e os Estado Unidos, o Havaí e o continente português. Mas o estancamento dos fluxos migratórios, a sucessão de gerações e a aculturação de filhos, netos e bisnetos trazem novos obstáculos, que as ilhas nem sempre têm conseguido ultrapassar. Como motivar essa juventude a investir nos Açores, a comprar Açores, a recomendar Açores – a viver Açores?

---

**R**IO GRANDE DO SUL e Santa Catarina. Havaí. Califórnia e Nova Inglaterra. Uruguai. Bermuda. Rio de Janeiro, São Paulo, Baía, Maranhão. Ontário, Manitoba, Quebeque, Alberta e British Columbia. Continente português. Para todas essas regiões, países e cidades os açorianos levaram nas botas a terra do arquipélago, e várias são as paragens cujas comunidades açor-descendentes reclamam o estatuto de «décima ilha». Só no Brasil, 17 cidades foram fundadas por imigrantes provenientes dos Açores.

O volume das migrações é incontabilizável, desde logo porque as gerações se vão acumulando e os próprios cientistas sociais têm dificuldade em consensualizar a partir de que ponto, exactamente, se deve contar um descendente de forasteiro como um local. O que parece mais ou seguro é que os açorianos a residir no estrangeiro, pese a controvérsia do conceito, excedem largamente os que residem no arquipélago.

E, no entanto, opinião mais ou menos generalizada é a de que os esforços para aproximar as ilhas dos destinos para onde se mudaram os seus filhos nem sempre têm produzido os melhores resultados. Estacam-se os fluxos migratórios, sucedem-se as gerações, os



filhos e os netos dos imigrantes já crescem nas culturas dos países de chegada e os Açores vão-se reduzindo a uma ideia – sobretudo uma ideia – adorável e honrosa, mas apenas materializável à mesa de família e em períodos de férias mais ou menos esparsos.

Os regressos são poucos. O investimento nos Açores, na terra, ou na economia, ou mesmo apenas em produtos açorianos (tantas vezes espartilhados pelo já vetusto conceito de «Mercado da Saudade»), irregular.

Várias experiências foram realizadas ao longo dos 45 anos de autonomia constitucional, às vezes com melhores resultados do que outros. Hoje, a projecção da influência dos Açores sobre as comunidades resultantes dos principais fluxos migratórios do passado assenta numa direcção regional, o terceiro nível da orgânica governamental, e no modelo da Casa dos Açores, em torno das qual gravitam actividades de índoles (principalmente) cultural, etnográfica e religiosa de matriz açoriana.

À Direcção Regional das Comunidades (DRC) cabe acompanhar as comunidades dispersas pelo globo, «promovendo a preservação da identidade cultural açoriana e aprofundando a relação entre as mesmas e as suas origens, através do estabelecimento de pontes de cooperação ao nível político, cultural, social e económico, entre outros». Para tal, a DRC firma protocolos com diferentes instituições de carácter social, cultural e educacional – frequentemente, as ditas Casas dos Açores, no fundo pequenos centros culturais



emanados da sociedade civil – e apoia a realização de iniciativas, programas e projetos que «preservem a cultura açoriana e a língua portuguesa».

## O MODELO DAS CASAS DOS AÇORES

Ao todo, existem actualmente 16 Casas dos Açores: CA Rio de Janeiro, CA São Paulo, CA Bahia, CA Santa Catarina, CA Rio Grande do Sul e CA Maranhão (Brasil); CA Uruguai; CA Bermuda, CA Califórnia e CA Nova Inglaterra (EUA); CA Quebeque, CA Ontário e CA Winnipeg (Canadá); CA Lisboa, CA Norte e CA Madeira (Portugal). Estas e outras instituições, explica a Direcção Regional, «podem e devem funcionar como veículos privilegiados de ligação entre a Região e os açorianos emigrados, não só na vertente de apoio a iniciativas da própria comunidade, (...) mas também como instrumentos de aproximação dos açorianos à sua terra, prestando-lhes, em colaboração com instituições governamentais açorianas, serviços e informações essenciais, bem como promovendo e divulgando» aquilo que os Açores têm de melhor dos pontos de vista «económico, comercial, turístico, cultural e social».

O modelo tem os seus detractores. Alguns olham para o género de adesão recrutada por este género de política, assinalam a escassez de utentes das segundas e terceiras gerações da emigração e identificam uma grave dificuldade de comunicação tanto no domínio da língua como no da mundanidade em geral. Os Açores que esse modelo retrata já estão demasiado distantes dos açor-descendentes da maior parte dos países para que, mesmo querendo, estes consigam percorrer o caminho

de volta, desfazendo a distância. E estão, inclusive, demasiado distantes daquilo que verdadeiramente são, uma vez que a cultura contemporânea das ilhas encontra mais dificuldade em fazer-se representar nesses espaços do que a cultura tradicional do folclore, do Espírito Santo e da religião.

«Com todo o respeito» – diz Diniz Borges –, «o modelo das Casas dos Açores está esgotado.» Professor universitário de língua portuguesa e emigrante nos Estados Unidos há 50 anos, o actual cônsul honorário de Portugal em Tulare, na Califórnia, garante que o as Casas dos Açores são hoje tão irrelevantes, posto o decurso das gerações, como eram relevantes quando foram fundadas, altura em que a maior parte dos utilizadores provinha dos Açores e/ou tinha o português como primeira língua. «Urge mudar o olhar dos Açores sobre estas comunidades. Nós somos verdadeiramente uma diáspora, por

O volume  
de emigrantes  
é incontabilizável.  
O que parece mais  
ou seguro é que  
os açorianos a residir  
no estrangeiro excedem  
os que residem  
no arquipélago





muito que as pessoas não gostem dessa palavra. a política dos Açores ainda é para a emigração», resume.

### **UMA EMIGRAÇÃO DE 500 ANOS**

O carácter sistemático da emigração açoriana – descreve a Direcção Regional no seu site oficial –, tem origem, segundo vários investigadores, logo nos primórdios do povoamento, mas torna-se indiscutível a partir do século XVII, tendo como grandes destinos, sucessivamente, o Brasil, os Estados Unidos da América, as Bermudas, o Havai e o Canadá. A saída de cerca de seis mil pessoas para o Sul do Brasil (principalmente Porto Alegre e Florianópolis), em 1847, marca o crescimento de um movimento migratório variável para aquele país, verificando-se um grande fluxo em finais do século XIX, e, no início e em meados do século XX, para os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. No entanto, mais a norte, no estado do Maranhão, a estada insular fez-se notar logo desde o século XVII, altura em que aparecem as primeiras referências ao povoamento da região por casais açorianos. Entretanto, e também no continente sul-americano, cedo se começa a registar presença açoriana numa região específica do Uruguai: o departamento de Maldonado, mais precisamente na mais tarde chamada cidade de San Carlos, que foi fundada em 1763 por Pedro de Cevallos e um grupo de cerca de 150 famílias insulares. A influência arquipelágica



naquela cidade é, ainda hoje, bem visível nalguns monumentos de homenagem aos seus fundadores e, claro, na comunidade de açor-descendentes que ali reside.

Os Estados Unidos da América surgiram como destino a partir da segunda metade do século XVIII, passando a considerar-se destino efetivo e preferencial a partir de meados do século XIX. Muitos açorianos fixaram-se na Costa Leste, criando comunidades entre o Massachusetts e o Rhode Island (e não só), mas alguns atravessaram o país. Do lado do Atlântico, dedicaram-se muitas vezes à indústria. No Pacífico, emularam os gestos dos seus antepassados, indo parar ao sector da agropecuária e, portanto, reencontrando a cultura da vaca.

As Bermudas foram o terceiro grande destino da emigração açoriana, com fluxo a partir de 1849. Se nos outros destinos a maioria dos emigrantes era oriunda de todas as ilhas dos Açores, no caso das Bermudas é predominantemente micalense.

De resto, as condições de vida nos Açores e a crise económica da época, provocada pelo declínio da produção de laranja e consequente diminuição do comércio, levaram também a que, a já mais perto do final do século XIX, muitas pessoas seguissem viagem rumo às ilhas do Havai (atual estado norte-americano), as quais, apesar dos condicionalismos de ordem geográfica e cultural, ofereciam condições de trabalho apelativas, tornando-se, então, um polo de atração.

Finalmente, a assinatura de acordos bilaterais entre Portugal e o Canadá sobre a entrada de emigrantes naquele país tornou-o o último grande destino de um elevado número de açorianos, e cujo movimento migratório sistemático data de 1953. De resto, muitas dos

grandes fluxos (em particular) do século XX ocorreram na sequência de tragédias naturais, incluindo vulcões e terremotos, em cujos pacotes de socorro definidos por países amigos como os Estados Unidos e o Canadá se incluía legislação para a abertura especial de fronteiras a imigrantes das ilhas, como aconteceu notoriamente após a erupção dos Capelinhos (Faial) em 1957.

É opinião  
mais ou menos  
generalizada  
que os esforços  
para aproximar  
as ilhas dos destinos  
para onde  
se mudaram os seus  
filhos nem sempre  
têm produzido  
resultados

## O TEMPO, A ACULTURAÇÃO, O ESQUECIMENTO

Desde a década de 1990 que a emigração dos açorianos é residual (por oposição à imigração, por sinal), mas em muitas casas de família dos destinos originais ainda se come alcatra

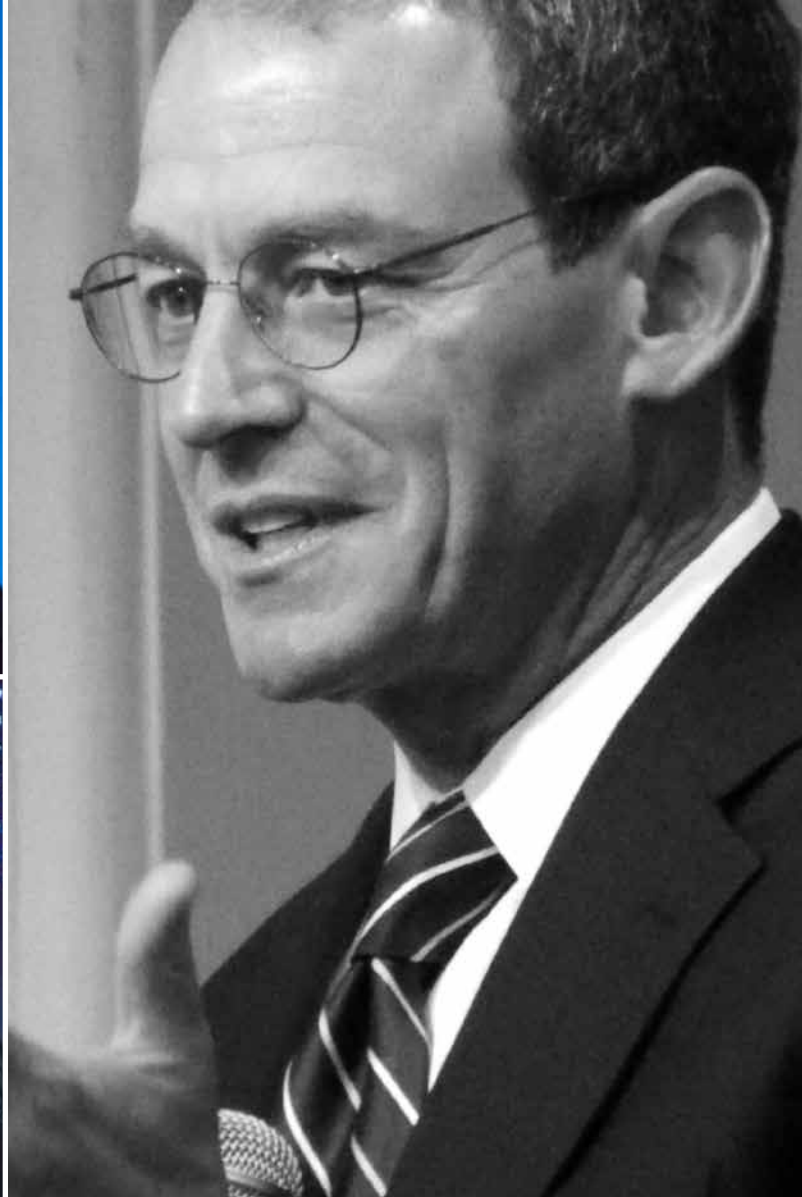


ou polvo guisado, ainda se reverencia a coroa do Espírito Santo, ou se baila a chamarrita, ou se sonha com uma tourada, ou se planeiam as férias nas ilhas. Muitas pessoas, em diferentes graus, se dizem – aliás, apaixonadamente – açorianas, e tanto homens como mulheres são realmente «os açorianos de serviço» nos seus quotidianos, na relação com os seus colegas de trabalhos, vizinhos e amigos. Mas nem sempre as férias com que sonharam acontecem no ano planeado. E talvez não seja de declinar a ideia de que o seu contributo para a vida das ilhas, tanto do ponto de vista financeiro (em remessas, em investimento e até em consumo) como cultural, continua aquém das possibilidades.

Quem exactamente constitui, hoje, a diáspora? Que futuro existe para ela? O que poderia motivar essa juventude a contribuir para o bem comum dos Açores? Como poderia fazê-lo e, de resto, beneficiar devidamente desse contributo? Como motivá-la a investir nos Açores, a comprar Açores, a recomendar Açores – a viver Açores? O que a prende nesse lugar onde está ainda é o mesmo que cativou os seus pais e avós? Afinal, essas pessoas são realmente açorianas ou são açor-descendentes – ainda são emigrantes ou já são imigrantes e, portanto, uma diáspora?

Eis algumas das perguntas para que um novo ciclo da autonomia terá, necessária e urgentemente, de encontrar resposta. Para que faça de facto sentido o slogan «Açores, ilhas de passado, ilhas de futuro» – e para que, tanto quanto possível, as ilhas e os ilhéus possam tomar eles próprios as grandes decisões quanto a esse futuro.







## OS AÇORIANOS DA AMÉRICA

### **DOS COWBOYS A HOLLYWOOD**

Muitos foram os açorianos e acor-descendentes que se destacaram nos países onde foram viver, mas em nenhum outro como nos EUA. A actriz brasileira Lília Cabral (1957) é filha de uma açoriana e a cantora canadiana Nelly Furtado (1978) de dois açorianos. Na América, porém, brilham o actor Tom Hanks (1956), bisneto de açoriano; a cantora Katy Perry (1984), trineta de três açorianos; o escritor Daniel Silva (1956), filho de açorianos; ou o músico Nuno Bettencourt (1966), açoriano ele próprio. Entretanto, as comunidades já elegeram vários congressistas, entre os quais Jim Costa, Devin Nunes, David Valadão ou Lori Loureiro Trahan. E Silicon Valley também tem os seus açorianos, como Ângelo Garcia (número 2 do império de George Lucas), Roberto Lino (ex-vice-presidente mundial de Marketing da Skype) ou Lúcia Soares (CIO da Johnson & Johnson). Os açorianos destacam-se nos EUA desde o século XIX, como mostraram Don Warrin e Geoffrey L. Gomes no livro *Terra a Perder de Vista: os Portugueses no Faroeste*.











## OS IMIGRANTES DOS AÇORES

### **UCRANIANOS, CABO-VERDIANOS, BRASILEIROS**

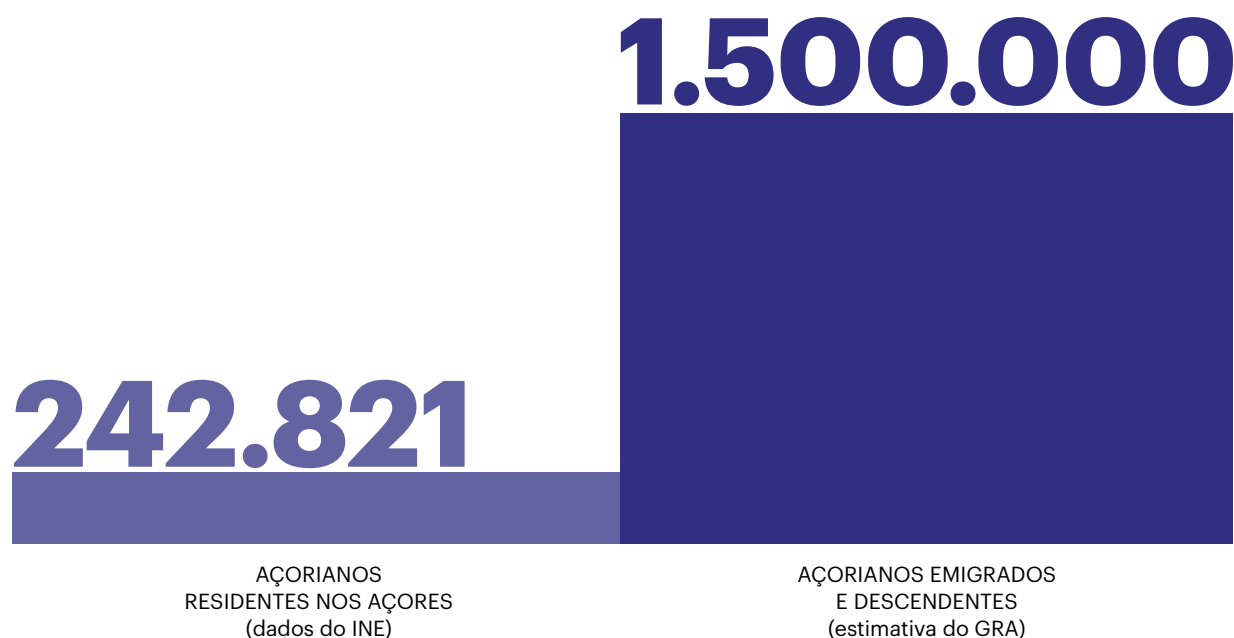
De terra de emigração a lugar de imigração: o fluxo de estrangeiros que se radicam nos Açores é hoje pelo menos tão relevante como o de açorianos que se radicam no estrangeiro. Segundo dados da Associação dos Imigrantes nos Açores, a maioria dos imigrantes residentes nos Açores provém do continente europeu, com um valor global de cerca de 37%. Seguem-se os africanos, com um peso relativo da ordem dos 30%, e os nativos da América Central e do Sul, que registam uma percentagem de 27%. Os asiáticos são, por enquanto, pouco mais de 6%, destacando-se entre estes os chineses (3%). A distribuição por países revela que, na União Europeia, é a Alemanha que regista a maior percentagem (3%), seguida da Suécia (3%) e de Itália (2%). No Resto da Europa, são os provenientes da Ucrânia (11%) que surgem com maior preponderância. Entre os africanos, destacam-se os oriundos de Cabo Verde (21%). O número de estrangeiros residentes contraiu entre 2010 e 2020 de cerca de 5000 para cerca de 4000, mas há perspectivas de recuperação.





## A DIMENSÃO DA DIÁSPORA

Mais de seis vezes a população do arquipélago



FONTES: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA E GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES

## A EMIGRAÇÃO DO LONGO DO SÉCULO XX

Os emigrantes das ilhas portuguesas, Açores e Madeira

D A T A S	I L H A S											
	MADEIRA		S. MIGUEL		TERCEIRA		S. JORGE		PICO		FAIAL	
	TBE	TSM	TBE	TSM	TBE	TSM	TBE	TSM	TBE	TSM	TBE	TSM
1900-1911 .....	1,15	- 0,55	2,72	- 1,39	1,97	- 1,15	2,20	- 1,45	1,83	- 1,51	1,79	- 1,23
1911-1920 .....	1,27	- 0,74	2,18	- 1,54	2,16	- 1,10	1,90	- 0,90	1,44	- 1,32	1,46	- 1,14
1920-1930 .....	0,69	- 0,17	0,49	- 0,01	0,52	- 0,16	0,55	- 0,10	0,49	- 0,33	0,39	0,66
1930-1940 .....	0,51	- 0,24	0,11	0,14	0,16	0,19	0,14	0,21	0,06	- 0,32	0,06	0,12
1940-1950 .....	0,59	- 0,72	0,11	- 0,46	0,13	0,17	0,12	- 0,85	0,04	- 0,23	0,07	- 0,75
1950-1960 .....	1,72	- 1,81	1,52	- 1,63	0,35	0,11	0,61	- 1,84	0,66	- 1,22	2,48	- 2,52
1960-1970 .....	1,31	- 2,59	2,93	- 3,05	1,57	- 1,86	2,13	- 2,97	1,65	- 2,63	2,88	- 2,39
1970-1981 .....	0,89	- 1,08	2,98	- 2,55	2,21	- 2,02	2,58	- 2,54	1,79	- 1,50	1,88	- 1,38
1981-1991 .....	0,16	- 0,58	0,95	- 1,58	0,51	- 0,15	0,67	- 0,39	0,36	- 0,32	0,28	- 0,06

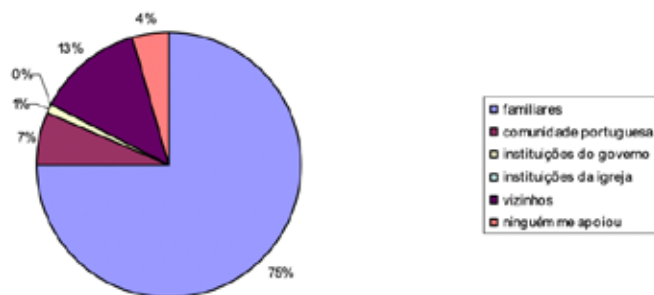
**TBE**-TAXA BRUTA DE EMIGRAÇÃO  
**TSM**-TAXA DO SALDO MIGRATÓRIO

FONTES: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA E GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES



## ACOLHIMENTO À CHEGADA

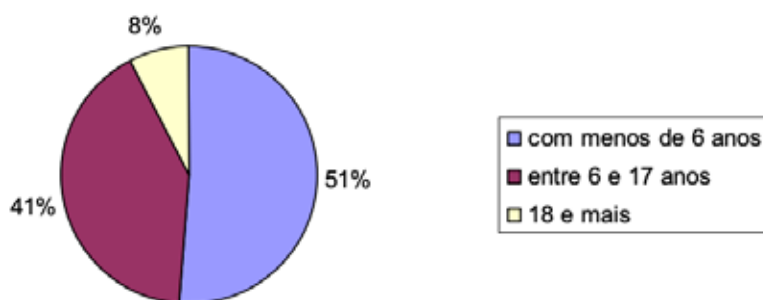
Quem, historicamente, apoia os emigrantes açorianos no momento da chegada ao país de acolhimento



FONTE: «O REPATRIAMENTO NOS AÇORES: DA EMIGRAÇÃO À REINserÇÃO», DE JOÃO PAULO SOARES RODRIGUES

## AS IDADES DA EMIGRAÇÃO

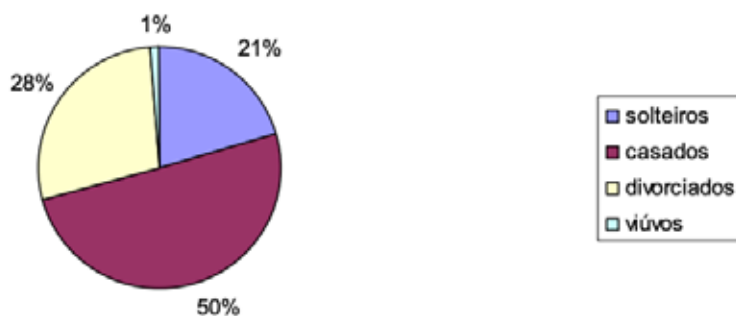
Com que idade, historicamente, emigraram os açorianos da diáspora



FONTE: «O REPATRIAMENTO NOS AÇORES: DA EMIGRAÇÃO À REINserÇÃO», DE JOÃO PAULO SOARES RODRIGUES

## O ESTADO CIVIL DOS EMIGRANTES

O estado civil em que, historicamente, se encontravam os açorianos da diáspora no momento da emigração



FONTE: «O REPATRIAMENTO NOS AÇORES: DA EMIGRAÇÃO À REINserÇÃO», DE JOÃO PAULO SOARES RODRIGUES

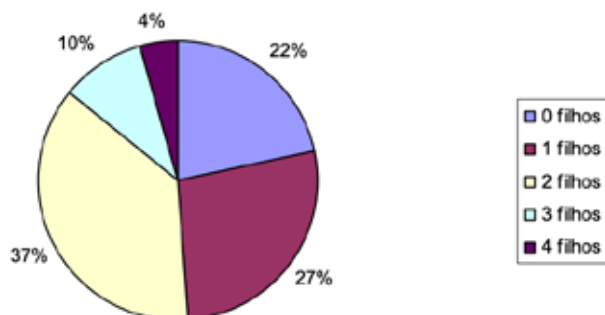






## A CONSTITUIÇÃO DAS FAMÍLIAS

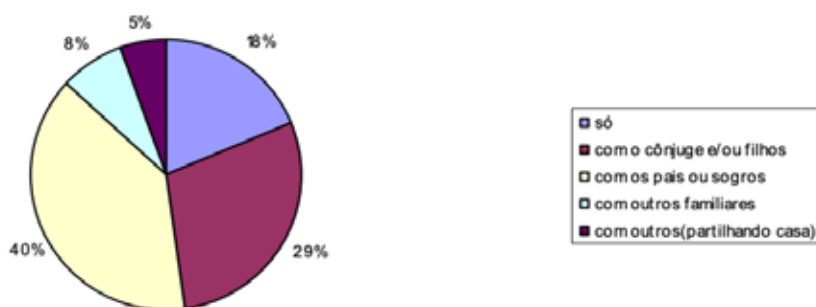
Quantos filhos tiveram os emigrantes, nascidos no país original ou no país de acolhimento, ao longo da vida



FONTE: «O REPATRIAMENTO NOS AÇORES: DA EMIGRAÇÃO À REINserÇÃO», DE JOÃO PAULO SOARES RODRIGUES

## O AGREGADO FAMILIAR

Com quem vivem os açorianos da diáspora nos países de acolhimento

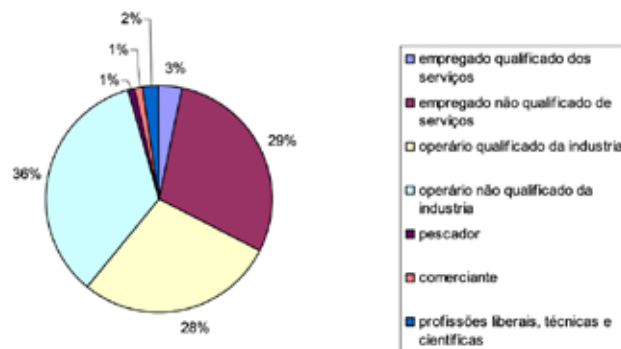


FONTE: «O REPATRIAMENTO NOS AÇORES: DA EMIGRAÇÃO À REINserÇÃO», DE JOÃO PAULO SOARES RODRIGUES



## AS PROFISSÕES DA DIÁSPORA

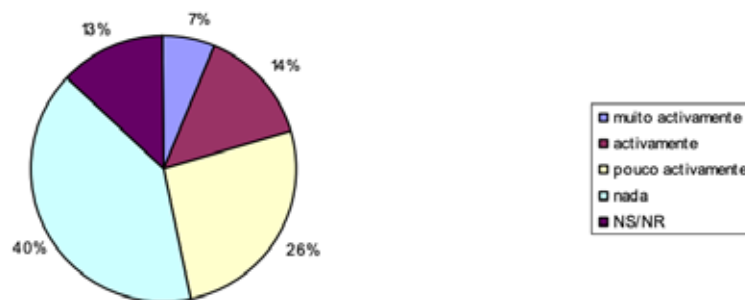
Que profissões desempenham os açorianos da diáspora nos países de acolhimento



FONTE: «O REPATRIAMENTO NOS AÇORES:  
DA EMIGRAÇÃO À REINserÇÃO»,  
DE JOÃO PAULO SOARES RODRIGUES

## A ACTIVIDADE SOCIAL

Que envolvimento têm os açorianos da diáspora nas instituições e actividades da comunidade de acolhimento



FONTE: «O REPATRIAMENTO NOS AÇORES:  
DA EMIGRAÇÃO À REINserÇÃO»,  
DE JOÃO PAULO SOARES RODRIGUES





PEDRO (PETER) FRANCISCO

1749 — 1831

DEDICADO AO  
VALENTE SOLDADO E HEROI  
DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA  
AMERICANA

NASCIDO NA FREGUESIA DO PORTO JUDEU,  
ILHA TERCEIRA, AÇORES, PORTUGAL

DEDICATED TO  
THE GREAT AND HEROIC  
SOLDIER OF THE AMERICAN  
REVOLUTIONARY WAR

BORN IN THE VILLAGE OF PORTO JUDEU,  
ISLAND OF TERCEIRA, AZORES, PORTUGAL



DINIZ BORGES,  
PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS EUA

## **NÓS NÃO SOMOS EMIGRANTES, MAS IMIGRANTES – SOMOS UMA DIÁSPORA, NÃO UMA EMIGRAÇÃO**

Diniz Borges, 62 anos, nasceu na Terceira e emigrou aos dez anos para a Califórnia. Ordenhou vacas, teve um programa de rádio e licenciou-se em Ciências Sociais e Estudos Literários pela Chapman University, após o que obteve pós-graduação em Ciências da Educação e mestrado em Literatura Étnica dos EUA. Foi professor do ensino secundário durante 22 anos e há vinte que ensina na Universidade Estadual da Califórnia/Fresno State, onde fundou o Portuguese Beyond Borders Institute (de que é hoje director) e a editora Bruma Publications (idem). Tem desempenhado os mais diversos cargos nas instituições da diáspora açoriana, contribuiu para o processo de geminação entre várias cidades portuguesas e americanas e é cônsul honorário de Portugal em Tulare.

*«As comunidades açorianas e açor-descendentes no estrangeiro são diferentes umas das outras. Há a do Havai, que é antiga, mas não foi acompanhada durante demasiados anos. Há a da Bermuda, que é uma comunidade muito ligada ao turismo e marcada sobretudo por originários de São Miguel. Há as do Sul do Brasil, que são já comunidades de sétima e oitava gerações.*

*Depois há as mais recentes, como as de São Paulo, do Rio de Janeiro ou do Canadá. E há as dos Estados Unidos, Costa Leste e Califórnia, que também são antigas e – embora esta mais do que aquela, que está mais próxima dos Açores e pode manter uma ligação mais regular – já muito aculturadas e integradas no american way of life. Pois para quase todas elas – creio não exagerar ao dizê-lo – é urgente proceder a uma mudança radical na relação entre os Açores e a diáspora. Os dois não podem*





*continuar separados pela língua. Hoje, as novas gerações falam, quando muito, um português rudimentar. E falo de segundas e terceiras gerações de emigrantes, note-se – mesmo que se trate de pessoas com 60 anos.*

*É preciso chegar a elas pelo mainstream, e tanto nos EUA como no Canadá (embora aqui as comunidades sejam mais recentes). Tem de haver muito mais intercâmbio de artistas, tem de se fazer muito mais tradução para inglês das obras de literatura contemporânea, tem de se ir muito mais à procura das escolas e das universidades.*

*O modelo das casas dos Açores, com todo o respeito, está esgotado. O investimento a fazer é na tecnologia, na indústria e no comércio, além de no dito mainstream cultural. Pelo contrário, vimos às comunidades vender festas às pessoas que, no fundo, já viajam para assistir a elas. Os portugueses de segunda e terceira geração não estão nos salões do Espírito Santo.*

*Temos de perceber que os que partiram são diferentes dos que ficaram. Não acredito muito, hoje em dia, na ideia de “açorianos a viver fora dos Açores”. Nós somos emigrantes, somos diferentes e temos de ser. Estamos há 50 anos emigrados e não poderíamos ser iguais.*

*Já somos resultado do melting pot. O multiculturalismo marcou-nos muito – em todos os aspectos, até no gastronómico. Por muito açorianos que sejamos e queiramos ser, nunca o somos tão inteiramente como quem ficou. E, por outro lado, somos sempre também algo mais.*

*Basta ver quantos emigrantes regressaram e regressam às ilhas: pouquíssimos. Partiram, ficaram, aculturaram-se, adaptaram-se e abandonaram o desejo de voltar. Têm orgulho em ser açorianos, claro. E isso é admirável, realmente. Mas mesmo os que voltam, em regra, fazem-no apenas durante alguns períodos do ano.*

*Entretanto, aqui, são muitas vezes conservadores, o que tem ressonância nas suas condições de ilhéus. São católicos, trazem consigo o moralismo e encontram eco nos preceitos do (agora falo dos Estados Unidos) Partido Republicano.*

*Mas, ao mesmo tempo, isso também prova o quão americanos querem ser. Mais “velha América” do que os latinos, por exemplo. Mais individualistas. Mais no direito adquirido à abundância, em função do trabalho realizado ao longo da vida, e menos dados à partilha. Mais WASP, de certa maneira – mais white anglo-saxon protestant.*

*Não é diferente do que acontece com tantos outros emigrantes mais antigos. Muitos italianos e muitos irlandeses pensam da mesma maneira. Todos, açorianos incluídos, se sentem – e querem sentir – europeus emigrados na América, e não euro-trash. E também não da categoria dos latinos, dos africanos ou dos asiáticos, claro.*

*“Eu vim legal”, resumem. Olham de lado os dreamers a que Obama abriu a porta. Muitos pediram a deportação até de crianças, porque “vieram legais”. É tão cruel*





*como ingrato. Mas é a prova de que são – de que somos, muitos de nós – uma categoria específica de açor-americanos.*

*Portanto, urge mudar o olhar dos Açores sobre estas comunidades. Nós somos verdadeiramente uma diáspora, por muito que as pessoas não gostem dessa palavra. E a política dos Açores ainda é para a emigração. Isso é evidente em tudo: nos intercâmbios, nos apoios – em tudo.*

*Resultado: quando vão jovens daqui aos Açores, chegam lá e só vêem Bodos de Leite e touradas. Nunca chegam a conhecer os novos Açores. Depois regressam e dizem: “Andam sempre a falar dos Açores modernos, mas eu só vi Açores antigos.” Nós já não somos emigrantes. Somos imigrantes, o que é muito diferente. Somos imigrantes no dia-a-dia porque vivemos o dia-a-dia destes países. E para os Açores – insisto –, devemos ser uma diáspora, não uma emigração.*

*Temos de conhecer a cultura popular dos Açores, mas tanto a tradicional como a contemporânea. E temos de conhecer a cultura erudita. A tecnologia. A linguagem. As soluções industriais. A oferta comercial.*

*Em suma, temos de conhecer a juventude dos Açores. O presente e o futuro. O resto já só consegue aproximar gerações que se estão a extinguir com a passagem do tempo.»*





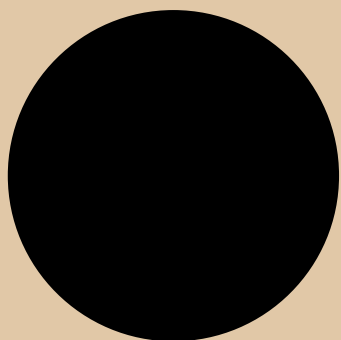
---

## 6 DILEMAS PARA UMA ESTRATÉGIA DE MARCA

- Como trazer os açor-descendentes de volta (temporária ou definitivamente) às ilhas, enquanto residentes, investidores, consumidores e/ou agentes de progresso social, cultural e intelectual?
- Como vencer, nesse contexto, a barreira da língua, uma vez que grande parte das populações que constituem as segundas, terceira e quarta gerações de açor-dependentes já não domina o português?
- Como vencer, nesse contexto, a barreira da cultura, uma vez que grande parte das populações que constituem as segundas, terceira e quarta gerações de açor-dependentes já é culturalmente de outro lado?
- Como articular o modelo das Casas dos Açores, aparentemente mais vocacionados para as primeiras gerações, com modelos de intercâmbio e projecção de influência cultural, industrial, comercial e científica que vão mais facilmente ao encontro das novas caracterizações das populações açorianas e açor-dependentes no estrangeiro?
- Como seduzir essa juventude para a ideia de que contribuir para o bem comum dos Açores pode trazer-lhe benefícios efectivos?
- Como dar a conhecer os «novos Açores» a essa população, considerando que, apesar do desenvolvimento das ilhas nos diferentes campos da sociedade, o atraso em vários destes em relação às realidades por eles conhecidos continua a assentar em discrepâncias difíceis de neutralizar?







**CONCLUSÃO**







# AS PESSOAS PRIMEIRO

**JOEL NETO**

*escritor*

---

**A**LGURES NO VERÃO DE 2012, o meu novo vizinho Rogério estendeu-me o braço para um passou-bem, deu-me as boas-vindas aos Açores e concluiu com um slogan: «O lugar onde nunca se chega e de onde nunca se parte.» Eu tinha acabado de me instalar na ilha, depois de vinte anos de ausência, e trazia comigo as palavras que o bibliotecário de Vergílio Ferreira escolhera proclamar no dia do seu regresso a casa: «Para sempre, aqui estou.» Mais até do que a sereias, ou à sua dupla natureza, cheirava-me a um misto de erva húmida, leite morno e bosta de vaca – o cheiro da minha infância, impregnado ainda nas montanhas por que conduzira, ao lado do meu avô, as últimas bezerras deste. E aquelas palavras, tão românticas como feéricas, intrigaram-me. Tudo até então me encantava, dos recantos da ilha à autenticidade das gentes. O Sr. Dimas, que via agora na venda, continuava tão analfabeto como quando eu partira, mas mantinha outras particularidades de que não me lembrava tão bem: tirava o boné ao passar por uma



senhora, desvalorizava com ênfase os conhecimentos de silvicultura que eu lhe invejava e expressava-se paradoxalmente bem. E não era só ele. Numa mesma visita à venda, ou ao longo de uma noite de arrematação no terreiro, ou durante não mais do que um cigarro de bons-dias com os vizinhos sentados na paragem da urbana, eu podia conhecer, seguidos – ou voltar a dar-me conta de, ou em todo o caso deter-me em –, um velho criador de bois de raças em vias de extinção, uma maria-rapaz aloirada com botas de cano e pala de boné virada ao contrário, um taberneiro desbocado e cómico, uma cozinheira gorda e quase sexy.

Regressado a casa, sentava-me a descrevê-los no meu caderninho e já eles se iam transformando noutras personagens, e estas em protagonistas de outras histórias, e a minha vida toda no palco de um mesmo exultante teatro que haveria de valer-me – estava convencido disso – os melhores livros da minha vida. Tudo me inspirava: os modos de fazer, falar e pensar, os sotaques de cada ilha e até de cada freguesia, a possibilidade de repetir diariamente os gestos dos meus antepassados. Como ser outra coisa, ali, senão feliz? Ao fim do meu trajecto de vida ou no início do trajecto de vida de qualquer outro?

Afinal, eu não conhecia qualidade de vida como aquela. Vivera vinte anos em Lisboa, viajara pelos cinco continentes, olhara e vira e reparara tudo e em tudo o que tivera a oportunidade de olhar, ver e reparar. Extraordinariamente, nenhum outro lugar alguma vez me parecera



tão seguro, confortável e humano. A meteorologia trazia desafios, claro. Mas a sociedade era tão tolerante como nunca se espera de uma terra de província, mesmo tratando-se de província insular. Um recém-chegado ou um turista tinham virtualmente nenhuma possibilidade de serem assaltados, agredidos ou sequer importunados. A comunicação social era bastante livre, mesmo que não tivéssemos em conta a dependência dos subsídios canalizados pelo Estado. Os sinais de consciência ambiental, tanto a dirigida como a espontânea, pareciam-me exemplares. E o custo de vida, mesmo se as oportunidades de trabalho haveriam de ser distintas entre sectores, dispensava ansiedades.

Só o Sr. Dimas me perturbava um pouco. Um analfabeto, em pleno século XXI, não podia ser outra coisa senão perturbador. De resto, eu tinha consciência de que o crescimento das ilhas era desigual (as ilhas grandes cresciam, enquanto as restantes perdiam população, investimento e recursos), mas essa era uma tendência global, e, de resto, Santa Maria, Graciosa, São Jorge, Flores ou Corvo mantinham os seus modos de vida brandos e, creio, essencialmente felizes. Havia pobreza, mas também havia solidariedade, e a partilha de que se fazia grande parte do culto do Espírito Santo tinha o seu quê de exuberante. Abundavam os gordos (além daquela cozinheira, isto é), mas eu próprio era gordo. E, na sua generalidade, o povo continuava autêntico, caloroso e íntimo, o que tinha de ser sinal de bondade.

Mais até do que  
a sereias, ou à sua  
dupla natureza,  
cheirava-me a um misto  
de erva húmida,  
leite morno e bosta  
de vaca – o cheiro  
da minha infância

Foi nos meses e nos anos seguintes que, talvez primeiro a partir de notícias dispersas nos jornais, mas em grande parte através da observação, me fui dando conta dos obstáculos com que aquela sociedade – a minha sociedade – se debatia. De vez em quando, cruzava-me com uma adolescente grávida. Muitos homens que frequentavam aquela venda iam-se embriagando devagar a partir logo das primeiras horas da manhã. Histórias de mulheres agredidas por maridos e companheiros chegavam até mim com mais frequência do que esperava. E tudo isso podia ser resultado apenas de eu viver agora num lugar onde as pessoas tinham nome ou de (o que será apenas outra maneira de dizê-lo) eu olhar realmente para elas, ao contrário do que acontecia em Lisboa. Mas a certa altura tentei identificar pelo menos alguns padrões. E, então, fui parar ao site do Instituto Nacional de Estatística, o organismo onde se coligem os números da actividade social, económica, cultural, sanitária ou científica do país.

De repente, uma nova tonalidade veio acrescentar-se, como uma sombra, à jubilosa paleta de cores de que se pintava o meu paraíso. Regularmente ou em permanência, os Açores vinham liderando há vários anos uma parte não negligenciável dos principais rankings







nacionais de subdesenvolvimento humano. Ali havia mais abuso sexual, mais violência doméstica, mais gravidez precoce e mais incesto do que na generalidade do país. Ali as taxas de analfabetismo, insucesso e abandono escolar eram superiores à média nacional. Ali se registavam mais diabetes, mais mortalidade infantil, mais obesidade infantil e mais suicídio jovem do que em qualquer outra região de Portugal. Ali crescia mais depressa do que no continente ou – o que não seria despidiendo – na Madeira o desemprego, o risco de pobreza, a pobreza persistente, a dependência dos subsídios à sobrevivência, a subsidiodependência em geral.

Um paraíso, sim: aquelas ilhas eram um paraíso. Mas eram mais um paraíso para pessoas como eu, educadas e com rendimentos de classe média, do que o eram para os pobres. Só agora, que os meus vizinhos começavam a escapar-se aos arquétipos bidimensionais a partir dos quais um escritor começa a construir as suas personagens, eu o via. Talvez fosse isso, afinal, o que o meu vizinho Rogério pretendia dizer-me quando chamara aos Açores «o lugar onde nunca se chega e de onde nunca se parte» – à fatalidade que aquelas ilhas podiam constituir para alguns e à angústia que não podiam deixar de constituir para a parte dos outros que, por compaixão ou curiosidade, detivessem o olhar nos primeiros. E, até o presidente José Manuel Bolieiro apresentar o seu programa governamental, anunciando-o como um esforço para colocar – e, de qualquer modo, demonstrando





consciência do imperativo de se colocar – «as pessoas primeiro», a passagem dos anos só contribuiu para aumentar a minha preocupação.

### **CONTRARIEDADE, PRECISA-SE**

Mas, entretanto, não poderiam advir todas aquelas virtudes deste conjunto de problemas também? Eis a ideia em que me detenho agora. Porque, se em algum momento da história os açorianos foram mais açorianos – e os Açores mais Açores – do que noutros, isso ocorreu sempre como resposta a algum género de adversidade. Vulcões e terremotos, inundações e furacões, crises e epidemias: todas as grandes catástrofes, desde o povoamento, revelaram a capacidade dos ilhéus para se transcenderem, reinventarem, reconstruírem e reconsolidarem – a eles mesmos, aos seus modos de vida e às suas ilhas. E de nenhum modo será de estranhar que uma tal autenticidade, uma tal vocação festiva, uma tal religiosidade, um tal impulso criativo e, em resumo, uma tal procura do outro constituam também respostas quotidianas, aliás menos silenciosas do que talvez pareçam, a esse

Nenhum outro lugar  
alguma vez  
me parecera tão  
seguro, confortável  
e humano.  
Como ser outra coisa,  
ali, senão feliz?

---

conjunto de pequenas-grandes adversidades que, subterraneamente, vêm ameaçando (e provavelmente ameaçam há muito tempo) a consistência da sociedade em causa.

No princípio já eram as pessoas – investindo contra os elementos, defendendo o seu território, fazendo a festa, procurando a transcendência e a posteridade. Um povo de fronteira, fundado muito mais na escassez do que na abundância, e por isso menos guiado pela sua própria vontade indómita em épocas de prosperidade como, salvos os solavancos dos terremotos de 1980 e 1998,

mais a crise financeira de 2008/2011 e uns quantos sofrimentos meteorológicos menores (que, de qualquer maneira, inquietam menos os habitantes locais do que entusiasma os jornalistas do continente), o foram os primeiros 45 de autonomia. Um povo que aprendeu a plantar a vinha entre as rochas (para inventar o calor), e que criou os seus botes baleeiros (para enfrentar as piores ondas), e que planta ananases em estufas (para os proteger das intempéries). Um povo que se foi instalar no centro do Grande Mar e que, não apenas deu a Portugal o mobilizador do movimento estético que lhe impôs a modernidade, mas os seus dois primeiros presidentes da República.

No princípio já eram essas pessoas, e talvez essas pessoas se tenham deixado obnubilar progressivamente pela fartura, mas agora estão primeiro de novo. Essas mulheres e esses homens, trabalhadores incansáveis que à noite se fazem poetas e dançarinos e no final da semana domadores de toiros, merecem ser definidos novamente como prioridade número





um. Para que os seus filhos possam escolher entre suplantar a condição dos seus pais, limitar-se a repetir os seus gestos e ambições ou, inclusive, fazer do seu percurso pouco mais do que uma sombra do deles. Para que possam realmente escolher, apenas isso. Então, sim, estará completa a tarefa essencial das incubadoras empresariais, dos ninhos e centros, das start-ups e parques científicos em que, ao longo da última década, passaram a desaguar as principais demandas de inovação do arquipélago – porque se tornaram de facto uma opção para todos.

Disso depende o «bem-estar social» da próxima geração de açorianos. Disso dependem o desenvolvimento de «massa crítica», a «qualificação da opinião pública» e a «reactivação do elevador social» dos Açores. Disso depende que sejamos capazes de «devolver aos açorianos a capacidade de sonhar». De mais nada depende, como depende disso, o «combate à desigualdade». Tudo expressões do presidente do novo Governo Regional, já agora – em busca de verdadeiras «excelência», «competitividade» e «relação entre a tradição e a modernidade», como se impõe no século XXI e se exige em resposta a uma crise social e económica da magnitude daquela que nasce da pandemia da covid-19 e se prolongará no tempo.

Os Açores são um território longínquo e em constante construção. Ilhas desconhecidas, como lhes chamou Raul Brandão em pleno século XX, espalhavam-se por particularidades



que Gaspar Frutuoso, quase 400 anos antes, já começava a identificar. Há bem menos de cem anos, ainda havia desalfandegamento (e contrabando) para o comércio entre elas. Um açoriano de São Jorge sabia alguma coisa sobre a Terceira, mas nada sobre Santa Maria ou as Flores. E só quando se consagrou a autonomia constitucional foi possível começar a consolidar uma identidade comum plena – com a instalação das novas autoridades autonómicas, mas também a construção de nove portos e nove aeroportos, a criação de

Foi nos meses  
e nos anos seguintes  
que me fui dando  
conta dos obstáculos  
com que a minha  
sociedade se debatia

■■■■■

uma universidade regional, a inauguração de uma estação de televisão, o desenvolvimento de uma literatura. A mesma literatura que o Sr. Dimas não seria capaz de ler. O mesmo imaginário, a mesma linguagem e os mesmos contornos identitários que não poderão ser negados aos filhos e netos de todos esses senhores Dimas a quem tanto devemos e tão pouco tributámos.

«Quanto valemós?», perguntamos aqui. «O que nos distingue?» – quais devemos privilegiar como os nossos cartões de visita? E como

transportá-lo para o desenvolvimento do nosso turismo e da nossa economia em geral, mas inclusive para o nosso discurso político, o *modus operandi* da nossa administração pública e tudo o mais onde se impregne a marca dos Açores? Perguntamo-lo, e perguntamo-lo bem. Mas não ignoramos que parte dessa pergunta nos cabe a nós. E dá-la-emos. Este briefing também é uma demonstração desse compromisso: dividimo-lo em quinze capítulos e, afinal, nenhum destes é sobre o que quer que seja se não for primeiro sobre as pessoas.









## A POPULAÇÃO DOS AÇORES

Caracterização demográfica dos Açores em 2019

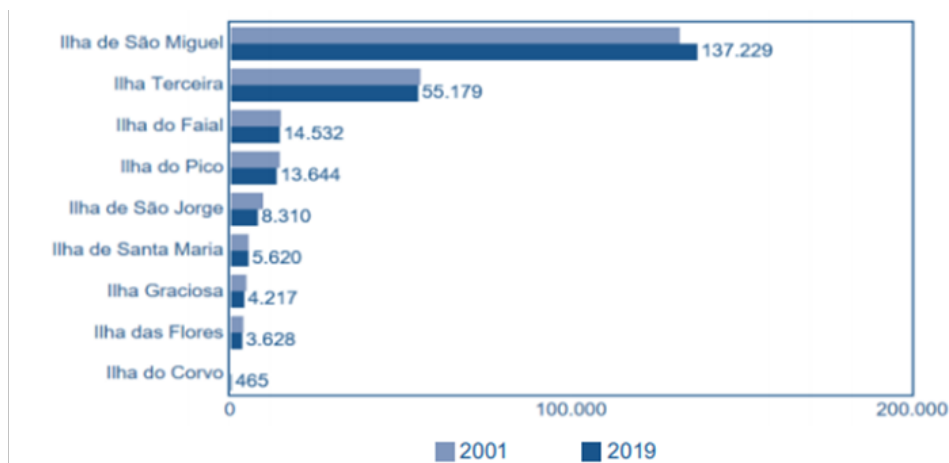
### PRINCIPAIS INDICADORES

População residente	242.821
Superfície (km <sup>2</sup> )	2.322
Freguesias	156
Alojamentos familiares	112.514
Escolas do ensino pré-escolar	186
Pensionistas	62.995
Hospitais	8
Alojamentos turísticos	363

FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, CENSUS 2011

## POPULAÇÃO RESIDENTE POR ILHA

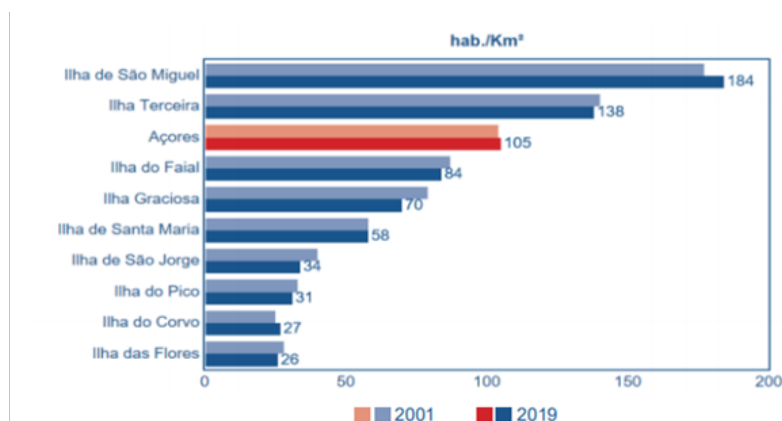
Caracterização demográfica dos Açores em 2001 e 2019 (evolução)



FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, CENSUS 2011

## DENSIDADE POPULACIONAL POR ILHA

Número médio de habitantes por km<sup>2</sup> em 2001 e 2019 (evolução)

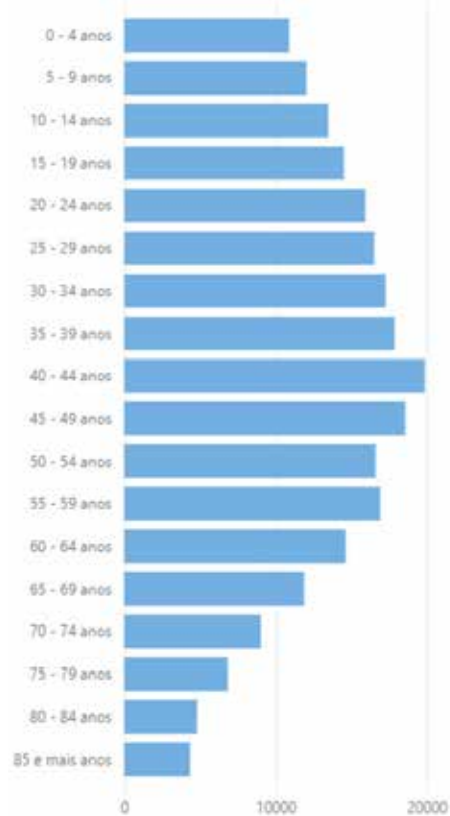


FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, CENSUS 2011



## PIRÂMIDE ETÁRIA

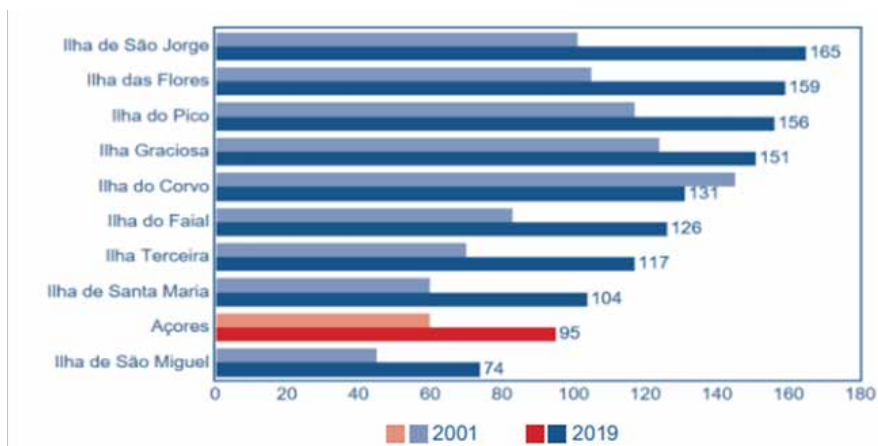
População residente dos Açores por grupo etário



FONTE: INSTITUTO  
NACIONAL  
DE ESTATÍSTICA,  
CENSUS 2011

## ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO POR ILHA

Número de idosos por 100 jovens médio de habitantes por km2 em 2001 e 2019 (evolução)



FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, CENSUS 2011



## CARACTERIZAÇÃO SOCIO-ECONÓMICA DOS AÇORES

População empregada por sector de actividade principal no quarto trimestre 2019

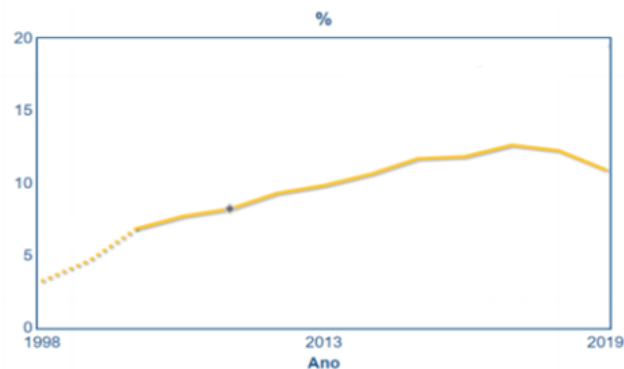
SECTOR	POPULAÇÃO	%
G: Comércio por Grosso e a Retalho	16.987	15,2%
O: Adm. pública, defesa, segurança social obrigatória	12.597	11,8%
Q: Atividades de saúde humana e apoio social	11.731	10,32%
A: Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	10.379	9,3%
P: Educação	9.327	8,8%
I: Alojamento, restauração e similares	9.615	8,6%
C: Indústrias Transformadoras	8.324	7,5%
F: Construção	7.288	6,5%
H: Transportes e armazenagem	4.545	4,1%
M: Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	2.554	2,25%
N: Atividades administrativas e serviços de apoio	4.302	3,78%
Outros sectores	16.016	12,56%
<b>TOTAL</b>	<b>113.665</b>	<b>100%</b>

FONTE: SERVIÇO REGIONAL DE ESTATÍSTICA DOS AÇORES, CENSUS 2011

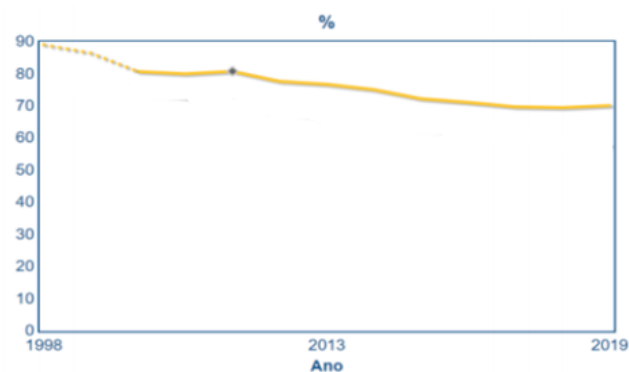
## TAXAS DE EDUCAÇÃO LICENCIADOS

Evolução dos números de licenciados e desistentes do ensino secundário no quarto trimestre 2019

POPULAÇÃO COM 15 OU MAIS ANOS E O ENSINO SUPERIOR COMPLETO



POPULAÇÃO DOS 18 AOS 24 ANOS FORA DO SISTEMA DE ENSINO E SEM O ENSINO SECUNDÁRIO COMPLETO



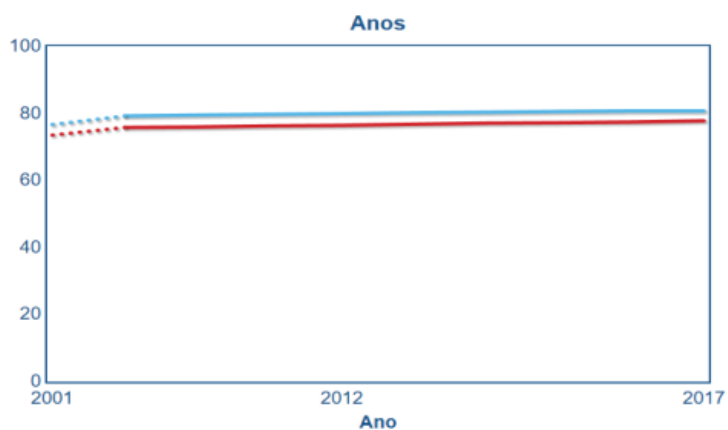
FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, CENSUS 2011





## ESPERANÇA DE VIDA À NASCENÇA

Evolução da esperança média de vida nos Açores e na generalidade de Portugal entre 2001 e 2017 (Açores: 77,9 anos; Portugal: 80,8 anos)



FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA/PORDATA-FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS, CENSUS 2011



# 5 DILEMAS PARA UMA ESTRATÉGIA DE MARCA

- O que parece significar, em resumo, ser-se açoriano?
- Qual parece ser, verdadeiramente, o ideal partilhado entre a marca e o povo dos Açores?
- Como fazer refletirem-se os atributos dos açorianos na marca dos Açores?
- Que estratégia se poderia utilizar para fortalecer o orgulho de se ser açoriano?
- Como criar um posicionamento no mercado de forma a ativar as pessoas em favor dos Açores?









REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO

**INFORMAÇÃO:**

**DESPACHO:**

**Informação n.º 41/2021, de 20 de setembro de 2021**

**ASSUNTO: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA A AQUISIÇÃO DE SERVIÇOS DE REALIZAÇÃO DE UM PLANO DE COMUNICAÇÃO E CRIAÇÃO DE UM MEMORANDO ANALÍTICO SOBRE A MARCA AÇORES, NO ÂMBITO DO PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO DA MARCA AÇORES**

Exmo. Senhor Secretário Regional da Juventude, Qualificação Profissional e Emprego,

De acordo com a Informação n.º 16/2021, de 25 de junho, a Secretaria Regional da Juventude, Qualificação Profissional e Emprego pretende, no corrente ano, proceder a uma análise da estratégia da Marca Açores, no decurso da extinção da SDEA, que tinha esta área de ação nas suas competências.

Como é definido no programa do XIII Governo Regional dos Açores, será necessário iniciar um processo de análise estratégica da “Marca Açores”, de modo a potenciar o seu valor e visibilidade, o que constitui um benefício para as empresas associadas.

Para atingir este desiderato, é fundamental ter uma visão holística da situação atual dos produtos e serviços da Marca Açores e como se pode incrementar a sua valorização nos diversos mercados regional, nacional e internacional.

Neste contexto, é essencial que se avalie a amplitude que a Marca Açores poderá ter nos diversos espaços da sociedade, quer em termos de aumento de consumo, quer na



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO

própria identificação com o espaço arquipelágico, ao considerarmos que a própria poderá ter um valor acrescido e transversal a várias sectores, nomeadamente económico, social, cultural, entre outros.

Na procura das melhores práticas e nas soluções mais eficientes constitui um imperativo criar uma estratégia para a definição e comunicação da Marca Açores no futuro.

Para tal, será indispensável criar instrumentos de verificação, auscultação e definição de metas que se pretende atingir, pelo que se torna necessário recorrer à aquisição de serviços especializados e com experiência nas áreas da estratégia de marca, comunicação, design, entre outras.

**- Valor do contrato**

O valor estimado do contrato a celebrar não ultrapassará o montante de **€ 74.800,00** (setenta e quatro mil e oitocentos euros).

**- Decisão de escolha do procedimento**

Uma vez que o valor estimado do contrato é inferior a € 75.000,00 (setenta e cinco mil euros), propõe-se a realização de procedimento por ajuste direto, ao abrigo do disposto nos artigos 14.º, n.º 1, alínea a), 16.º, 20.º alínea a), e 44.º do Decreto Legislativo Regional n.º 27/2015/A, de 29 de janeiro - Regime Jurídico dos Contratos Públicos na Região Autónoma dos Açores (RJCPRAA), com convite a três entidades, sem negociação e sem prejuízo do previsto na alínea g) do n.º 1 e n.º 4 do artigo 115.º do Código dos Contratos Públicos (CCP) e, ainda, da alínea f) do n.º 2 do artigo 35.º do aludido Regime.

**- Critério de Adjudicação**

O critério de adjudicação é a avaliação do preço, nos termos da alínea b) do n.º 1 e n.º 3 do artigo 74.º do CCP. Em situações de empate, o critério de desempate será a avaliação do portfolio da empresa e/ou experiência técnica dos recursos humanos da mesma.

**- Entidades a convidar**

Face ao estabelecido no artigo 44.º do Decreto Legislativo Regional n.º 27/2015/A, de 29 de dezembro, propõe-se que sejam convidadas a apresentar proposta as empresas Azores X, Bizex e DDDD – Desenvolvimento, Divulgação e Design Digital, Lda.

**- Aprovação das peças do procedimento**

Considerando o disposto no n.º 2 do artigo 40.º do CCP, junto se anexa o Convite e o Caderno de Encargos, a fim de serem superiormente aprovados.

**- Júri do procedimento**

Para integrar o júri do procedimento propõe-se os seguintes elementos, bem como propõe-se ainda, nos termos do n.º 2 do artigo 69.º do CCP, que audiência de





REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO

interessados seja delegada no mesmo: Presidente: [REDACTED] Vogais efetivos: [REDACTED]  
[REDACTED] e [REDACTED] Vogais suplentes: [REDACTED] e [REDACTED]

**- Identificação do Gestor do contrato**

Nos termos e para os efeitos do artigo 290.º-A do CCP, e sem prejuízo da alínea i) do n.º 1 do artigo 96.º do mesmo Código, propõe-se, para Gestor do presente contrato, e a incluir no respetivo clausulado, [REDACTED]

**- Pedido de Autorização Prévia do membro do Governo com competência na área das finanças para dispensa de encargos globais pagos**

Não se torne necessário solicitar novo pedido de autorização prévia, considerando que no âmbito do procedimento com o mesmo objeto e valor, entretanto anulado, a coberto da Informação 30/2021, de 23 de julho, foi autorizado por Sua Excelência Secretário Regional das Finanças, Planeamento e Administração Pública, a 29 de julho de 2021, a dispensa do disposto no n.º 1 do artigo 69.º da LOE para 2021 por remissão ao artigo 64.º da LOE para 2020.

**- Redução a escrito do contrato**

Existirá a redução do contrato a escrito.

**- Dotações e a classificação económica**

Informa-se que, para esta intenção de contratação, o encargo financeiro será suportado pelo Programa 11 – Juventude, Emprego, Comércio e Indústria, Projeto 11.5 – Gestão da Marca Açores, Ação 11.5.1 – Promoção e valorização dos produtos açorianos, na classificação económica 02.02.20 – Outros Trabalhos Especializados, do Plano de Investimentos da Secretaria Regional da Juventude, Qualificação Profissional e Emprego.

Face ao exposto, coloco à superior consideração de Vossa Excelência a presente aquisição de serviços, de acordo com os requisitos técnicos constantes no caderno de encargos.

À Superior Consideração de Sua Excelência.

Ponta Delgada, 22 de setembro de 2021



**Anexo:** Proposta/minuta de convite e caderno de encargos para autorização.



**Assunto:** Aquisição de serviços de realização de um plano de comunicação e criação de um memorando analítico da Marca Açores, no âmbito do processo de reestruturação da Marca Açores

**Estado:** Terminada

### Associada aos Registo(s):

---

I-SRJQPE/2021/41 - Aquisição de serviços de realização de um plano de comunicação e criação de um memorando analítico da Marca Açores, no âmbito do processo de reestruturação da Marca Açores

### Atribuído(s) Conhecimento(s) a:

---

GSRJQPE-SGC, por [REDACTED], em 12/10/2021 14:27:35  
[REDACTED], por [REDACTED], em 29/10/2021 14:47:42

### Despachos e pareceres:

---

#### Etapa nº: 1 - [REDACTED] ( Enviada )

Lida em 22/09/2021 09:46:57 e executada em 22/09/2021 09:54:16

#### Documentos associados:

[Caderno de Encargos plano de comunicação e criação de um memorando analítico da Marca Açores.docx](#)

[INFORMAÇÃO aquisição de serviços de plano de comunicação e criação de um memorando analítico da .pdf](#)

[ANEXO II.docx](#)

[CONVITE.docx](#)

[ANEXO I.docx](#)

#### Despacho/Informação:

Exmo. Senhor Secretário Regional,

Segue em anexo Informação n.º 41, referente a procedimento de Aquisição de serviços de realização de um plano de comunicação e criação de um memorando analítico da Marca Açores, no âmbito do processo de reestruturação da Marca Açores, a três entidades, para despacho superior, bem como documentos em anexo (proposta de ofício, caderno de encargos e anexos I e II).

À Superior Consideração de V. Exa.

#### Etapa nº: 2 - Duarte NDM. Freitas ( Devolvida )

Lida em 22/09/2021 10:34:32 e executada em 22/09/2021 10:34:50

#### Despacho/Informação:

Autorizo



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO

À  
**AZORES X**

Estrada Regional,56  
9940-334 São Roque do Pico

Sua Referência

Sua Comunicação

Nossa Referência  
S-SRJQPE/2021/78

P. Delgada  
2021/09/22

**ASSUNTO: CONVITE – AJUSTE DIRETO – CONTRATO DE AQUISIÇÃO DE SERVIÇOS DE REALIZAÇÃO DE UM PLANO DE COMUNICAÇÃO E CRIAÇÃO DE UM MEMORANDO ANALÍTICO SOBRE A MARCA AÇORES, NO ÂMBITO DO PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO DA MARCA AÇORES**

Encarrega-me Sua Excelência o Senhor Secretário Regional da Juventude, Qualificação Profissional e Emprego de convidar V. Exa., ao abrigo do *Código dos Contratos Públicos* (CCP), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 18/2008, de 29 de janeiro, bem como do *Regime Jurídico dos Contratos Públicos na Região Autónoma dos Açores* (RJCPRAA), aprovado pelo Decreto Legislativo Regional n.º 27/2015/A, de 29 de dezembro, de apresentar uma proposta para o fornecimento de serviços em conformidade com o caderno de encargos anexo ao presente convite e nos seguintes termos:

**I - Objeto do contrato**

Aquisição de serviços de realização de um plano de comunicação e criação de um memorando analítico da Marca Açores, no âmbito do processo de reestruturação da Marca Açores.

**II - Entidade adjudicante e decisor da contratação**

A entidade adjudicante é a Secretaria Regional da Juventude, Emprego e Qualificação Profissional, sendo a decisão de contratação proferida por Sua Exa. o Secretário Regional.

**III - Fundamento de escolha do procedimento**

Ajuste Direto - Artigos 14.º, n.º 1, alínea a), 16.º, 20.º alínea a), e 44.º do Decreto Legislativo Regional n.º 27/2015/A, de 29 de janeiro - RJCPRAA, sem negociação, e sem prejuízo do previsto na alínea g) do n.º 1 e n.º 4 do artigo 115.º do CCP e, ainda, da alínea f) do n.º 2 do artigo 35.º do aludido Regime.

**IV - Documentos que constituem a proposta**

O concorrente deve apresentar os seguintes documentos:

- a) Declaração emitida conforme Anexo I, o qual se junta nos termos da alínea a) do n.º 2 do artigo 36.º do RJCPRAA;





**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISIONAL E EMPREGO**

- b) Quaisquer outros documentos que o proponente considere indispensáveis ao esclarecimento dos atributos da proposta.

**V - Local e prazo**

1. A proposta e a documentação devem dar entrada, nas instalações da SRJQPE, no prazo de 5 (cinco) dias úteis a contar da receção do presente convite.
2. A receção deve ocorrer dentro do prazo fixado para a apresentação da proposta.

**VI - Modo de apresentação da proposta**

A proposta deve ser apresentada por meio eletrónico, concretamente de correio eletrónico para o endereço [REDACTED] nos termos e para os efeitos da alínea g) do n.º 1 e n.º 4 do artigo 115.º do CCP, e da alínea f) do n.º 2 do artigo 35.º do RJCPRAA e, ainda, da alínea c) do n.º 1 e alínea a) do n.º 2 do artigo 112.º do Código do Procedimento Administrativo (CPA).

**VII - Documentos de habilitação exigidos**

Após adjudicação, no prazo de 5 (cinco) dias, o adjudicatário obriga-se a apresentar os seguintes documentos:

- a) Documento comprovativo de que tem a sua situação regularizada relativamente a impostos devidos ao Estado (ou permissão para consulta);
- b) Documento comprovativo de que tem a sua situação regularizada relativamente a dívidas à Segurança Social (ou permissão para consulta);
- c) Declaração emitida conforme Anexo II, o qual se junta nos termos do n.º 2 do artigo 40.º do RJCPRAA.

**VIII - Esclarecimentos**

Todos os esclarecimentos podem ser solicitados à entidade adjudicante, através do seguinte correio eletrónico: [REDACTED]

**IX - Legislação aplicável**

Em tudo o que não foi especificado no presente convite, aplicam-se as cláusulas previstas no caderno de encargos anexo, e as disposições constantes no CCP, bem como no RJCPRAA, e, ainda, em legislação complementar.

Com os melhores cumprimentos,

[REDACTED]

**Junta:** Caderno de Encargos e Anexos I e II.



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO

À

**BIZEX – Consultoria, Gestão e  
Execução de Projetos**

TERINOV – Parque da Ciência e  
Tecnologia da Ilha Terceira, Gab. 17  
Canada de Belém, Terra Chã  
9700-702 Angra do Heroísmo

Sua Referência

Sua Comunicação

Nossa Referência

P. Delgada

S-SRJQPE/2021/79

2021/09/22

**ASSUNTO: CONVITE – AJUSTE DIRETO – CONTRATO DE AQUISIÇÃO DE  
SERVIÇOS DE REALIZAÇÃO DE UM PLANO DE COMUNICAÇÃO E  
CRIAÇÃO DE UM MEMORANDO ANALÍTICO SOBRE A MARCA  
AÇORES, NO ÂMBITO DO PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO DA  
MARCA AÇORES**

Encarrega-me Sua Excelência o Senhor Secretário Regional da Juventude, Qualificação Profissional e Emprego de convidar V. Exa., ao abrigo do *Código dos Contratos Públicos* (CCP), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 18/2008, de 29 de janeiro, bem como do *Regime Jurídico dos Contratos Públicos na Região Autónoma dos Açores* (RJCPRAA), aprovado pelo Decreto Legislativo Regional n.º 27/2015/A, de 29 de dezembro, de apresentar uma proposta para o fornecimento de serviços em conformidade com o caderno de encargos anexo ao presente convite e nos seguintes termos:

**I - Objeto do contrato**

Aquisição de serviços de realização de um plano de comunicação e criação de um memorando analítico da Marca Açores, no âmbito do processo de reestruturação da Marca Açores.

**II - Entidade adjudicante e decisor da contratação**

A entidade adjudicante é a Secretaria Regional da Juventude, Emprego e Qualificação Profissional, sendo a decisão de contratação proferida por Sua Exa. o Secretário Regional.

**III - Fundamento de escolha do procedimento**

Ajuste Direto - Artigos 14.º, n.º 1, alínea a), 16.º, 20.º alínea a), e 44.º do Decreto Legislativo Regional n.º 27/2015/A, de 29 de janeiro - RJCPRAA, sem negociação, e sem prejuízo do previsto na alínea g) do n.º 1 e n.º 4 do artigo 115.º do CCP e, ainda, da alínea f) do n.º 2 do artigo 35.º do aludido Regime.

**IV - Documentos que constituem a proposta**

O concorrente deve apresentar os seguintes documentos:



**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISIONAL E EMPREGO**

- a) Declaração emitida conforme Anexo I, o qual se junta nos termos da alínea a) do n.º 2 do artigo 36.º do RJCPRAA;
- b) Quaisquer outros documentos que o proponente considere indispensáveis ao esclarecimento dos atributos da proposta.

**V - Local e prazo**

- 1. A proposta e a documentação devem dar entrada, nas instalações da SRJQPE, no prazo de 5 (cinco) dias úteis a contar da receção do presente convite.
- 2. A receção deve ocorrer dentro do prazo fixado para a apresentação da proposta.

**VI - Modo de apresentação da proposta**

A proposta deve ser apresentada por meio eletrónico, concretamente de correio eletrónico para o endereço [REDACTED], nos termos e para os efeitos da alínea g) do n.º 1 e n.º 4 do artigo 115.º do CCP, e da alínea f) do n.º 2 do artigo 35.º do RJCPRAA e, ainda, da alínea c) do n.º 1 e alínea a) do n.º 2 do artigo 112.º do Código do Procedimento Administrativo (CPA).

**VII - Documentos de habilitação exigidos**

Após adjudicação, no prazo de 5 (cinco) dias, o adjudicatário obriga-se a apresentar os seguintes documentos:

- a) Documento comprovativo de que tem a sua situação regularizada relativamente a impostos devidos ao Estado (ou permissão para consulta);
- b) Documento comprovativo de que tem a sua situação regularizada relativamente a dívidas à Segurança Social (ou permissão para consulta);
- c) Declaração emitida conforme Anexo II, o qual se junta nos termos do n.º 2 do artigo 40.º do RJCPRAA.

**VIII - Esclarecimentos**

Todos os esclarecimentos podem ser solicitados à entidade adjudicante, através do seguinte correio eletrónico: [REDACTED]

**IX - Legislação aplicável**

Em tudo o que não foi especificado no presente convite, aplicam-se as cláusulas previstas no caderno de encargos anexo, e as disposições constantes no CCP, bem como no RJCPRAA, e, ainda, em legislação complementar.

Com os melhores cumprimentos,

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

**Junta:** Caderno de Encargos e Anexos I e II.





REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO

À  
DDDD – Desenvolvimento,  
Divulgação e Design Digital, Lda  
Rua Rainha D. Amélia N5, Livramento  
9500-606 Ponta Delgada

Sua Referência

Sua Comunicação

Nossa Referência  
S-SRJQPE/2021/80

P. Delgada  
2021/09/22

**ASSUNTO: CONVITE – AJUSTE DIRETO – CONTRATO DE AQUISIÇÃO DE SERVIÇOS DE REALIZAÇÃO DE UM PLANO DE COMUNICAÇÃO E CRIAÇÃO DE UM MEMORANDO ANALÍTICO SOBRE A MARCA AÇORES, NO ÂMBITO DO PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO DA MARCA AÇORES**

Encarrega-me Sua Excelência o Senhor Secretário Regional da Juventude, Qualificação Profissional e Emprego de convidar V. Exa., ao abrigo do *Código dos Contratos Públicos* (CCP), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 18/2008, de 29 de janeiro, bem como do *Regime Jurídico dos Contratos Públicos na Região Autónoma dos Açores* (RJCPRAA), aprovado pelo Decreto Legislativo Regional n.º 27/2015/A, de 29 de dezembro, de apresentar uma proposta para o fornecimento de serviços em conformidade com o caderno de encargos anexo ao presente convite e nos seguintes termos:

**I - Objeto do contrato**

Aquisição de serviços de realização de um plano de comunicação e criação de um memorando analítico da Marca Açores, no âmbito do processo de reestruturação da Marca Açores.

**II - Entidade adjudicante e decisor da contratação**

A entidade adjudicante é a Secretaria Regional da Juventude, Emprego e Qualificação Profissional, sendo a decisão de contratação proferida por Sua Exa. o Secretário Regional.

**III - Fundamento de escolha do procedimento**

Ajuste Direto - Artigos 14.º, n.º 1, alínea a), 16.º, 20.º alínea a), e 44.º do Decreto Legislativo Regional n.º 27/2015/A, de 29 de janeiro - RJCPRAA, sem negociação, e sem prejuízo do previsto na alínea g) do n.º 1 e n.º 4 do artigo 115.º do CCP e, ainda, da alínea f) do n.º 2 do artigo 35.º do aludido Regime.

**IV - Documentos que constituem a proposta**

O concorrente deve apresentar os seguintes documentos:

- a) Declaração emitida conforme Anexo I, o qual se junta nos termos da alínea a) do n.º 2 do artigo 36.º do RJCPRAA;



**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISIONAL E EMPREGO**

- b) Quaisquer outros documentos que o proponente considere indispensáveis ao esclarecimento dos atributos da proposta.

**V - Local e prazo**

1. A proposta e a documentação devem dar entrada, nas instalações da SRJQPE, no prazo de 5 (cinco) dias úteis a contar da receção do presente convite.
2. A receção deve ocorrer dentro do prazo fixado para a apresentação da proposta.

**VI - Modo de apresentação da proposta**

A proposta deve ser apresentada por meio eletrónico, concretamente de correio eletrónico para o endereço [REDACTED] nos termos e para os efeitos da alínea g) do n.º 1 e n.º 4 do artigo 115.º do CCP, e da alínea f) do n.º 2 do artigo 35.º do RJCPRAA e, ainda, da alínea c) do n.º 1 e alínea a) do n.º 2 do artigo 112.º do Código do Procedimento Administrativo (CPA).

**VII - Documentos de habilitação exigidos**

Após adjudicação, no prazo de 5 (cinco) dias, o adjudicatário obriga-se a apresentar os seguintes documentos:

- a) Documento comprovativo de que tem a sua situação regularizada relativamente a impostos devidos ao Estado (ou permissão para consulta);
- b) Documento comprovativo de que tem a sua situação regularizada relativamente a dívidas à Segurança Social (ou permissão para consulta);
- c) Declaração emitida conforme Anexo II, o qual se junta nos termos do n.º 2 do artigo 40.º do RJCPRAA.

**VIII - Esclarecimentos**

Todos os esclarecimentos podem ser solicitados à entidade adjudicante, através do seguinte correio eletrónico: [REDACTED]

**IX - Legislação aplicável**

Em tudo o que não foi especificado no presente convite, aplicam-se as cláusulas previstas no caderno de encargos anexo, e as disposições constantes no CCP, bem como no RJCPRAA, e, ainda, em legislação complementar.

Com os melhores cumprimentos,

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

**Junta:** Caderno de Encargos e Anexos I e II.

Cliente

Secretaria Regional da Juventude, Emprego e Qualificação  
Profissional

Rua Dr. José Bruno Tavares Carreiro S/N, 6.º Andar  
9500-119 Ponta Delgada

Na sequência da vossa consulta e dos dados disponibilizados para o efeito, serve o presente para enviar a V. EX. AS a nossa melhor proposta para "Aquisição de serviços de realização de um plano de comunicação e criação de um memorando analítico da Marca Açores, no âmbito do processo de reestruturação da Marca Açores":

QUANTIDADE	DESCRIÇÃO	VALOR
1	Plano de comunicação e criação de um memorando analítico da Marca Açores <b>Serviços a contratar:</b> 1. Criação de memorando analítico da Marca Açores, destacando o percurso do projeto e definição de linhas futuras e metas a atingir; 2. Assessoria na área de Marketing e Marca; 3. Coordenação da criação do Memorando "Marcar os Açores"; 4. Apoiar a ativação da Marca; 5. Análise e otimização de motores de busca; 6. Administrar e analisar as redes sociais da Marca Açores; 7. Criar e administrar a plataforma de colaboração.	€74.800,00
Subtotal		<b>€74.800,00</b>
Taxa do IVA		<b>16%</b>
Valor do IVA		<b>€11.968,00</b>
TOTAL		<b>€86.768,00</b>

Proposta válida por 66 dias.

Com os melhores cumprimentos

Cons  
de

Contribuinte N.º 512 105 715

Sócio - Gerente






# AZORES X

valor · sustentabilidade · cultura



## PROPOSTA

Plano para definição e  
comunicação da estratégia  
da Marca dos Açores



# DESAFIO

O Sr. Secretário da Juventude, Qualificação Profissional e Emprego pretende “...potenciar a Marca Açores, como expressão da qualidade e especificidade dos nossos produtos e serviços.”

Quer também “incrementar o valor da Marca Açores, de forma a que todos os produtos e serviços tragam um valor acrescentado, devido ao posicionamento no mercado, alavancado numa estratégia de marca e em plataformas logísticas e digitais apropriadas.” - Duarte Freitas

## A OPORTUNIDADE

Estamos perante enormes desafios...

Esta é a altura certa para se dar um passo atrás e analisar a estratégia de Marca da nossa Região.

Num mundo incerto onde as notícias são dominadas pela crise sanitária, divisões políticas... a marca de uma região ou país é cada vez mais importante

No meio desta incerteza, medo, desconfiança... quarentenas, distanciamento, êxodo de regiões muito populosas irão aparecer oportunidades estratégicas para a nossa região... temos de refletir. Temos de preparar-nos...

Ao voltarmos ao “novo normal” convém analisarmos o valor da nossa marca como região e determinar o que a poderá tornar ainda mais robusta aos olhos do mundo. Como fazer isto?

Enquanto certas regiões medem a sua robustez com fatores como dimensão da população, PIB, etc nós temos de olhar para além das estatísticas óbvias. Temos de olhar às questões fundamentais – o porquê de...

**Viver, Investir, Visitar, Comprar, Contribuir, Criar, Recomendar**

... os Açores e os produtos Açorianos.

# PROPOSTA

## SERVIÇOS

1. Assessoria na área de Marketing e Marca (200 horas)
2. Coordenação da criação do memorando “Marcar os Açores”
3. Apoio na ativação da Marca (200)
4. Análise e otimização de motores de busca
5. Apoio na comunicação (200 horas)
6. Administração e análise das redes sociais da Marca Açores
7. Mentoria em Social Media Marketing (200 horas)
8. Administração da plataforma de colaboração



# ORÇAMENTO

Serviços de Consultoria nas áreas de Gestão e Marketing

## CLIENTE

Secretaria Regional da Juventude,  
Qualificação Profissional e Emprego



## INVESTIMENTO

Honorários para os serviços:

74.500 euros

- a) Ao preço acresce a taxa de IVA legalmente em vigor na R. A. A..
- b) O projecto terá uma duração de cerca de 3 meses

## PAGAMENTO

1. €37.300 na assinatura do contrato
2. €18.600 na entrega do memorando
3. €18.600 na conclusão dos serviços (23 de Dezembro, 2021)



## Garantia na qualidade do serviço.

A sua satisfação com o projecto é a nossa maior prioridade.

*No final do projecto será realizada uma avaliação da prestação de serviços por parte dos intervenientes.*

# CONDIÇÕES

A presente proposta de valor não inclui pagamentos a terceiros, nomeadamente ao Instituto de Registo e Notariado, registo de marcas, reconhecimento de assinaturas, serviços jurídicos, subcontratação de serviços que não estejam expressamente designados na proposta, ou outros de carácter direto ou indirecto que o cliente se obrigue a liquidar para efeitos de processo.

## EXECUÇÃO

- Com a aceitação da presente proposta a AZORES X fica responsável pelos serviços propostos.
- A AZORES X compromete-se a responder, em tempo útil e por escrito, a todas as solicitações do cliente referentes a oportunidades por este identificadas; bem como a cumprir os objectivos acordados com o cliente.
- O cliente irá finalizar com a AZORES X a estratégia e objetivos na fase de pré-projeto, bem como disponibilizar, em tempo útil, à AZORES X todas as informações pertinentes por esta requerida e que sejam essenciais para a elaboração e gestão do projecto.
- A AZORES X poderá representar o cliente em actos de reuniões com os restantes intervenientes do projecto, mas apenas com um documento oficial a autorizá-la para o efeito, quer de forma casuística, quer de forma continuada.
- Todo o apoio jurídico necessário à execução do projecto, tal como para a revisão de regulamentos, contratos, e outros documentos será prestado atempadamente pelos recursos da Secretaria.
- Todas as informações prestadas pelo cliente, pela AZORES X e por outros intervenientes neste projeto são confidenciais.

## VALIDADE DA PROPOSTA

Todos os encargos apresentados e demais condições desta proposta são válidos por um prazo de 30 (trinta) dias.

## LIMITAÇÃO DE RESPONSABILIDADES

A AZORES X não será, em caso algum, responsável por:

- Quaisquer danos causados pela falta de cumprimento por parte do cliente das responsabilidades deste;
- Quaisquer lucros cessantes, perda de economias previstas, danos acidentais, ou outros danos económicos consequentes;
- Roubo ou fuga de dados;
- Pareceres desfavoráveis emitidos por qualquer entidade governamental.

# QUEM SOMOS

Somos uma empresa de consultoria nas áreas de Marketing, Gestão e Serviços. Acreditamos que o futuro dos Açores depende da valorização das suas pessoas, dos seus produtos, serviços, e recursos naturais.

## MISSÃO

A nossa missão passa por mostrar que o investimento em marketing, branding, pessoas e processos trará maior crescimento, e de forma mais sustentável. Queremos fomentar a criação de marcas capazes de gerar mais riqueza, com maiores margens, e com impacto positivo no ambiente e na cultura.

Criamos valor, incentivamos e desenvolvemos o gosto pela inovação e pelo empreendedorismo. Promovemos a atractividade dos Açores para mais captação de investimento. Contribuímos para mais oportunidades e emprego na economia regional.

Somos apaixonados pelos Açores e pelo que fazemos.

Somos a AZORES X





# PORTFOLIO

## ROBERTO LINO

Roberto Lino (Fundador/CEO) conta com mais de 20 anos de experiência nas áreas de marketing, gestão, e logística. Trabalhou em Silicon Valley na Califórnia – meca mundial da inovação tecnológica e empresarial das últimas décadas. Liderou grupos ao mais alto nível em empresas como a Skype, Webex, UserZoom, Cisco, Jive, Microsoft, entre outras.

Fez parte das equipas executivas que geriram a integração da Webex na Cisco numa aquisição de \$3.2 Biliões. Foi “Director of Global Brand” na Skype aquando da sua aquisição e integração pela Microsoft por \$8.5 Biliões.

Em 2017 criou a AZORES X com o intuito de formar uma equipa de jovens apaixonados por gerar valor para os seus clientes e elevar marcas ao limite máximo do seu potencial.



### **VP of Marketing (Global)**

UserZoom · Full-time

Mar 2017 – Apr 2018 · 1 yr 2 mos  
San Jose, CA

Reposicionou a marca da UserZoom como plataforma essencial para quem vende software de excelência. Nos dois anos em que lá trabalhou ajudou a empresa a atingir os primeiros trimestres de lucro.



### **VP of Marketing**

Jive Software · Full-time

Mar 2014 – Apr 2016 · 2 yrs 2 mos  
Palo Alto, CA

Redefiniu a marca da empresa e geriu os departamentos de Marketing Digital, Operações de Vendas, e Marca. O projeto de marca valeu à Jive os primeiros prémios de Marketing e Marca. Ajudou a posicionar a empresa para a sua venda por \$300.000.000



### **Director of Marketing, Skype Brand Strategy**

Microsoft · Full-time

Jan 2012 – Mar 2014 · 2 yrs 3 mos  
Palo Alto, CA

Geriu, durante mais de 2 anos, a marca Skype e mais tarde as marcas de consumidor da Microsoft como Office, Bing, entre outras. Foi o lead num projeto de \$1.5M na reestruturação da marca da Skype a quando da sua integração na Microsoft.

# PORTFOLIO

## AZORES X

ALGUNS DOS NOSSOS CLIENTES



**AZORES X**  
valor · sustentabilidade · cultura

# AZORES X

valor · sustentabilidade · cultura

Estrada Regional #56  
São Roque do Pico  
9940-334, Açores

Tel: 960 480 022  
Email: [info@azoresx.com](mailto:info@azoresx.com)

[www.azoresx.com](http://www.azoresx.com)

NIF: 514262087





**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO**

**RELATÓRIO PRELIMINAR**

Aos trinta dias do mês de setembro de dois mil e vinte e um, pelas 11 horas, reuniu, na sede desta Secretaria Regional, o júri do procedimento por ajuste direto, com convite a três entidades, sem negociação, para aquisição de serviços de realização de um plano de comunicação e criação de um memorando analítico sobre a Marca Açores, no âmbito do processo de reestruturação da Marca Açores, com as características constantes do caderno de encargos, respetivo procedimento e processo.

Estiveram presentes o júri, constituído por [REDACTED], como presidente, [REDACTED], e, ainda, [REDACTED] como vogais.

O júri constatou que foram convidadas três empresas:

- AZORES X;
- BIZEX; e
- DDDD – Desenvolvimento, Divulgação e Design Digital, Lda.

A empresa DDDD – Desenvolvimento, Divulgação e Design Digital, Lda. não apresentou proposta, pelo que se considera excluída do referido procedimento.

Relativamente às outras duas empresas, as mesmas apresentaram propostas no prazo estipulado no respetivo convite.

Rececionadas as propostas, via correio eletrónico, verificou-se que ambas as empresas apresentaram os documentos solicitados e em conformidade com o disposto no convite e caderno de encargos.

A empresa AZORES X, apresentou uma proposta com o valor total de € 74.500,00 (setenta e quatro mil e quinhentos euros), ao qual se acresce o IVA, à taxa legal em vigor.

A empresa BIZEX, apresentou uma proposta com o valor total de € 74.800,00 (setenta e quatro mil e oitocentos euros), ao qual se acresce o IVA, à taxa legal em vigor.

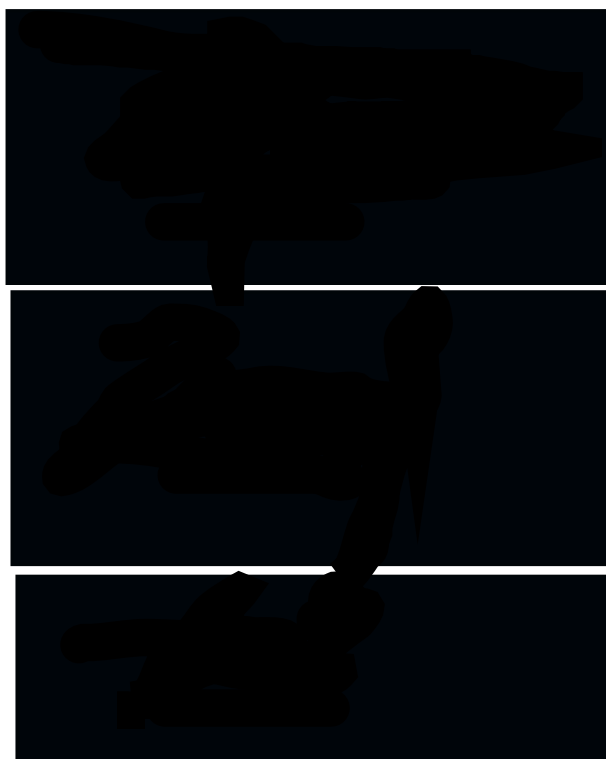
Nos termos da alínea b) do n.º 1 e n.º 3 do artigo 74.º do Código dos Contratos Públicos (CCP) – critério de adjudicação, consubstanciando-se na avaliação do preço, o júri deliberou notificar, nos termos do n.º 1 do artigo 123.º do mesmo Código, os três concorrentes do presente relatório preliminar para se pronunciarem, querendo, no prazo de três dias após notificação, concretamente, da intenção de adjudicar a aquisição de serviços à empresa AZORES X, pelo valor total de € 74.500,00 (setenta e quatro mil e quinhentos euros), ao qual se acresce o IVA,



**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO**

à taxa legal em vigor, tudo conforme os termos expressamente previstos na proposta apresentada.

E nada mais havendo a tratar, a reunião foi encerrada, tendo-se escrito o presente relatório, que depois de lido e achado conforme, vai ser assinado pelos presentes.





**REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
**SECRETARIA REGIONAL DA JUVENTUDE, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO**

**RELATÓRIO FINAL**

Aos sete dias do mês de outubro de dois mil e vinte e um, pelas nove horas, reuniu, na sede desta Secretaria Regional, o júri do procedimento por ajuste direto, com convite a três entidades, sem negociação, para aquisição de serviços de realização de um plano de comunicação e criação de um memorando analítico sobre a Marca Açores, no âmbito do processo de reestruturação da Marca Açores, com as características constantes do caderno de encargos, respetivo procedimento e processo.

Estiveram presentes o júri, constituído por [REDACTED], na qualidade de substituto do presidente, [REDACTED] e, ainda, [REDACTED]s como vogais.

Iniciada a reunião, o júri, verificou que decorrido o prazo de audiência prévia não houve qualquer pronúncia por parte das empresas concorrentes, pelo que, deliberou manter a decisão constante do relatório preliminar.

Assim, tendo em conta o preço base previamente fixado de € 74.800,00 (setenta e quatro mil e oitocentos euros), ao qual se acresce o IVA à taxa legal em vigor, e o critério de adjudicação estabelecido nos termos da alínea b) do n.º 1 e n.º 3 do artigo 74.º do Código dos Contratos Públicos, consubstanciando-se na avaliação do preço, o júri deliberou propor a adjudicação à empresa AZORES X, a qual apresentou uma proposta com o valor total de € 74.500,00 (setenta e quatro mil e quinhentos euros), ao qual se acresce o IVA, à taxa legal em vigor.

E nada mais havendo a tratar, a reunião foi encerrada, tendo-se escrito o presente relatório, que depois de lido e achado conforme, vai ser assinado pelos presentes.

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]



**Etapa nº: 11 - [REDACTED] ( Devolvida )**

Lida em 30/09/2021 14:59:38 e executada em 07/10/2021 11:45:44

[Documentos associados:](#)

[Relatorio Final \(7 10 2021\).pdf](#)

[Despacho/Informação:](#)

**Exmo. Sr.**

**Secretário Regional da Juventude, Qualificação Profissional e Emprego**

**Dr. Duarte Nuno d'Ávila Martins de Freitas**

Na qualidade de vogal do júri, substituto do respetivo Presidente, em suas faltas e impedimentos, cabe-me, após transposto o prazo de audiência dos interessados, em que não houve qualquer pronúncia, e encontrando-se todos os elementos processuais em conformidade, propor a V. Exa. a adjudicação à empresa AZORES X, Unipessoal, Lda., pelo valor de aquisição do serviço no montante total de € 74.500,00 (setenta e quatro mil e quinhentos euros), ao qual se acresce o IVA, à taxa legal em vigor.

Havendo despacho de adjudicação, deverá este ser comunicado por ofício às 3 (três) firmas convidadas, para cuja execução do ato desde já se solicita autorização, sublinhando que, no caso da firma suprarreferida, será anexo à comunicação a minuta de contrato.

À superior consideração.

O Vogal em substituição do respetivo Presidente do Júri.

**Anexo** – Relatório Final.

**Etapa nº: 12 - Duarte NDM. Freitas ( Devolvida )**

Lida em 07/10/2021 13:42:51 e executada em 11/10/2021 16:51:03

[Despacho/Informação:](#)

Autorizo.